

MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA

**ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS FALADO NA
BAIXADA CUIABANA: TRAÇOS DE LÍNGUA ANTIGA
PRESERVADOS NO BRASIL**

(MANUSCRITOS DA ÉPOCA DAS BANDEIRAS, SÉCULO XVIII)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Megale

SÃO PAULO
USP – FFLCH
2000

S235a Santiago Almeida, Manoel Mourivaldo

Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII) / Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. — São Paulo: USP/FFLCH, 2000.

319p.:il.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutor em Letras, na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Bibliografia: p.312-319

CDU – 811.134.3:81'28(817.2)

Índice para Catálogo Sistemático

1. Filologia portuguesa – Século XVIII – Baixada Cuiabana (MT)
2. Língua portuguesa – Dialectologia – Baixada Cuiabana (MT)
3. Língua portuguesa – Português falado – Baixada Cuiabana (MT)
4. Sociolingüística – Brasil

Tese defendida e _____, em ___ de _____ de 2000,
pela banca examinadora constituída pelos professores:

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Heitor Megale (USP), pela orientação eficiente e segura.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de estudos durante os quatro anos de doutoramento.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PROPEP), UFMT e aos seus funcionários, pelos serviços prestados.

Ao Departamento de Letras, Instituto de Linguagens, UFMT e colegas, pela confiança em aprovar o afastamento total das atividades acadêmicas para o cumprimento deste projeto de capacitação.

À Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), e ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto (USP), pelas valiosas críticas e sugestões que fizeram à versão do trabalho apresentada no exame de qualificação realizado em no dia 02 de Dezembro de 1998.

Ao Prof. Dr. João António das Pedras Saramago (Universidade de Lisboa), pela amizade e orientação durante o estágio realizado no Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL) no período de 16 a 30 de Março de 1998, e depois, pelo envio de materiais fotocopiados, via correio, e informações sobre o português europeu, via internet, primordiais para a edição desta tese.

A bibliotecária, Sra Teresa Cayolla, pela amável orientação na consulta ao precioso acervo da Biblioteca do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.

Ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho (USP), pelo apoio moral e financeiro durante o Colóquio Internacional em Berlim, em Março de 1998.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, pela disposição e gentil atendimento durante as consultas ao acervo do Arquivo.

A todos os informantes, sem os quais nada começaria, pela confiança, disposição e colaboração durante as entrevistas.

Às professoras doutoras Maria Tereza Camargo Biderman (UNESP), Ieda Maria Alves (USP), e Irenilde Pereira dos Santos (USP), e aos professores doutores Antônio Geraldo da Cunha (*in memoriam*), Heitor Megale (USP), Ataliba Teixeira de Castilho (USP), e Eugênio Coseriu (Tübingen – Alemanha), pelos cursos ministrados durante o doutoramento para obtenção de créditos em disciplinas.

Aos colegas professores Dr. Leônidas Querubim Avelino e Ms. Mário Cezar Silva Leite (doutorando), pelas primeiras sugestões, em 1995.

Às professoras doutoras Ana Rosa Ferreira Dias (PUC, USP) e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos (PUC), pela preciosa amizade e acolhida em São Paulo.

À colega Profa. Ms. Maria José Sanches pelo impagável apoio, amável acolhida e hospedagens em São Paulo.

Ao colega José Serafim Bertolotto, pela hospedagem em São Paulo à época do Exame de Qualificação.

Ao colega Prof. Ms. César Nardelli Cambraia (doutorando), pelas hospedagens em São Paulo e esporádicas consultorias técnicas.

À colega Ms. Marie Annick, pela assessoria lingüística.

À Maria Cristina Vilela, pela amável companhia, carinho e dedicação nessa etapa de vida, e pela nossa filha Lorena Santiago Vilela que nos fez experimentar o inédito, indescritível e verdadeiro amor.

À minha mãe, pela vida e incontestável lição de vida, e pelo amor, dedicação à família, e imensurável esforço com que se deu em prol da educação de seus filhos.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

“Multa renascentur quae jam cecidere cedentque
Quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
Quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi.”

Horácio, *Arte Poética*, 70-71.

SUMÁRIO

	pág.
Resumo	10
Resumé	11
Introdução	12
Capítulo 1: História e sociedade	18
1.1. Situação e referências históricas.....	18
1.2. Base humana.....	21
1.3. Base lingüística.....	25
1.4. Pontos de inquérito.....	29
1.5. Material etnográfico.....	33
Capítulo 2: Estado de língua falada atual	40
2.1. Gravações e informantes.....	41
2.2. Normas para a transcrição fonética.....	45
2.3. Normas para a transcrição ortográfica.....	47
2.4. Edição das transcrições.....	48
2.5. Corpus da língua falada.....	49
Capítulo 3: Descrição de traços fonológicos da língua falada atual	111
3.1. Vocalismo.....	112
3.1.1. Vogais orais tônicas.....	112
3.1.2. Vogais nasaladas tônicas.....	123
3.1.3. Vogais orais átonas.....	132
3.1.4. Vogais nasaladas átonas.....	143
3.1.5. Ditongos decrescentes orais.....	147
3.1.6. Ditongos decrescentes nasais.....	157

	pág.
3.1.7. Ditongos crescentes orais.....	161
3.1.8. Ditongos crescentes nasais.....	164
3.2. Consonantismo.....	164
3.2.1. Oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ e sonoras /b/, /d/, /g/.	164
3.2.2. Nasais /m/, /n/, /ɲ/.....	166
3.2.3. Fricativas surdas /f/, /s/ e sonoras /v/, /z/.....	167
3.2.4. Fricativas /ʃ/ e /ʒ/, e africadas /tʃ/ e /dʒ/.....	170
3.2.5. Laterais /l/, /ʎ/.....	172
3.2.6. Consoantes representadas por <r> e <rr>.....	174
3.3. Fenômenos gerais.....	176
Capítulo 4: Estado de língua na época das bandeiras, século XVIII.....	178
4.1. Documentos escolhidos.....	181
4.2. Normas de transcrição e edição.....	184
4.3. Corpus da língua escrita.....	189
Capítulo 5: Descrição de traços fonológicos da língua na época das bandeiras, século XVIII.....	232
5.1. Inventário das grafemas e diacríticos.....	236
5.2. Estudo dos grafemas de referência vocálica.....	242
5.3. Traços distintos do sistema vocálico.....	248
5.4. Estudo dos grafemas de referência consonântica.....	252
5.4.1. Oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ e sonoras /b/, /d/, /g/.	253
5.4.2. Nasais /m/, /n/, /ɲ/.....	256

	pág.
5.4.3. Vibrantes /r/, /r/.....	258
5.4.4. Fricativas surdas /f/, /s/ e sonoras /v/, /z/.....	260
5.4.5. Fricativas /ʃ/ e /ʒ/, e africadas /tʃ/ e /dʒ/.....	263
5.4.6. Laterais /l/, /ʎ/.....	266
5.4.7. O emprego do grafema <h>.....	267
5.5. Estudo dos fenômenos gerais.....	267
Capítulo 6: Confronto dos dados	269
6.1. Traços do sistema vocálico.....	270
6.1.1. Vogais orais tônicas.....	270
6.1.2. Vogais nasaladas tônicas.....	273
6.1.3. Vogais orais átonas.....	276
6.1.4. Vogais nasaladas átonas.....	281
6.1.5. Ditongos decrescentes orais e nasais.....	282
6.2. Traços do sistema consonântico.....	291
6.3. Conclusão.....	306
Referências bibliográficas	312

RESUMO

O presente trabalho apresenta a descrição de traços do aspecto fonológico da variante portuguesa falada no Vale do Cuiabá, ou na popularmente conhecida Baixada Cuiabana, Mato Grosso, Brasil. Esta descrição está acompanhada de estudos para identificação, análise e tabulação de traços pertencentes a uma ou mais fases do português, em especial da língua portuguesa do século XVIII, na época das bandeiras, cuja descrição tem como base documentos notariais manuscritos do período em questão. Nesses documentos é possível apontar formas hoje consideradas não padrão que encontram registro habitual em textos da natureza desses documentos em fins do século XVII e durante o século XVIII e que ainda sobrevivem na oralidade de alguns habitantes nativos da região em estudo. Também acompanha essa descrição um estudo sucinto, enfocando os dados mais relevantes da história social, política e cultural, bem como, informações e registros fotográficos sobre o homem cuiabano e suas manifestações socioculturais.

RESUMÉ

Le travail suivant présente la description de traits de l'aspect phonologique de la variante portugaise parlée dans la Vallée du Fleuve Cuiabá, ou, comme elle est populairement connue, dans la Plaine Cuiabana, dans l'état du Mato Grosso au Brésil. Cette description est accompagnée d'études d'identification, d'analyse et de diagrammes des traits appartenant à une ou plusieurs phases du portugais, spécialement, de la langue portugaise du XVIII^{ème} siècle, à l'époque des expéditions de pionniers et prend pour base des documents notariés manuscrits de l'époque en question. Dans ces documents, il est possible de montrer que des formes, qui, de nos jours, sont considérées comme non standard, trouvent un registre habituel dans les textes de cette nature à la fin de XVII^{ème} siècle et pendant le XVIII^{ème} siècle et qu'elles survivent encore dans l'oralité de certains habitants originaires de la région en question. Cette description est accompagnée aussi d'une étude succincte qui focalise les données les plus importantes de l'histoire sociale, politique et culturelle, ainsi que les informations et registres photographiques sur l'homme de Cuiabá et ses manifestations socioculturelles.

INTRODUÇÃO

Um dos aspectos interessantes da dialectologia portuguesa consiste no estudo das diferenças entre as variantes do português falado pelo mundo, em especial entre o português brasileiro e o europeu e, mais especificamente, das variantes da língua portuguesa falada no Brasil. No intuito de contribuir com a descrição de nossa língua, fizemos aqui um singelo estudo abrangendo apenas o aspecto fonológico do português falado na Baixada Cuiabana, parte do território do Estado de Mato Grosso, Brasil.

Não é de hoje que estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa vêm apontando traços antigos no português brasileiro. No entanto, pelos levantamentos já feitos, das muitíssimas assertivas a respeito da presença desses traços no português corrente no Brasil ainda há poucas comprovações. Penha (1970:4-5), na sua tese de doutoramento, *A arcaicidade da língua popular brasileira*, também reconhece a escassez das provas e justifica seu trabalho dizendo que no seu propósito de documentar os traços arcaizantes na língua (escrita) popular brasileira, diga-se, literária, usou o método comparativo, cotejando-a com a língua arcaica. O *corpus* arcaico utilizado por ele foram textos dos séculos XV e XVI, sendo alguns dos séculos XIV e XVII. Dentre eles *Livro da ensinança de bem cavalgar tôda sela e Leal Conselheiro* (D. Duarte: 1371-1438), *Obras completas de (Gil Vicente: 1471?-1537?)* e de Sá de Miranda: 1490?-1558), *Os Lusíadas* (Luís de Camões: 1524-1580), *Coisas notáveis do Brasil*, manuscritos de Coimbra e de Madri (edição de Antônio Geraldo Cunha) e *Cartas familiares* (D. Francisco Manuel de Melo: 1608-1666). Reconhecendo a impossibilidade, pelo menos naquele momento das pesquisas

nacionais, de registrar a língua oral de todo país ele decidiu pela língua escrita. Seu *corpus* foi extraído da literatura popular, e dos trabalhos escritos a respeito dos falares brasileiros elaborados nos vários pontos do Brasil. Dentre eles: *Dona Guidinha do poço* (Manuel de Oliveira Paiva), *Sertão em flor, meu sertão* (Catulo da Paixão Cearense), *Pedrinho Tanoeiro* (Joaquim Gonçalo de Amaranto), *Tropas e boiadas* (Hugo de Carvalho Ramos) e *Contos gauchescos e lendas do sul e Casos de Romualdo* (J. Simões Lopes Neto).

Vestígios orais desses traços estão sendo identificados na região do município de Nossa Senhora Livramento, localizado a trinta quilômetros da Capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, bem como na própria Capital, principalmente entre falantes com idade média de cinquenta anos, sem nenhum ou quase nenhum grau de escolaridade, que vivem nessas regiões desde que nasceram e têm todo um passado genealógico e cultural ligado ao mesmo *habitat*. É muito provável que nas próximas gerações esses vestígios desapareçam; os mais jovens, há muito tempo, estão migrando para localidades fora do domínio geográfico do Vale, ou para centros urbanos mais desenvolvidos, onde perderão o exclusivo contato com o linguajar nativo de seus pares. Com essa perspectiva, se não se fizer uma coleta de dados, logo não haverá muito para colher, levando-se em consideração que a expectativa de vida do brasileiro pobre oscila entre cinquenta e sessenta anos.

Esta tese está composta de seis capítulos, cada um tratando, respectivamente dos seguintes temas:

No capítulo 1, *História e sociedade*, apresentamos, sucintamente, os dados da história social, política e cultural da Baixada Cuiabana, destacando estratos

étnicos, costumes e manifestações culturais dos habitantes da região, com intenção de descrever a base e os ingredientes socioculturais do homem cuiabano;

No capítulo 2, *Estado de língua falada atual*, fizemos a edição das transcrições de partes das entrevistas realizadas com os informantes eleitos para a pesquisa, com a finalidade de estabelecer o *corpus* que serviu para o estudo lingüístico realizado no capítulo seguinte;

No capítulo 3, *Descrição de traços fonológicos da língua falada atual*, com base nas transcrições editadas no capítulo anterior, descrevemos o sistema fonológico do português falado na Baixada Cuiabana, levantando o quadro das vogais, consoantes e dalguns fenômenos gerais.

No capítulo 4, *Estado de língua na época da bandeiras, século XVIII*, fizemos a edição das transcrições de dezenove documentos manuscritos da época das bandeiras, com o objetivo de constituir o *corpus* para o estudo lingüístico feito no capítulo seguinte;

No capítulo 5, *Descrição de traços fonológicos da língua na época das bandeiras, século XVIII*, com base nas transcrições editadas no capítulo anterior, e com o objetivo de detectar, na escrita, possíveis traços do português falado na época em questão, descrevemos o sistema fonológico do português setecentista através do estudo dos grafemas de referência vocálica e consonântica utilizados dos ditos manuscritos.

No capítulo 6, *Confronto dos dados*, cruzando as informações dos capítulos 3 e 5, levantamos, no aspecto fonológico da variante portuguesa falada pelos cuiabanos, possíveis traços pertencentes a uma ou mais fases do português, em especial da

língua portuguesa do século XVIII, na época das bandeiras, que ainda sobrevivem na oralidade de alguns habitantes nativos da região em estudo.

Este trabalho está articulado ao projeto de pesquisa Filologia Bandeirante, envolvendo quatro universidades brasileiras: Universidade de São Paulo (USP), na pessoa do professor Doutor Heitor Megale, coordenador geral do projeto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da professora Doutora Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a coordenação da professora Doutora Maria Sueli Aguiar, e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob a coordenação deste doutorando.

Em resumo, o projeto Filologia Bandeirante, financiado pela FAPESP, apresenta a constituição de um projeto temático de equipe para coleta de material lingüístico, acompanhado de estudos para identificação, análise e tabulação de traços dos aspectos fonológico, morfológico, sintático e semântico pertencentes a uma ou mais fases da língua portuguesa, provavelmente preservados em localidades situadas nas trilhas das bandeiras paulistas de fins do século XVII, com repercussão ao longo do século XVIII. Quer dizer: geograficamente a pesquisa cobre os territórios dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

O objetivo do projeto Filologia Bandeirante é documentar e descrever aspectos lingüísticos do português na área indicada, propiciando aos estudiosos da língua um *corpus* cientificamente preparado para seu estudo, com a hipótese de que a língua ali documentada apresenta traços do português do tempo dos bandeirantes⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Cf. M. A. A. de M. Cohen et alii (1997): "Filologia Bandeirante", em: *Filologia e lingüística portuguesa* 1, págs. 79 a 94.

O título “Filologia Bandeirante” remete ao último trabalho preparado diretamente pelo ilustre professor Doutor José Leite de Vasconcelos: “Filologia Barranquenha”, editado pela Imprensa Nacional; Casa da Moeda de Lisboa em 1955, e facsimilado em 1981. Nesse trabalho Vasconcelos apresenta e analisa o barranquenho que, segundo suas palavras, “é um curioso dialecto popular usado no concelho de Barrancos; tem por base o falar do Baixo Alentejo, modificado pelo estremenho-andaluz, que lhe deu feição muito notável” (pág. X). O concelho de Barrancos, no Alentejo Baixo, está posto em sítio montuoso, e de constituição xistenta, a 300 ou 400 metros de distância da raia, tomada em linha reta; e o seu território penetra na Espanha, como uma cunha, que fica pois delimitada por território espanhol ao norte, nascente e sul, resultando, naquele ponto, especiais relações sociais entre as duas nações vizinhas, e “acção recíproca, maior, já se vê, da de lá na de cá, do que ao invés, atenta a pequenez e insulamento” (pág. 3) de Barrancos.

Mato Grosso tornou-se membro desse projeto Bandeirante não apenas porque sua história praticamente se inicia com as expedições fluviais, ou monções, rumo ao *Cuyabá*, mas, principalmente, porque na fala dos cuiabanos há traços lingüísticos dignos de registro, que, analisados, podem servir para compor parte do *corpus* para a descrição do português brasileiro, contribuindo assim com outros projetos de pesquisa mais amplos, como os projetos “Para a história do português brasileiro” e “Atlas lingüístico do Brasil”.

Quem experimenta, por pouco que seja, fazer pesquisa dialetológica, perceberá que, além do puro interesse científico pelo estudo de falares regionais e/ou locais, desperta outro muito nobre que é o interesse pelo humano. Escrevendo sobre essa

vertente da dialetologia e testemunhando sua experiência como investigador de Atlas Lingüístico, Lindley Cintra (1962:7-15) recorda dalgumas das suas mais prolongadas excursões (1953 e 1954) pelas províncias portuguesas, em que visitou mais de setenta aldeias, dizendo que, no tão amplo terreno da lingüística, se mais nada cultivasse a sua atenção, a experiência dialetológica seria por si só suficiente para o obrigar a reconhecer e ratificar que valeu a pena o ramo de estudos para onde a vida o conduziu.

Pelo pouco tempo que estamos cultivando mais uma folha desse ramo, arriscamo-nos, pretensiosamente, a fazer coro às palavras desse grande investigador da língua portuguesa. E como resultado de quatro anos de pesquisa apresentamos aqui a primeira tese nascida do Projeto Filologia Bandeirante.

Capítulo 1

HISTÓRIA E SOCIEDADE

*Para mobilizar tôdas essas fôrças bastou
o descobrimento do ouro.*

Abreu (1960:77)

Neste capítulo encontram-se, sucintamente, os dados da história social, política e cultural da Baixada Cuiabana, com destaque para os estratos étnicos dos habitantes da região, seus costumes e manifestações culturais.

A intenção aqui é descrever a base e os ingredientes socioculturais do homem cuiabano, comungado assim com a posição Hymes (1993:431), que ao comentar ensaios cujo foco principal é a história social da linguagem, se coloca na condição de lingüista trabalhando em antropologia, esperando que a interdisciplinaridade seja uma preocupação efetiva em qualquer estudo das ciências humanas, dizendo que lingüistas, antropólogos, sociólogos e outros podem fazer suposições que não são verdadeiras e se espantar com muitos fatos que não são novos sem a contribuição que a história social pode dar.

1.1. Situação e referências históricas

Denomina-se Baixada Cuiabana toda a região ribeirinha, cujo alcance geográfico inclui a capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e os municípios e

vilarejos adjacentes que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes, confluente e defluente.

As águas desses rios foram utilizadas pelos monçoeiros (que se utilizaram de caminhos fluviais) e bandeirantes paulistas, no século XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas da dita região.

Como se sabe, as bandeiras foram organizadas, em primeiro lugar, com a finalidade de caçar índios para serem vendidos como mão-de-obra escrava. Essa atividade era corriqueira no planalto piratiningano, Uma vez que na capitania de São Paulo – composta por três vilas litorâneas, São Vicente, Santos e Iperoig e, uma serra acima, pela então Piratininga – os engenhos de açúcar não prosperaram como no nordeste, nem surgiram outras lavouras de interessasse para a Coroa. As missões jesuíticas também ali se desenvolveram aquém de outras instaladas pelo Brasil. Sem muita alternativa os paulistas se empenharam na atividade bandeirante, preando índios e buscando riquezas minerais. Em 1718 a bandeira de Antônio Pires de Campos, à caça dos índios Coxiponé, atingiu o rio Coxipó, um dos afluentes do Cuiabá. No ano seguinte, em 1719, outra bandeira comandada por Pascoal Moreira Cabral chegou a essa mesma região. Conta a história que Moreira Cabral, acidentalmente, encontrou ouro nas barrancas do Coxipó e não tardou em lavrar uma ata de fundação da atual cidade de Cuiabá para garantir o direito de posse. Em 1722, o sorocabano Miguel Sutil, por intermédio dos índios, descobriu outra mina próximo à primeira.

A partir de então essas terras foram consideradas importantes, e de todos os recantos daqueles Brasis, mormente de São Paulo, partiram rumo ao *Cuyabá*

“caipiras, crioulos, caboclos, sertanejos e sulinos”⁽¹⁾; principalmente os caipiras paulistas que se organizavam em bandos imensos de mamelucos e, por meses e até anos, se deslocavam a pé, descalços, nas bandeiras ou remando as canoas das monções e metiam-se pelos sertões interiores com suas famílias, servidos por muitos índios já escravizados, caçando outros nativos para a mesma finalidade e, conseqüentemente, expandindo o território da Colônia portuguesa. A maioria desses aventureiros percorria caminhos essencialmente fluviais, com início no rio *Anhembi* (Tietê) e fim no rio *Cuyabá* (Cuiabá)⁽²⁾.

Nessas entradas que chegavam a durar muito tempo, essa gente viajava uns quantos meses e acampava para plantar e colher roças com que se supriam de mantimentos para prosseguir viagem sertão adentro. Em virtude disso, na rota destas expedições foram surgindo, muitos vilarejos. Alguns deles se tornaram grandes cidades, como é o caso da Capital mato-grossense, enquanto outros, com o fim dos ciclos da mineração e da cana de açúcar, de certa forma insulados, permaneceram com suas características primeiras, como é comum em regiões interioranas, conservando seus costumes, manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente, com a variante lingüística de então, ou pelo menos com alguns dos traços dessa variante antiga, colonial, do século XVIII.

Isso não quer dizer, entretanto, que na chamada grande cidade, em particular Cuiabá, não encontremos, entre os cidadãos, aqueles de características socioculturais semelhantes às dos habitantes das tais pequenas cidades rurais,

⁽¹⁾ Termos usados por D. Ribeiro (1995), *O povo brasileiro – a formação e sentido do Brasil*, págs. 269 a 444, nomeando os grupos étnicos formados nas “ilhas-Brasil”.

⁽²⁾ Detalhes outros podem ser conferidos em E. M. Siqueira et alii (1990), *O processo histórico de Mato Grosso*, págs. 10 e segs., e também em S. B. de Holanda (1990), *Monções*, págs. 43 a 73.

vilas e comunidades ribeirinhas, onde a variante lingüística que caracteriza a Baixada Cuiabana é mais evidente.

1.2. Base humana

Na história da formação do povo brasileiro contada pelo antropólogo Darcy Ribeiro (1995:81), a instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o cunhadismo, que se trata de um velho costume indígena de incorporar estranhos à sua comunidade, e que consistia em dar a estranho uma moça índia como esposa, estabelecendo dessa forma, automaticamente, laços que o aparentavam com todos os membros do grupo.

Como cada europeu podia fazer quantos desses casamentos quisesse, a instituição funcionava como uma forma vasta e eficaz de recrutamento de mão-de-obra gratuita. Do lado indígena, porém, o interesse era pelas possíveis e eventuais novidades que o branco podia trazer nos navios. É aquela, também, velha história do “toma lá um espelho, dê-me cá uma pedra preciosa”, ou uma boa quantidade de pau-brasil, cortado e transportado para dentro do navio.

Enquanto alguns desses brancos iam morar nas aldeias, adotando o costume dos seus agora parentes índios, outros formavam unidades separadas das aldeias, compostas por eles, suas muitas mulheres índias e seus numerosos filhos mamelucos, todavia integrando-se também ao *modus vivendi* indígena.

Ribeiro (1995:83) considera que, dentre outras, a primeira e principal unidade com essas características foi o núcleo paulista centrado em torno da figura de João Ramalho, provável fundador da paulistanidade caipira.

O resultado foi o surgimento de uma gente mestiça que depois, efetivamente, ocupou o território brasileiro, mormente partindo da capitania de São Paulo, cuja base humana estava composta pela associação de brancos, mamelucos e índios. Conforme Silva Neto (1963:55), já no primeiro recenseamento do Brasil, feito em 1583 pelo Padre Anchieta, a população de São Paulo estava formada apenas por brancos e índios. Apesar de não haver menção, é bem certo que os mestiços mamelucos estejam aí incluídos, vistos ou como brancos, ou como índios, ou até mesmo foram ignorados, e não contados.

Segundo relata Ribeiro (1995:107), esses mestiços não eram lá bem vistos, em especial pelos jesuítas espanhóis. Foram eles que, “horrorizados com a bruteza e desumanidade dessa gente castigadora de seu gentio materno”, lhes deram o nome “mameluco”. Termo que, originalmente, se referia a uma casta de escravos árabes. Entretanto, considerando o contexto histórico e social da época⁽³⁾, há que se concordar com a posição de Ribeiro (1995:108) quando diz que aqueles “mamelucos ou brasilíndios foram, na verdade, a seu pesar, heróis civilizadores”, que, de acordo com Holanda (1986:29), demonstraram uma extraordinária flexibilidade, moldável a qualquer nova circunstância, “com a consistência do couro, não a do ferro e do bronze, cedendo, dobrando-se, amoldando-se às asperezas de um mundo rude”.

Com o fim do ciclo da mineração, que foi principal o impulso do badeirantismo, aqueles que se tornaram mineiros mergulham num estado de extrema pobreza,

⁽³⁾ Ainda segundo Ribeiro (1995:108), “os brasilíndios ou mamelucos paulistas foram vítimas de duas rejeições drásticas. A dos pais, com quem queriam identificar-se, mas que os viam como impuros filhos da terra, aproveitavam bem seu trabalho enquanto meninos e rapazes e, depois, os integravam a suas bandeiras, onde muitos deles fizeram carreira. A segunda rejeição era a do gentio materno. Na concepção dos índios, a mulher é um simples saco em que o macho deposita sua semente. Quem nasce é o filho do pai, e não da mãe, assim visto pelos índios. Não podendo identificar-se com uns nem com outros de seus ancestrais, que o rejeitavam, o mameluco caía numa terra de ninguém, a partir da qual constrói sua identidade de brasileiro.”

reencarnando a antiga forma de vida dos paulistas pioneiros que aportaram em terras mato-grossenses no início do século XVIII.

Nessas condições, é inevitável que a população se disperse, buscando outras alternativas para sobreviver, alcançando, no dizer de Ribeiro (1995:383) o equilíbrio “numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como *área cultural caipira*”, que se esparramou desde São Paulo, Espírito Santo e costa do Rio de Janeiro, até Minas Gerais, Mato Grosso, e também Goiás, estendendo-se ainda sobre áreas fronteiriças do Paraná.

Assim, o que antes era área de correrias dos velhos paulistas na caça aos índios e na busca de ouro e diamante agora se transforma numa vasta região de cultura caipira, onde se instala uma economia de subsistência na atividade agrícola, na caça, pesca e na coleta de frutos e tubérculos silvestres; tudo associado à atividade artesanal doméstica. Bairros ou núcleos rurais foram formados, onde conviviam grupos unificados pela participação em formas coletivas de trabalho e de lazer. Foi nesse contexto que surgiu o mutirão⁽⁴⁾.

Ainda sobre o *modus vivendi* dessas comunidades diz Ribeiro (1995:385) que as vizinhanças solidárias também se organizavam em outras formas de convívio, como o culto a um santo protetor, em cuja capela promoviam além de missas, festas e leilões, sempre seguidos de bailes. Cada núcleo, além da produção de subsistência, produzia também artigos que serviam como unidades de troca no

⁽⁴⁾ Trata-se de uma instituição solidária que consiste no auxílio mútuo e ação conjugada pela reunião de moradores de uma vizinhança para a execução de tarefas que excedam as possibilidades dos grupos familiares, como a derrubada da mata para o plantio, a limpeza e colheita das roças, bem como na construção ou conserto da casa, etc. A família que se beneficiava dessa ação tinha o dever de alimentar o grupo e, ao fim dos trabalhos, oferecer uma festa. Como se vê, o mutirão era uma forma de associação para o trabalho, mas também uma oportunidade de lazer para a comunidade.

comércio, como queijos, rapaduras, farinha de mandioca, toucinho, lingüiça, cereais, animais, panos e redes de algodão.

As características físicas do homem “cuiabano de chapa e cruz”, ou seja, o cuiabano legítimo que nasceu, vive, e pretende morrer na terra natal – em que relaciona chapa à certidão de nascimento, e cruz, à de óbito – no geral, não negam a descendência brasílica, mameluca, embora já esteja bem miscigenada com a raça negra, como era de se esperar, levando em conta a história social da região.

O aqui chamado homem “cuiabano de chapa e cruz” não se restringe somente aos nascidos dentro dos limites geopolíticos do município de Cuiabá, mas, genericamente, a todos aqueles que, além de nascidos na área de alcance delimitada nesta pesquisa, têm um passado genealógico e cultural ligado ao mesmo *habitat*, e sempre viveram e vivem em contato diário e, para alguns, exclusivo com o linguajar nativo de seus pares.

Em muitas dessas famílias não é difícil constatar que seu *modus vivendi* ainda está muito próximo ao do acima descrito. Os que vivem em sítios, ou mesmo na periferia das cidades maiores, bem como em pequenas comunidades e vilas, habitam em casas de madeira ou adobe, sem água encanada e luz elétrica, mas não lhes faltam a fé e oração diante do nicho do santo padroeiro e protetor do seus lares e comunidade: Santo Antônio, São Benedito, São Gonçalo, São Sebastião e Senhor Divino, dentre outros, têm morada mais digna, assim no solar, como no coração e mente dessa gente fervorosa e devota que canta e reza novenas e mais novenas esperando apenas uma mínima lembrança dos céus: seja um pouco de chuva, seja um pouco de sol, seja um pouco de saúde, seja um peixe no anzol. Seja para

comemorar, festejar, pagar promessa, gastam o pouco que com muito trabalho ganharam, mas para o santo protetor não pode faltar a festa.

O mutirão, por aqui “muchtirum”, exerceu e, no meu rural, ainda exerce sua função primeira; tanto que, na onda de preservar a cultura local, há em Cuiabá, criada por alguns ilustres cuiabanos citadinos a instituição cultural, “Muchitrum Cuiabano”.

1.3. Base lingüística

No plano lingüístico, até o fim do século XVII, a chamada “língua geral” foi, por assim dizer, se não a única, a língua que mais se falou em São Paulo.

Sem entrar no mérito das discussões sobre o que verdadeiramente era essa “língua geral”, optamos dentre muitas pela opinião de Houaiss (1992:53-54). Diz ele que primeiro convém ter em mente que desde o início da catequese do índio, no século XVI, ficou patente aos missionários jesuíticos que não seria através de sua própria língua (português e/ou espanhol e, para certos fins, o latim) que a catequese poderia ser levada a cabo. Por estarem, à época, aptos como ninguém para perceber na diversidade lingüística do território alguma certa unidade em determinados grupos de línguas, disciplinaram aquelas que “recobriam” várias outras línguas indígenas afins. O resultado foi o surgimento, na costa brasileira, de um tipo de comunicação através de uma “língua geral”, digamos, franca, em cuja base, considera-se, há um número não pequeno de línguas provindas do tronco comum “modernamente” chamado tupi⁽⁵⁾. Sobre o tema, também está de acordo

⁽⁵⁾ “Modernamente” porque, como diz Houaiss (1992:54), o uso isolado de “tupi” como palavra é dos fins do século XIX.

Câmara Jr. (1976:27) quando diz que foi criada uma “língua geral” de intercuro entre os portugueses e os índios da costa do Brasil, que, fundamentalmente, era “o dialeto tupinambá”.

Como outros, Houaiss (1992:57) também trabalha com a probabilidade de que em outras áreas, além da costa brasileira, tenham existido, embora por menos tempo, outras línguas gerais, mas não detalha nenhuma delas, e nem comenta sobre quais línguas indígenas serviram de base para a formação dessas outras línguas gerais, além da paulista. Como se vê, para que se possa determinar com mais exatidão o que vem a ser “língua geral”, há necessidade de se pôr em prática estudos mais rigorosos sobre a questão. O que em momento algum faremos aqui, mesmo porque esse não é o nosso propósito.

O que nos conta a história social é que mesmo depois de sua proibição pelo reino, em 1757, por força da política levada a cabo pelo marquês de Pombal em favor do uso obrigatório da língua portuguesa, e proibição do uso da “língua geral”, durante todo o século XVIII os brasilíndios ou mamelucos paulistas falavam duas vezes mais a dita “língua geral” do que o português. Esta, por lei, era a língua oficial, a da administração, do comércio, e por isso, a língua das cidades, aprendida na escola. A “língua geral” era a língua caseira, instrumento de comunicação do cotidiano⁽⁶⁾.

O certo é que, pelo menos do ponto de vista de Melo (1971:137-138), dentre outros, o português foi ganhando terreno à medida em que a população que usava a “língua geral” foi, até por questão de sobrevivência, adotando no seu dia a dia a

⁽⁶⁾ Silva Neto (1963:52-72) dá mais detalhes a respeito dessa convivência (“língua geral”/língua portuguesa) que, para nosso intuito, no momento, podem ser preteridos diante do que já expomos.

língua portuguesa. Segundo informa Rodrigues (1993:97), os últimos falantes da língua geral paulista devem ter morrido no início do século XX.

Levando em conta as influências principalmente do substrato de línguas indígenas, seja do tronco tupi, ou tupi-guarani – base da dita “língua geral” da costa brasileira –, seja do tronco macrojê – do qual nenhuma das línguas foi considerada como base dessa “língua geral” paulista – e, também, o substrato africano, pela época das bandeiras paulistas, por volta do século XVIII, ainda conforme Melo (1971:138-139), ter-se-ia formado no planalto piratiningano um dialeto que ele chama de “crioulo ou quase-crioulo”, cujo fundo seria o português arcaico-tardio. Segundo ele, esse foi o “dialeto que os bandeirantes se encarregariam de disseminar pelos sertões de Minas, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande e, através do Rio São Francisco, até pelo nordeste”, e que de certa forma passou a ser o elemento comum da linguagem entre as populações do interior do Brasil.

A questão sobre se nesse período, no Brasil, tenha havido ou não um dialeto “crioulo” tem rendido alguns debates. De acordo com a hipótese crioulista, o português popular brasileiro possivelmente sofreu influências fonológicas e gramaticais do substrato indígena e de vários dialetos africanos. Nessa direção, dentre outros, caminham, como vimos, Melo (1971:138), e também Guy (1981), citado por Tarallo (1993:35), que também citou Coelho (1880, 1882, 1886) como pioneiro dessa hipótese. Tarallo (1993), todavia caminha na contra mão dessas idéias. Seu principal argumento é que a descrioulização suposta por Guy teria levado o português brasileiro de volta ao português europeu, como tem acontecido

com os demais crioulos que se descrioulizaram. Com exemplos do aspecto sintático ele prova que, pelo menos na língua falada, esse não é o processo.

Rodrigues (1993:96) é de opinião que as prováveis línguas gerais, que resultaram do contato entre os portugueses e os índios brasileiros, não são pidgins ou crioulos, “mas continuações de línguas indígenas que passaram a ser faladas pelos mestiços de homens europeus e mulheres índias”.

O que não provoca discordância é o fato que desse dialeto foi constituído o linguajar popular ou dialeto caipira, cujos traços descritos por Amaral (1976) estão até hoje vivíssimos na linguagem interiorana brasileira, conservando, em todos os aspectos lingüísticos, muitos traços daquele dialeto trazido pelos bandeirantes, recheado de elementos próprios do português arcaico.

A conquista, eminentemente paulista, em direção ao centro-oeste, no século XVIII, foi sem dúvida responsável pela criação de Mato Grosso. Nesse novo descobrimento a permanência da língua portuguesa foi muito desigual, levando em conta que o surto do ouro e diamantes criou centros miníferos ricos que requintaram em pequenas cortes dos chamados “bem-falantes”, abrindo fendas na “língua geral” ou no dialeto bandeirante, e nas línguas indígenas locais. Sobretudo porque esses indígenas também eram de troncos etnolingüísticos diferentes: dentre outros muitos, alguns do tronco macrojê, como os Bororo – as tribos dessa família lingüística, conforme Ribeiro (1996:92), ocupavam originalmente uma larga faixa do centro de Mato Grosso, estendendo-se a oeste, até a Bolívia. Outros sem tronco lingüístico ainda definido, como os Guaikuru, que foi, se não o principal, um dos povos que mais impôs resistência ao cada vez maior afluxo de paulistas que, na ocasião, vinham para o Mato Grosso atraídos pelo farto ouro. Os Guaikuru ou

Mbayá-Guaikuru, também segundo Ribeiro (1996:96-97), eram povos seminômades formados de caçadores e coletores que viram nos cavalos, introduzidos na região pelos espanhóis ainda na primeira metade do século XVI, mais que uma nova caça em potencial. Deles se utilizaram como nenhuma outra nação indígena, seja como arma de guerra, seja para aumentar seu território de ação, chegando a uma área tão ampla como a que vai de perto de Cuiabá às proximidades de Assunção, no Paraguai.

Nessas condições, é bem provável que tenha surgido uma outra ou mais de uma “língua geral” por essas paragens, porém de vida tão efêmera que não chegou a deixar nenhum registro que prove sua existência.

O que podemos deduzir, é que se não houve outras “línguas gerais”, pelo menos é certo que principalmente os substratos indígenas da região, somado ao contexto histórico, contribuíram para que ainda hoje encontremos, em pleno vigor, no dialeto bem característico da Baixada Cuiabana, muitos dos traços atribuídos, por Amaral (1976), ao dialeto caipira, como teremos a oportunidade de mostrá-los nos próximos capítulos.

1.4. Pontos de inquérito

Dos pontos de inquérito para o projeto Filologia Bandeirante escolhemos apenas dois: 1) Grande Cuiabá, incluindo os municípios de Cuiabá e Várzea Grande, divididos pelo rio Cuiabá, com seus respectivos distritos e comunidades ribeirinhas; e 2) Nossa Senhora do Livramento.

Sobre esses pontos segue um pequeno histórico⁽⁷⁾.

1) A história de Cuiabá, *celula mater* da civilização mato-grossense e, por que não dizer, de toda a região ocidental do Brasil, se confunde com a história do descobrimento do Estado.

Considera-se que o primeiro homem branco a pisar terras cuiabanas foi o bandeirante paulista Manoel de Campos Bicudo, no período de 1673 a 1680, quando chegou à confluência do rio Cuiabá com o Coxipó, dando-lhe o nome de São Gonçalo, onde até hoje se encontra o povoado de mesmo nome, com população constituída na sua maioria por ceramistas e pescadores. Desse local, Campos Bicudo seguiu adiante na tentativa de descobrir as célebres “Minas dos Martírios”, presumivelmente localizadas na região de Barra do Garças, à leste de Cuiabá. Na verdade “Martírios” não passou de uma lenda que só serviu para despertar ainda mais a cobiça pelo ouro e provocar a descida de sucessivas bandeiras paulistas, umas rumando ao distrito cuiabano e outras, pelo roteiro percorrido por Anhangüera, ganhavam território goiano. Cerca de oitenta anos depois de Campos Bicudo, por volta de 1752, ainda em busca dos tesouros dos “Martírios”, desce o rio Araguaia uma bandeira chefiada pelo paulista Amaro Leite Moreira, embocando por um dos seus afluentes, o rio das Mortes. Às margens do rio Santo Antônio, afluente do das Mortes, Amaro Leite fundou o arraial dos Araés, explorando algumas lavras, e onde esperava, nessas imediações, encontrar a serra dos Martírios com seus fabulosos tesouros. Fato de que não se tem notícia.

Em 1718, Antônio Pires de Campos, filho de Campos Bicudo, que regressava da expedição chefiada pelo seu pai, acampou em São Gonçalo e o batizou de São

⁽⁷⁾ Cf. Enciclopédia dos municípios brasileiros, vol. XXXV, Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

Gonçalo Velho, onde aprisionou muitos índios Coxiponé para vendê-los em São Paulo. No fim deste mesmo ano Paschoal Moreira Cabral, aventureiro paulista e caçador de bugres, depois da propaganda de Pires de Campos que nessas regiões ele, Moreira Cabral, se depararia com boa caça de índios, sobe o rio Coxipó até o aldeamento do rio Motuca, onde foi mal sucedido no ataque. Retorna então a São Gonçalo Velho para cuidar dos ferimentos e se recompor. Conta a história que durante essa estada Moreira Cabral cuidou logo do aprovisionamento da bandeira, semeando as primeiras roças, e que durante algumas expedições pelas barrancas do Coxipó alguns curiosos, “acidentalmente”, encontraram ouro. Consta também na história que Paschoal Moreira Cabral, descontente com a brusca transformação produzida pela ocorrência nos hábitos dos companheiros, que passaram a catar o ouro fácil, desertando as plantações de quem delas cuidasse, admoestara-os de que o objetivo da bandeira era prear índios e não batear ouro, a que não dava maior importância. Porém, mais avisado, aderiu à febre que a todos possuía, mesmo porque se lhe afigurou mais vantajosa e menos perigosa a colheita abundante do metal do que a preia dos índios Coxiponé.

No dia 8 de abril de 1719, em São Gonçalo Velho, Moreira Cabral lavrou a ata de fundação de Cuiabá. Dois anos depois o arraial foi mudado para o rio Coxipó acima, no local denominado Forquilha, e em outubro de 1722, com a descoberta das lavras do Sutil, pelo sorocabano Miguel Sutil, no córrego da Prainha, todo o arraial da Forquilha foi para ali transferido com a categoria de distrito. Hoje, as antigas lavras do Sutil, se situam sob a Igreja do Rosário, em pleno centro da Capital do Estado.

Em 1727, no dia primeiro de janeiro, Cuiabá recebe foro de vila, com categoria de município, passando a se chamar Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá. Em 17 de setembro de 1818, por Carta Régia de D. João VI, a sede do município, a Vila do Cuiabá, é elevada à categoria de cidade com a denominação Cuiabá, transformando-se, em capital da província de Mato Grosso em 1835.

2) As origens do município de Nossa Senhora do Livramento também são garimpeiras: para fugir ao fisco da Coroa imposta nas minas de Cuiabá, muitos procuravam novas lavras que os distanciassem das pesadas e rigorosas taxas. Em 1730 outros dois sorocabanos, Antônio Ayres e Damio Rodrigues, descobriram ouro à margem do Ribeirão Cocais, a mais ou menos quarenta e dois quilômetros do local onde hoje se localiza a sede do município.

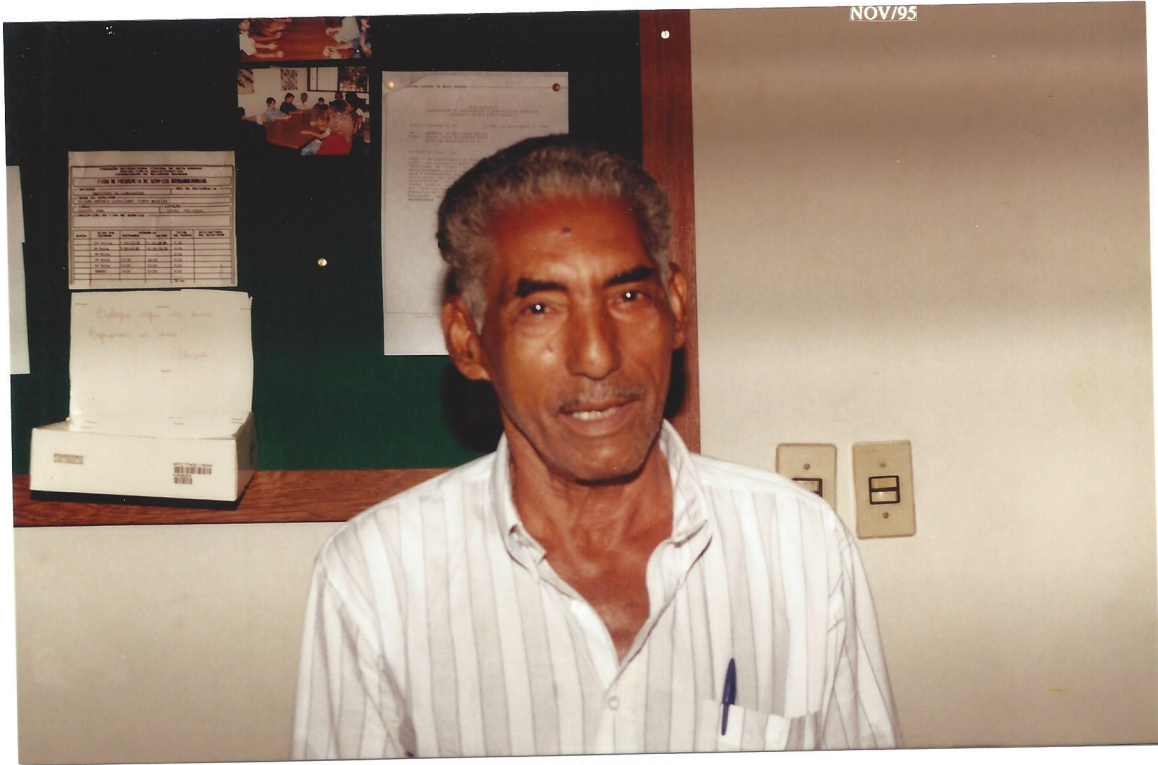
Até receber o nome atual em 1948, o município, localizado a 32 quilômetros no oeste de Cuiabá, passou por estas denominações: Cocais, São José dos Cocais, Paróquia de Nossa Senhora do Livramento, na categoria de distrito de Cuiabá em 1835, e, de novo, São José dos Cocais, agora já na categoria de município (21 de agosto de 1883), e finalmente, em 1948, Nossa Senhora do Livramento.



Cidade de Nossa Senhora do Livramento – Praça Central



Imagem de Sant'Ana, padroeira de Livramento, com a data da chegada da imagem



Seo Antônio



Da esquerda: Nhô Gonça, Nhô Dito, Seo Louro, Nhô Basto



Nhô Gonça tocando viola-de-cocho



Dona Elídia fazendo pose



Nhô Basto nos fundos da casa



Nhô Dito saboreando um cigarro de palha



Nhô Gonça contando casos



Na prosa: Seo Antônio Gonçalo (camisa vermelha) e Nhô Gonça com sua viola



Reza para São Gonçalo



Dona Rosa (vestido estampado) dançando para São Gonçalo

Capítulo 2

ESTADO DE LÍNGUA FALADA ATUAL

Constitui o objetivo deste capítulo a edição das transcrições de algumas entrevistas realizadas com os informantes eleitos para a pesquisa. A finalidade é a de estabelecer o *corpus* que servirá como base para o estudo lingüístico do próximo capítulo; o que nos permitirá fazer uma descrição do estado de língua atual. Pelo menos no que se refere ao sistema fonológico do português falado na Baixada Cuiabana refletido na oralidade de informantes com semelhantes características socioculturais.

Para a recolha dos dados da pesquisa de campo nos guiamos na abordagem sociolingüística. Isso porque levamos em conta os aspectos socioculturais dos falantes, tais como: procedência, faixa etária, profissão e grau de instrução. Levamos igualmente em consideração o *habitat* em que vive e viveu cada entrevistado, observando se ele teve e/ou tem acesso diário aos meios de comunicação de massa e se convive ou interage com grupos sociais díspares do seu. Dessa forma, efetuamos um exame das relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código lingüístico utilizado pelos informantes para depois, na medida do possível, localizar a fonte das mutações e/ou permanências de traços do aspecto fonológico do português setecentista na estrutura do português de hoje, falado na Baixada Cuiabana.

2.1. Gravações e informantes

Desde outubro de 1995 estamos colhendo, em gravador cassete, câmara de vídeo e de fotografia, nos municípios de Nossa Senhora do Livramento e de Cuiabá⁽¹⁾, experiências e histórias de vidas e manifestações culturais de, pelo menos quinze colaboradores. Em nossas reuniões, seja para conversar aleatoriamente, seja para rezar ou fazer festa, colhemos cem por cento das falas, desde a chegada até a partida, registrando em vídeo e/ou em fotografia cada movimento que possa enriquecer qualquer análise que por ventura leve em consideração os aspectos de caráter etnográfico.

Entre quinze, selecionamos oito informantes, sendo três do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Esses oito, como os demais, atendem às especificações determinadas pelo Projeto Filologia Bandeirante: idade média de cinquenta anos, sem nenhum ou quase nenhum grau de escolaridade, que vivem na região desde que nasceram e têm seu passado genealógico e cultural ligado ao mesmo *habitat*, e que mantêm contato diário e, para alguns, exclusivo com o linguajar nativo de seus pares. Dessa forma, a nossa principal preocupação foi escolher alguém que, na fala, represente com a máxima fidelidade possível o dialeto local, e que dele, naturalmente, se utilize independente de contextos extralingüísticos, e que ainda não tenha sido muito influenciado ou pela linguagem da escola, ou pelos meios de comunicação de massa, ou até mesmo por variantes do português de outras localidades brasileiras.

⁽¹⁾ Além de Livramento e Cuiabá há outras localidades, todas contidas na Baixada Cuiabana, como os distritos de Guia e Varginha, os municípios de Várzea Grande, Barão do Melgaço e Santo Antônio do Leverger, e comunidades de pescadores, agricultores e ceramistas como Guarita e São Gonçalo, onde a variante lingüística é comum, principalmente, entre os falantes aqui caracterizados.

Tal qual os demais, os oito informantes escolhidos apresentam essas características básicas e primordiais preferidas pelo nosso projeto, como podemos constatar na seqüência. A diferença entre eles é o fato de alguns serem mais espontâneos que outros e, por isso mesmo, mais produtivos no que se refere à qualidade e quantidade de material lingüístico gravado. Abaixo enumeramos cada informante em ordem cronológica, considerando a data da realização da entrevista.

Informante, n.º 1:

Nome: Antônio Paz da Costa	Idade : 73 anos
Profissão (atividades profissionais): Garimpeiro e funcionário público aposentado.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Diamantino, MT.
Estado civil: casado.	Naturalidade do cônjuge: Cuiabá, MT.
Residências: aos 12 anos saiu de Diamantino e foi para o garimpo em Alto Paraguai, MT, onde casou e viveu até os 36 anos, quando foi morar em Cuiabá, onde atualmente reside.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 2:

Nome: Sebastiana de Lima Rondon	Idade : 90 anos
Profissão (atividades profissionais): dona de casa e costureira.	
Escolaridade: primário completo.	Naturalidade: Cuiabá, MT.
Estado civil: viúva.	Naturalidade do cônjuge: Cuiabá, MT.
Residências: sempre viveu em Cuiabá.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 3:

Nome: Manoel Sebastião de Campos	Idade : 53 anos
Profissão (atividades profissionais): lavrador e carpinteiro.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Livramento, MT.
Estado civil: casado.	Naturalidade do cônjuge: Livramento, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 4:

Nome: Antônio Gonçalo dos Santos	Idade : 66 anos
Profissão (atividades profissionais): lavrador, charreteiro e carpinteiro.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Livramento, MT.
Estado civil: casado.	Naturalidade do cônjuge: Livramento, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 5:

Nome: Gonçalo Garcia da Conceição	Idade : 53 anos
Profissão (atividades profissionais): lavrador, charreteiro e carpinteiro.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Livramento, MT.
Estado civil: casado.	Naturalidade do cônjuge: Livramento, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 6:

Nome: Benedito Jorge de Campos	Idade : 63 anos
Profissão (atividades profissionais): lavrador, charreteiro e carpinteiro.	
Instrução: primário incompleto.	Naturalidade: Distrito de Campo Alegre, MT.
Estado civil: casado.	Naturalidade do cônjuge: Campo Alegre, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 7:

Nome: Ana Rosa de Arruda Silva	Idade : 64 anos
Profissão (atividades profissionais): dona de casa e teceleira de rede.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Livramento, MT.
Estado civil: viúva.	Naturalidade do cônjuge: Livramento, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Informante, n.º 8:

Nome: Elídia Brasília de Guilhermina Campos	Idade : 61 anos
Profissão (atividades profissionais): dona de casa, teceleira de rede.	
Escolaridade: primário incompleto.	Naturalidade: Distrito de Campo Alegre, MT.
Estado civil: casada.	Naturalidade do cônjuge: Campo Alegre, MT.
Residências: sempre viveu e trabalhou em volta do município de Livramento.	
Particularidades de articulação: arcada dentária completa.	

Quanto à coleta do *corpus*, optamos por não utilizar o tradicional questionário comum à pesquisa dialetológica. Os trechos transcritos foram extraídos de conversas livres, sendo muitas delas realizadas entre os informantes, sem nossa participação direta, ocorridas nestes contextos: os traços lingüísticos dos informantes 6 (seis) e 8 (oito), marido e mulher, foram transcritos de uma conversa que se desenrolou numa tarde de domingo na residência do casal. Os dois, juntamente com boa parte da família e amigos, relembavam histórias de vida, saboreando-as entre baforadas de cigarros de palha, acordes de viola-de-cocho (instrumento musical, artesanal, que acompanha os versos de manifestações culturais da região, como o cururu e do siriri) e guaraná ralado. Em semelhante ambiente deram-se as entrevistas com os informantes, 3 (três), 4 (quatro), 5 (cinco) e 7 (sete). As gravações com os informantes 1 (um) e 2 (dois) ocorreram em situações mais formais, sem participação de terceiros. Em tal contexto, o esperado policiamento não impediu que a variante local escapasse da fala desses dois informantes. É óbvio que com menos intensidade, comparado aos outros cinco.

2.2. Normas para a transcrição fonética

Na transcrição fonética, em linhas gerais, adotamos o *Alfabeto Fonético Internacional*, revisado em 1993 e atualizado em 1996. Para tanto, com a devida autorização, reproduzimos o quadro fonético fornecido pela *The International Phonetic Association*, via internet. Para dar conta de todos os fonemas percebido no português falado da Baixada Cuiabana, acrescentamos ao quadro das consoantes os símbolos para as duas africadas palatais, a surda /tʃ/, e a sonora /dʒ/.

Consoantes											
	bi-labial	labio-dental	dental	alveolar	pré-palatal	retro-flexa	palatal	velar	uvular	farin-gal	glotal
oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k g	q ɢ		ʔ
nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
vibrante	ʙ			r					ʀ		
tap(flap)				ɾ		ɽ					
fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
africada							tʃ dʒ				
fricativa lateral				ɬ ɮ							
aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	w			
aprox. lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Vogais							
	anterior		central			posterior	
alta	i	y		ɨ	ɯ	ɰ	u
			ɪ	ɯ		ʊ	
média-fechada		e	ø		ə	ɤ	o
					ɘ		
média-aberta			ɛ	æ	ɜ	ʌ	ɔ
			æ		ɚ		
baixa				a	ɶ	ɑ	ɒ

1) Exceto o sinal supra-segmental indicador de alongamento do fonema, /: /, não marcamos outros sinais, como os que indicam a variação dos tons, nem usamos quaisquer diacríticos que indiquem variações fonéticas mínimas, ou articulações secundárias, porque, para o estudo proposto, não consideramos fundamental essa preocupação, de forma que, no geral, empregamos a transcrição fonética restrita (cf. Cristóvão Silva, 1999:36), explicitando apenas os aspectos que não sejam condicionados por contexto ou características específicas da língua;

2) as fronteiras entre os vocábulos sempre são respeitadas, até mesmo nos que constituem um só vocábulo fonológico;

3) a fala que o informante dirige a terceiros é colocada entre colchetes;

4) a troca de assunto numa mesma entrevista, com um mesmo informante, é marcada com duas barras verticais paralelas;

5) a formatação centralizada em alguns trechos da transcrição quer destacar letras de melodias de cururu e siriri.

2.3. Normas para a transcrição ortográfica

Por considerarmos que todos os fenômenos fonéticos que nos interessam estão registrados na transcrição fonética, na ortográfica, rigorosamente editada abaixo da fonética, com a função de facilitar a leitura, marcamos apenas os traços mais flagrantes, como:

1) redução do verbo estar: estou>tô, está>tá, estamos>tamos, estava>tava, etc.;

2) redução de preposição para>pra;

3) concordância nominal e verbal feita pelo informante: dez dia, eles foi;

4) dos sinais de pontuação, são usados apenas a interrogação, e as reticências para indicar pausa longa;

5) em hipótese alguma a letra maiúscula é usada;

6) tal qual à transcrição fonética, a fala é colocada entre colchetes quando o informante dirige a palavra a terceiros, e duas barras verticais paralelas são usadas para demarcar a mudança de assunto pelo mesmo informante;

8) a transcrição não extrapola o nível lingüístico. São desconsiderados, assim, todos e quaisquer ruídos, como risos, tosse, etc., produzidos ou pelo informante, ou por terceiros, como também gestos, expressões corporais, ou acontecimentos.

2.4. Edição das transcrições

No início de cada transcrição, editada na ordem cronológica das entrevistas, inserimos o número da transcrição e, numa tabela composta de seis linhas, damos algumas informações a respeito do informante e do material transcrito. A saber: primeira linha: número e lado da fita transcrita; segunda linha: local onde a entrevista foi realizada; terceira linha: data da entrevista e duração, em minutos, do trecho transcrito; quarta linha: nome completo do informante e, quando houver, o nome pelo qual é mais conhecido na comunidade colocado entre parênteses; quinta linha: informação do material etnográfico produzido; sexta e última linha: observações necessárias, quando houver.

Outras informações a respeito dos informantes e das entrevistas estão descritas acima. A fala do entrevistador foi preterida nas duas transcrições, por considerarmos irrelevante para a análise do *corpus*.

2.5. Corpus da língua falada

Transcrição, n.º 1

FITA, N.º 03, LADO B	
Local: Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso.	
Data: 30 de outubro de 1995.	Duração: 12 minutos.
Informante: Antônio Paz da Costa.	
Material etnográfico: fotografia.	
Observações: não há.	

1 diãmõtĩnu ew nasi i krisi ate sai da awla di õzi dozi ãnu ai fu p u
2 diamantino... eu nasci e cresci até sair da aula de onze doze ano... aí fui para o
3
4 garĩpu saia di m̃p̃ã sedu seti ora ia şega õzi ora da m̃p̃ã dez i me
5 garimpo... saia de manhã cedo... sete hora ia chegar onze hora da manhã dez e meia
6
7 a õzi seti da m̃p̃ã ia tşega õzi ora dia dizeseş di setẽbru vīt i
8 a onze... sete da manhã ia chegar onze hora... dia dezesseis de setembro... vinte e
9
10 seş sesēt i novi kōpretej agora dia dizeseş s ew alẽbru sa u ke
11 seis... sessenta e nove completei agora dia dezesseis... se eu lembro? sabe o que
12
13 me presjõno nu garĩpu k ew fike ĩpresjõnadu foj so ũ difũtu ki noş
14 me impressionou no garimpo que eu fiquei impressionado foi só um defunto que nós
15
16 foj kaxega doz ora da nojti eļ dejto pa duşmi moxew la i nĩgẽj viw el
17 foi carregar doze hora da noite... ele deitou pra dormir morreu lá e ninguém viu ele
18
19 era soşteru foi aşa otu dia dza dizojt oş da nojti i ai noz a xapaziada
20 era solteiro... foi achar outro dia já dezoito hora da noite... e aí nós a rapaziada

21 kãpiãnu zegi kãpia zeg e ãda toa ai sojãdadu pego no pa kaxega
 22 capeando jegue... campear jegue é andar à-toa... aí soldado pegou nós pra carregar
 23
 24 esi difũtu mea nojti simiteru lãdgi i so kũ ũ petromaksizĩ ĩda rũj k
 25 esse defunto meia noite cemitério longe e só com um petromaxizinho ainda ruim que
 26
 27 apagava tuda oq ew fikava k u difũtu k ũ paqmu diãti di meaŝ koŝta
 28 apagava toda hora eu ficava com o defunto com um palmo diante de minhas costa
 29
 30 esi foj medu majo ki pase puk ew tĩa ũ me di difũtu seru meqm
 31 esse foi medo maior que passei porque eu tinha um medo de defunto... sério mesmo
 32
 33 ŝegẽmu la kavukẽmu ke faze buraku tava peãdidu nu matu ew era novu
 34 chegemos lá cavuquemos... quer fazer buraco tava perdido no mato... eu era novo
 35
 36 tava ko bazi dizesejz ãnu ai puzẽmu eli ko a kabesa p u ladu da kruŝ ai
 37 tava com base dezesseis ano... aí pusemos ele com a cabeça para o lado da cruz aí
 38
 39 laqgej la lãbro k asĩ muxia tudu mũdu e ũa iŝtorĩa seru meqm seqtu
 40 larguei lá lembrou que assim morria todo mundo é uma historinha sério mesmo certo
 41
 42 fõmu rãka u difũtu ota veŝ du buraku ne pego sĩku de kada põta da
 43 fomos arrancar o defunto outra vez do buraco né... pegou cinco de cada ponta da
 44
 45 redi e na redi i tĩa maz ota pa kavuka u buraku tĩa k i kavukãn i
 46 rede é na rede... e tinha mais outra pra cavucar o buraco tinha que ir cavucando e
 47
 48 batẽnu agwa k era vaãdgi mĩnava igwaq ũ posu de agwa a lata za fikava
 49 batendo água que era vargem... minava igual um poço de água... a lata já ficava
 50
 51 la pa bate agwa la k er u simiteru ia kavukãn i rãkãnu agwa kwãd
 52 lá pra bater água lá que era o cemitério ia cavucando e arrancado água... quando
 53
 54 kabẽmu di tira akẽjs pisaxa tudu kavuko ũŝ kwatu paqmu kwat i poku
 55 acabemos de tirar aquela piçarra tudo cavucou uns quatro palmo quatro e pouco

56 tava u buraku tav tadu di agwa ai fał v̄s po eli la d̄etu laıga la
 57 tava o buraco tava lotado de água... aı falou vamos por ele l dentro... largar l
 58
 59 pego doı tres nu p̄pu da xedi ũ pra la otu pra ka soıt̄emu d̄etu d agwa
 60 pegou dois tr̄s no punho da rede um pra l outro pra c soltemos dentro da gua...
 61
 62 ai notaru k eli tava eı pa po pe p u ladu da kruz i a kabesa oj̄n a
 63 aı notaram que ele tava... era pra por p para o lado da cruz e a cabeça olhando a
 64
 65 kruz meıtri ne it̄w puzeı a kabesa du lad a kru f̄u r̄ka eli i
 66 cruz mestre n então puseram a cabeça do lado da cruz fomos arrancar ele... e
 67
 68 agoıa peg otra veı kw̄s xaıt̄em eı d la maz e iıtorıa ki k̄tesew
 69 agora pega outra vez quando arrastemos ele de l... mas  história que aconteceu
 70
 71 k̄migu ai f̄m it̄era eli ota ai t̄p̄emu tra vez s̄d̄emu ũa kajera
 72 comigo... aı fomos enterrar ele outra aı tampemos outra vez acendemos uma caieira
 73
 74 di vela ta ũı kwar̄eta masu di vela o maı ki deıaru kolabora m̄ıtu
 75 de vela tinha uns quarenta maço de vela ou mais... que deixaram colaborar muito...
 76
 77 kw̄d oıa pa traz a fogera tava deı aıtur ası de: di lavared i noı
 78 quando olha pra trs... a fogueira tava dessa altura assim de de labareda e nós...
 79
 80 krario tud kw̄tu foı akel akela vaıdızi esi foı u medu majo ki kw̄du
 81 clareou tudo quanto foi aquela aquela vargem... esse foi o medo maior que...quando
 82
 83 ew pegaa du la du pe ew taa oj̄nu pra la pa ej ew ta m̄ıtu medu dif̄utu
 84 eu pegava do lado do p eu tava olhando pra lá pra ele eu tinha muito medo defunto
 85
 86 agoı n̄w tudu b̄j ia t̄t̄iınu maz ora k ew i p̄ega du la da kabesa i
 87 agora não... tudo bem... ia tenteando mas hora que eu ia pegar do lado da cabeça e
 88
 89 noız n̄ era m̄ıtu er ũaı k̄ızi pessoa so rapaziada novu i a kabesa deli
 90 nós não era muito era umas quinze pessoa s rapaziada novo... e a cabeça dele

91 ɛɟ eli tīa ũ met i novēt i sīku kwazi doj metu puɟ nōmi ozaias
 92 era ele tinha um metro e noventa e cinco... quase dois metro por nome ozaias
 93
 94 kwǎd eli fikaa pɛɟ di mew ōbr asī ew fajtaa so zuga redi foɟ
 95 quando ele ficava perto de meu ombro assim eu faltava só jogar rede fora
 96
 97 prasamē kwǎd u petromaks apagava petromaks e lǎpiǎw aladī ozi
 98 principalmente quando o petromax apagava... petromax é lampião... aladim hoje...
 99
 100 ɛra kerozēna i tēj majz ota a majo pɛda k ew tava k ew ia pega ew dej
 101 era querosene e tem mais outra... a maior pedra que eu tava que eu ia pegar eu dei
 102
 103 pa otu diamǎti vǎdew pu trīt i sīku miǎōɟ soɟti deli kebrej u
 104 pra outro... diamante... vendeu por trinta e cinco milhões... sorte dele quebrei o
 105
 106 kaɟkaj doɟ koɟti di kwatu la di kaɟkaj i ai fuj ve otu siɟvisu goɟtej
 107 cascalho dois corte de quatro lata de cascalho... e ia fui ver outro serviço gostei
 108
 109 di siɟvisu eli falo sī mi da es ai batew ũ koɟti nu sigūd a pɛda foj
 110 de serviço ale falou assim me dá esse aí bateu um corte no segundo a pedra... foi
 111
 112 nu siara toɟi todū mūdu deli trīt i sīku miǎō nakeli tēpu eli
 113 no ceará trouxe todo mundo dele trinta e cinco milhões naquele tempo ele...
 114
 115 foj a soɟti majo ki a tev ī garīpu itǎw mea vida foj maj nu garīpu di
 116 foi a sorte maior que já teve em garimpo... então minha vida foi mais no garimpo de
 117
 118 kwarēt i doɟ pa setēt i kwatu sabi u ki k ew trusi prīmeru a grasa
 119 quarenta e dois pra setenta e quatro... sabe o que que eu trouxe?... primeiro a graça
 120
 121 di dewɟ a muʎε kū seɟ fiʎ u dia i a nojti i a koradzi u k ew trusi
 122 de deus... a mulher com seis filho o dia e a noite... e a coragem... o que eu trouxe

Transcrição, n.º 2

FITA, N.º 02, LADO B	
Local: Cuiabá, residência da entrevistada.	
Data: 04 de novembro de 1995.	Duração: 15 minutos
Informante: Sebastiana de Lima Rondon (Batica).	
Material etnográfico: não há.	
Observações: não há.	

1 ew tēpu ojtēt i seʃ ʒnu use sabi ki eu lēbru di aɣŋua kojza du tēpu di
2 eu tenho oitenta e seis ano você sabe que eu lembro de alguma coisa do tempo de
3
4 kriʒsa du meju iʃkisi tudu puke diʃ ki na idad ɛ asĩ ne a ʒēti iʃkesi
5 criança do meio esqueci tudo porque diz que na idade é assim né a gente esquece
6
7 bōw mew nōmi ʒtiʃ di kaza ɛra sebastiʒna fexera lĩma dipojs k ew kazej
8 bom meu nome antes de casar era sebastiana ferreira lima depois que eu casei
9
10 paso sebastiʒna de lĩma xōdōw ɛ iɣrasadu na mĩpa fẽmilja a mĩp avo
11 passou sebastiana de lima rondon... é engraçado... na minha família a minha avó
12
13 ɛra parēti desi xōdōw u xōdō veɣdaderu ne esi nasid i mĩmozu ɛra
14 era parente desse rondon o rondon verdadeiro né esse nascido em mimoso... era
15
16 parēti parēti lōzi maʃ nesi tēpu uʃ parēti lōzi unia oɣ ɛ ki ta tudu
17 parente parente longe mas nesse tempo os parente longe unia hoje é que tá tudo
18
19 povu dizunidu ne maz ʒtigamēti ɛra mũjt unidu itōw i ai ew vĩ kaza ko
20 povo desunido né mas antigamente era muito unido... então... e aí eu vim casar com

21 a fãmilja xõdõw maŝ ki nũ tẽj nada a veŝ kũ esi xõdõw maŝ falã ki
 22 a família rondon mas que não tem nada a ver com esse rondon... mas falam que
 23
 24 ew tẽj mũjta zẽti ki pẽs ate ki ew nũ so kujabõna iŝtudej nes
 25 eu... tem muita gente que pensa até que eu não sou cuiabana... estudei nessa
 26
 27 iŝkol ai õd ɛ muzew nũ tẽj a katedraw ítõw aw ladu nũ ɛ u muzew
 28 escola aí onde é museu... não tem a catedral?... então... ao lado não é o museu?
 29
 30 õtigamẽti ai ɛŝ iŝkol modelu ai ew iŝtudej mewŝ fiŝu iŝtudarũ
 31 antigamente aí era escola modelo... aí eu estudei me meus filho estudaram...
 32
 33 kujaba era mũjtu pikẽnu todũ mũdu kũpisia tudũ mũdu ali akela xua k
 34 cuiabá era muito pequeno todo mundo conhecia todo mundo... ali aquela rua que
 35
 36 ew morava ŝamava xua da pisara kwõdu ŝuvia fazia akẽŝ pregasõw
 37 eu morava chamava rua da piçarra... quando chovia fazia aquela pregação...
 38
 39 moŝadu tudũ ŝej di buraku tĩa mũjtaŝ feŝtaŝ bunita ki nũ iziŝti maŝ
 40 molhado tudo cheio de buraco... tinha muitas festas bonita que não existe mais...
 41
 42 tĩa feŝta di torada ɛr ali oz ĩ dia ɛ: duŝ veriadoris kũmu ki ɛ
 43 tinha festa de tourada... era ali... hoje em dia é:... dos vereadores como que é?
 44
 45 asẽbreja ne aki ɛr asĩ u kẽpu ítõw kada ũ tĩa kõprava ũ
 46 assembléia né? aqui era assim... o campo... então cada um tinha comprava um
 47
 48 pedasĩpu asĩ di doŝ metru doŝ metr i mej ate di treŝ metru ítõw ali
 49 pedacinho assim de dois metro dois metro e meio até três metro... então ali
 50
 51 aŝnav uŝ kẽmaroti ũ vizĩpu di otrũ so deŝav u lugaŝ õdi pasava ora
 52 armava os camarote um vizinho de outro... só deixava um lugar onde passava hora
 53
 54 ki ŝegav u toriadoŝ u kapĩpa u rũbudu u rũbudu ɛ ki pidia lisẽsa la
 55 que chegava o touriador o capinha o rombudo o rombudo é que pedia licença lá

56 p uŝ feŝteru ne uŝ feŝteru fikava bē ī frēti ītōw disia kū bōda di
 57 para os festeiro né... os festeiro ficava bem em frente... então descia com banda de
 58
 59 muzika era buni:tu sabi u toreru bēj viŝtidu u rūbudu di ū ladu i ai uŝ
 60 música era bonito sabe? o toureiro bem vestido o rombudo de um lado e aí os
 61
 62 kapīpa di otu ladu i ai uŝ maŝkra fikava k ūŝ maŝkra ītōw kwōd eliŝ
 63 capinha de outro lado e aí os máscara ficava com os máscara então quando eles
 64
 65 ŝegavō todus fikava so u rūbudu k ītrava ia pidi lisēsa p uŝ ŝefōw la
 66 chegavam... todos ficava só o rombudo que entrava ia pedir licença para os chefão lá
 67
 68 ki era u dōnu da feŝta ne du sīo divīnu ai dava lisēsa ai ētrava ai
 69 que era o dono da festa né do senhor divino aí dava licença aí entrava aí
 70
 71 fazia vōwt asī todīa nu kōpu era mū:jtu bunitu uŝ kapīpa era k era
 72 fazia volta assim todinha no campo era muito bonito... os capinha era que era
 73
 74 depoŝ k u toradoj tirav u boj fazi u primeru uŝ primeru kōmu ki fala
 75 depois que o touriador tirava o boi fazia o primeiro os primeiro... como que fala...
 76
 77 depoŝ k eli dava a saída du boj ne ai fikava k uŝ kapīpa maŝ toduz eliŝ
 78 depois que ele dava a saída do boi né aí ficava com os capinha mas todos eles
 79
 80 falava peŝgūtava ke sojt ke sojt ke sojt ne ai u pesua dav u dīperu
 81 falava perguntava quer sorte quer sorte quer sorte né... aí o pessoal dava o dinheiro
 82
 83 ai eliŝ iō faze ia ŝama u boj pra eliŝ sabi kwōd u boj tava kōsadu za
 84 aí eles iam fazer ia chamar o boi pra eles sabe quando o boi tava cansado já
 85
 86 ai fikava p uŝ maŝkra uŝ maŝk εj uz utimuŝ ki lutava k o boj ate u boj
 87 aí ficava para os máscara...os máscara era os últimos que lutava com o boi até o boi
 88
 89 kōsa memu ai xikuŝia ai saia otu ora ki vīpa otu fikava la ai dava
 90 cansar mesmo aí recolhia aí saia outro... hora que vinha outro ficava lá aí dava

91 sinaꝝ p u toriadoꝝ u toriadoꝝ ia k ũ rŭbudu i doꝝ kapĩna do ladu kapĩn
 92 sinal para o touriador o touriador ia com o rombudo e dois capinha do lado capinha
 93
 94 era doꝝ valētōw kwōn ew mi dej puꝝ zēti za tĩna todū ũnu a feŝta du
 95 era dois valentão... quando eu me dei por gente já tinha... todo ano a festa do
 96
 97 sŭo divĩn i sōw bibiditu er ũ ŝpetaku ki ozi nŭ tēj odzi nŭ tēj
 98 senhor divino e são benedito era um espetáculo... que hoje não tem? hoje não tem
 99
 100 maj nada mew fi: tĩn u krubi fiminĩnu tĩn u krubi dōw boꝝku dipoꝝ
 101 mais nada meu filho... tinha o clube feminino tinha o clube dom bosco... depois
 102
 103 agora ětro pago ětro pago kwaꝝke ũ ětr i paga pojz e pago ětra
 104 agora entrou pagou entrou pagou qualquer um entra e paga... pois é pagou entra...
 105
 106 ũtiꝝ nŭ er asĩ nō ũtiꝝ era silisjōnadu meꝝmu || mĩna tia ki morava nŭ
 107 antes não era assim não antes era selecionado mesmo... || minha tia que morava no
 108
 109 poꝝtu k er eꝝmē de mew tiw foj pra la puk a kaz era grā:de || kwōdu mew
 110 porto que era irmã de meu tio foi pra lá porque a casa era grande... || quando meu
 111
 112 fiꝝ iꝝtudava nu xiw ne maꝝ nōw asĩ i nu xiw kŭpese xiw kwōdu mew eꝝmōw
 113 filho estudava no rio né mas não assim ir no rio conhecer rio quando meu irmão
 114
 115 tōbē iꝝtevi duēti fuj na duēsa deli maj nŭ saia di kaza ke dize e
 116 também estive doente fui na doença dele mas não saia de casa... quer dizer é
 117
 118 memu ki nŭ fuj sēp ĩ kujaba ew adoru kujaba ũtigamēti ŝuvia
 119 mesmo que não fui... sempre em cuiabá... eu adoro cuiabá... antigamente chovia
 120
 121 freꝝkĩ: || pojz e todū mŭdu diꝝ asĩ meꝝmu k ew nŭ paresu se kujabōna
 122 fesquinho... || pois é todo mundo diz assim mesmo que eu não pareço ser cuiabana
 123
 124 maꝝ ew so kujabōna maꝝ uꝝ kujabōnuꝝ meꝝmu puke se sabi ki uꝝ
 125 mas eu sou cuiabana... mas os cuiabanos mesmo porque você sabe que os

126 kujabõnu ki e di di primera vo dize asĩ ki e diʃkusu mũjtuʃ tẽpu di
 127 cuiabano que é de de primeira... vou dizer assim que é discurso muitos tempo... de
 128
 129 primera falõ direjtu agoʃ uʃ ki nũ fala sõ mũjta zẽti ki vĩn asĩ
 130 primeira falam direito agora os que não fala são muita gente que vinha assim
 131
 132 puke veju mũjta zẽti tuda paʃti aki pra pra kujaba itõ fiko pu izẽpu
 133 porque veio muita gente toda parte aqui pra pra cuiabá então ficou por exemplo
 134
 135 livramẽtu papa bõnõna ne ali k eliʃ falõ a zẽti kũnesi logu k e papa
 136 livramento papa banana né ali que eles falam... a gente conhece logo que é papa
 137
 138 bõnõna bẽj kaxegadu pesoaw di livramẽtu vazja grãdi meʃmu za tẽj ũa
 139 banana... bem carregado pessoal de livramento várzea grande mesmo já tem uma
 140
 141 poʃʃõw di kojzĩn iʃkizita agorẽ ew sẽpi ew diʃkutu kũ xajmũd ai
 142 porção de coisinha esquisita... agora... eu sempre eu discuto com raimunda aí
 143
 144 vizĩna sobr esaʃ kojzaʃ tuda paʃti tẽj u luga õdi todũ luga tẽj pu
 145 vizinha sobre essas coisas... toda parte tem... o lugar onde todo lugar tem por
 146
 147 zẽpu aʃ pesoaʃ maʃ ki e sõ uʃ primeruʃ ne depoʃ vẽj vĩdu uz oturuʃ kĩ
 148 exemplo as pessoas mais que é são os primeiros né depois vem vindo os outros que
 149
 150 sõ ate uʃ kajpira ki vẽj la du sitju di tuda paʃti puʃke ew lẽbru di
 151 são até os caipira que vem lá do sítio de toda parte porque eu lembro de
 152
 153 mĩna tuʃma a tuʃma d ieda eʃ tuʃma di zẽti ki todũ falavõ direjtĩpu nũ
 154 minha turma a turma de ieda era turma de gente que todos falavam direitinho não
 155
 156 tĩna nada di di tʃa di tʃu di tʃu ne e du livramẽtu ne kõmu nõ tʃa bela
 157 tinha nada de de tchá de tchu de tchu né... é do livramento né como não tchá bela
 158
 159 apilidu di la e tʃa bela ũ dia fuj la nũa feʃta ki tevi ai ew peʃgũte
 160 apelido de lá é tchá bela... um dia fui lá numa festa que teve aí eu perguntei

161 ma mosia ate buniti:na ew piugutej pra ela ela fał tja bela ew fale
162 uma mocinha até bonitinha eu perguntei pra ela ela falou tchá bela eu falei
163
164 tja bela e nō:mi nōw e pilidu ida fala kōtōnu e a ke ke sera e eł
165 tchá bela é nome? não é apelido... ainda fala cantando é a que que será? é ele
166
167 falō a du ke sera pokone tōbēj tēj ne e puke kriasō de matu bēj
168 falam a do que será?... poconé também tem né... é porque... criação de mato bem
169
170 dize fazēda ne || di ōtigamēti oz ī dia dewŝ mi livri a ŝkoł a di oz
171 dizer... fazenda né... || de antigamente hoje em dia deus me livre a escola a de hoje
172
173 itōw dza kūpreto di ōti di odzi de i aŝ prufesoraŝ todaŝ er asī a mīna
174 então já completou de ontem de hoje de e as professoras todas era assim a minha
175
176 profesora ki foj maria katarīna a pio profesora ki tev ī kujaba nū era
177 profesora que foi maria catarina a pior profesora que teve em cuiabá... não era
178
179 ida sīku oraŝ nū tokava a kōpōina di dzejtu nīū sabi gōpō
180 ainda cinco horas não tocava a campainha... de jeito nenhum sabe?... ganham
181
182 dimaŝ poku ne ew aŝu ki divia gōga bēj bēj meŝmu era profeso i pulisja
183 demais pouco né eu acho que devia ganha bem bem mesmo era professor e polícia...
184
185 pulisja pra eliŝ faze u siŝvisu bēj fejt u ne puŝke as veziŝ eli sōw
186 polícia... pra eles fazer o serviço bem feito né porque às vezes eles são..
187
188 kuŝpadu di mūjta kojza maŝ u ki ki e dzēti ki vēj di la di kwaŝke luga
189 culpado de muita coisa... mas o que que é? gente que vem de lá de qualquer lugar...
190
191 vēj īgresu na pulisja prōtu e da pulisja divia te u seŝt iŝtudu pra
192 vem ingressa na polícia pronto é da polícia... devia ter um certo estudo pra
193
194 tŝega se pulisja || sīku ora da tardi dza ta di poŝta feŝadu dza mewŝ
195 chegar ser polícia... || cinco hora da tarde já tá de porta fechado já... meus
196
197 fi: vierū aki ew fale dza falej p oseŝ sīku oŝ dza dza fetŝej mia poŝta
198 filho vieram aqui eu falei já falei pra vocês cinco hora já já fechei minha porta

Transcrição, n.º 3

FITA, N.º 08, LADO B	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência do entrevistado.	
Data: 19 de novembro de 1995.	Duração: 30 minutos.
Informante: Manoel Sebastião de Campos (Basto).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: em se tratando de inquérito indireto, o assunto é bem variado.	

1 e tĩa feŝta di sãtu tĩa: tʃa di pãnela k ɛra pa nojz i fõmu nu nẽj ù
2 é tinha festa de santo tinha... chá de panela que era pra nós ir fomos no nem um...
3
4 a: feŝta sãpri tẽj dirɛtu a: u ki ɛw tẽju medu ɛ disu maj grasaz a dewʃ
5 a festa sempre tem direto... a o que eu tenho medo é disso mas graças a deus
6
7 aki todũ ẽnu k ɛw fasu nɛ nũka: sãpr ɛ: bẽj nɛ: a dzẽti fajz u pusivi
8 aqui todo ano que eu faço... né nunca... sempre é...bem né... a gente faz o possível
9
10 ɛw nũ goʃtu a dzẽti faj ɛ ù diveɽtimẽtu nũ ɛ pa bagũsa nɛ majz ai tẽj
11 eu não gosto... a gente faz é um divertimento não é pra bagunça né? mas aí tem
12
13 tuɽm ai ki xũ ake povõ ai da mũjtu povu nũ se ɛʃt ẽnu todũ ẽnu ai da
14 turma aí que hum... aquele povão aí da muito povo não sei este ano todo ano aí dá
15
16 povu tẽ ẽnu ki d ai kwajs miw pesoa || ɛw: atʃej k ɛr akeli ki ɛw tav
17 povo tem ano que dá aí quase mil pessoa... || eu achei que era aquele que eu tava
18
19 ki ɛw tivi pẽsẽnu depoj disu dza vi si fo ɛ:si dza vi el aki ai na kaza
20 que eu tive pensando depois disso já vi se for esse... já vi ele aqui aí na casa
21
22 deli maz ɛw nũ sej s ɛ esi [ɛ akeʃ ki tẽj akelaʃ kaza ali pɛɽtu da mata
23 dele mas eu não sei se é esse... [é aquele que tem aquelas casa ali perto da mata

24 da iʃkīna pra ka] ew diʃkūfiw k ε akeli ew tēj ũ eʃmō deli k ε mew
 25 da esquina pra cá] eu desconfio que é aquele... eu tem um irmão deli que é meu
 26
 27 kūpadi maʃ nū sej ew nū sej u sobr kūpes eʃ pu sebaʃtiã maʃ nū
 28 compadre... mas não sei eu não sei o sobrenome conheço ele por sebaʃtião mas não
 29
 30 se u sobrinōmi deli podi se ki sedʒi eli i as vejz eʃ ela nēj moʒ aki
 31 sei o sobrenome deli pode ser que seje ele... e às vez ele ela nem mora aqui
 32
 33 u kar ε ki ne maʃ devi se akel ali ε: kar asī ki: ne: bō pra kūvesa
 34 o cara é que né... mas devi ser aquele ali é cara assim que... né bom pra conversar...
 35
 36 || toda vida foj asī memu livramētu ε kwajz a sidadi maj veja ke tēj aki
 37 || toda vida foi assim mesmo... livramento é quase a cidade mais velha que tem aqui
 38
 39 tēj kwōtu ki: ew nū to bēj seʒtu atʃu ki duzēntuz i nū alēbru [dzuka
 40 tem quanto que... eu não tô bem certo acho que... duzentos e não lembro [juca]...
 41
 42 a: mūʒtu mūʒtu mūʒtu maʃ maj aki ε u sigīti nū ε ki a dzēti va fala maʒ
 43 a muito muito muito mais... mas aqui é o seguinte não é que a gente vá falar mal
 44
 45 aki ε u sigīti u povu daki nosu aki di nosa sidadi aki ejz ε so pra
 46 aqui é o seguinte o povo daqui nosso aqui de nossa cidade aqui eles é só pra
 47
 48 ētri eliʃ ne nū ētr ũa pessoa de foʒa puʒk sēpr aʃ pessoa de fora ne:
 49 entre eles né... não entra uma pessoa de fora porque sempre as pessoa de fora né...
 50
 51 sēpri s el ε pa po ũa idustri aki eli da ũ siʒvisu po povu ejs
 52 sempre se ele é para pôr uma indústria aqui ele dá um serviço para o povo eles
 53
 54 trã ne aki era pa te siʒvisu da sadia mūta ũ siʒvis ai depoj serēmika
 55 tranca né aqui era pra ter serviço da sadia monta um serviço aí depois cerâmica
 56
 57 nada majz ε so akej povu daki memu ki meʃi saj ũ prifejt ētra otu saj
 58 nada... mas é só aquele povo daqui mesmo que mexe sai um prefeito entra outro sai

59 ũ êtra otu ε daki memu ali ε so êtri eliŝ [ê:j sabi kwõtuz ãnu těj
 60 um entra outro é daqui mesmo ali é só entre eles [hein sabe quantos ano tem
 61
 62 livramētu] agora kujaba vo ti fala p ose kujaba kresew mŭjtu ew kŭņisi
 63 livramento?... agora cuiabá vou ti falar pra você cuiabá cresceu muito eu conheci
 64
 65 kujaba kwōd ew viadzava vaza grēdi pur izēpu nŭ sej s ose kŭņesi
 66 cuiabá quando eu viajava... várzea grande por exemplo... não sei se você conhece
 67
 68 ali u krubi du peraru pojz ε vazja grēdi ki ε: di era dali pra baŝi ki
 69 ali o clube do operário? pois é... várzea grande que é de... era dali pra baixo que
 70
 71 tīpa kaza desaŝ majs pra ka id era so mataria e: aŭgŭ:aŝ kazī asī ne
 72 tinha casa... dessas mas pra cá ainda era só mataria e algumas casinha assim né...
 73
 74 || si věj ũ ki: ε ũa pessoa k ε pa êtra k ose ve ki vaj trabaja eli
 75 || se vem um que é uma pessoa que é pra entrar que você vê que vai trabalhar ele
 76
 77 nŭ: nŭ deŝa nŭ sej xapa k k esi povu esi povu daki ε fogo na xopa
 78 não não deixa... não sei rapaz que esse povo... esse povo aqui é fogo na roupa...
 79
 80 ew trabaj aki lutu viv ai maŝ ew nŭ meŝu ko vida desiŝ povu ai nō
 81 eu trabalho aqui luto vivo aí mas... eu não mexo com vida desses povo aí... não
 82
 83 adiŝta ew vo peŝde tēpu la pra ke so pa pasa xejva maj puŝke se vaj
 84 adianta... eu vou perder tempo lá pra que? só pra passar réiva mais porque você vai
 85
 86 pidi ũa kojza pra eli ne ve k ε ũa kojza k ose ite prisiza se vaj la
 87 pedir uma coisa pra eli... né ver que é uma coisa que você até precisa você vai lá
 88
 89 pidi la pr eli da ũa mŝw a nŝw nŭ sej ke la odŝ ew nŭ poŝu fika pra taŝ
 90 pedir lá pra ele dar uma mão... a não... não sei que lá hoje eu não posso fica pra tal
 91
 92 dia esi taŝ dia se vaj pasa duaŝ trej sumŝna la dētr tō ne agoŝ se
 93 dia esse tal dia você vai passar duas três semana lá dentro... então né... agora você

94 itʃɛɹg esi pov ai ɛ: epuka di pulitika maj paso a pulitika p ose ve ɛs
 95 enxerga esse povo aí é época de política... mas passou a política... pra você ver essa
 96
 97 eneɹgia memu u kar aki na epuka da pulitika vej aki n̄w puɹk s̄io fe
 98 energia mesmo o cara aqui na época da política veio aqui... não porque senhor fez
 99
 100 m̄do faze x̄uniãw fez ai a: u ʃ̄io podi fika s̄ɛɹtu puɹke vaj akōtese isu
 101 mandou fazer reunião fez aí a o senhor pode ficar certo porque vai acontecer isso
 102
 103 i akilu oja paj pa dize a veɹdadi k ew dza vi esi ōmi ūa dua vej
 104 e aquilo... olha rapaz pra dizer a verdade que eu já vi esse homem uma duas vez
 105
 106 dipojʃ n̄uka maʃ i: ej ta trabajã vaj toka pulitika del ai maʃ ew k̄eru
 107 depois... nunca mais e ele tá trabalhando vai tocar política dele aí mas eu quero
 108
 109 k eli v̄ej aki ī kaz to iʃp̄er̄õn el aki noj vaj puʃa di n̄osa paɹti
 110 que ele vem aqui em casa... tô esperando ele aqui... nós vai puxar de nossa parte
 111
 112 dewʃ kize dza ɛra pa te puʃadu aki ʃ̄ti de mea mea mea x̄eza ew vo
 113 deus quisser já era pra ter puxado aqui antes de minha minha minha reza eu vou
 114
 115 puʃa neɹzi aki a: ta peɹt̄iu daki ali u: kara dza sedew ɛ so ikruziv aki
 116 puxar... energia aqui... a tá pertinho daqui ali o cara já cedeu é só... inclusive aqui
 117
 118 ai t̄ej ū kar ai ki ta: daki da s̄emat̄i ai ta meʃ̄enu ko keli pad̄ãw eliʃ
 119 aí tem um cara aí que tá... daqui da cemat̄i aí tá mexendo com... aquele padrão eles
 120
 121 v̄õ v̄ede ai ne pad̄ãw fiw tudu ɛ ɛ ɛ dia de mea feʃ̄ta tod̄u ʃ̄nu ew puʃu
 122 vão vender aí... né... padrão fio tudo... é é é dia de minha festa todo ano eu puxo
 123
 124 b̄ej pur ai puʃ de la di ʃ̄ afredu ai pur ɛsaz aɹviz̄ia ew f̄iku doʃ paw ũʃ
 125 bem por aí puxo de lá de seo alfredo aí por essas arvorezinha eu finco dois pau...uns
 126
 127 kwatu metu la na xua pa travesa pra ka i puʃ aki pu matu so k ew
 128 quatro metro lá na rua pra atravessar pra cá e puxo aqui para o mato... só que eu

129 nū: podi fika u tēpu ne puḷke: maz ε asī ne u povu daki ε desi dzejt
 130 não pode ficar o tempo né porque... mas é assim né o povo daqui é desse jeito...
 131
 132 a: memu daki memu eliḡ memu pur īzēpu tēj aḡgū ke ne atēnto maḡ si
 133 a mesmo daqui mesmo eles mesmo por exemplo... tem algum que né tentou mas...
 134
 135 si ε pīsipaḡmēti aḡ pisoa di foḷ ejḡ nū detḡa ejḡ nū detḡa ejḡ nū ke
 136 se é principalmente as pessoa de fora eles não deixa... eles não deixa eles não quer
 137
 138 ki ētra pisoa de fora a: riūn ētr eliḡ ne pur īzēpu ka:mera es tros ai
 139 que entra pessoa de fora... a reúne entre eles né por exemplo câmera esse troço aí
 140
 141 faz ū: sej la ū baḡ īnadu i: nē sej direjtu ne se ve es eniḡgia
 142 faz um... sei lá um abaixo-assinado e nem sei direito né... você vê essa energia
 143
 144 memu frēsisiḡku mūteru noḡ tudu fizēmu ū baḡ īnadu u kara dḡa vej
 145 mesmo... francisco monteiro nós tudo fizemos um abaixo-assinado o cara já veio
 146
 147 ūḡ pa del aki ne aḡoḷ nū sej aki kada ū ta putḡḡnu saḡ paḡti ne
 148 uns par dele aqui né... agora não sei... aqui cada um tá puxando suas parte... né...
 149
 150 asī ki ta sēnu aki puḷki povu aki noz aki pur īzēpu sōm ū povu
 151 assim que tá sendo... aqui porque povo aqui nós aqui por exemplo somos um povo
 152
 153 tudu: miḡdi nū metḡ nū vaj puk sinḡw ne ew pur īzēpu nḡw ew nū
 154 tudo humilde não mexe não vai porque senão né... eu por exemplo não... eu não
 155
 156 keḷ puke nū ε k ew to ko maj dzēti viv īdepēdēti deli puke ḡi nū
 157 quero porque... não é que eu tô com mas gente vive independente deli porque se não
 158
 159 diḡt ose fala si depēdi deli nū adḡuda memu ne aki des tuḡm aki
 160 adianta você falar se depende dele não ajuda mesmo... né? aqui dessa turma aqui
 161
 162 k eliḡ fal aki ε ū: nerew esi kara ai trabajo aki u k eli feḡ treḡ
 163 que eles fala aqui é um nereu... esse cara aí trabalhou aqui... o que ele fez três

164 koabi eli fajto tudu feʃ tud a xua fo siʃvisu deli pojz ε ε is ai fogu
 165 cohab... ele asphaltou tudo fez tudo a rua foi serviço dele... pois é é isso aí... fogo
 166
 167 na xopa || ε ew trabaʎu nũa fazêda a: la ew trabaʎu de: ne lĩpeza fazesõ
 168 na roupa || é eu trabalho numa fazenda... a lá eu trabalho de né... limpeza fazeção
 169
 170 batesõ di paʃ:tu fazesõ di seʃ:ka ne is ε k ε mew siwvisu la nũ sej
 171 bateção de pastu fazeção de cerca né... isso é que é meu serviço lá... não sei
 172
 173 agora ne si vaj para u mew siwvisu di batesõ ta peʃtu di tremĩna xeʃta
 174 agora né se vai para o meu serviço de bateção... tá perto de terminar... resta
 175
 176 sêj kitaʎja pa mĩ faze so fiz ũaʃ trezê i poka so ew ko esis doj
 177 cem hectares pra mim fazer só... fiz umas trezentas e pouca... só eu com esses dois
 178
 179 guri mew ejs trabaja mũjtu xapaj sa sumẽn noj saĩmu di la seʃt
 180 guri meu... eles trabalha muito rapaz... essa semana nós saímos de lá sexta
 181
 182 sabadu amẽjẽ ε k ε pa m ikõtra k u dzerêt aki na dzêsja puke u kara
 183 sábado... amanhã é que é pra me encontrar com o gerente na agência porque o cara
 184
 185 viadzeja mũjtu u dõn da fazêda ne eli ãda demaj eli meʃi k akeli negoʃ
 186 viajeia muito... o dono da fazenda né ele anda demais ele mexe com aquele negócio
 187
 188 de: texaprẽjnazi sis negoʃ viadza demaʃ meʃi po a:kri du akr kwaz tudu
 189 de... terraplanagem esses negócio...viaja demais mexe pelo acre do acre quase tudo
 190
 191 esiʃ xeziõw lõ pra fora ne maiz ε bõ pa paga ew nũ tẽj u ki keʃa
 192 esses região... longe pra fora... né... mas é bom pra pagar eu não tem o que queixar
 193
 194 deli tẽj sidu bõ ne nojz ai xesebi puʃ kizẽna ʃego a kizẽna nũ sej
 195 dele tem sido bom né nós aí recebe por quinzena chego a quinzena não sei
 196
 197 amẽjẽ si vaj pasa ne ew fale p u dzerêti la si oses nũ mi derẽ dĩneru
 198 amanhã se vai passar né...eu falei para o gerente lá se vocês não me derem dinheiro

199 amǎpǎ si nũ vī dīperu memu nu siǵvis ew nũ vo nũ ε ki nũ vo to
 200 amanhã se não vim dinheiro mesmo no serviço eu não vou não é que não vou tô
 201
 202 pisizǎnu paga mews negosu ne pra dzēte: movimēta ai eǎ falo nǎw amǎpǎ
 203 precisando pagar meus negócio... né pra gente movimentar aí ele falou não amanhã
 204
 205 noj u sīo m iǵpera la na adzēsja la: ew vo di mǎpǎ nu ōnibuǵ da seti i
 206 nós o senhor me espera lá na agência lá... eu vou de manhã no ônibus da sete e
 207
 208 nojz ikōtr si u ōmi nũ nũ vī ew vo tilǎfōna na kaza deli ai s eli dza
 209 nós encontra se o homem não não vim eu vou telefonar na casa deli aí se ele já
 210
 211 tǵego da viadzi i libera u dīperu ew vo la pega maz ε ūa fazēda boa
 212 chegou da viagem... e liberar o dinheiro eu vou lá pegar... mas é uma fazenda boa
 213
 214 xapaj si nũ sai nũ trabaja aki si nũ sai nũ ǵew gōsal ai memu bǎw
 215 rapaz... se não sair não trabalha aqui se não sair não... seo gonsalo aí mesmo... bom
 216
 217 el īda tēj ese ǵaxetīa deli pa vira ko eli i ew nũ tēj ne ew tēj ε
 218 ele ainda tem esse charretinha dele pra virar com ele... e eu não tem né eu tem é
 219
 220 ki: ε eli vaj faze ǵo frēti saj i kōpr ūa bǎnǎna o ke aǵa kōpra vēdi
 221 que... é ele vai fazer seu frete sai aí compra uma banana o: que achar compra vende
 222
 223 eli vaj si virǎnu ew tēj ki sigura dotu dzejtu prifejtura deǵ ki mi
 224 ele vai se virando... eu tem que segurar doutro jeito... prefeitura? deus que me
 225
 226 peǵdoj fala nũ kōpēsa gǎna ū salaru i asī memu di ū salaru vaj
 227 perdoe falar não compensa... ganha um salário e assim mesmo de um salário vai
 228
 229 dos trej meǵ pra resebe ew nũ ε bate papu nesi fazēda memu ai ew ko
 230 dois três mês pra receber eu não é bater papu nesse fazenda mesmo aí eu com
 231
 232 esiǵ doj guri mew noj gǎna sīku salaru puǵ kīzēna sa sumǎna memu
 233 esses dois guri meu nós ganha cinco salário por quinzena essa semana mesmo

234 agora amãṅṅ ē pra mi da kwatusē sesēta xεaw ne agoṽ ew so nũ sej
 235 agora amanhã ē pra me dar quatrocentos e sessenta real... né... agora eu só não sei
 236
 237 si ora ki trimīna esi siwvisu k ew to fazēnu vaj para puke ōmi ta fej
 238 se hora que terminar esse serviço que eu tô fazendo vaj parar porque homem tá feio
 239
 240 nu troku ta fej ε u sigīti ki la eli: meṽi ko kriṣmi di boj pa ne
 241 no troco... tá feio ē o seguinte... que lá ele mexe com criame de boi pra... né?
 242
 243 kōpra kria pa vēde ne i ta xũj di vēde nũ ke vēde nũ ε ki nũ
 244 compra... cria pra vender né... e tá ruim de vender não quer vender... não é que não
 245
 246 ke vēde u presu nũ kōpēsa ne si eli nũ tēj pa pa na oṽa tudu
 247 quer vender o preço não compensa... né?... se ele não tem pra pa na hora tudu
 248
 249 akela kizēn pelu mē ũ vali pa pa faze ũa kōpr eli ti da eli nũ
 250 aquela quinzena pelo menos um vale pra... pra fazer uma compra ele te dar ele não
 251
 252 deṽ ose sēj dīne ipoṽtṣt ε esi ew nũ vēṽ i kaza saj daki majz ε
 253 deixa você sem dinheiro... importante ē esse eu não venho em casa sai daqui mas ē
 254
 255 vēj kwaj so fī di sumṅna puke nũ kōpēs u negu ta ṣdṅnu ne pega
 256 vem quase só fim de semana porque não compensa o negro tá andando né?... pega
 257
 258 ũ siwvisu ε pa mī faze memu tēj a: tē tudu ew duṽmu la nu sedi ew ko
 259 um serviço ē pra mim fazer mesmo... tem a tem tudo... eu durmo lá no sede eu com
 260
 261 aṽ mīa kriṣsa tēj ũ baxaku la ki noj faj nōsa kumida la nojs trabaja
 262 as minha criança... tem um barraco lá que nós faz nossa comida lá... nós trabalha
 263
 264 memu εs sumṅn esa kizēna memu ew tirej: tirej trīt i seṽ kwaj
 265 mesmo... essa semana essa quinzena mesmo eu tirei... tirei trinta e seis... quase
 266
 267 trīt i novi ikitaṽja ε siwvisu xapaṽ viṽi maria u siwvisu del ε u sigīt
 268 trinta e nove... hectare ē serviço rapaz... virgem maria... o serviço dele ē o seguinte

269 ta baratu si eli tivesi pagãnu ũŷ vīti rɛaw puɔ ekitaɔ tava tãmẽnu pori
 270 tá barato... se ele tivesse pagando uns vinte real por hectare tava tomando porre
 271
 272 nu díeru tava bõna:du ai gwaɔdadu mas: ta poku majs s ose nũ gãpa
 273 no dinheiro tava abonado aí guardado... mas tá pouco... mas se você não ganha
 274
 275 poku nẽ u poku puke ota xɛziãw vaj ve u kara fa p use nãw ew ti pagu
 276 pouco nem o pouco... porque outra região vai ver o cara fala pra você não eu te pago
 277
 278 trīta sīkwēta pur ekitaɔ majz ai se vaj faɔ pra resebe ε ũ ne kade ke
 279 trinta cinqüenta por hectare mas aí você vai faz... pra receber é um né cadê? quer
 280
 281 dize nũ kõpēsa ta mi pagãnu dozi maj noj faɔ kwatu sīku ikitaɔja puɔ
 282 dizer não compensa... tá me pagando doze mas nós faz quatro cinco hectare por
 283
 284 dia ipɔɔtãt ε esi ε: tevi diarja di ew ko esi mīnīnu mew tira tira ũa
 285 dia... importante é esse é teve diária de eu com esse menino meu tirar... tirar uma
 286
 287 basi de: trīt i sīku kwarēta rɛaw kada ũ ipɔɔtãt ε esi kũm agoɔ memu
 288 base de trinta e cinco quarenta real cada um... importante é esse como agora mesmo
 289
 290 ew vo faze esi sumãna sigũda feɔa teɔɔa feɔa k ew vo pra la vo pɛga sēj
 291 eu vou fazer esse semana segunda-feira terça-feira que eu vou pra lá vou pegar cem
 292
 293 kitaɔ pa mī faze la noj dza baziẽmu pa noj xãka esa sēj kitaɔja
 294 hectare pra mim fazer lá... nós já baseemos para nós arrancar essa cem hectare
 295
 296 kō kīzi dia i tira memu nũ tēj tẽpu xũj nãw so ki eli mīnīnada
 297 com quinze dia... e tira mesmo... não tem tempo ruim não... só que ele... menino
 298
 299 novu ne siwvisu brasa eli p mi pasa el ida ta pisiza u mew mīnīnada
 300 novo né? serviço braçal... ele pra me passar ele ainda tá precisa... o meu menino
 301
 302 ε kuɔtumadu nasew i krio nesi siwvisu esi pur izẽpu ki ε pulisia
 303 é acostumado nasceu e criou nesse serviço... esse por exemplo que é policial?

304 mīnīn ai trabafo itro na pulisi maŷ tuda vida eŷ trabaŷav dzūtu kūmigu
 305 menino aí trabalhou entrou na polícia mas toda vida ele trabalhava junto comigo
 306
 307 iŷtudũnu negu bōw nu trēpu pa karā:ba agoŷ eŷ so ta gordũnu nū
 308 estudando... negro bom no trampo pra caramba... agora ele só tá engordando não
 309
 310 faj nad siŷvisī i eŷ di saudi eŷ negu bōw di dia bāw faze eŷ nū
 311 faz nada servicinho e ele de saúde... era negro bom de... dizia vamos fazer ele não
 312
 313 tē tēpu xūj asī memu u otu ew nū trabaju ko tuŷma ew trabaju di
 314 tem tempo ruim assim mesmo o outro... eu não trabalho com turma eu trabalho de
 315
 316 mīa paŷti ε u sigīti aki memu tē baŷtāti ki ke i kūmigu u ōmi
 317 minha parte é o seguinte... aqui mesmo tem bastante que quer ir comigo o homem
 318
 319 kūmu falo pra mī ki nū ke k ew lewu tud pu ka di dīneru ne i
 320 como falou pra mim que não quer que eu levo tudo por causa de dinheiro né e
 321
 322 depoŷ se leva o: ŷmigu nū ε k adžē nū ke ε ki nū da p use leva
 323 depois você leva o amigo não é que a gente não quer que não dar pra você levar
 324
 325 puke se leva tŷega na kīzēna u ōmi da ūa fojad ai nū tēj
 326 porque você leva... chega na quinzena o homem dar uma folhada aí não tem
 327
 328 dīneru ai se fika ko apuradu ne puke ai u: se tēj o:se a mīpa paŷti
 329 dinheiro aí você fica com apurado né? porque aí o você tem você a minha parte...
 330
 331 ew se mi vira k ew tēpu n aōd ew kōpru nu meŷkadu ew tēj kēj mi
 332 eu sei me virar que eu tenho na onde eu compro no mercado eu tem quem me
 333
 334 foŷnesi ai nū tēj dīeru kūm ε k ew vo faze kū ŷmigu ne ew nū
 335 fornece... aí não tem dinheiro como é que eu vou fazer com amigo? né... eu não
 336
 337 ker isu ai tēj ū memu ki ke de la memu desi kaz ta loku pa i i ε
 338 quero isso... aí tem um mesmo que quer de lá mesmo desse casa tá louco pra ir e é

339 bōw: ōmig mīnīnu bōw di siꞥvisu dꞥa trabajo mū tēpu kūmigu toda vida
 340 bom amigo menino bom de serviço já trabalhou muito tempo comigo... toda vida
 341
 342 mew siꞥvisu ε esi toda vida dꞥ iꞥrētej p esis greba xapaj dewz a li maz
 343 meu serviço é esse... toda vida já enfrentei por esses gleba rapaz... deus a livre mas
 344
 345 agoꞥ esi pra mī nada ne agora nū tēj maꞥ maj dꞥa iꞥrētej ke ai nū
 346 agora esse pra mim nada né... agora não tem mas... mas já enfrentei que... aí não
 347
 348 da nada is ε pura bobadzi trabaej ki nēj ũ loko gēnej dīperu kūmu
 349 dá nada esse é pura bobagem... trabalhei que nem um louco...ganhei dinheiro como
 350
 351 nakela epuka gēnej mūjtu dīperu maj nū xesebi nū adiꞥto nada vo
 352 naquela época ganhei muito dinheiro mas não recebi não adiantou nada... vou
 353
 354 lutēn asī memu || tōw gravēnu akeli morēnu ki ta k akela boꞥꞥia
 355 lutando assim mesmo...|| tão gravando aquele moreno que tá com aquela bolsinha...
 356
 357 nū se s ose viw el ε bōw pra kēta kururu ew fale pr eli ki dia di mīa
 358 não sei se você viu? ele é bom pra cantar cururu... eu falei pra ele que dia de minha
 359
 360 feꞥta ε pr eli traze ũa dupr aki pa noꞥs grava ũ bora ε devi
 361 festa é pra ele trazer uma dupla aqui... pra nós gravar... vamos embora... é deve...
 362
 363 bō ve nōdi k iꞥtōw devi se nu gōsa o iꞥtōw ali nu si ditu eꞥꞥ tō tokēnu
 364 vamos ver nonde que estão...deve ser no gonsa ou então no seo dito eles tão tocando
 365
 366 memu vō tōma u kafe dai noꞥ vaj la la ꞥpia tuꞥma ki ta kētēnu kururu
 367 mesmo... vamos tomar o café daí nós vai lá... lá espiar turma que tá cantado cururu

Transcrição, n.º 4

FITA, N.º 09, LADO A	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência de Gonçalo Garcia da Conceição.	
Data: 19 de novembro de 1995.	Duração: 15 minutos.
Informante: Antônio Gonçalo dos Santos.	
Material etnográfico: vídeo e fotografia.	
Observações: neste inquérito, o informante, com a interferência de outros, explica sobre viola de cocho.	

1 ãtõnju gõsalu du sãtus sew kriadu moradoꝝ nasid i kriad aki ε: matu
2 antônio gonsalo dos santos seu criado morador nascido e criado aqui... é mato
3
4 grosu no sãõꝝ du livramẽtu munisipju di no sãõꝝ du livramẽtu ε:
5 grosso nossa senhora do livramento município de nossa senhora do livramento... é
6
7 sesẽt i treꝝ so nasid i kriad aki nest nesta dẽt aki di matu
8 sessenta e trẽs... sou nascido e criado aqui... nesta nesta... dentro aqui de mato
9
10 grosu i: aki na rezidẽsa di no sãõꝝ du livramẽtu ε nã ew so
11 grosso... e aqui na residẽcia de nossa senhora do livramento... é não eu sou
12
13 naꝝid fora ma ε diꝝtãtĩ peꝝtĩ ne ε munisip aki nasi dẽ du
14 nascido fora mas é distantinho pertinho nẽ... é município aqui... nasci dentro do
15
16 munisipu itãw ε: pojz ε a mĩa dẽsẽdẽsa mewz avo εꝝa siarẽsu agoꝝ ew
17 município... então é pois é a minha descendẽcia...meus avõ era cearense...agora eu
18
19 dza so di mĩa mãj pra ka mãj εꝝa fia di siarẽsu ew so tẽj rãmu so pu
20 já sou de minha mãe pra cá mãe era filha de cearense eu só tem ramo só por

21 kaw di mēj ne maʃ: ew dʒa so nasid aki ẽm a nosa terra sĩtu filiʃ gras a
 22 causa de mãe né mas eu já sou nasci aqui... amo a nossa terra sinto feliz graças a
 23
 24 dewʃ mi poʃperu tud dzũtu kũ mewʃ pu ĩzẽp kũpẽeʃ ẽmigu na nosa
 25 deus me prospero tudo junto com meus por exemplo companheiro amigo... na nossa
 26
 27 rodadzi dẽt aki da kaz di mew subrĩ ĩtẽw a dzẽti sĩti mũtu filiʃ
 28 rodagem dentro aqui da casa de meu sobrinho então a gente sente muito feliz
 29
 30 kwãd ĩkõtra sẽpr asĩ uz ẽmigu ne tudu riunidu nakela rodadzi ɛ: ũ
 31 quando encontra sempre assim os amigo né tudo reunido naquela rodagem é um
 32
 33 praze k a dzẽti tẽj ne mora bẽj ai es kaz ai pur ĩkwã to parad ali
 34 prazer que a gente tem né... mora bem aí essa casa aí por enquanto tô parado ali...
 35
 36 akeli dia kwaj k ew saj na teve maj ai eʃ eʃ eʃ faj mũtu eliʃ kiriõ mi
 37 aquele dia quase que eu sai na tevê mas... aí ele ele ele faz muito eles queriam me
 38
 39 pega i na kuva ew demaʃ de rũj de voʃ ke tava nẽw ke sabe dʒa vo
 40 pegar aí na curva... eu demais de ruim de voz que tava não quer saber já vou
 41
 42 iʃkuregãn daki pa mĩ nũ si nẽw vaj sai ew ai tẽbẽj vaj fiʃma ew i vaj
 43 escorregando daqui pra mim não se não vai sair eu aí também... vai filmar eu e vai
 44
 45 pasa dimaʃ ai ew nũ kiʃ ma ew vo pera na: na otra prosima veʃ ki
 46 passar demais aí eu não quis... mas eu vou esperar na... na outra próxima vez que
 47
 48 fo faze ota gravasõ si dzẽ si de kredita si a dzẽti tive bẽw a dzẽti
 49 for fazer outra gravação se a gente se deus acreditar se a gente tiver bom a gente
 50
 51 proʃpera sai tẽbẽj ĩtẽw vẽmu sĩti filiʃ nos tuduʃ kũpẽperu ke: dewz
 52 prospera sai também... então vamos sentir feliz nós todos companheiro que deus
 53
 54 adzuda nõʃ tudu pa kore tudu kũ kore bẽj u sĩo i: a mĩnĩna pra ki sigi
 55 ajuda nós tudo pra correr tudo com correr bem o senhor e a menina pra que segue

56 ne pra ũa ora [ne po baʃtu] pra da tudu seʃtu [ne ʃo m̃nu] nojʃ xiuni
 57 né pra uma hora [né nhô basto?] pra dar tudo certo [né seo mano?] nós reüne
 58
 59 tudz ãmigu kũp̃pera:da k ε s̃epi kuʃtumadu it̃w a dz̃eti foʃm ũa
 60 todos amigo companheirada que é sempre acostumado então a gente forma uma...
 61
 62 ũa brĩkadera pa sai bunitu maz ew kiria ε pa sai nesi m̃m̃etu ε:sa si
 63 uma brincadeira... pra sair bonito mas eu queria é pra sai nesse momento... essa se
 64
 65 nojʃ so nojʃ gr̃d ãsĩ a nũ kiria krĩs ibola:du puke aʃ krĩsa
 66 nós... só nós grande assim a não queria criança embolado porque as criança
 67
 68 trapalã mũjtu ne kũmu fiko la dimaʃ kriã:sa ε: divia ε te a ora daʃ
 69 atrapalham muito né... como ficou lá demais criança é devia é ter a hora das
 70
 71 krĩsa eliʃ i kũmu ε fiʃmasi eliʃ k̃ta:nu kũmu saiw pra pa sai so elis
 72 criança eles... e como é filmasse eles cantando como saiu... pra... pra sair só eles
 73
 74 ozi aʃ kriã:sa ãsĩ ki siri a dz̃enti iʃpera ki ũa ora noj faʃ isu ||
 75 sozinho as criança assim que seria... a gente espera que uma hora nós faz isso... ||
 76
 77 di tuda m̃nera a kumesu da ε a letra a ue se vaj k̃ta ũa tuada
 78 de toda maneira a começo da é a letra a... ué você vai cantar uma toada...
 79
 80 a:laja:laja:laja: el saj na fr̃eti ε u a || a: tudĩ si nũ tive nũ va nũ
 81 alaialaialaia ela sai na frente é o a... || a tudinho se não tiver não vai não
 82
 83 aseʃt tive deʃ novi aseʃta tudu nũa kũbĩnasõ si itra ũ ũ maj batʃu
 84 acerta... tiver dez nove acerta tudo numa combinação se entrar um um mais baixo
 85
 86 ũ milĩmitru o majz aʃtu ũa koʃda ai akeli la di trapaja tudu puʃke
 87 um milímetro ou mais alto uma corda... aí aquele lá de... atrapalha tudo... porque
 88
 89 ñej ũa ñej ũ da da zuad daʃ koʃda nũ nũ nũ tr̃ʃpari nũ faʃ
 90 nem uma nem um da da zoada das corda não não... não transparece... não faz

91 trãsparẽsa foja da da du tuado puke s ose iŝta ta nũa aŗtuŗa akela
 92 transparẽncia fora da da do toador... porque se vocẽ... estã tá numa altura aquela
 93
 94 tãbẽj ta akela dza ta maj batŝu paresi ŝsĩ ĩ vej dela fika nũ memu
 95 tambẽm tá aquela já tá mais baixo... parece assim... em vez dela... ficar num mesmo
 96
 97 sōw seŗtu el iŝtrova ejŝ tuduŝ dimãtŝa ai eliŝ pẽsa ki ε eli pẽsa k
 98 som certo ela estorva eles todos... desmancha... aí eles pensa que é... ele pensa que
 99
 100 ε u deli ki ta dimãtŝãnu i eliŝ tãbẽj pẽsa ki u deli ta dimãtŝãnu
 101 é o dele que tá desmanchando e eles tambẽm pensa que o dele tá desmanchando...
 102
 103 ĩtō tẽ ki ta tud igwa ai se pẽs i fal a: ε so ũa viola ki ta tokãnu
 104 então tem que tá tudo igual... aí vocẽ pensa e fala a é só uma viola que tá tocando...
 105
 106 ũa koŗda ũa koŗda ki dimĩti aki ε: ela nũa ε kũm u violōw u violōw
 107 uma corda uma corda que desmente aqui... é ela não é como o violão... o violão
 108
 109 dizẽ diŝ ki tẽj sõt i vĩti puzisōw ne u violōw diŝ ki tẽj sõt i vĩti
 110 dizem diz que tem cento e vinte posiçãõ né... o violão diz que tem cento e vinte
 111
 112 puzisōw maŝ a viola noŝ toka ela pur ĩzẽpu ε kwazi so ũa puzisōw majŝ
 113 posiçãõ mas... a viola nós toca ela por exemplo é quase só uma posiçãõ mas
 114
 115 pra kẽj sabĩ a siŗkũstõsa k ela tẽj se ũnaliza bẽj tãtu fajŝ s
 116 pra quem sabe a: circunstãncia que ela tem... vocẽ analisa bem... tanto faz... se
 117
 118 ose tok ela nũa aŗtura si po ũ sōw nela nu kumesu pur ĩzẽpu kũm
 119 vocẽ toca ela numa altura... se por um som nela no começo... por exemplo... como
 120
 121 agoŗa si fo ũa feŝta odzi ne agoŗ nu kere feŝa noŗti ki vaj kumesa
 122 agora... se for uma festa hoje né agora no querer fechar noite que vai começar...
 123
 124 el ĩtra batŝu batŝĩna dipoj vaj vaj vaj vuse fala o kũpõneru bõ eŗge eŗ
 125 ela entra baixo baixinha depois vai vai vai vocẽ fala ó companheiro vamos erguer ela

126 maj ũ bukadĩṅ ew suṣpēdu ũ bukadĩṅ aki a mĩṅa tudu mũdu tēj ki
 127 mais um bocadinho? eu suspendo um bocadinho aqui a minha todo mundo tem que
 128
 129 suṣpēde igwalzĩṅ a mĩṅa kũfoṅmi aṣ tuada.. akela tuada bēj awta dṅa pid
 130 suspender igualzinho à minha... conforme as toada... aquela toada bem alta já pede
 131
 132 a viola kṅtu maz aṅtu bṅ eṅge majs ũ bukadĩ ai suṣpēd
 133 a viola quanto mais alto... vamos erguer mais um bocadinho?... aí suspende
 134
 135 igwaṅzĩ i: ṅsĩ ba ĩnu ai kwēd amṅṅesi u dia ki krara: u pessoa vaj
 136 igualzinho... e assim vai indo... aí quando amanhece o dia que clarar o pessoal vai
 137
 138 abri:nu ne i vō ĩd ĩbo:ra akeliṣ ki gwēta kṅta te u koṅpu du dia tudu
 139 abrindo né i vão indo embora aqueles que agüentar cantar até o corpo do dia... tudo
 140
 141 bēj i kēj nũ gwēta: vaj saĩnu ne maz e: ũa diveṅsō mũṅtu bunita
 142 bem... e quem não agüentar... vai saindo né... mas é uma diversão muito bonita
 143
 144 kwēdu prokori tudu bēj ũa riuniṅ:w ki ose fa:z ṅsĩ podi te duzētaṣ
 145 quando percorre tudo bem... uma reunião que você faz assim... pode ter duzentas
 146
 147 pessoa o miw pesoaṣ pō kore tudu bēj sēj atrapaṅasṅw di briga di nada e
 148 pessoa ou mil pessoas pode corre tudo bem sem atrapalhação de briga de nada é
 149
 150 ũa maraviṅa i pur isu k a gravasṅw so fika bũnit e ṅsĩ kũm ew to falṅnu
 151 uma maravilha e por isso que a gravação só fica bonita é assim como eu tō falando
 152
 153 si faze ũ rodeju vṅ supo ki ta foṅa di bibidisi puṅke tudu mũdu tēj
 154 se fazer um rodeio vamos supor que tá fora de bebedice... todo mundo tem
 155
 156 akēṣ sītũnizasṅw de: brĩk ṅsĩ ĩ aṅmũnia di uniṅw tō maravja
 157 aquela sintonização de brincar assim em harmonia de união... então... maravilha

Transcrição, n.º 5

FITA, N.º 09, LADO B (PRIMEIRA PARTE)	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência do entrevistado.	
Data: 19 de novembro de 1995.	Duração: 10 minutos.
Informante: Gonçalo Garcia da Conceição (Gonça).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: o informante explica sobre cururu, siriri e baile.	

1 pu sño ve têm kururu těj bajli i těj siriri ítšw u siriri ε kűpšpadu
2 para o senhor ver tem cururu tem baile e tem siriri... então o siriri é acompanhado
3
4 du kururu ítšw faz a feŝta feŝta di kururu viola di kotŝu gěza po bajli
5 do cururu... então faz a festa festa de cururu viola de cocho ganzá... para o baile
6
7 violšw kavakīpu būbu gitara esas koza du bajli tudu sň uŝ tipu d
8 violão cavaquinho bumbo guitarra essas coisa do baile tudo sň os tipo de
9
10 ĩstrumėtu ne u siriri ε ũ katŝōw kubεĵtu di ũ koru pa bate ko doŝ
11 instrumento né o siriri é um caixão coberto de um couro pra bater dois
12
13 poreti u gěza i a viola ε u siriri ítšw ke dize ki tud ε ũa divεĵšw
14 porrete o ganzá e a viola... é o siriri... então quer dizer que tudo é uma diversão
15
16 maz a divεĵšw du ōmi a divεĵšw du ōmi ε esaŝ koza ε u kururu a
17 mas a diversão do homem... a diversão do homem é essas coisa é o cururu a
18
19 divεĵšw das muŝe ε u siriri i u bajle u ōmi tšběj dšs u bajli maj dza
20 diversão das mulher é o siriri e o baile o homem também dança o baile mas já

21 e maʃ maj nũ e tʃega:du mũtu e deferēti e deferēti du kururu u bajli e
 22 é mas mas não é chegado muito... é diferente é diferente do cururu o baile é
 23
 24 deferēti du kururu u kururu e ũ u bajli e otu u siriri e otu kada ũ
 25 diferente... do cururu... o cururu é um o baile é outro o siriri é outro cada um
 26
 27 tēj ũa paɽti it̃ ew goʃtu maʃ du kururu du ke du bajli puke u kururu e
 28 tem uma parte... então eu gosto mais do cururu do que do baile porque o cururu é
 29
 30 ũa kojza ki nũ tēj briga u bajli da mũjta kojza mũjtu iroʃku mũjta
 31 uma coisa que não tem briga... o baile da muita coisa muito enrosco muita
 32
 33 briga mũjta kojza erada ne it̃ew dza u kururu nũ tēj nada disu puke s̃io
 34 briga muita coisa errada né... então já o cururu não tem nada disso porque senhor
 35
 36 ta li k̃t̃nu u kara nũ vaj piza nu ʃio puke u ʃio dza tēj ʃa vaga
 37 tá ali cantando o cara não vaj pisar no senhor porque o senhor já tem sua vaga
 38
 39 ʃeɽtu tēj a vaga ʃeɽtu da ora di k̃ta kw̃du e vaga dakeli e dakeli
 40 certo tem a vaga certo da hora de cantar quando é vaga daquele é daquele
 41
 42 dakeli e dakeli ai tʃego a m̃i e m̃i ne ñg̃ej t̃oma e meɽma kojza
 43 daquele é aquele aí chegou a minha é minha né ninguém toma... é mesma coisa
 44
 45 ki ũa kojza k e sew e sew ʒs̃i e ki e u kururu na fr̃eti ñej pra traj
 46 que uma coisa que é seu é seu... assim é que é o cururu... na frente nem pra trás
 47
 48 nũ podi k̃ta ikw̃tu esi ñw trim̃ina ai ũ trim̃ina otu k̃a:ta ot adzuda
 49 não pode cantar enquanto esse não terminar aí um termina outro canta outro ajuda
 50
 51 ai pasa pa fr̃eti ʒs̃i e ki e e fuɽmad ũa dupra e m̃ema kojza ki doʃ
 52 aí passa pra frente assim é que é... é formado uma dupla é mesma coisa que dois
 53
 54 k̃to ki vaj k̃ta ʒs̃i e ki e it̃w es e u kururu k e ũ foɽmatu ke:
 55 cantor que vai cantar assim é que é... então esse é o cururu... que é um formato que
 56
 57 e a feʃt ai k e a feʃta feʃta di kururu it̃w kw̃du e so bajli ne ñe nũ
 58 é a festa aí que é a festa festa de cururu... então quando é só baile né não não

59 tēj kururu e so bajli itōw kwōdu tēj kururu kururu siriri es e da tēra
 60 tem cururu é só baile... então quando tem cururu cururu siriri esse é da terra
 61
 62 ne ε: viola de kotʃu taj eʃte e u siriri kŭpēneru du kururu ne
 63 né é viola de cocho... taí... este é o siriri companheiro do cururu né...
 64
 65 de madrugada ew vi u galu kōta saju na dzōnel ew vi mew bēj pasa
 66 de madrugada eu vi o galo cantar saio na janela eu vi meu bem passar
 67
 68 de madrugada ew vi u galu kōta saju na dzōnel ew vi mew bēj pasa
 69 de madrugada eu vi o galo cantar saio na janela eu vi meu bem passar
 70
 71 eʃta morēna mi fa tʃora naviw ta nu poʃtu ta na ora d ībaʃka
 72 esta morena me faz chorar navio tá no porto na hora de embarcar
 73
 74 aj aj bōmu pasia poʃtera du meju naz ōda du ma
 75 ai ai vamos passear porteira do meio nas ondas do mar
 76
 77 aj aj bōmu pasia poʃtera du meju naz ōda du ma
 78 ai ai vamos passear porteira do meio nas ondas do mar
 79
 80 de madrugada ew vi u galu kōta saju na dzōnel ew vi mew bēj pasa
 81 de madrugada eu vi o galo cantar saio na janela eu vi meu bem passar
 82
 83 de madrugada ew vi u galu kōta saju na dzōnel ew vi mew bēj pasa
 84 de madrugada eu vi o galo cantar saio na janela eu vi meu bem passar
 85
 86 eʃta morēna mi faʃ ʃora naviw ta nu poʃtu ta na ora d ībaʃka
 87 esta morena me faz chorar navio tá no porto na hora de embarcar
 88
 89 aj aj bōmu pasia poʃtera du meju naz ōda du ma
 90 ai ai vamos passear porteira do meio nas ondas do mar
 91
 92 aj aj bōmu pasia poʃtera du meju naz ōda du ma
 93 ai ai vamos passear porteira do meio nas ondas do mar
 94
 95 esi e u siriri ne i dza u kururu e kŭmu noʃ kōta dobra tok
 96 esse é o siriri né... e já o cururu é como nós canta... dobra toque

Transcrição, n.º 6

FITA, N.º 09, LADO B (SEGUNDA PARTE)	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência de Gonçalo Garcia da Conceição.	
Data: 19 de novembro de 1995.	Duração: 25 minutos.
Informantes: Antônio Gonçalo dos Santos e Gonçalo Garcia da Conceição (Gonça).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia.	
Observações: os informantes serão identificados, na transcrição, por inf1 (Antônio Gonçalo dos Santos) e inf2 (Gonçalo Garcia da Conceição).	

inf1

- 1 vo fala ki bibida pa dzêti muadzêtu tēj mūjtu ki e desi najpi fika
2 vou falar que... bebida pra... gente moagento... tem muito que é desse naipe... fica
3
4 ko a ũa muadzi sī graserá si a dzêti ta nūa riuniō pur isu k ew falu
5 com a... uma moagem sem graceira se a gente tá numa reunião por isso que eu falo
6
7 faze ũa riuniō eja: 3sī pa pa tira ũa fotografi:a o pa fiçma: pra mī
8 fazer uma reunião... era assim... pra pra tirar uma fotografia ou pra filmar pra mim
9
10 pasa ai na teve ne ew nū açava ki nū divia ũa ora 3sī ũ dia ki nū
11 passar aí na tevê né eu não achava que não devia uma hora assim um dia que não
12
13 tives esas muadzē:ti trēzitēn nesaç paçti n3w so ki aç kri3sa diviria
14 tivesse essas moagento transitando... nessas parte não... só que as criança deveria
15
16 afaçta ũ poku pra depojz elis saia fikav ma:js as kri3sa ew atçava i
17 afastar um pouco... pra depois eles saía ficava mais as criança... eu achava e

18 puke saia so uŝ grēdi ũsĩ nu fiŋmamētu bōw pra pra pa grava ε ũsĩ
 19 porque saia só os grande assim no filmamento... bom pra pra pra gravar é assim
 20
 21 forēti di feŝta puke na feŝta ε pur ĩzēpu kēj ta kētōn u kururu ta
 22 forante de festa porque na festa... é... por exemplo quem tá catando o cururu tá
 23
 24 kētōn ai se nēj nū saj direjtu akeli pēperu ne ĩtōw dza saj akeli pēperu
 25 cantando aí se nem não sai direito aquele pampeiro né então já sai aquele pampeiro
 26
 27 ose nēj nū divuŋga diretu si foŋ bēj noŋmalizadu fika bunitu a: ε bunit
 28 você nem, não divulga direto... se for bem normalizado fica bonito... a é bonito
 29
 30 ũsĩ a gravasōw fika bunitu si sai eli a līpu ũsĩ i gravōnu pur
 31 assim a gravação fica bonito se sair ele a limpo assim... e gravando por
 32
 33 ĩzēpu dzēti i fizes a gravasō ũsĩ kūmu kēj tēj u toka fita kūmu
 34 exemplo a gente... e fizesse a gravação assim... como quem tem o toca fita... como
 35
 36 fizes a gravasō aki pa depoŝ tira u fiŋmamētu da dzejtu ĩtōw ũsĩ
 37 fizesse a gravação aqui pra depois tirar o filmamento... dá jeito?... então assim
 38
 39 fikava bōw ε kūm eli feŝ majz ũsĩ separadu kūmu tava
 40 ficava bom... é como ele fez mas assim separado como tava

inf2

41 mew paj εr ũ bajōnu veŋu i poeta kētado di kururu i era bōw
 42 meu pai era um baiano velho e poeta... cantador de cururu e era bom...
 43
 44 era bōw pra kēta avi maria ej tīa ũa tuada ki falava sī
 45 era bom pra cantar... ave maria... ele tinha uma toada que falava assim
 46
 47 mēmēj kōmu k ew vivu neŝti mūdu padeŝēnu mew viŝtidu dza raŋgo mīa
 48 mamãe como que eu vivo neste mundo padecendo meu vestido já rasgou minha

49 redi t̄bēj nū preſta mīa fiſe tēpa paſēſa detſ as koza meſora
 50 rede também não presta minha filha tenha paciência deixe as coisas melhorar
 51
 52 maſ ose vaj duſmīnu ko ſu eſm̄ kūmigu nīgēj nū duſmi m̄m̄j
 53 mais você vai dormindo com sua irmã comigo ninguém não dorme mamãe
 54
 55 mīa redi t̄bēj nū preſta nēj u ladu nū tēj maſ pūnu
 56 minha rede também não presta nem o lado não tem mais punho...
 57
 58 u vej eſ dureza eli foj nūa feſta i tſego la tav ū rapaſ i ūa moſa
 59 o velho era dureza... ele foi numa festa e chegou lá tava um rapaz e uma moça
 60
 61 ſētadu nēm̄r̄nu ne tavē kūveſſ̄nu la ai eli dew ūa voſta aſi dew
 62 sentado... namorando né... tavam conversando lá... aí ele deu uma volta assim deu
 63
 64 ūa oſada a moſa ko aſ p̄na dzogad ūa puſ ſīma da otra i varo a ba
 65 uma olhada a moça com as perna jogado uma por cima da outra e varou a barra
 66
 67 nakeli tēp uzava kūbīnas̄w ki fali varo a bara da kūbīnas̄w
 68 naquele tempo usava combinação que fala varou a barra da combinação
 69
 70 i era de aſguduī i eli viw ai eli falo vo faze ūa tuad agora
 71 e era de algodão... e ele viu... aí ele falou vou fazer uma toada agora
 72
 73 i k̄ta de pōtu p esa mīnīna i fez a tuad i k̄to
 74 e cantar de ponto pra essa menina... e fez a toada e cantou
 75
 76 iw to goſt̄nu du modu dakela moſa el e bunit i ſda bē preparada veſti
 77 eu tô gostando do modo daquela moça ela é bonita e anda bem preparada veste
 78
 79 viſtidu de seda faſ koki nu kabelu i vaj ſīta p̄tu de ſew bēj pra
 80 vestido de seda faz coque no cabelo e vai sentar perto do seu bem pra
 81
 82 kūv̄ſa ela vaj kūv̄ſ̄nu vaj fik̄nu diſtraida vūse ſabi ke na feſta
 83 conversar ela vai conversando vai ficando distraída você sabe que na festa

84 tēj dzēt areparado ū dza viw dza kōto pra otru i ew nōw vi maļ tōw
 85 tem gente reparador um já viu já contou pra outro e eu não vi mas tão
 86
 87 falōnu kūbīnasōw del ε di aļguduī
 88 falando combinação dela é de algodoim
 89
 90 iw to goļtōnu du modu dakēla mosa el ε bunit i ēda bē preparada veļti
 91 eu tô gostando do modo daquela moça ela é bonita e anda bem preparada veste
 92
 93 viļtidu de seda faļ koki nu kabelu i vaj sīta pārtu de ļew bēj pra
 94 vestido de seda faz coque no cabelo e vai sentar perto do seu bem pra
 95
 96 kūvāļja ela vaj kūvāļšōnu vaj fikōnu diļtraida vūse sabi ke na feļta
 97 conversar ela vai conversando vai ficando distraída você sabe que na festa
 98
 99 tēj dzēt areparado ū dza viw dza kōto pra otru i ew nōw vi maļ tōw
 100 tem gente reparador um já viu já contou pra outro e eu não vi mas tão
 101
 102 falōnu kūbīnasōw del ε di aļguduī
 103 falando combinação dela é de algodoim
 104
 105 kōd eli kabo di kōta a mosa levōto i falo pu nōmōradu ose mi da
 106 quando ele acabou de cantar a moça levantou e falou para o namorado você me dá
 107
 108 lisēsa k ew vo ali i voļtu maj nū voļto ate odzi i ai ū dia eli tļego
 109 licença que eu vou ali e volto... mas não voltou até hoje... e aí um dia ele chegou
 110
 111 na kaza d ūa komadri deli tļego na kaza d ūa komadri deli ai eli foj
 112 na casa de uma comadre dele... chegou na casa de uma comadre dele... aí ele foi
 113
 114 falo oja komadri tudu nu mūdu a dzēti ve maj nū pōdi fala nada poļke si
 115 falou olha comadre tudo no mundo a gente vê mas não pode fala nada... porque se
 116
 117 nō se trat a dzēti di mitļirikeru ai falo a: kūpadi ε ēsī memu u povu
 118 não se trata a gente de mexeriqueiro... aí falou a compadre é assim mesmo o povo

119 fala mŭjtu i kojz i taw ne ai nesa ora ũa fiĶa da komadri falo pra otra
 120 fala muito e coisa e tal né... aí nessa hora uma filha da comadre falou pra outra
 121
 122 falo a: u ki k ose ke ose e bunita maĶ ta maĶ faladu ai a komadri deli
 123 falou a o que que você quer? você é bonita mas tá mal falado... aí a comadre dele
 124
 125 k e de mew paj viro i falo ũsĩ o: kriĶsa oseĶ tĶ falĶnu bobadĶi peĶtu
 126 que é de meu pai... virou e falou assim ô crianĶa vocês tão falando bobagem perto
 127
 128 du papagaju k er u mew paj ne ai eli falo a: ew nĶj iĶkujtej ne ew nĶj
 129 do papagaio... que era o meu pai né... aí ele falo a eu nem escuitemi... né... eu nem
 130
 131 iĶkujtej ne ew nĶj iĶkujtej ne ai bĶw eli foj falo asi: eli foj falo
 132 escuitemi... né... eu nem escuitemi... né... aí bom ele foi falou assim ele foi falou
 133
 134 asĩ falo ew nŭ iĶkujtej komadri i nesa ora eli pego i saiw pego i
 135 assim falou... eu não escuitemi comadre... e nessa hora ele pegou e saiu... pegou e
 136
 137 saiw pra ĩbora tĶgo na iĶtrada fez a tuada ai eli fez a tuada i kĶto
 138 saiu pra embora... chegou na estrada... fez a toada... aí fez a toada e cantou
 139
 140 la ĩ kaz ew to kriĶnu ũ fiĶu de papagaju zĶbeteru dĶa ta falĶnu bĶj
 141 lá em casa eu tô criando um filho de papagaio zombeteiro já tá falando bem
 142
 143 tudu k ĩsĩn el aprĶdi o ke el uvi eĶ fala i ew vi eli fala
 144 tudo que ensina ele aprende o que ele ouve ele fala e eu vi ele falar
 145
 146 akela mos e bonita ma dĶa ta tĶ maĶ faladu dĶa peĶdew Ŷo mirisimĶtu
 147 aquela moĶa é bonita mas já tá tão mal falado já perdeu seu merecimento
 148
 149 aj mew papagaju ej mew riku loru nĶw fala da vid aĶeja
 150 ai meu papagaio ei meu rico louro não fala da vida alheia
 151
 152 la ĩ kaz ew to kriĶnu ũ kaza de papagaju
 153 lá em casa eu tô criando um casal de papagaio

154 la ī kaz ew to krišnu ū kaza de papagaju
 155 lá em casa eu tô criando um casal de papagaio
 156
 157 tudu k el uvi eli fala
 158 tudo o que ele ouve ele fala
 159
 160 la ī kaz ew to krišnu ū fiġu de papagaju zōbeteru dza ta falšnu běj
 161 lá em casa eu tô criando um filho de papagaio zombeteiro já tá falando bem
 162
 163 tudu k ĩsĭn el aprēdi o ke el uvi eġ fala i ew vi eli fala
 164 tudo que ensina ele aprende o que ele ouve ele fala e eu vi ele falar
 165
 166 akela mos e bonita ma dza ta tš maġ faladu dza peġdew Ŷo mirisimētu
 167 aquela moça é bonita mas já tá tão mal falado já perdeu seu merecimento
 168
 169 aj mew papagaju ej mew riku loru nšw fala da vid aġeja
 170 ai meu papagaio ei meu rico louro não fala da vida alheia
 171
 172 kwšdu ele fez a tuada i kšto a kŭmadi falo ew nŭ fale pr oseġ
 173 quando ele fez a toada e cantou... a comadre falou eu não falei pra vocês
 174
 175 krišsa ki nŭ falasi bobadzi peġtu du papagaju avi maria
 176 criança que não falasse bobagem perto do papagaio?... ave maria
 177
 178 u vej era dureza a: esi tšmē e di mew paj esa fal asĭ
 179 o velho era dureza... a esse também é de meu pai... essa fala assim
 180
 181 aj dzēti to goġtšnu de mew šmoġ těj me dad ū bō parese
 182 ai gente tô gostando de meu amor tem me dado um bom parecer
 183
 184 ew tĭna tratadu ku ela ki ia dumĭgu pasia
 185 eu tinha tratado com ela que ia domingo passear
 186
 187 ela mšdo fala pra mĭ ke fosi sigŭda fera
 188 ela mandou falar pra mim que fosse segunda feira

189 esi dia papaj nū ta māmāj sēpri okupadu la na kūzīna
 190 esse dia papai não tá mamãe sempre ocupado lá na cozinha
 191
 192 ĭtǝw vēna sedu ke noʃ tēj tēpu pra kūvēʃa
 193 então venha cedo que nós tem tempo pra conversar
 194
 195 do praze pra kēj meresi para kēj va kōmētā:
 196 dou prazer pra quem merece para quem vá comentando
 197
 198 dzēti to goʃtǝnu de mew ǝmoʃ tēj me dad ũ bō parese
 199 gente tô gostando de meu amor tem me dado um bom parecer
 200
 201 ew tīna tratadu ku ɛla ki ia dumīgu pasia
 202 eu tinha tratado com ela que ia domingo passear
 203
 204 ɛla mǝdo fala pra mī ke fosi sigūda fera
 205 ela mandou falar pra mim que fosse segunda feira
 206
 207 esi dia papaj nū ta māmāj sēpri okupadu la na kozīna
 208 esse dia papai não tá mamãe sempre ocupado lá na cozinha
 209
 210 ĭtǝw vēna sedu ke noʃ tēj tēpu pra kūvēʃa
 211 então venha cedo que nós tem tempo pra conversar

infl

212 ew trbaj kwaz tu siqvisu toku ĭprejta fazesō di seʃka fazesō di kuxaw
 213 eu trabalho quase tudo serviço... toco empreita fazeção de cerca fazeção de curral
 214
 215 ɛʃas kojz trabaj ĭ lavoʃ ĭ xosa nɛ majz ew goʃtu maz ɛ: fazesō di
 216 essas coisa... trabalho em lavoura em roça né... mas eu gosto mais é fazeção de
 217
 218
 219 seʃka fazesō di kuxa ĭ fazēda desi k ew goʃtu maʃ trabaj ĭ
 220 cerca... fazeção de curral em fazenda... desse que eu gosto mais... trabalho em

221 kaɣpĩtaria siɣvisu ma groseru t̃mẽ trabaju i tudu maʃ nũ goʃtu
 222 carpintaria serviço mais grosseiro... também trabalho em tudo mas... não gosto
 223
 224 mũjtu disu ma puke e siɣvisu maj sĩpri ne fazesõ di kuxa e di mēnaʃ e
 225 muito disso... mas porque é serviço mais simples né fazeção de curral é de menas é
 226
 227 mēnaʃ prikupasõ ne puke siɣvisu di kaɣpĩtaria leva mũ:jt̃a priʃiz mũjta
 228 menas preocupação né porque serviço de carpintaria leva muita... precisa muita
 229
 230 pasiẽ:sja i dza ũ siɣvisu di fazesõ di kuxa fazesõ di seɣk dza ũ
 231 paciência... e já o serviço de fazeção de curral fazeção de cerca já um
 232
 233 siɣvisu e ũ siɣvisu ma sĩpri ne t̃õ e meʎo pa dzẽti du ki ũ siɣvisu
 234 serviço...é um serviço mais simples né então é melhor pra gente...do que um serviço
 235
 236 mũ:jt̃u kũprikadu maj fazesõ di kaza tud esaʃ kojza ew meʃu maz ew nũ
 237 muito complicado... mas fazeção de casa tudo essas coisa eu mexo mas eu não
 238
 239 goʃtu puke e e mũjtu kũprikasẽ kũprika mũjt̃ a idẽa da dzẽti it̃ẽ ew
 240 gosto porque é... é muito complicação complica muito a idẽia da gente... então eu
 241
 242 goʃtu maʃ desi siɣvisu maʃ groseru ũa fazesõ di kuxa fazesõ di seɣka
 243 gosto mais desse serviço mais grosseiro... uma fazeção de curral fazeção de cerca

inf2

244 u õmi ki nũ tẽj mũjta koradzi nũ ikara isu pa faze ũa rosa u s̃io tẽj ki
 245 o homem que não tem coragem não encara isso... pra fazer uma roça o senhor tem
 246
 247 ki rosa ũa mata viɣdzi deruba kerima diʃkutĩna ela ai tẽ ki diʃtoka
 248 que roçar uma mata virgem derrubar queimar descortinar ela aí tem que destocar
 249
 250 pr̃ta dipoj da pr̃ta pr̃tadu tẽj ki trata del ũaʃ trej vezi pra ela da
 251 plantar depois da planta plantado tem que tratar umas três vez pra ela dar
 252
 253 sēmẽti diʃkutĩna e: nos si trata diʃkuɣvara e koɣta uʃ gaʎu keɣma lĩpa
 254 semente... descortinar é nós se trata descoivarar é cortar os galho queimar limpar
 255
 255 tera e diskuɣtĩna ai pra pode diʃtoka pra pr̃ta tẽj ki faze tud isu
 256 terra... é descortinar... aí pra poder destocar pra plantar... tem que fazer tudo isso

Transcrição, n.º 7

FITA, N.º 14, LADO A	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência do entrevistado.	
Data: 10 de dezembro de 1995.	Duração: 12 minutos.
Informante: Benedito Jorge de Campos (Dito).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: não há.	

1 de xos iw itēdu tudu mēnuaw tēmēj seḷka de kwaḷke seḷka tēmē iw fasu
2 de roça eu entendo tudo manual também... cerca de qualquer cerca também eu faço
3
4 arēmi faḷpadu arēmi lizu siḷvisu groseḷ di primeḷ trabajava di siḷvisu
5 arame farpado arame liso... serviço grosseiro... de primeiro trabalhava de serviço
6
7 di kaḷpītaria fazia idzējḷnu di paw kwēd ew morava la p u sitju di mue
8 de carpintaria fazia engenho de pau... quando eu morava la para o sítio... de moer
9
10 kōna ida nū viw akeli siḷtēma aḷ tre moēda de pe a du mej putḷa aḷ dua
11 cana ainda não viu? aquele sistema... as três moenda de pé a do meio puxa as duas
12
13 de bōd eḷ ai fazia nu tēpu di nov ma agoḷ nū metḷu maz a kadera nū
14 de banda esse aí fazia no tempo de novo mas agora não mexo mais a cadeira não
15
16 agwēta fika sētadu doj demaḷ a majo paḷt e sētadu i di kōki esa
17 agüenta ficar sentado dói demais... a maior parte é sentado e de cócoras... essa
18
19 madera di faze idzējḷnu e fejt ūa kabisīḷna neḷ pra ka i pra ka ki nojs
20 madeira de fazer engenho é feito uma cabecinha nele pra cá e pra cá que nós

21 trata guri ai fajz o: ũ furĩnu nu toku pra ka i pra ka i ĩkatŷ el aki i
 22 trata guri aí faz o um furinho no toco pra cá e pra cá e encaixa ele aqui e
 23
 24 aki ai pōj ũ de pe asĩ nũ: nũ paw i pedalñn eli p el arodja i tēj ki
 25 aqui aí pōe um de pé assim num num pau e pedalando ele pra ele rodear e tem que
 26
 27 kaɿpi k o foɿmẽw riŷkẽnu eli atɛ eli xedōda bẽj xedōdĩ atɛ eli da a
 28 carpir com o formão riscando ele até ele arredondar bem redondinho... até ele dá a
 29
 30 xoda direjtĩ ai fajz u piŷkosu ai fajz u kōpasu puɿ dētu a trej moēda
 31 roda direitinho... aí faz o pescoço aí faz o compasso por dentro a três moenda
 32
 33 ai ki vaj faze depoŷ tēj tŷumasera ke: ĩgata uŷ peŷkosu ne do: daŷ trej
 34 aí que vai fazer... depois tem chumaceira que engata os pescoço né do das três
 35
 36 moēda esas kojza ŷtigu ɛɿ difisi ne tudu mẽnuaw odzi nũ tēj maŷ u
 37 moenda... essas coisa antigo era difiçil né... tudo manual hoje não tem mais... o
 38
 39 pesoaɿ fala ki u mũdu fiko rũj fiko kojz aōdi maj odzi ɛ ki fiko fasi
 40 pessoal fala que o mundo ficou ruim ficou coisa aonde mas hoje é que ficou fáçil...
 41
 42 pa mora trẽjpoɿ tudu noj morava pra ka na beɿ d iŷtra di ka viadzã pa
 43 pra morar transporte tudo nós morava pra cá na beira da estrada de cá viajar pra
 44
 45 vadza gẽdi iw ɛɿ xapagoti di kĩzi ŷnu majz o mẽnu de kaxosa trej buxu
 46 várzea grande eu era rapagote de quinze ano mais ou menos de carroça três burro
 47
 48 baɿdiava mẽtimētu ai mej dia soɿtav u buru na iŷtrada dava u paŷt
 49 baldeava mantimento... aí meio dia soltava o burro na estrada dava o pasto
 50
 51 diŷkẽsava eŷ rũmava de novu na karōsa i: mẽdava ɛɿ iŷtra di tŷõw a
 52 descansava ele arrumava de novo na carroça e mandava... era estrada de chão... às
 53
 54 vej tĩna kĩzi vĩti kaoseru so kũpẽpera:da ɛɿ trej dia pa vĩ pa
 55 vezes tinha quinze vinte carroceiro só companheirada... era três dia pra vim pra

56 vadza gādi vēdia a kaļg i voļtava trej dia iw mōrava nu tšapadō du
57 vārzea grande vendia a carga... e voltava... três dia... eu morava no chapadão do
58
59 kšp alegi aļ veš ke: buru iškapava ne fudzia i pesoa fikava batēnu
60 campo alegre... às vezes que burro escapava né fugia e pessoa ficava batendo
61
62 kabesa tīņa u karu de boj k era sō maderā puļ ne ki ε dejsd a xōda
63 cabeça... tinha o carro de boi que era sō madeira pura né que é desde a roda
64
65 εļ akeli xōdōw de: di paw ne i tīņ a: kaxeta ne k ε fejtū akeli xaju
66 era aquele rodão de de pau né e tinha a carreta né que é feito aquele raio
67
68 mia karos εļ šsī ke dize ki a kaxeta i u kaxu de boj ε tud du boj i
69 minha carroça era assim... quer dizer que a carreta e o carro de boi é tudo do boi e
70
71 a kaxosa dza ε p u buxu depoj foj īnu foj īnu laļgšn di kaxosa dza foj
72 a carroça já é para o burro... depois foi indo foi indo largando de carroça já foi
73
74 tšarete ε kavalu esi šdava maj xapu se ve kwštas koza foj diferēsia:nu
75 charrete... é cavalo esse andava mais rápido... você vê quanta coisa foi diferenciando
76
77 ai da tšareti dza foj pasšnu pa kaxu ne a karosa šdava maš u karu de
78 aí da charrete já foi passando pra carro né... a carroça andava mais o carro de
79
80 boj 3ļ maj divaga i u memu boj ki noš trabajava ko eli nes īdzēš
81 boi era mais devagar... e o mesmo boi que nós trabalhava com ele nesse engenho...
82
83 ai dzodzav u boj tīņ a kšga ne ki noj fal ī sīma du kšgoti di ū i di
84 aí ajoujava o boi tinha a canga né que nós fala... em cima do cangote de um e de
85
86 otu i marava na mēdzara du īdzēš axodja:nu || nū īzisti maš tštu kōmu
87 outro e amarrava na majarra do engenho rodeando... || não existe mais tanto como
88
89 εļ ne dza frakaso baštšti majz aki εļ luga de mūjta bšnšna ne nuš
90 era né já fracassou bastante... mas aqui era lugar de muita banana né no

91 kumesu esi negoŝ desa bññna ki viro esa vēdesōw de bññna foj majz o
 92 começo... esse negócio dessa banana que virou essa vendação de banana foi... ou
 93
 94 mēnu de sesēt i sīku pra ka ke veju kada ve maj ne omētñn u kūmzŝu
 95 menos de sessenta e cinco pra cá que veio cada vez mais né aumentando o comércio
 96
 97 di bññna maj nu maj nu mew tēpu k ew eŝ k ew kriej k ew eŝ gurizoti
 98 de banana mas no mais no meu tempo que eu era que eu criei que eu era gurizote
 99
 100 prētav ŝsī so pa kume || nu mew tēpu k era mewŝ parētadzi la tudu
 101 plantava assim só pra comer... || no meu tempo que era meus parentagem lá todo
 102
 103 mūdu kriava gad eŝ miŝturadu nū tīa esi negoŝu di seŝka dividisōw di
 104 mundo criava gado era misturado não tinha esse negócio de cerca divisão de
 105
 106 matu a arja eŝ tud ī kōmū ora di toka tudu mūdu tīp uniōw ne ta:
 107 mato... a área era tudo em comum... hora de tocar todo mundo tinha união né tava
 108
 109 miŝturadu toka: tudu nu kuxa di ū nū nū detŝava nū diŝkaxelava pa
 110 misturado tocava tudo no curral de um não não deixava... não descarreirava pra
 111
 112 nū fika brabu ai tirav u ŝew soŝtava uz ot el ia p u kēpu ai oŝ k
 113 não ficar brabo... aí tirava o seu soltava os outro ele ia para o campo... aí hora que
 114
 115 eŝ otu ki ia toka tēmēj tokav eŝ desi dzejtu tēmēj ne i odzi nū
 116 era outro que ia tocar também tocava era desse jeito também né... e hoje não
 117
 118 tēj majz isu ne si tive ū aeju nu paŝtu o eli dza da dzejtu di fika
 119 tem mais isso né se tiver um alheio no pasto ou ele já dá jeito de ficar
 120
 121 ko eli o itōw mēda tira ne e e pur isu k ew falo ki: u otru tēpu
 122 com ele ou então manda tirar né... é... é por isso que eu falo que o outro tempo
 123
 124 tudaŝ kojza nū pōtu era difisi ne maj nū ota paŝti era meŝo
 125 todas coisa num ponto era difícil né mas numa outra parte era melhor

Transcrição, n.º 8

FITA, N.º 17, LADO A	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência da entrevistada.	
Data: 16 de dezembro de 1995.	Duração: 12 minutos
Informante: Ana Rosa de Arruda Silva.	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: não há.	

1 daki u m̃sebu ai eo eo ifiw ẽsĩ i p̃õn aki no aɔku akel iʃkarosado
2 daqui o mancebo aí eu eu enfio assim e ponho aqui no... arco aquele descaroçador
3
4 i akel ɛ u aɔku m̃sebu fuzu ɛ fia eʃti ki ta ki ai ẽtʃi otu ai p̃õj
5 e aquele é u arco... mancebo... fuso... é... fia este que tá aqui aí enche outro aí p̃õe
6
7 u do dzũtu pa inovela ai fa akeʃ novelãw ai pa pode faj de duaʃ p̃eɔn
8 o dois junto pra enovelar... aí faz aquele novelão aí pra pode faz de duas perna...
9
10 tẽj dzẽti ki fia fiw fiĩ: mẽm u s̃io dza viw desi ki p̃õj na makina ki
11 tem gente que fia fio fininho mesmo...o senhor já viu desse que p̃õe na máquina que
12
13 p̃õ pa pojz ɛ diʃ k esi fia violẽtu iw kiria p̃õna ũ desi pa mĩ fia
14 p̃õe pra...pois é diz que esse fia violento eu queria apanhar um desse pra mim fiar...
15
16 duvida iw fiav ũ koɔt nũ dia ũ koɔt ɛ oɔtu novelu ke da pa faze ũa
17 duvidar eu fiava um corte num dia... um corte é oito novelo... que dá pra fazer uma
18
19 redi tẽj dzẽti k ɛ nuvilĩpu vaj vaj deʃ mew novelu grãd asi oɔtu da ũa
20 rede...tem gente que é novelinho vai vai dez meu novelo grande assim... oito dá uma

21 xedõna boa da ù kojt di redi e kãm akeli dali dza vaj novi novelu e
 22 redona boa... dá um corte de rede é como aquele dali já vai nove novelo é
 23
 24 novelu pekën nũka midi a: kwãtuŝ fiw ta i nũka midi nũ sej kwãtu
 25 novelo pequeno... nunca medi... a quantos fio tá aí.. nunca medi... não sei quanto
 26
 27 ke da || ãna roza ãna roza di aruda siyv iw so de ù miŝ novisët i
 28 que dá... || ana rosa... ana rosa de arruda silva... eu sou de um mil novecentos e
 29
 30 novët i kwatu ojtët i kwatu trīt i kwatu ù miŝ novisët i trīt i
 31 noventa e quatro oitenta e quatro trinta e quatro... um mil novecentos e trinta e
 32
 33 kwatu nos idadi miw i de loru di noj doŝ primeru votu ki noj fõmu da
 34 quatro... nossa idade meu e de louro de nós dois primeiro voto que nós fomos dar
 35
 36 mew padĩu saŝvado mëtõ kwatu ãnu ni nos idadi omëtõ kwatu
 37 meu padrinho salvador aumentou quatro ano ni nossa idade... aumentou quatro
 38
 39 ãnu i foj arũmadu tud uŝ pape no tudu pur esi omëtadu kwatu ãnu
 40 ano e foi arrumado todos os papel nosso tudo por esse aumentado quatro ano...
 41
 42 kwatu ãnu pa noj vota kiria ki noj votas noj nũ tĩa idadi owmëtõ
 43 quatro ano pra nós votar queria que nós votasse nós não tinha idade... aumentou
 44
 45 nos idadi kwatu ãnu a maŝ ai fiko || i xajga dza depoj di vej ki raŝga
 46 nossa idade quatro ano a mais... aí ficou... || e rasga já depois de velho que rasga...
 47
 48 iw vo vëde e dai poŝ sēj vali ne nũ fajš tēpu iw vëdi duaŝ i ida
 49 eu vou vender esse daí por cem... vale né... não faz tempo eu vendi duas e ainda
 50
 51 ke k iw fasu ũa es iw nũka feŝ nũ sej nēj kwãtu ke vali dakeli
 52 quer que eu faço uma... esse eu nunca fez não sei nem quanto que vale... daquele
 53
 54 fiw frãseŝ ki tēj na vëda dza kõpa u fiw kõpradu maz e fi:na mēm tēj
 55 fio francês que tem na venda... já compra o fio comprado mas é fina mesmo... tem

56 di meada tēj di nevelu noj dza fizēmu di meada agoļ dza vēj tudu
 57 de meada tem de novelo... nós já fizemos de meada... agora já vem tudo
 58
 59 noveladu ne novelu pojz ε desi desi d aļgudžw tēj dakeliš ki kōpa
 60 novelado né... novelo... pois é desse desse de algodão... tem daqueles que compra
 61
 62 maj demaj moli ne akeļ xedi kōmu ki fala siarēsja ne ūa redi mo:li i
 63 mas demais mole né aquela rede... como que fala... cearense né uma rede mole e
 64
 65 esi nšw e daki dura dura maj du ke ūa redi desi fršseļ u sio
 66 esse não esse daqui dura... dura mais do que uma rede desse francês... o senhor
 67
 68 kōpra ū desi i kōpr ū di fiw fršseļ i uļ aj dua dzūtu p u sio ve
 69 compra um desse e compra um de fio francês e usa as duas junto para o senhor ver
 70
 71 pojz ε kūm ew tav falšnu da redi ke u sio uza aj dua u di fiw fšseļ
 72 pois é como eu tava falando da rede que o senhor usar as duas o de fio francês
 73
 74 kaba esi dai fika ε maj forti fiw fiadu dura iw goļt a: diveļti fazēn
 75 acaba esse daí fica... é mais forte fio fiado... dura... eu gosto... a diverte fazendo
 76
 77 di primeru nojs tisia mew padīu ļaļvado noj īda marava maj varšda
 78 de primeiro nós tecia meu padrinho salvador nós ainda amarrava mais varanda
 79
 80 tisia a redi īda marav aršd maradu nū powzīpu i depoļ pa prega na
 81 tecia a rede ainda amarrava varanda... amarrado num pauzinho e depois prega na
 82
 83 berada da red šsi pregadu f bunitu || ε bšw so k ε majļ fasi faze i tēj
 84 beirada da rede assim pregado fica bonito... || é bom só que é mais fácil fazer... e tem
 85
 86 ki fajz ese: kuļturadu na makīna fika buni:tu ne esi dia maria feļ aki
 87 que faz esse costurado na máquina fica bonito né... esse dia maria fez aqui
 88
 89 ū petļi ūa dōna ki kūmēdo ela feļ ū petļi maj fiko buni:tu korasžw
 90 um peixe uma dona que encomendou ela fez um peixe mas ficou bonito... coração...
 91
 92 faj dakeli di ībigīp šsi fika ūa beleza di bunitu ε fika bunitu
 93 faz daquele de umbiguinho assim... fica uma beleza de bonito... é fica bonito

94 mēm iw kiria faze nū atʃv u p̃nu fiʃ nū saku e daki ε masi:w
 95 mesmo... eu queria fazer não achava o pano fiz num saco... esse daqui é macio...
 96
 97 fiʃ ũ ki fej batʃeru di kavalu pa loru po nu cavalu fiʃ diʃparati o ke
 98 fiz um que fez baixeiro de cavalo pra louro... por no cavalo fiz disparate... o que?...
 99
 100 de: bate tatʃu faze dosi iʃkumadera ε kaʃke dosi noj fazia baʃtā:te
 101 de bater tacho fazer doce... escumadeira... qualquer doce nós fazia bastante
 102
 103 rapadura rapadurīa de lejtī ai bati tē ki bate no tatʃu ejs daki ε u
 104 rapadura rapadurinha de leite aí bate tem que bater no tacho... esse daqui é o
 105
 106 pil̃w soka e soku aroʃ so miʃu farofa pasoka ε ũa delisja mē sok
 107 pilão socar eu soco arroz soco milho farofa paçoca... é uma delícia mesmo... soco
 108
 109 kū farīa maj fika goʃtoz || primeru prēt u gudōw ai koj tudu gudōw ai
 110 com farinha mais fica gostoso... || primeiro planta o algodão aí colhe todo algodão aí
 111
 112 va iʃkarosa ai bati ai vaj fia o k i teraʃ doʃ fuzu i novela faze ũa
 113 vai descarregar... aí bate... aí vai fiar hora que inteirar dois fuso enovela... fazer uma
 114
 115 kwaʃta kwatu fuzu i ũ novelu ai depoʃ faj meada deli ai boja eli ai pōj
 116 quarta quatro fuso e um novelo... aí depois faz meada dele aí bóia ele aí pōe
 117
 118 a milīna na p̃nela detʃa feʃve pōj u fiw tīdzi detʃa sika ai va uʃdzi ε
 119 a melanina na panela deixa ferver pōe o fio tinge deixa secar aí vai urgir... é
 120
 121 uʃdzi ε ʃsī pōj duaʃ takwarīa i u buriti ai pasa na takwarīa mēm ora
 122 urgir é assim pōe duas taquarinha e o buriti aí passa na taquarinha mesma hora
 123
 124 ki pasa ε duaʃ takwarī pasa ũ daki pra la otu di ʃsī ũ di ʃsī
 125 que passa é duas taquarinha passa um daqui pra lá outro de assim um de assim
 126
 127 nū ε pa i parja u doj fiw dzūtu si par u doj fiw dzūtu nū preʃta esi ki
 128 não é pra emparelhar o dois fio junto se parar o dois fio junto não presta... esse que
 129
 130 bat ε batedera esi ε iʃpitʃadera takwarī ε akej fīnī ki ta la nu buruti
 131 bate é batedeira esse é espichadeira taquarinha é aquele fininho que tá lá no buriti

Transcrição, n.º 9

FITA, N.º 22, LADO A	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência da entrevistada.	
Data: 04 de fevereiro de 1996.	Duração: 10 minutos.
Informante: Elídia Brasília de Guilhermina Campos (Lídia).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: não há.	

1 dza prötu ne so di faze ew nũ: fiku kõtêti ew bebu eli paresi k ew nũ
2 já pronto né só de fazer... eu não fico contente eu bebo ele parece que eu não
3
4 bibi ew go di ve u trope na groza ãsĩ ew ralu fasu dai ew fiku kõtêti ||
5 bebi eu gosto de vê o tropel na grosa assim eu ralo faço daí eu fico contente ||
6
7 eli sów da: koriza dai eł mudaꝝ pra ka ta fazênu trejz õnu k eli mor ai
8 eles são da corizal daí ele mudaram pra cá tá fazendo três ano que ele mora aí...
9
10 ai eliꝝ těj ew igwaꝝ mǎj deł tʃego du siꝝvisu dza věj aki dza tʃega dza
11 aí eles tem eu igual mãe dele... chegou do serviço já vem aqui já chega já
12
13 věj mi kasa pra õd ew to a muje deł tǔmẽ igwaꝝ: mĩa igwazĩ esa
14 vem me caçar pra onde eu tô a mulher dele também igual minha... igualzinho essa
15
16 maria mew ea ta pra la de la eli věj věj ve kũmigu si piꝝiz aꝝgũa
17 maria meu ela tá pra lá de lá ele vem vem ver comigo se preciso alguma

18 kojza el aprōta eli me adzuda ate a ropa pa mī ela bati na makīna ||
 19 coisa ele apronta ele me ajuda até a roupa pra mim ela bate na máquina ||
 20
 21 odzi tīa foꝝmatuꝝa di ojtava seri ai noj fōmu pra la fōmu dza eꝝ deꝝjz
 22 hoje tinha formatura de oitava série aí nós fomos pra lá... fomos já era dez
 23
 24 oꝝ ai fikēmu pra la ate: ūa oꝝ i mea nu grupu nu kolēdzu ne ai vīēmu
 25 hora aí fiquemos pra lá até uma hora e meia no grupo no colégio né... aí viemos
 26
 27 de la pa ka maj soꝝ kēti ki parisia ki tav asōn a dzēti ai tꝝegēm
 28 de lá pra cá mas sol quente que parecia que tava assando a gente aí chegemos
 29
 30 aki nū demoro desew a tꝝuv foꝝmōn e neta mew a neta i esa mīnīna
 31 aqui não demorou desceu a chuva... formando é neta meu a neta e essa menina
 32
 33 desi ki tꝝego aki u guri mew e ki vaj foꝝma nū to lēbradu si e dia
 34 desse que chegou aqui... o guri meu é que vai formar... não tô lembrado se é dia
 35
 36 vīt i doꝝ e vīt i kwatu e pur ai || nū fuj se sabi iw nū sabia nēj k
 37 vinte e dois é vinte e quatro... é por aí... || não fui... você sabe eu não sabia nem que
 38
 39 eli feꝝ oja dakēla veꝝ k eli feꝝ k era k eli pego akēla mīnīna murēnīa
 40 ele fez olha daquela vez que ele fez que era que ele pegou aquela menina moreninha
 41
 42 ki laꝝgarū ne se sabi a kwaꝝ ki e ūa murēnīa batꝝīa ōsī a k eli tēj ū
 43 que largaram né você a qual que é? uma moreninha baixinha assim aquele tem um

44 fiyu ko eli ai eli saju pa trabaja a mīnina lajgo deli kŭp̃j̃no m̃j̃
 45 filho com ele aí ele saio pra trabalhar... a menina largou dele acompanhou mãe
 46
 47 bajdio uŝ trēj d̃esa veŝ eli mi avizo deŝta veŝ nŭ mi avizo it̃w d̃za
 48 baldeou os trem dessa vez ele me avisou desta vez não me avisou então já
 49
 50 feŝz otu t̃ŝa di p̃ñela a s̃i da mīnina ne ew nŭ foj ew nŭ foj at̃ŝu ki
 51 fez outro chá de panela?... a sim da menina né... eu não foi... eu não foi acho que
 52
 53 pu mo dak̃ela veŝ eli mi dew u kaŝt̃̃ ai nŭ foj ai fale k̃ ia k̃ōpra o: a
 54 pro mode daquela vez ele me deu o cartão aí não foi aí falei que ia comprar o a
 55
 56 l̃ēbr̃sa pa m̃i da pr̃ eli ne ai eli lajgaru d̃ ũ a otu muje lajgo deli ne
 57 lembrança pra mim dar pra ele né aí ele largaram de um a outro mulher largou dele
 58
 59 vo k̃ōpra ñō || deŝdi kw̃d̃ op̃ereŝ mew oju nŭ p̃osu k̃ūz̃iŝa t̃ēŝ veŝ vo
 60 vou comprar não... || desde quando operei meu olho não posso cozinhar tem vez vou
 61
 62 faze kumida ŝsi na fog̃ōw de: fog̃ōw a gaŝ foj iw fike demaj di s̃ēŝ d̃zeŝtu
 63 fazer comida assim na fogão de fogão a gás foi eu fiquei demais de sem jeito...
 64
 65 se faj ε fog̃ōw di l̃ēja ne dosi fika goŝtozu m̃j̃ de: d̃esa noŝa mew k̃ ε
 66 você faz é fogão de lenha né?... doce fica gostoso... mãe de dessa nora meu que é
 67
 68 kazada ko nelju ε dai feŝ pa m̃i ũ dia no f̃ōmu la de noŝti el ar̃ūmo pa
 69 casada com nélio é daí fez pra mim um dia nós fomos lá de noite ela arrumou pra
 70
 71 m̃i ma b̃ēŝ goŝto:su || mewz ε novi ne so k̃ ew k̃rieŝ fora esi ki nŭ k̃rio
 72 mim mas bem gostoso... || meus é nove né só que eu criei fora esse que não criou...

73 so u dzõ ki nũ ε kazadu eliŷ tudu sõ di uniõw tẽj ke: baŷtõt eũmõdadi
 74 só o joão que não é casado... eles tudo são de união... tem que bastante irmandade
 75
 76 ne briga ne aj vẽj mata eũmõw eũmõw õsĩ mew grasaz a dewš nũ:ka nẽj
 77 né?... briga né aí vem mata irmão irmão assim meu graças a deus nunca nem
 78
 79 eliŷ brigaru ej nũ brigõ iw tẽj trõt i ojtu õnu di kazada kase kũ
 80 eles brigaram eles não brigam... eu tem trinta e oito ano de casada... casei com
 81
 82 dizeseŷ sabi mãmẽj nũ detŷava noj sai nũ detŷava noj paŷja nãmõra
 83 dezesseis... sabe? mamãe não deixava nós sair não deixava nós passear namorar
 84
 85 kwõdu ki detŷava noj nãmõra era ũa feŷta εa nũ detŷava nojz i i
 86 quando que deixava nós namorar... era uma festa ela não deixava nós ir... e
 87
 88 siŷvisu siŷvisu εla detajava pa noj ne odzi ose faj taŷ kojza taŷ kojza
 89 serviço? serviço ela detalhava pra nós né hoje você faz tal coisa tal coisa
 90
 91 i taŷ kojza i εla memu saia ia paŷja õda i noj nõw so tabajõnu a dzẽti
 92 e tal coisa e ela mesmo saía ia passear andar e nós não só trabalhando... a gente
 93
 94 muia kõna fazia rapadura bota: fogu akeli kĩturõw tudu i dzẽti fazẽnu
 95 moía cana fazia rapadura botava fogo aquele quenturão todo e a gente fazendo...

Transcrição, n.º 10

FITA, N.º 23, LADO A	
Local: Nossa Senhora do Livramento, residência do entrevistado.	
Data: 22 de fevereiro de 1996.	Duração: 30 minutos.
Informante: Gonçalo Garcia da Conceição (Gonça).	
Material etnográfico: vídeo e fotografia da família, do interior e exterior da casa.	
Observações: em se tratando de inquérito indireto, o assunto é bem variado.	

1 i ae: ʃo m̃nue k̃um e ki ta u siŋoɔ to b̃ow [a siŋora ta boa tudu b̃ow]
2 e aí seo manuel... como é que tá o senhor? tô bom [a senhora tá boa? tudo bom]...
3
4 gõ:ja mo tud i oɔd o: ew demoɔej dima:ʃ pa nojz ikõtraɔ di nov
5 vergonha moço tudo em ordem o... eu demorei demais... pra nós encontrar de novo
6
7 [ba taɔd] ñua fazê ñu dew seɔtu u õmi e demaj di x̃ũ fale vo laɔga:
8 [boa tarde] numa fazenda não deu certo... o homem é demais de ruim falei vô largã
9
10 puɔke ñu da: ne a: u õmi feju ñu dew na:da foj p̃esimu dimaj it̃w
11 porque não dá né... a... o homem feio... não deu nada... foi péssimo demais... então
12
13 ew itrej la trabaj̃nu direjtu mosu ew tir̃nu lejti k̃ũ ãa t̃ʃuvara:da
14 eu entrei lá trabalhando direito moço... eu tirando leite com uma chuvarada
15
16 ãa la:ma u kura tudu moɔa:du u gadu ki ñũ kiria itra: i ai u siõ veju
17 uma lama o curral tudo molhado o gado que não queria entrar... e aí o senhor veio...
18
19 na ora la e eli t̃ʃego ã dia ai: o kura ta fej ne ʃo gõsaɔ fale e ta fej
20 na hora lá... e... ele chegou um dia... aí... o curral tá feio seo gonçalo falei é tá feio

21 ʃo pedu u s̃io pudia arũma ũ morãw kũ arãmi noj faze ũ kura
 22 seo pedro o senhor podia arrumar um mourão com arame... nós fazer um curral
 23
 24 separadu di ladu ne ate seka u kura a ma nũ tẽj u arãmi ta difisi nũ
 25 separado de lado né até secar o curral... a mas não tem o arame tá difícil não
 26
 27 tẽj morãw nũ tẽj u õmi dew ũa voɽtĩa la i pa abriw a poɽteɽ du
 28 tem mourão não tem... o homem deu uma voltinha lá e pá abriu a porteira do
 29
 30 kura soɽto u gadu ew fale ma o s̃ioɽ soɽto u gadu a ew soɽte puɽke u
 31 curral soltou o gado eu fale mas o senhor soltou o gado?... a eu soltei porque o
 32
 33 kura ta mojadu dimaj a isu ai pra soɽta u gadu ew era sufisiẽti pra isu
 34 curral tá molhado demais... a isso aí pra soltar o gado eu era suficiente pra isso...
 35
 36 ew ki to metʃẽnu ew ki to ne kõmu u s̃io faz isu a ai ew fale a nũ vaj
 37 eu que tô mexendo eu que tô né... como o senhor faz isso?... aí eu falei a não vai
 38
 39 da seɽtu ai ew pege ṽi boɽ dza tĩa deɽj dia di seɽvisu eli nũ mi pago
 40 dar certo aí eu peguei vim embora... já tinha dez dia de serviço ele não me pagou...
 41
 42 i fiko maɽ kũmigo k eli pasa puɽ mi vira a kara nu karu pa nũ mi oja e:
 43 e ficou mal comigo que ele passa por mim vira a cara no carro pra não me olhar e...
 44
 45 ew fale ma eu nũ to dẽnu fe de deɽ kõtu de: ne deɽj dia de seɽvisu deɽa
 46 eu falei mas eu não tô dando fé de dez conto de né... dez dia de serviço deixa
 47
 48 pra la za a: e: pra nũ paga ne ai ew ṽi ũ dia ai ṽi aki ew sobi ki voseɽ
 49 pra lá já... a é pra não pagar né... aí eu vim um dia aí vim aqui eu soube que vocês
 50
 51 tĩpãw ṽidu tĩõ dadu ũ pase:ju || tevi ũa feɽta ẽ ʃo loru u fĩnadu
 52 tinham vindo... tinham dado um passeio... || teve uma festa em seo louro o finado
 53
 54 peɽdẽmu ũ ãmigãw majs e kõmu la diz u ditadu ʃo mãnuẽ a dzẽti pra more
 55 perdemos um amigão... mas é como lá diz o ditado seo manuel a gente pra morrer

56 baʃta ta viv no sōmu igwaɣ galīpa e: e: ta vivu so ate ora ki ne deus
 57 basta tá vivo nós somos igual galinha e... é... tá vivo só até hora que ne deus
 58
 59 kɛ: ora ki deus dza: fala ta na ora ta na ora nū tēj na:da mori memu
 60 quer... hora que deus já... falar tá na hora tá na hora não tem nada morre mesmo
 61
 62 se tēj ki faze kōmu u kareka feʃ ne: ɛtšw esi kara fez ũa trēpulīnadzi
 63 você tem que fazer como o careca fez né então... esse cara... fez uma trampolinegem
 64
 65 kū a moɣ:ti ai a moɣti falo o rapajs ew so ũa pessoa ki tʃgo dia seɣtu
 66 com a morte aí a morte falou ó rapaz... eu sou uma pessoa que chegou dia certo
 67
 68 ew vēɣu buʃka memu ne nū tēj nada eli falo nã:w negosu garštidu podi
 69 eu venho buscar mesmo né não tem nada ele falou não negócio garantido pode
 70
 71 u sīo vī itšw tʃego nakela epuka k eli tīa kūbīnadu tudu kū a
 72 o senhor vim então chegou naquela época que ele tinha combinado tudo com a
 73
 74 moɣti a moɣti veju ne dza faɣtava asī kōm ũ dia pra mēpē asī pra
 75 morte... a morte veio né já faltava assim como um dia pra amanhã, assim pra
 76
 77 tʃega eli falo a: maz ai ew nū keru i aida a muʃe deli falo ma oʃe
 78 chegar... ele falou a mas aí eu não quero ir ainda a mulher dele falou mas você
 79
 80 garštiw pra eli ki ose i:a ne eɣ falo maz ew to mūjtu novu pra i ne nū
 81 garantiu pra ele que você ia né? ele falou mas eu tô muito novo pra ir né não
 82
 83 vo nšw ne ew nū vo ew nū vo e ai a moɣti falo a muje falo majs: nū
 84 vou não... né... eu não vou eu não vou e aí a morte falou a mulher falou mas não
 85
 86 vaj te dzejtu d ose nū i: puɣke eli vaj ti kūnese eli falo nšw ew vo
 87 vai ter jeito de você não ir... porque ele vai te conhecer... ele falou não eu vou
 88
 89 faze ũa trēpulīnadzi pra eli foj nū baɣberu mēdo tira baɣba i pela a
 90 fazer uma trampolinegem pra ele foi num barbeiro mando tirar barba i pelar a

91 kabesa rapa ko la:mīna fiko kareka el era kabiludžw ne dzejtadu ne
 92 cabeça rapar com lâmina ficou careca... ele era cabeludão né ajeitado né
 93
 94 bigodudu ej nū vaj mi kūnese puķe eli kūnesi ū kabiludu vaj atša ū
 95 bigodudo... ele não vai me conhecer porque ele conhece um cabeludo vai achar um
 96
 97 kareka nū vaj metše kūmigu ne rapaš u ōmi ětro nūa fera de povu
 98 careca não vai mexer comigo né?... rapaz o homem entrou numa feira... de povo...
 99
 100 ětro nesa fe:ra i fiko nu me dakeli povarew ma povu i eli por ali
 101 entrou nessa feira e ficou no meio daquele povaréu mas povo... e ele por ali
 102
 103 trĕkilā:w ne ia moṗti tšego a muje deli falo a: eli: ta na fer eli foj
 104 tranqüilão né e a morte chegou... a mulher dele falou a ele tá na feira ele foi
 105
 106 la na fera ne maz eli vĕj ki ora fal a: nū sej ki ora k eli vĕj a fe
 107 la na feira, né... mas ele vem que hora? falou a não sei que hora que ele vem a feira
 108
 109 a moṗti falo ew to ko presa ew tĕj ki vī buška eli i: ta na ora i desew
 110 a morte falou eu tô com pressa eu tem que vim buscar ele e tá na hora... e desceu
 111
 112 la pra fer i ětra: ew kūne ai u otru ne kūpĕneĭ da moṗti pregūto
 113 lá pra feira... e entra eu conheço aí o outro né companheiro da morte perguntou
 114
 115 ose kūnes eli fal kūnes ε ū kara kabiludu baĭbudžw di bigodi grĕdi
 116 você conhece ele? falou conhece é um cara cabeludo barbudão de bigode grande
 117
 118 i vaj nū oja nū ε esi ε esi nū ε: vaj notu ε esi nū ε: vaj nesi ε esi
 119 e vai num olha não é esse é esse? não é vai noutro é esse? não é vai nesse é esse?
 120
 121 nū ε: oja šo mĕnue dza tĭa ědadu a fer ĭte:ru i o: az ora deli dza tĭa
 122 não é olha seo manuel já tinha andado a feira inteiro e ó as hora dele já tinha
 123
 124 vĕsi:du eli falo ta dĕnadu ew nū so kapaj di pega u ōmi bōw kū
 125 vencido... ele falou tá danado eu não sou capaz de pegar o homem... bom... com

126 aki:lu eli dew ũa êtrada êsĩ paro êsĩ koso a moꝝti ne koso a kabesa
 127 aquilo... ele deu uma entrada assim parou assim coçou a morte né coçou a cabeça
 128
 129 fal e: ta dñnad i u kareka paradu êsĩ era eli ne ai diŝ ki a moꝝti viro
 130 falou é tá danado e o careca parado assim era ele né aí diz que a morte virou
 131
 132 ojo: pra kara deli ne ai ojo pr u otu falo o se ke sabe ũa kojza
 133 olhou pra cara dele, né, aí olhou para o outro falou ó você quer saber uma coisa?...
 134
 135 noj dza kasẽmu memu u kara nũ ikõtrẽmu kara ne nũ atŝẽmu memu vẽmu leva
 136 nós já caçamos mesmo o cara não encontremos o cara né não achemos vamos levar
 137
 138 esi kareka i era e:li rapa ma nũ ki ew falo p u sĩo ki u kara kwẽdu devi
 139 esse careca? e era ele rapaz não é que eu falo para o senhor que o cara quando deve
 140
 141 tẽj ki paga ne e waj dzũtar eli eŝ falo nãw nãw nãw ew tire a baꝝba i
 142 tem que pagar né é uai juntaram ele ele falou não não não eu tirei a barba e
 143
 144 tire u kabelu p ose nũ mi kũpese fal a: pa er eli memu levar eli e:
 145 tirei o cabelo pra você não me conhecer falou a rapaz era ele mesmo... levaram ele é
 146
 147 vea: pojz e e vẽmu leva esi karek ne i era u kareka a: u kareka vej
 148 velhaco... pois é... é... vamos levar esse careca né e era o careca a o careca velho
 149
 150 foj berẽnu foj ibõra nũ tevi dze || nũ ta:va tevi ũa ota feŝtĩa la na
 151 foi berrando foi embora não teve jeito... || não tava... teve uma outra festinha lá na
 152
 153 frẽte [ne no baŝtu] noj nũ sabia puꝝke eŝ nũ kũ eli nũ avizo eli kũ
 154 frente [né nhõ basto?] nós não sabia porque ele não convidou ele não avizou ele com
 155
 156 negoŝ k ew tava la pa fazẽda k ew tava pra la eŝ falo a: no gõsa nũ ta i
 157 negócio que eu tava lá pra fazenda que eu tava pra lá ele falou a nhõ gonça não tá aí
 158
 159 ew nũ vo pasa na kaza deli ai nũ vej ai ne ai itõw nisa epuka nojŝ pasa
 160 eu não vou passar na casa deli... aí não veio aí né... aí então nessa época nós passa

161 da kaza deli vaj nota feŝtīa la na frēti ne i ko esa feŝtīa ki nojs
162 da casa deli vai noutra festinha lá na frente né... e com essa festinha que nós
163
164 tava la ne ko esa feŝtīa ki nojs tava la i: peŝdēmu a feŝta deŝ noj nū
165 tava lá né... com essa festinha que nós tava lá e perdemos a festa dele... nós não
166
167 fikēmu sabēn noj sabia k el ia faze a reza deŝ majs so peŝdēmu puŝ kaws
168 fiquemos sabendo nós sabia que ele ia fazer a reza dele mas só perdemos por causa
169
170 d3sa k eŝ nū vej aki nos pojs e ŝo ditu d3oz mi falo a: faŝto vūse la:
171 dessa que ele não veio aqui nós... pois é seo dito jorge me falou a faltou você lá
172
173 ŝo mñue tav ai: a dōna tav ai: tava dimaj di movimēta:d buni peŝdēm es
174 seo manuel tava aí a dona tava aí tava demais de movimentado bonito... perdemos
175
176 es || a: nū dew nō maj so faŝta maj nū brīka majs eli vaj da fruta
177 essa... || a... não deu? não mas só falta... mas não brinca... mas ele vai dar fruta...
178
179 ta na sōbra maz ela ta na sōbra maj ũ: e pra nū mo:ŝu aki depoj
180 tá na sombra?... mas ela tá na sombra?... um é pra não... mas moço... aqui depois
181
182 dakela k a sīora levo ai tēj maj nova ta asī ta kŭ a o la ew tēj ai du
183 daquela que a senhora levou aí tem mais nova tá assim tá com a... ó lá eu tem aí do
184
185 du tēpu d3sa tēj tēj pares ki duaŝ dos dos tabulerīpu ta oŝ dos tudu
186 do tempo dessa tem tem parece que duas... dois dois tabuleirinho tá os dois tudo
187
188 ko frutīpu asī e: a e ŝteŝku memu tera preta iŝteŝkiu ne kreŝew maj
189 com frutinho assim... é a é esterco mesmo terra preta esterquinho né cresceu mas
190
191 nū dew a frut maz a sīora vaj leva otru vo te da otu ko a fruta d3a ne
192 não deu a fruta mas a senhora vai levar outro vou te dar outro com a fruta já né...
193
194 n3w puŝke ai a sīoŝ tŝega la fala m3m3j iŝpi aki u iŝtadu k eli fika ne
195 não porque aí a senhora chega lá fala mamãe espia aqui o estado que ele fica né

196 u nosu nũ da fruta eli me dew otu dza ko a fruta ne ai tẽj e: tẽp ai del
 197 o nosso não da fruta ele me deu outro já com a fruta né? aí tem eu tenho aí dele
 198
 199 ε: nã:w nũ foj puķe a sīoĵ ta dizẽnu k eli ta grãdi ε puķe prãto i
 200 é não não foi porque a senhora tá dizendo que ele tá grande é porque plantou e
 201
 202 zelo ne ε ta tra ítõw ta tratadu maz εĭ divida ε puķe ela ta viso
 203 zelou né? é... tá tratado então tá tratado...mas ela duvidar é porque ela tá viçou
 204
 205 mũĵtu ε mũĵt iŝteĵku tera preta a: ε esi ela pego: ne umoĵ da tera u
 206 muito é muito esterco terra preta? a é esse... ela pegou né humo da terra o
 207
 208 kaloĵ ne εĭ falo vo so krese nũ vo da fruta pose ve ew vo arũma
 209 calor né... ela falou vou só crescer não vou dar fruta pra você ver... eu vou arrumar
 210
 211 otu pa sīoĵ so k a sīora vaj te ki tŝega la rũma ota vazilĩa
 212 outro pra senhora só que a senhora vai ter que chegar lá...arrumar outra vasilhinha
 213
 214 maj bunitĩa koloka: ai nãw puķe εĭ ela nũ tẽj mũĵtu lutŝu pod nãw nũ
 215 mais bonitinha... colocar aí... não porque ela ela não tem muito luxo pode não não
 216
 217 tiro ew d ele nesi vaziĩa pra ela ai ela ta atŝõnu k u dela nũ dew a
 218 tirou eu dei ele nesse vasilhinha pra ela... aí... [ela tá achando que o dela não deu a
 219
 220 fruta puķe tiro boto nũ vazĩpu ne arũmadu maz ela mudo u iŝterku boto
 221 fruta porque tirou botou num vasilhinha né arrumado... mas ela mudou botou
 222
 223 tera preta boto ne: iŝteĵku ε esi ítõw ela falo ki dza viso ta desi
 224 terra preta botou né esterco é esse então ela falou que já ta desse
 225
 226 tãmẽpu buni:ta ma nũ tẽ nũ da fruta so dew ũa frut ne avi maria ŝ ai
 227 tamanho bonita mas não tem não dá fruta só deu uma fruta né?... ave maria xá aí...
 228
 229 vaj la ĩ kaza vaj ve nu pe da mãgera na na telha akela de: per ai u de
 230 vai lá em casa vai ver no pé da mangueira na na telha... aquela de... espera aí... o de

231 sīm ε akela majo ne peg akela maʃ pi akela maj batʃa akela majs
 232 cima é aquela maior né? pega aquela mais pequena aquela mais baixa aquela mais
 233
 234 pikēn puʃke tēj doʃ tēj doʃ so nū ne traz akel aki] || ew nasi
 235 pequena... porque tem dois... tem dois só num né traz aquele aqui]... || eu nasci...
 236
 237 n̄w so la ī saɣvado ew so di mīnaʃ a: di mīnaʃ bajēnu so kriej aki so
 238 não sou lá em salvador eu sou de minas a de minas baiano... só criei aqui só
 239
 240 nasi la tava ko doj dia di nascid i vī ībora kriej ki lavrado a:te te
 241 nasci lá tava com dois dia de nascido e vim embora...criei aqui... lavrador... até...até
 242
 243 kwaɣta seri nazarju mōdʒi da kōsejs̄w || ʃi ai ε ew pr̄ʒtu ūa traj da
 244 quarta série... nazário monge... da conceição... || xi aí... é... eu planto uma atrás da
 245
 246 ota es aki n̄w agora k ela ta d̄nu fruta || m̄ʒ maɣt̄ia perera di
 247 outra... esse aqui... não agora que ela tá dando fruta || mãe martinha pereira de
 248
 249 soza perera de soza || ε ai ew vo so dzoḡn agwīa neli dzoḡn agwīa
 250 souza... pereira... de souza... || é aí eu vou só jogando aguinha nele jogando aguinha
 251
 252 i na s̄obra ne n̄w podi se pukīpu nū ε baʃtā:te agora aki si a s̄ioɣ
 253 e na sombra né?... não pode ser pouquinho não é bastante...agora aqui se a senhora
 254
 255 der̄ma ū t̄ʒtu eli vaza memu puʃk ε tudu furadu ma podi po pokīpu
 256 derramar um tanto ele vaza mesmo porque é tudo furado...mas pode pôr pouquinho
 257
 258 nū priʃi bota baʃtā:te || lidja terezīpa da kōsejs̄w k̄ʒtus fiʃus s̄̄mu
 259 não precisa botar bastante... || lídia terezinha da conceição... quantos filhos? somos
 260
 261 sete a: es ε: s̄iku s̄iku fiʃu s̄iku guri k̄ʒtu tēpu tēj d̄evi se ūa
 262 sete... a esse é... cinco cinco filho cinco guri... quanto tempo? tem... deve ser uma
 263
 264 basi di seʃ: sez ʒnu puʃke ew trabaʃe ko rodʒerju kw̄d ew t̄ʒege ʒtrej
 265 base de seis seis ano porque eu trabalhei com rogerio quando eu cheguei entrei

266 nũa kaz d nũa tʃakara deli durej sīku ũnu mudej ai na mīa tēj ũ ũnu
 267 numa casa de numa chácara deli durei cinco anu mudei aí na minha tem um ano
 268
 269 sejz ũnu aki ĩderes aki aki ε baru sĭta luzia moru na vĭnida ε tēj
 270 seis ano... aqui endereço aqui aqui é bairro santa luzia... moro na avenida é... tem
 271
 272 ũ nũmiru la da: sukĕ si a sĭora pasa la i ve ai depoʃ a sĭoɔ koloʃ
 273 um número lá da sucam se a senhora passar lá e ver aí depois a senhora coloca
 274
 275 esi nũmiru || oja ew tĕpu tĕtu tĕtu tĕj ũʃ tĕtu mezi k ew nũ vo la
 276 esse número... || olha eu tenho tanto tanto tem uns tanto mês que eu não vou lá
 277
 278 nu sitʃu dʒa: devi te u ke ũs: ũs tre:z o kwatru mezi a marikita ε ũa
 279 no sĭtio... já deve ter u que uns... uns três ou quatro mês... a mariquita é uma...
 280
 281 ε ũa bĕnĕna asĭ grĕdi ela madura maʃ kaʃka fika veɔdi i tĕj bĕnĕnĭa
 282 é uma banana assim grande... ela madura mas casca fica verde... e tem bananinha
 283
 284 akela ki vuse levaru ε bĕnĕnĭa i a ot ε bĕnĕna da tera ε: di frita
 285 aquela que vocês levaram é bananinha e a outra é banana... da terra... é de fritar...
 286
 287 ε otu tipu ne i tĕj a saɔta viadu tĕ a bĕnĕna rotʃa tĕj bĕnĕna oru tĕ
 288 é outro tipo né e tem a salta veado tem a banana roxa... tem banana ouro tem
 289
 290 bĕnĕna dʒigĕti tĕj tud εʃ varjuʃ tip di bĕnĕna pojz ε ne agoɔ na o:ta
 291 banana gigante tem tudo ela vários tipo de banana... pois é né agora na outra
 292
 293 viadzi ki u sĭo dipago dipoj da feʃta ew vo da ũa saida po sĭo
 294 viagem que o senhor dipagó depois da festa... eu vou dar uma saída para o senhor
 295
 296 da ũa voɔta pur aki vaj atʃa ũa bĕnĕna ai ew vo la buʃka di agora pa
 297 dar uma volta por aqui vai achar uma banana aí eu vou lá buscar... de agora pra
 298
 299 frĕti ki ta tʃuvĕnu da ũa bĕnĕna bo:a kada dedĕw grĕdi memu k doj
 300 frente que tá chovendo dá uma banana boa cada dedão grande mesmo que dois

301 dedu di bññna da ũ aɔmosu beleza || a: ew nũ to mũjtu bõ di voʃ mi
 302 dedo de banana dá u almoço... beleza... || a eu não tô muito bom de voz me
 303
 304 batew ũ gripãw batew a dēgi to levãtãnu agora a: u sïo dza prëndew
 305 bateu um gripão bateu a dengue... tô levantando agora... a o senhor já aprendeu
 306
 307 ela a:sĩ ε difisi pra mi alēbra pra mi alēbra faʃiu aʃ tuada ε so ew
 308 ela... assim é difícil pra me lembrar... pra me lembrar facinho as tuada é só eu
 309
 310 pega na viola pegej ew vo lēbrãnu tudu nãw nu sabadu noj vãmu atʃa
 311 pegar na viola peguei eu vou lembrando tudo não no sábado nós vamos achar
 312
 313 tudu võ grava ot poku || akela puɔdã k a sïora gravo ko a
 314 tudo... vamos gravar outro pouco... || aquela poldrinha que a senhora gravou com a
 315
 316 fiʃa da egwa ta deʃ aɔtur ta k ε ũa mu dza vēdi εʃ vēdi a: vej ew ta ko
 317 filha da égua tá dessa altura tá que é uma mula já vendi ela...vendi a veio eu tá com
 318
 319 esi negoʃu di ve siɔvisu la ew leve eliʃ pra la ne puɔke tēj ũ vizïu la
 320 esse negócio de ver serviço lá eu levei eles pra lá né porque tem um vizinho lá
 321
 322 tēj ũ piketi ko akela grãma dakela fina maʃ tav ate v azu di bunitu
 323 tem um piquete com aquela grama daquela fina mas tava até verde azul de bonito
 324
 325 ai ew fale o rapaj nũ tēj nada u ki cõmi es pa fal a nũ tej aki nũ tēj
 326 aí ew falei ó rapaz não tem nada o que come esse pasto? a não tem aqui não tem
 327
 328 kavalu ew fale oʃe nũ ipoɔta d ew bota mewz ãnim ai pa kume nãw po u
 329 cavalo eu falei você não importa de eu botar meus animal aí pra comer? não pode o
 330
 331 sïo traze ʃo gõsalu pōdi por ai u povu aki goʃta dimaj di mĩ ne ai leve
 332 senhor trazer seo gonçalu pode pôr aí o povo aqui gosta demais de mim né aí levei
 333
 334 oʃ ãnima botej la nu paʃt a: puɔdïu iɔoɔdo vaj ũ kazeru la vizïu da ota
 335 os animal botei lá no pasto a poldrinho engordou vai um caseiro lá vizinho da outra

336 fazēd viw a puɔdĩa di kēj k esi putrĩ ai saɔvado fal e di ʃo
 337 fazenda viu a poldrinha de quem que é esse poldrinho? aí salvador falou é de seo
 338
 339 gōsal sera k eli nũ mi vēdi esi putrĩ a: nũ sej depēdi fala ko
 340 gonçalo... será que ele não me vende esse poldrinho? a não sei... depende falar com
 341
 342 eli aōdi k eli fika tai nu pedu eli koɔta vaj la tʃego la ʃio nũ ke
 343 ele... aonde que ele fica? taí no pedro... ele corta vai lá... chegou la senhor não quer
 344
 345 vēde akeɫ putrĩ ew fale rapaz u putrĩ ta mũtu novo agora k eli ta
 346 vender aquele poldrinho? eu falei rapaz o poldrinho tá muito novo agora que ele tá
 347
 348 ko trej mez i pok ta mēmũnu a maj me vēdi ew ker el asĩ memu
 349 com três mês e pouco tá mamando a mas me vende eu quero ele assim mesmo
 350
 351 puɔke nũ sej ke ew fale vo pidi ũ presu pa nũ vēde kwātu ki u sio
 352 porque não sei que eu falei vou pedir um preço pra não vender quanto que o senhor
 353
 354 ke nu putrĩ ew fale o ew keru sēt i viti rcaw eɫ meti mō nu boɔʃu
 355 quer no poldrinho? ew falei ó eu quero cento e vinte real... ele mete mão no bolso
 356
 357 rapaj putʃ ũ pakoti di dīperu kwād ew vi a: devera pidi duzēts kōto i:
 358 rapaz puxou um pacote de dinheiro quando eu vi a devera pedir duzentos contou e
 359
 360 dza ta ki ew fale maj ose vaj es putrĩ vaj fik ai mēmũnu ew nũ asejtu
 361 já tá aqui... eu falei mas você vai esse poldrinho vai ficar aí mamando eu não aceito
 362
 363 maɫ ne dza vēdi tēj ki tira nãw vo lev agora vã pega bō: maz era
 364 mais né já vendi tem que tirar não vou levar agora... vamos pegar... bom mas era
 365
 366 mēsĩpa pegēmu el ikabeɫtrej itregej pr eɫ o ke k eli feɫ fo ĩ
 367 mansinha peguemos ela encabrestei entreguei pra ele... o que que ele fez? foi em
 368
 369 kujaba kōpro akela rasō balēsiada di kavalu di kurida kōpro miɫu dza
 370 cuiabá comprou aquela ração balanceada de cavalo de corrida comprou milho já

371 akɛʃ fuba du miʎu bɛj kɛbradi fĩnĩ a itɔw eli pɛga akeli kɔpro
 372 aquele fubá do milho bem quebradinho fininho aí então ele pega aquele comprou
 373
 374 farelĩ di aroj bɛj muidĩnu miʃturadu ko arojzĩ ʒsĩ eʃ pɛg ũ
 375 farelinho de arroz bem miudinho misturado com arrozinho assim... ele pega um
 376
 377 pukĩnu di ũ ũ pukĩnu di otu miʃtura faz akela rasɔwzĩna nɛ bɛj
 378 pouquinho de um um pouquinho de outro mistura faz aquela raçãozinha né... bem
 379
 380 sedu eli pɔj ũ litu di lejti dʒa rũmo kotʃĩ pɔj ũ litu de tira da vaka
 381 cedu ele pɔe um litro de leite já arrumou cochinho... pɔe um litro de tira da vaca
 382
 383 vɛj ko eli ũ litu pɔj u eli bebi tudĩ ai eli vɛj ko a rasɔw pɔj u bitʃĩ
 384 vem com ele um litro pɔe o ele bebe tudinho aí ele vem com a ração pɔe u bichinho
 385
 386 kɔmi la ɛ ũ grɔmeru dakeʃ grɔma tʃata veʎdi mas ta goʎ:da ta bunita a:
 387 come lá é um grameiro daquela grama chata verde... mas tá gorda tá bonita a
 388
 389 ũ ora deʃti k ũ tɛpĩnu des eli dezɔda pula i kore la dɛ du
 390 um hora deste com um tempinho desse ele desanda pular e corre lá dentro do
 391
 392 sɛʎkadu dɛli ke kɛru k u sĩo ve ɛ ũ ʒmuʎzĩnu di bunitu i ta bɛj bunita
 393 cercado dele que quero que o senhor vɛ...é um amorzinho de bonito e tá bem bonita
 394
 395 puʎke pelĩnu dɛla ta bunitu sɛʎtu ko akela mɛtʃa brɔka bunita nɛ goʎda
 396 porque pelinho dela tá bonito certo com aquela mancha branca bonita né... gorda
 397
 398 ta bunitu eʃ falo a: nũ vaj more vo kria u putrĩnu ki u sĩo vaj ve daki
 399 tá bonito ele falou a não vaj morrer vou criar o poldrinho que o senhor vai ver daqui
 400
 401 ko kwatru ʒnu ta trɔka da fale nɔw asĩ kũm use ta fazɛnu vaj sĩ memu
 402 com quatro ano tá tronca da... falei não assim como você tá fazendo vai sim mesmo
 403
 404 i eʃ a ɛgwa dʒa ta dʒɛʃtɔti prɛj ta gor:da ki ta ta bunita seko a ubri
 405 e ela a égua já tá gestante... prenhe tá gorda que tá... tá bonita... secou a úbere...

Capítulo 3

DESCRIÇÃO DE TRAÇOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA FALADA ATUAL

A descrição do sistema fonológico do português falado na Baixada Cuiabana, tem como base as transcrições editadas no capítulo anterior e também estudos já feitos sobre essa variante do português falado no Brasil e no mundo. Nosso objetivo aqui se resume em fazer o levantamento do quadro das vogais, das consoantes e de alguns fenômenos gerais.

De acordo com a terminologia lingüística, estamos considerando fonologia de uma língua como sendo a sua fonética lingüisticamente interpretada. Apesar da relação tão próxima que dessa forma se estabelece entre fonologia e fonética, já é bem conhecido, através dos manuais de lingüística, o que cada uma dessas ciências tem de específico que constitui a distinção entre elas: a *fonética* se ocupa dos sons da linguagem humana de um ponto de vista físico, articulatório, e a *fonologia*, por sua vez, estuda os sons de uma língua do ponto de vista do seu funcionamento lingüístico. Quer dizer: a análise de um sistema fonológico, como pretendemos fazer neste capítulo, tem como tarefa examinar o papel que os sons de uma língua desempenham na comunicação estabelecida nessa determinada língua, bem como as características que distinguem cada som no desempenho desse papel e as relações que entre eles se estabelecem e permitem identificar o sistema que eles constituem.

3.1. Vocalismo

Os números colocados entre parênteses logo após os exemplos indicam, respectivamente, a numeração da transcrição e da linha onde cada um deles pode ser encontrado e conferido no *corpus* da língua falada transcrito no capítulo 2.

3.1.1. Vogais orais tônicas

/a/

A vogal [a], tônica oral, geralmente apresenta timbre semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em Portugal⁽¹⁾. Ou seja, baixa e central: [kaxega] *carregar* (1:16), [iʃtudarũ] *estudaram* (2:30), [kaza] *casa* (3:19), [matu] *mato* (4:1), [gãza] *ganzá* (5:13), [tira] *tirar* (6:7), [fasu] *faço* (7:1), [makina] *máquina* (8:10), [detʃava] *deixava* [9:85], [gadu] *gado* [10:30).

Se considerarmos que em Portugal haja ainda, conforme fez Oliveira (1871:20)⁽²⁾ no século XVI, a distinção entre *a* grande, “aberto”, e *a* pequeno, “fechado”, diríamos que nos exemplos acima temos o *a* grande.

Essa diferenciação tem gerado algumas discussões. Maia (1986:311), tratando dessa diferença, afirma que *a* grande e *a* pequeno “são apenas variantes combinatórias do mesmo fonema /a/”, diminuindo assim de oito, como queria o

⁽¹⁾ Cf. Cristóforo Silva (1999), Cruz (1991), Cuesta / Luz (1971), Maia (1986), Penha (1997), Teyssier (1997), e Vasconcelos (1901), dentre outros autores.

⁽²⁾ Trata-se da segunda edição, conforme a de 1536, Porto: Imprensa Portuguesa.

gramático quinhentista, para sete o número das vogais portuguesas. Quer dizer: trata-se de uma oposição apenas fonética e não fonológica. Tomando como base os exemplos dados por Oliveira (1871:20) para abonar essa diferenciação (*a* grande: *alamada*; *a* pequeno: *Alemanha*), chega-se, como Maia (1986:311), à conclusão que “em sílaba tônica são *aa* ‘grandes’ (abertos) todos os *aa*, excepto quando se encontram seguidos de consoante nasal inicial da sílaba seguinte”⁽³⁾. Essa constatação comprova que a oposição entre *a* aberto e *a* fechado de fato é apenas fonética.

Já o sistema das vogais orais em posição tônica para o português europeu, proposto por Teyssier (1997:42), como o de Fernão de Oliveira, também compreende oito fonemas. Para isso usa como argumento que “apesar da presença da consoante nasal seguinte, que, nas palavras que contêm um *a* singelo etimológico, sempre fechou a vogal”, como em *cama*, *cana* e *banho*, “temos, com efeito, *ga-anha* > *ganha* (verbo) e *ga-anho* > *ganho* (substantivo), nos quais o *a* resultante da contracção, conservou até hoje no português europeu um timbre aberto”. Ressalva, porém, que a oposição entre *a* aberto e *a* fechado é de fraco rendimento.

É justamente por causa desse fraco rendimento que a tendência geral é considerar, como Mattos e Silva (1991:49), dentre outros, que de acordo com que sabemos de teoria fonética, a vogal seguida de consoante nasal apresenta-se naturalmente mais fechada que em outros contextos. Nessa mesma posição,

⁽³⁾ Na verdade, Clarinda Maia se baseia no testemunho de gramáticos e ortógrafos do século XVI ao XVIII, como Fernão de Oliveira (1536): *Grammatica de lingoagem portuguesa*, João de Barros (1540): *Grammatica da lingua portuguesa*, Duarte Nunes de Leão (1576): *Orthographia da lingoa portuguesa*, João Franco Barreto (1671): *Ortografia da lingua portuguesa*, Luís Caetano de Lima (1736): *Orthographia da lingua portugueza*, e Frei Luís do Monte Carmelo (1767): *Compendio de orthographia*, dentre outros, na tentativa de esclarecer qual seria o estado de língua no século XVI em relação ao fonema /a/.

geralmente, a vogal também apresenta-se nasalada, justamente em virtude do efeito modificador do fonema nasal contíguo. Aliás, o fechamento da vogal é resultado dessa nasalação.

Mais adiante, ao tratarmos das vogais nasaladas, veremos que no português falado na região mato-grossense, a Baixada Cuiabana, que é nosso objeto de estudo, essa “lei” fonética, no que tange às tônicas nasaladas, não é assim tão absoluta.

No que diz respeito à vogal *a* oral tônica, pronunciada na Baixada, a sua anunciada semelhança de timbre com a vogal do português padrão, e do português popular falado, assim no Brasil, como em Portugal, por vezes é alterada. Há, no português cuiabano, uma tendência de alongamento dessa vogal; trata-se, em especial, de um recurso estilístico, em que a palavra é afetada de um valor expressivo para conotar a sua intensidade no discurso, como foi percebido em [a:kri] *acre* (3:188), [kũpẽnera:da] *companheirada* [4:59) e (7:54), [ĩbola:du] *embolado* (4:65), [tʃɛga:du] *chegado* (5:21), [da:] *dá* (10:10), [na:da] *nada* (10:10), [tʃuvara:da] *chuvarada* (10:13), [moʎa:du] *molhado* (10:16), [ĩtra:] *entrar*, (10:16).

No trecho seguinte, donde foram extraídos os três últimos exemplos, fica evidente o motivo pelo qual o informante recorre a esse recurso estilístico:

ĩtãw ew ĩtrej la trabajãnu direjtu mosu ew tirãnu lejti kũ ãa
então eu entrei lá trabalhando direito moço... eu tirando leite com uma
tʃvara:da ãa la:ma u kura tudu *moʎa:du* u gadu ki nũ kiria *ĩtra:*
chuvarada uma lama o curral tudo *molhado* o gado que não queria *entrar*
(10:10-17)

Acrescente-se ainda que, nesse mesmo contexto, paralelamente à alteração da quantidade vocálica, a vogal *a* é realizada com um grau de abertura maior que o normal; se é que seja possível imprimir mais abertura além do que esse fonema naturalmente exige. Essa afirmativa fica apenas no campo da impressão. É provável que o que faz essa vogal parecer extremamente aberta seja o fato de ela está alongada.

Outro fenômeno, bem comum no português popular do Brasil, que também observamos no português da Baixada ocorre quando o *a* tônico encontra-se em posição final dos vocábulos seguido por uma das consoantes fricativas /s/ ou /z/. Nesse contexto, pode surgir o ditongo decrescente [aj], provocado pela geração do assilábico /j/: [majz] *maiz* por *mas* (3:10, 57), [majz] *mais* por *mas* (3:71) e (10:167), [fajz] *faiz* por *faz* (3:7), [rapajz] *rapais* por *rapaz* (10:65).

Às vezes pode ocorrer apócope da fricativa: [maj] *mai* por *mas* (2:115) e (3:4), [faj] *fai* por *faz* (3:10, 261 e 310), [xapaj] *rapai* por *rapaz* (3:179 e 214), [traaj] *trai* por *trás* (5:45) e (10:243), [rapaj] *rapai* por *rapaz* (10:325 e 357).

Às vezes, porém, ainda nesse mesmo contexto, pode não ocorrer a ditongação. A propósito, o mais comum é haver alteração da consoante final, permanecendo fricativa, mas alterando seu ponto de articulação, apresentando-se pré-palatalizada, como em [maʃ] *mas* (2:15), e [faʃ] *faz* (3:278, 281), etc. Em consonantismo daremos mais exemplos da ação dessa palatalização.

Há que se registrar ainda uma única ocorrência da alteração desse *a* oral tônico, que no vocábulo *ralo*, do verbo *ralar*, eleva-se para *é*: [rɛlu] *rélo* por *ralo*

(9:4). Fato também registrado por Penha (1997:36), tratando das vogais pretônicas, na linguagem rural do bairro de São Domingos no município sul-mineiro de Elói Mendes, dando como exemplo, dentre outros vocábulos, *relar* por *ralar*, *relé* por *ralé* e *rezão* por *razão*.

/ɛ/ e /e/

Vale lembrar, antes de qualquer outra coisa, que apesar de colocarmos em um mesmo item, estamos tratando a oposição entre os timbres aberto /ɛ/ e fechado /e/ do *e* como sendo fonológica e não apenas fonética. Aliás, como é notório, o reconhecimento que no português há sete fonemas vocálicos representados por cinco grafemas é tão antigo quanto nossas mais remotas gramáticas. Isso, considerando que a oposição entre *a* aberto e *a* fechado seja apenas fonética, como já falamos. O nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira, 1536, por exemplo, que contava oito fonemas vocálicos, assim os distinguia, no capítulo VIII de sua gramática: “temos aa grande e a pequeno: e ee grande e e pequeno: e também oo grande e o pequeno. Mas nã temos assi diversidade ã i. nem v. [...] E conheçendo esta verdade auemos de cõfessar q̃ temos oyto vogaes na nossa lingua mas nã temos mais de cinco figuras”⁽⁴⁾.

A vogal tônica oral aberta [ɛ] e a fechada [e] do português cuiabano apresentam timbres semelhantes às vogais do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em Portugal.

⁽⁴⁾ Transcrição da segunda edição, 1871, pág. 20, conforme a de 1536.

/ɛ/: [ʒɛgi] *jegue* (1:21), [iʃkɛsi] *esquece* (2:4), [fɛʃta] *festa* (3:1), [nɛsta] *nesta* (4:7), [ɛsaʃ] *essas* (5:16), [ɛra] *era* (6:41), [pɛ] *pé* (7:10), [dɛʃ] *dez* (8:19), [kolɛdʒu] *colégio* (9:24), [atɛ] *até* (10:24);

/e/: [kabesa] *cabeça* (1:65), [desi] *desse* (2:13), [akeli] *aquele* (3:16), [kumesu] *começo* (4:118), [poreti] *porrete* (5:13), [kabelu] *cabelo* (6:93), [kaxeta] *carreta* (7:65), [mãsebu] *mancebo* (8:1), [fɛʃ] *fez* (9:39), [tevi] *teve* (10:51).

Três alterações foram notadas em todo o *corpus* transcrito. A primeira delas é a mudança de timbre, de fechado para aberto, nos vocábulos [mɛtʃu] *mexo* (7:13) e [bɛbu] *bebo* (9:1).

Esse fenômeno contradiz o que é de praxe na teoria fonética que conhecemos. Trata-se do processo de metafonia, que consiste na alteração do timbre da vogal tônica por influência da vogal seguinte como ocorre em *s[o]gro*, com o fechado, a par de *s[o]gra*, com o aberto, em que a abertura do timbre da tônica na forma feminina é explicada pela presença da vogal *a* final.

Também constatamos no português brasileiro o que Maia (1986:340) já constataria em relação ao português europeu quando diz que “o idioma padrão apresenta actualmente, de uma maneira geral,” e fechado “na sílaba tônica em virtude da acção metafónica exercida por *-u*”⁽⁵⁾.

⁽⁵⁾ “Aliás,” continua Maia (idem), “era este o estado da língua culta do Centro do País no século XVI, como pode deduzir-se da análise das grafias de João de Barros”, e completa em nota que, efetivamente, as grafias do gramático “revelam, sob este aspecto, uma extraordinária coincidência com a actual língua padrão.”

No caso de [mɛtʃu] e [bɛbu] temos o [u] final, que, teoricamente, deveria, mas não conseguiu impedir a abertura do timbre do fonema /e/. Aliás, como notamos no português em geral, nos vocábulos em questão, mesmo quando temos um *a* final o *e* tônico continua fechado, como nas formas subjuntivas [mɛʃa] *mexa* e [beba] *beba*. A abertura dessa vogal tônica ocorre apenas quando temos um [e] ou [i] final, como nas formas do imperativo e do presente do indicativo [mɛʃe] ou [mɛʃi] *mexe* e [bɛbe] ou [bɛbi] *bebe*.

A segunda alteração também ocorre em forma verbal. Trata-se agora do fechamento ou elevação máxima de timbre, de [ɛ] para [i], como em [sigi] *sigue* por *segue* (4:55). No caso desse vocábulo a mudança de timbre pode ser explicada em virtude da ação metafônica exercida por [i] final.

Dentre os exemplos dados Penha (1997:93-95), resultados de sua pesquisa de campo sobre a linguagem rural do bairro de São Domingos no município de Elói Mendes, encontram-se, além de [sigi] *sigue* por *segue*, [dispidi] *despide* por *despede* e [xipiti] *repite* por *repete*. O contexto fonético de cada vocábulo, deixa claro que em todos eles está agindo o fenômeno da metafoia, em que o timbre do *e* tônico se eleva, de [ɛ] para [i].

A terceira alteração é semelhante ao último caso que registramos no *a* tônico. Geralmente o *e* tônico aberto ou fechado em final de vocábulo seguido de uma das fricativas /s/ ou /z/ também ditonga-se em [ej] pela geração do assilábico /j/.

[vejz] *veiz* por *vez* (3:30), [trejz] *treiz* por *três* (9:7), [dɛjz] *deiz* por *dez* (9:21), [fejz] *feiz* por *fez* (9:50).

Tal qual observamos em *a*, aqui também é comum ocorrer apócope da fricativa. [trej] *trei* por *três* (3:92, 229), (6:250), (7:54), (10:348), [vej] *vei* por *vez* (3:103), (4:94), (7:54), [fej] *fei* por *fez* (8:97), [dɛj] *dei* por *dez* (10:39).

Às vezes, porém, como observamos em *a*, nesse mesmo contexto, não há ditongação. O mais corriqueiro é haver alteração da consoante final que permanece fricativa, mas apresenta-se pré-palatalizada, como em [veʃ] *vez* (1:42), e [dɛʃ] *dez* (10:45). Mais adiante, em consonantismo, daremos mais exemplos da ação dessa palatalização no português da Baixada.

/i/

A vogal tônica oral [i] do português da Baixada, de uma maneira geral, também apresenta timbre semelhante à do português padrão, e do popular, falado assim no Brasil, como em Portugal, com timbre alto: [siʎvisu] *serviço* (1:106), [fɛmilja] *família* (2:10), [disu] *disso* (3:4), [filiʃ] *feliz* (4:21), [siriri] *siriri* (5:13), [bunitu] *bonito* (6:27), [lizu] *liso* (7:4), [vɛdi] *vendi* (8:48), [briga] *briga* (9:76), [kūmigu] *comigo* (10:42).

Com relação a esse fonema não registramos no *corpus* cuiabano nenhuma particularidade que o distinga do português falado pelo mundo.

/ɔ/ e /o/

Como dissemos ao tratarmos do *e*, aqui também vale lembrar que apesar de colocarmos em um mesmo item, estamos tratando a oposição entre os timbres aberto /ɔ/ e fechado /o/ do *o* como sendo oposição fonológica e não somente fonética.

A vogal tônica oral aberta [ɔ] e a fechada [o] do português cuiabano apresentam timbres semelhantes às vogais do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em Portugal.

/ɔ/: [ɔra] *hora* (1:4), [agɔra] *agora* (2:103), [gɔʃtu] *gosto* (3:10), [sɔ] *só* (4:19), [viɔla] *viola* (5:62), [vɔɫta] *volta* (6:61), [xapagoti] *rapagote* (7:45), [nɔvi] *nove* (8:21), [grɔza] *grosa* (9:4), [sĩɲɔra] *senhora* (10:1);

/o/: [pɛsoa] *pessoa* (1:89), [sĩo] *senhor* (2:68), [todu] *todo* (3:13), [grɔsu] *grosso* (4:4), [ĩroʃku] *enrosco* (5:30), [mosa] *moça* (6:76), [peʃkosu] *pescoço* (7:33), [iʃkarosado] *descaroçador* (8:1), [gɔʃtosu] *gostoso* (9:65), [mosu] *moço* (10:13).

A primeira alteração registrada trata do fechamento ou elevação máxima de timbre, de [ɔ] para [u], por força da ação metafônica exercida por [u] final: [tudu] *tudo* por *todo* (1:39), (2:33), (4:126), (7:100), (8:109), (10:94).

Essa mesma alteração pode ser observada também na forma pluralizada, e mesmo nos casos em que há apócope do [u] final: [tuduʃ] *tudos* por *todos* (4:51, 97), [tudz] *tudos* por *todos* (4:59), [tud] *tudo* por *todos* (8:39).

Essa mesma elevação, causada por metafonia, também pode ser observada em [du.ɫmi] *durme* por *dorme* (6:52) em que o *i* final provoca o fechamento da vogal tônica *o* em *u*.

Um fato curioso, que, apressadamente, faz-nos pensar que é contraditório em relação ao que reza a teoria fonética, no que diz respeito ao processo metafônico, pode ser observado no vocábulo *toda(s)* quando o *o* tônico passa a *u*, assemelhando-se à forma masculina acima: [tuda] *tuda* por *toda* (1:27), (2:132), (3:304), (4:77), [tudaʃ] *tudas* por *todas* (7:124).

A estranheza surge em virtude da presença do *a* final, que, teoricamente, deveria, mas não conseguiu impedir a elevação ou fechamento do timbre do fonema /o/. Daí podemos inferir que se houve metafonia, deve ter ocorrido na forma masculina [tuɖu]. A elevação da tônica na forma feminina pode ser explicada por analogia à masculina *tudo(s)*, em que o falante obedece à regra geral da formação do feminino com a supressão do *o* masculino e acréscimo do *a* feminino *tuda(s)*.

A segunda alteração é semelhante às registradas em *a* e *e* tônicos. O *o* tônico aberto ou fechado em final de vocábulo seguido de uma das fricativas /s/ ou /z/ e ainda /ʃ/ também ditonga-se em [oj] em virtude da geração do assilábico /j/: [noʒz] *nóiz* por *nós* (1:89), (3:1), (9:85), [noʒs] *nóis* por *nós* (3:261), (7:19), [noʒʃ] *nóis* por *nós* (4:56, 65), (10:159).

Tal qual observamos em *a* e *e* aqui também é comum ocorrer apócope da fricativa. Dentre as mais de trinta ocorrências, [nɔj] *nói* por *nós* (3:109), (4:74), (7:42), (8:33), (9:21), (10:4), [arɔj] *arroi* por *arroz* (10:374).

Às vezes, porém, nesse mesmo contexto, não ocorre a ditongação. O mais comum é haver alteração da consoante final que permanece fricativa, mas apresenta-se pré-palatalizada, como em [nɔʃ] *nós* (1:13) e [arɔʃ] *arroz* (8:106). Em consonantismo, como já dissemos, daremos mais exemplos da ação dessa palatalização no português cuiabano.

Pode ocorrer, no entanto, que esse vocábulo seja realizado com apócope da fricativa, e sem a ditongação. Em todo o *corpus* transcrito registramos três ocorrências com esta forma: [nɔ] *nó* por *nós* (1:21), (9:68), (10:56).

/u/

A vogal tônica oral [u] do português da Baixada, de uma maneira geral, como as demais, também apresenta timbre semelhante à do português padrão, e do popular, falado assim no Brasil, como em Portugal, com timbre alto: [tudu] *tudo* (1:54), [rũbudu] *rombudo* (2:54), [tuɫma] *turma* (3:313), [aɫtuɫa] *altura* (4:91), [adzuda] *ajuda* (5:48), [kururu] *cururu* (6:41), [putʃa] *puxa* (7:10), [fuzu] *fuso* (8:4), [foɫmatuɫa] *formatura* (9:21), [kabiludu] *cabeludo* (10:94)

Nesse fonema também não registramos no *corpus* cuiabano nenhuma particularidade que o distinga do português falado pelo mundo.

3.1.2. Vogais nasaladas tônicas

/ã/

A vogal [ã], tônica nasalada, geralmente apresenta timbre semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil como na zona sul de Portugal. Ou seja, fechada e central: [ãnu] *ano* (1:1), [ãtiʃ] *antes* (2:7), [pēsãnu] *pensando* (3:19), [sãtus] *santos* (4:1), [kãta] *canta* (5:96), [grãdi] *grande* (6:18), [kwãtas] *quantas* (7:74), [kwãtuʃ] *quantos* (8:24), [tabajãnu] *trabalhando* (9:91), [tirãnu] *tirando* (10:13).

Retomando o que já foi exposto sobre o timbre da vogal *a* tônica, em sílaba aberta, que, de acordo com o testemunho de gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa, de aberta oral, passa a fechada, mais ou menos nasalada, quando seguida de uma consoante nasal heterossilábica, ou que inicia a sílaba seguinte, observamos que no português da Baixada Cuiabana essa “lei” fonética não se apresenta tão absoluta.

Essa regra por vezes é alterada. Um grande número de falantes tende ao alongamento e à manutenção do timbre aberto dessa vogal, neutralizando assim sua eventual nasalidade. Isso ocorre em contexto idêntico ao descrito quando tratamos do *a* oralônico: aqui também trata-se de um recurso estilístico, em que a palavra é afetada de um valor expressivo para conotar a sua intensidade no discurso, como podemos conferir nos vocábulos seguintes: [ka:mera] *câmera*

(3:138), [kãta:nu] *cantando* (4:71), [diferêsia:nu] *diferenciando* (7:74), [la:ma] *lama* (10:16), [la:mĩna] *lãmima* (10:91).

Esses exemplos provam que também no Brasil, pelo menos na área estudada, podemos registrar a oposição do timbre aberto e fechado na vogal *a* seguida de consoante nasal. Fato que não é assim tão reconhecido. Teyssier (1997:81), por exemplo, afirma que “na pronúncia mais corrente não existe no português do Brasil a oposição entre os timbres abertos e fechados”, dentre outras, da vogal *a* seguida de uma consoante nasal: “ocorre, nesse caso, apenas o timbre fechado”.

É evidente que se tomarmos os mesmos e únicos exemplos de que se utilizam Teyssier (*idem*), Maia (1986:314), e Mattos e Silva (1991:49), diríamos como eles que no Brasil, de uma maneira geral, de fato não há essa oposição de timbre no *a* tônico seguido de nasal.

Na Baixada, a princípio, também não há oposição distintiva entre as primeiras pessoas do plural no presente e no perfeito dos verbos da primeira conjugação, como se faz na língua da zona central de Portugal ([ẽ]mos, fechado, para o presente e [a]mos, aberto, para o perfeito). Em ambos os tempos, via de regra, o *a* apresenta-se nasalado com timbre fechado. Entretanto, qualquer uma dessas formas, dependendo do contexto, pode apresentar-se com o *a* aberto, assemelhando-se ao português da região de Entre-Douro-e-Minho que para esses dois tempos verbais só conhece a terminação [a]mos. Essa variação no português cuiabano é possível porque o que está em jogo não é a distinção entre os referidos tempos verbais. O fenômeno extrapola esse nível morfo-fonológico, transferindo a discussão, como vimos, para o estilístico. Até para justificar o emprego do “a princípio” no início

deste parágrafo retomaremos esse assunto nos três últimos parágrafos desta seção ao tratarmos da alteração [ã] > [ẽ].

Esse fonema, no português da Baixada, ainda pode ser realizado de uma outra terceira forma: quando o *a* tônico encontra-se em sílaba travada, e o vocábulo está afetado pelo mesmo recurso estilístico de alongamento do fonema base da sílaba, a vogal apresenta-se levemente nasalada, porém o timbre não se eleva, como naturalmente acontece aos demais fonemas vocálicos em contexto idêntico. O timbre desse *a* nasalado, base de sílaba travada, mantém-se baixo como se permanecesse oral: [grã:de] *grande* (2:109) e (7:56), [karã:ba] *caramba* (3:307), [kriã:sa] *criança* (4:68 e 74), [kã:ta] *canta* (5:48), [baʃtã:te] *bastante* (8:100) e (10:252 e 258), [nã:w] *não* (10:68 e 199), [trãkilã:w] *tranqüilão* (10:103).

Outra alteração também pode ser notada em verbos de primeira conjugação, no presente ou perfeito do indicativo, na primeira pessoa do plural, em que a vogal temática *a* nasalada passa a /ẽ/: [ʃegẽmu] *cheguemos* por *chegamos* (1:33) e (9:27), [kavukẽmu] *cavujemyos* por *cavucamos* (1:33), [kabẽmu] *cabemos* por *acabamos* (1:54), [sɔʃtẽmu] *soltemos* por *soltamos* (1:59), [xaʃtẽmu] *rastemos* por *arrastamos* (1:68), [tãpẽmu] *tampemos* por *tampamos* (1:71), [baziẽmu] *baseemos* por *baseamos* (3:293), [fikẽmu] *fiujemyos* por *ficamos* (9:24) e (10:167), [ikõtrẽmu] *encontremos* por *encontramos* (10:135), [atʃẽmu] *achemos* por *achamos* (10:135).

É provável que esse fenômeno ocorra simplesmente por analogia aos verbos da segunda conjugação que com essas mesmas noções gramaticais apresentam a terminação *-emos*.

Retomando o assunto sobre a oposição entre as primeiras pessoas do plural no presente e no perfeito dos verbos da primeira conjugação, agora diante dessa alteração, nada impede que levantemos daqui a hipótese de que isso só aconteça quando se quer denotar o tempo passado, como pode ser ratificado no contexto de onde os exemplos foram extraídos. Eliminando esse contexto, como já dissemos, não há como distinguir, pela forma, se se trata de perfeito ou de presente. Para que isso se comprove ou não é necessário que façamos um novo inquérito agora com questionário específico.

/ẽ/

Ao contrário do que fizemos em relação ao *e* oral, e considerando, como fez Cristóvão Silva (1999:91), que há equivalência entre [ẽ] e [ẽ̃] devido ao fato de que as línguas naturais não diferenciam vogais nasaladas médias-altas de médias-baixas, não faremos distinção entre os timbres aberto e fechado. Ainda mais se levarmos em conta a fala de Teyssier (1997:81) ao tratar dos aspectos inovadores da fonética brasileira, quando diz que, ao contrário de Portugal, no Brasil não se faz oposição, entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas *a*, *e* e *o* seguidas de uma consoante nasal. Sobre o *e* ele dá como exemplo os vocábulos *pena* e *vênia*, ambos pronunciados com *e* fechado. No português europeu isso somente acontece com *pena*, ao passo que *vênia* é pronunciado com *e* aberto: *vênia*.

Na Baixada, a vogal [ẽ], tônica nasalada, em geral, apresenta timbre fechado semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado no Brasil e em Portugal, em especial na zona do Minho e Douro Litoral, onde, conforme Maia (1986:348) essa vogal, quando entravada por nasal, apesar de ser freqüente a pronúncia com timbre aberto, o *e* pode apresentar uma realização também fechada não apenas no idioma da camada culta, mas também em muitas povoações em todos os níveis sociolingüísticos: [tẽpu] *tempo* (1:112), [ãtigamẽti] *antigamente* (2:19), [livramẽtu] *livramento* (3:36), [rezidẽsa] *residência* (4:10), [morẽna] *morena* (5:71), [dʒẽti] *gente* (6:1), [moẽda] *moenda* (7:10), [violẽtu] *violento* (8:13), [kõtẽti] *contente* (9:1), [met ʃẽnu] *mexendo* (10:36)

A alteração notada assemelha-se à segunda observada no *e* tônico, em que ocorre elevação de timbre, de [ẽ] para [i], como em [sĩti] *sinte* por *sente* (4:27) e [dimĩti] *desminte* por *desmente* (4:106). Aqui também a mudança de timbre pode ser explicada em virtude da ação metafônica exercida por [i] final.

No que diz respeito a esse fenômeno, Penha (1997:96-97) registra na linguagem rural do bairro de São Domingos, sul de Minas, [mĩti] *minte* por *mente* [sĩti] *sinte* por *sente*. O contexto fonético de cada vocábulo, deixa claro que o fenômeno da metafonia está agindo em todos eles.

Quanto a esse fonema podemos dizer ainda que, como é observado no português em geral, em posição final seguida de uma consoante nasal, mais especificamente por *m*, o surgimento do assilábico [j] o torna em ditongo nasal

decrecente: [nĩgẽj] *ninguém* (1:16), [tãbẽj] *também* (2:167), (7:1), [nẽj] *nem* (3:1), [tẽj] *tem* (4:19), (5:1), (10:109) [bẽj] *bem* (6:27), [vẽj] *vem* (8:56), (9:13).

Às vezes, até mesmo por tratar-se de um assilábico em posição final, ocorre apócope do /j/, como em: *tem* [tẽ] *tẽ* por *tem* (3:16, 258, 313), *também* [tãbẽ] *tambẽ* por *também*, e *bem* [bẽ] *bẽ* por *bem* (6:76).

Da transcrição número seis, linha quatro, (6:4), ainda registramos o vocábulo *sem* realizado [sĩ]. Provavelmente a elevação para [ĩ] seja o resultado de um hipotético [sẽ], não registrado no *corpus*. Chega-se a essa inferência porque se fizéssemos a reconstituição das modificações fonéticas de *sem*, teríamos: [sẽj] > [sẽ] > [sĩ]. Seria pouco provável que essa alteração tenha ocorrido diretamente do ditongo [sẽj] > [sĩ], com síncope do fonema base da sílaba. De acordo com a teoria fonética que conhecemos a subtração é um fenômeno comum de fonemas átonos ou de assilábicos, como ficou demonstrado no parágrafo anterior.

Registramos ainda o surgimento do ditongo [ẽj] na sílaba tônica do vocábulo *engenho* [ẽdzẽjɲu] (7:7, 19, 80, 86). A ditongação do *e* nasalado pode ser explicada por assimilação à palatal /ɲ/ nasal contígua.

/ĩ/

A vogal [ĩ], tônica nasalada, em geral, apresenta timbre semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em

Portugal, com timbre alto: [diãmõtĩnu] *diamantino* (1:1), [mĩɲa] *minha* (2:10), [iʃkĩna] *esquina* (3:24), [sĩtu] *sinto* (4:21), [kavakĩɲu] *cavaquinho* (5:7), [ãsi] *assim* (6:7), [ĩnu] *indo* (7:71), [powzĩɲu] *pauzinho* (8:80), [mĩnĩna] *menina* (9:39), [galĩɲa] *galinha* (10:56).

A única alteração notada em todo o *corpus* deu-se no vocábulo *minha(s)*, em que [ĩ] nasalado passa a [e] oral: [meaʃ] *meas* por *minhas* (1:27), [mea] *mea* por *minha* (1:115), (2:112, 121), que pode ser explicada por analogia à forma masculina *meu*, em que o falante segue à regra geral da formação do feminino com a supressão do *u* masculino e acréscimo do *a* feminino *mea*.

Também há registro da forma [mia] *mia* por *minha* (2:197), (7:68), com síncope do fonema palatal nasal /ɲ/ e, por conseqüência, com [i] oral. No entanto há muitas ocorrências da forma [mĩa] *mĩa* por *minha* (3:261, 316, 357), (4:16, 19), (6:47, 49, 55), dentre outras ocorrências, onde o *i* continua nasalado mesmo com a síncope do fonema palatal, embora possamos dizer que nesse caso, na verdade, justamente em virtude de o *i* está nasalado, ocorre despalatalização ou iotização, e não simplesmente síncope da consoante palatal.

Por fim há que se registrar os três casos em que o vocábulo oxítono *assim* está realizado com o *i* desnasalado [asi] (6:131), (8:19), [ãsi] (9:62). No primeiro caso a nasalidade desaparece por completo, já no segundo, a nasalação afeta *a* inicial. A propósito esta última forma é freqüentemente alardeada como sendo um elemento

característico do falar cuiabano. Pelo que percebemos, porém, levando em conta seu baixíssimo rendimento, ela não passa de uma realização esporádica.

/õ/

Aqui também está valendo as mesmas observações feitas acima em *e* nasalado sobre a não distinção entre os timbres abertos e fechados. Ao diferenciar o português do Brasil do de Portugal nesse item, Teyssier (1997:82) dá como exemplo os vocábulos *sono* e *Antônio*, ambos pronunciados, no Brasil, com *o* fechado. No português europeu o timbre fechado aparece apenas em *sono*. *Antônio*, por lá, é pronunciado com *o* aberto: *António*.

No português da Baixada Cuiabana, a vogal [õ], tônica nasalada, em geral, apresenta timbre fechado semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em Portugal, principalmente se, conforme Maia (1986:386), considerarmos que o português culto europeu sempre apresenta essa vogal nasalada com timbre fechado, e que, a julgar pelo testemunho de Duarte Nunes Leão (1576) em sua *Orthografia da lingua portuguesa*, essa era a situação da língua culta do Centro do País já no século XVI: [nõmi] *nome* (1:91), [lõzi] *longe* (2:16), [kõpra] *compra* (3:220), [õtõnju] *antônio* (4:1), [tõma] *toma* (5:42), [põtu] *ponto* (6:73), [aõdi] *aonde* (7:39), [dõna] *dona* (8:89), [prõtu] *pronto* (9:1), [kõmi] *come* (10:386).

Em vocábulos monossilábicos e também oxítonos, muitas vezes [õ] passa, com a geração de um iode, a ser pronunciado como ditongo ora [õw], ora [õw]: *bom*: [bõw]

(2:7), (3:307) (6:39) (10:1) ou [bãw] (3:214), (4:48), (6:18), (8:83); *som*: [sõw] (4:97) ou [sãw] (4:118); *rondon*: [xõdõw] (2:10, 13, 21); *dom*: [dãw] (2:100).

A forma ditongada [bõw] *bom*, que se relaciona com o alongamento natural das vogais tônicas finais, foi registrada também por Cruz (1991:24) no falar da aldeia de Odeleite, sul de Portugal.

Outra alteração notada, embora com baixa freqüência, assemelha-se ao que ocorre com *e* nasaladoônico. Trata-se da elevação de timbre, de [õ] para [ũ]: [fũ] *fomos* (1:65), [fũm] *fomos* (1:71), [mũta] *monta* (3:54), [kũm] *como* (3:287), (4:106), (6:39), (8:71) (10:1), [kũmu] *como* (2:42), (3:319), (4:68), (5:95), (6:33).

Variação semelhante foi registrada por Penha (1997:104, 107) no falar rural do bairro de São Domingos, Minas Gerais, quando abona o fato com os vocábulos *consume* por *consome* e *sume* por *some*.

Observamos ainda uma única ocorrência da alteração de [õ] para [ẽ], explicitada em [sẽmu] *somos* (10:258).

/ũ/

A vogal [ũ], tônica nasalada, em geral, como as demais, apresenta timbre semelhante à vogal do português padrão, e do português popular, falado assim no Brasil, como em Portugal, com timbre alto: [difũtu] *defunto* (1:30), [aũgũa] *alguma* (2:1), [bagũsa] *bagunça* (3:10), [mũdu] *mundo* (4:126), [bũbu] *bumbo* (5:7), [pũnu]

punho (6:55), [kõmũ] *comum* (7:106), [dzũtu] *junto* (8:7), [nũka] *nunca* (9:76), [ũa] *uma* (10:62)

Nesse fonema, como no *u* oral, também não foi registrada no *corpus* cuiabano transcrito nenhuma particularidade que o distinga do português falado pelo mundo.

3.1.3. Vogais orais átonas

/a/

No que se refere ao timbre, o *a* oral da sílaba pretônica, postônica ou final dessa região mato-grossense não se diferencia da pronúncia do português do Brasil em geral, que se realiza sempre aberto. Em Portugal, ao contrário, segundo Teyssier (1997:82), há em sílaba pretônica a oposição entre o *a* fechado de *cadeira*, próprio da linguagem padrão, e o *a* aberto de *padeira*. Aliás, essa oposição está documentada desde o século XVI, nas gramáticas de Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Duarte Nunes Leão (1576).

Das várias ocorrências, eis alguns exemplos da realização do *a* oral átono em sílaba pretônica no português da Baixada Cuiabana: [garĩpu] *garimpo* (1:4), [parêti] *parente* (2:13), [akelaʃ] *aquelas* (3:22), [livramêtu] *livramento* (4:4), [bate] *bater* (5:10), [saia] *saía* (6:18), [faɫpadu] *farpado* (7:4), [aruda] *arruda* (8:27), [paresi] *parece* (9:1), [trabajẽnu] *trabalhando* (10:13).

No que se refere à vogal oral pretônica registramos no *corpus* transcrito apenas uma alteração. Por vezes, o *a* oral passa a nasalado em [ãsĩ] *assim* (6:7). Cinquenta

por cento das mais de setenta ocorrências desse vocábulo, em todo o *corpus*, aparece dessa forma. Há, no entanto, duas ocorrências de [ãsi] *assim* (8:92) e (9:62), com *a* nasalado, mas com desnasalação do *i* tônico.

Em posição postônica ou final pode ocorrer apócope do *a* oral, como aliás é comum no português em geral: [lavared] *lavareda* (1:77), [ɛɹ] *era* (2:153), [tav] *tava* (3:16), [nɛst] *nesta* (4:7), [dʒɜ̃nɛl] *janela* (5:65), [bunit] *bonita* (6:76), [ĩkatʃ] *encaixa* (7:21), [pɛɹn] *perna* (8:7), [tʃuv] *chuva* (9:30), [frut] *fruta* (10:226)

As condições ideais para que ocorra a subtração do *a* átono final certamente é quando se fala com certo descuido, apressadamente, e sem que a palavra seja afetada de um acento enfático. Um dos exemplos que deixa isso bem evidente é a realização de *nesta* na transcrição quatro, linha sete: [nɛst], com *a* apocopado, e na seqüência [nɛsta], sem a queda do fonema.

/ɛ/ e /e/

Tal qual a vogal *a*, no que se refere ao timbre, o *e* oral da sílaba pretônica, postônica ou final dessa região mato-grossense também não é diferente da pronúncia do português do Brasil em geral, que se realiza com mais freqüência com timbre fechado. Fato que até certo ponto confere com o que diz Teyssier (1997:82), referindo-se à região Centro-Sul, que o Brasil ignora a oposição do timbre aberto e fechado para a vogal *e* em sílaba pretônica. “Até certo ponto”, porque apesar de, nesse contexto, em comparação com o *e* fechado, termos registrado poucas ocorrências do seu oposto, com base no *corpus* transcrito podemos afirmar que no

português da Baixada Cuiabana o *e* da sílaba pretônica também pode ser realizado com timbre aberto como foi registrado nos vocábulos seguintes: [ĩtɛra] *enterrar* (1:71), [ʃpɛtaku] *espetáculo* (2:97), [iʃpɛrɔ̃n] *esperando* (3:109), [pɛɹtĩu] *pertinho* (3:115), [divɛɹʃɔ̃w] *diversão* (5:13) [padɛsẽnu] *padecendo* (6:47), [mɛɫora] *melhorar* (6:49), [pɛɛparada] *preparada* (6:76).

Das várias ocorrências eis alguns exemplos da realização do *e* oral com timbre fechado em sílaba pretônica no português cuiabano: [tʃɛga] *chegar* (1:7), [vɛɹdaderu] *verdadeiro* (2:13), [sɛrẽmika] *cerâmica* (3:54), [iʃkuregɔ̃n] *escorregando* (4:42), [tʃɛgo] *chegou* (6:111), [pɛsoa] *pessoa* (6:59), [novɛɹɔ̃w] *novelão* (8:83), [mɛtʃɛ] *mexer* (10:97).

Outro fato do português da Baixada que não destoa do português brasileiro em geral, também verificado no português padrão europeu, diz respeito à elevação do *e* fechado para *i* em sílaba pretônica: [siɹvisu] *serviço* (1:106), [silisjɔ̃nadu] *selecionado* (2:106), [sigĩti] *seguinte* (3:42), [siarẽsu] *cearense* (4:19), [trimĩna] *terminar* (5:48), [mirisimẽtu] *merecimento* (6:146), [baɹdiava] *baldeava* (7:48), [nuvilĩpu] *novelinho* (8:19), [dizɛsɛʃ] *dezesesseis* (9:82), [kabiludɔ̃w] *cabeludão* (10:91).

Esse fenômeno, comum em muitos falares portugueses, dentre eles o da aldeia de Odeleite (Cruz, 1991:33), já foi examinado, e interpretado por Vasconcelos

(1901:100) como sendo uma compensação atribuída à pouca resistência do *e* átono que faz com que ele mude para *i* a fim de não se sincopar.

No entanto, é possível coexistir num mesmo falante a realização do *e* fechado e do *i*, que foi produzido pela elevação daquele, como abona as duas ocorrências do vocábulo *pescoço*: [pi ʃkosu] (7:30) e [pe ʃkusu] (7:33).

Ainda em posição medial registramos a elevação para *i* nasalado como nos vocábulos [mĩĩĩnu] *menino* (3:284), [mĩĩĩnada] *meninada* (3:296) e [mĩĩĩna] *menina* (4:54), em que a nasalidade pode ser explicada por assimilação à consoante nasal contígua.

Em sílaba pretônica, como fez Penha (1997:56-58) na linguagem rural de São Domingos, Minas Gerais, ainda registramos a realização de [u] no lugar de [e] em todas as seis ocorrências de *semana*: [sum̃na] (3:92, 179, 232, 255, 264, 290).

Nos casos em que temos *e* fechado, em posição inicial, seguido pela fricativa /s/, na Baixada, pré-palatalizada em /ʃ/, verificamos duas realizações distintas.

A primeira, trata-se da supressão do *e*, que é um fenômeno bastante freqüente no português padrão de Portugal, e duma maneira geral, ainda conforme Vasconcelos (1901:100), no norte português. Em todo o *corpus* registramos apenas quatro ocorrências desse caso de aférese: [ʃpetaku] *espetáculo* (2:97), [ʃkɔɫ] *escola* (2:170), [ʃpia] *espiar* (3:336) e [ʃteɫku] *esterco* (10:135).

A segunda, trata-se da conservação da vogal inicial, porém elevada à *i*, por assimilação à fricativa, como é muito comum no português brasileiro: [i ʃtudej] *estudei* (2:30), [i ʃquĩna] *esquina* (3:24), [i ʃpera] *espera* (4:74), [i ʃkujtej] *escutei*

(6:128), [iʃtrada] *estrada* (7:48), [iʃpitʃadera] *espichadeira* (8:130), [iʃteɫku] *esterco* (10:205).

No português europeu, conforme o testemunho de Cruz (1991:27), esse fenômeno pode ser observado em Odeleite, na Beira Alta, em alguns falares do Alentejo e pontos do Algarve e dos Açores. Todavia, ainda segundo a investigadora portuguesa, é o *e* fechado que, no falar da aldeia de Odeleite, está na maioria dos casos, diferenciando assim do português padrão de Portugal que, via de regra, registra as formas com *i* inicial no lugar de *e*⁽⁶⁾.

Como podemos perceber, no português cuiabano, há um certo condicionamento que determina cada uma das realizações acima, podendo coexistir num mesmo falante, e num mesmo vocábulo, como no caso de *esterco*, ora pronunciado com aférese do *e*, ora com a presença da vogal inicial elevada a *i*.

As condições observadas por Cruz (1991:27-28) em seu trabalho para que isso aconteça, também servem para a nossa região mato-grossense:

i) o contexto fértil para que o fenômeno da supressão ou aférese da vogal ocorra é quando se fala com certo descuido, apressadamente, e sem que a palavra seja afetada de um acento expressivo;

ii) quando a palavra está realçada por acento expressivo ou então o falante, sem pressa, teve um mínimo de cuidado, a realização do *e* elevado a *i* é perfeitamente audível.

⁽⁶⁾ Vasconcelos (1901:100) também verificou esse mesmo fato em Parte da Estremadura, Alentejo e Algarve.

Ainda em posição inicial, é possível registrar a elevação do *e* oral fechado para *i* nasal, [ĩ], principalmente se estiver seguido pela fricativa /z/, como em [ĩzisti] *existe* (7:86) e [ĩzēpu] *exemplo* (3:65), (4:24), (6:21).

Nem sempre, porém, a presença dessa consoante necessariamente faz com que o fenômeno aconteça. Embora com baixa frequência, esses mesmos vocábulos também podem ser realizados com o *e* elevado a *i*, mas sem nasalização: [iziʃti] *existe* (2:39) e [izēpu] *exemplo* (2:132).

Em posição postônica ou final, e também em monossilábicos átonos, verificamos, no português da Baixada, as seguintes realizações do *e*:

i) conservação do *e* com timbre fechado: [grã:de] *grande* (2:109), [bajle] *baile* (5:19), [eʃte] *este* (5:62), [ele] *ele* (6:172), [tʃarɛtɐ] *charrete* (7:74), [baʃtãte] *bastante* (8:100), [frête] *frente* (10:153), [sɛte] *sete* (10:261), [ke] *que* (6:143), [de] *de* (8:100);

ii) conservação da vogal final, porém elevada a *i*: [dozi] *doze* (1:1), [nõmi] *nome* (2:7), [dʒêti] *gente* (3:10), [amõnesi] *amanhece* (4:135), [deferêti] *diferente* (5:24), [forãti] *forante* (6:21), [tʃarɛti] *charrete* (7:77), [idadi] *idade* (8:33), [eʃmãdadi] *irmandade* (9:73), [sobi] *soube* (10:48), [ki] *que* (6:1), [di] *de* (8:71).

Este fato não é diferente das variedades do português falado no Brasil, com exceção de parte do português sulista que, no ambiente fonético em questão, normalmente não faz a elevação de *e* para *i*, como é registrado por Aguilera

(1994:229), no Atlas lingüísticos do Paraná, carta fonética, número 103, quando analisa as isófonas da sílaba final em *ponte*.

No português falado em Portugal, nesse mesmo contexto, a elevação dessa vogal, conforme aponta Cruz (1991:39-43), é bem comum, apresentando mínimas variações. Vasconcelos (1901:101) também já havia apontado que, em vários falares de Portugal, dentre eles, o da região de Entre-Douro-e-Minho, e de Barrancos (1955:20-40), a oscilação entre os timbres *e* e *i* é possível de ser verificada;

iii) supressão ou apócope do *e*: [soɹt] *sorte* (2:80), [e]t] *este* (3:13), [grãd] *grande* (4:65), [es] *esse* (5:54), [eɿ] *ele* (6:143), [paɹt] *parte* (7:16), [koɹt] *corte* (8:21), [deɿ] *dele* (9:10), [taɹd] *tarde* (10:7), [k] *que* (6:122), [d] *de* (8:59).

A coexistência desses fenômenos num mesmo falante e numa mesma palavra, como fica explicitado nas ocorrências de *que* e *de*, depende de fatores supra-segmentais. As condições para que um ou outro fenômeno aconteça são semelhantes às descritas acima, quando tratamos do *e* inicial. Ou seja: se se fala com descuido, com pressa, e sem que a palavra carregue acento expressivo, ocorre o fenômeno da supressão ou apócope do *e*; em condições adversas o *e* é realizado sem alteração de timbre, ou elevado a *i*.

Em se tratando de *e* final, ainda restam os casos em que essa vogal átona é realizada como *a* [kerozēna] *querosena* por *querosene* (1:100), como *u* [siarēsɹ] *cearenso* por *cearense* (4:16,19), e como ditongo crescente, tendo na base o *a* [siarēsja] *cearênsia* por *cearense* (8:62).

As condições que determinam tais realizações parecem não ser de caráter fonético-fonológico, mas morfológico. O *a* de *querosena* está funcionando como

desinência do gênero feminino, considerando que é esse o gênero que o falante imprime para *querosene*; o *u* de *cearenso* está funcionando como desinência do gênero masculino, que via de regra é a forma mais utilizada para explicitar essa noção gramatical, uma vez que o *e*, por si só, não desempenha esse papel; O ditongo *-ia*, na verdade, é resultado de hipercorreção. A intenção do informante era dizer *cearense* para adjetivar o substantivo feminino *rede*.

/i/

O *i* oral átono no falar cuiabano não é diferente da pronúncia, em geral, do português do Brasil e de Portugal, que se realiza com timbre fechado. Seja em sílaba pretônica, em posição inicial: [idad] *idade* (2:4), e medial: [diãmãtĩnu] *diamantino* (1:1), seja em sílaba postônica [pulitika] *política* (3:94).

O abaixamento do timbre de *i*, passando a *e* fechado, foi a única alteração notada em todo o *corpus* transcrito. Embora seja de baixa frequência, o fenômeno pode ser registrado em sílaba pretônica com *i* inicial: [eɹmãw] *ermão* por *irmão* (2:112), (9:76), [eɹmõ] (3:24), [eɹmã] *ermã* por *irmã* (2:109), (6:52), [eɹmãdadi] *ermandade* por *irmandade* (9:73); e também com *i* medial: [devɛɹ] *deversão* por *diversão* (5:16), [deferẽti] *deferente* por *diferente* (5:21 e 24).

A realização de *e* no lugar de *i* inicial, segundo Vasconcelos (1901:102), é característico dos falares meridionais portugueses; já em posição medial, o *i* aproxima-se do chamado timbre neutro, causado pelo enfraquecimento do seu timbre normal. Trata-se de um fenômeno, conforme registra Cruz (1991:35), muito

generalizado na linguagem popular de Portugal, particularmente encontrado em Monsanto e em vários falares do Alentejo, do Algarve e também nos Açores. No Brasil, Penha (1997:61-67) registra o fato no falar rural do bairro de São Domingos, no sul de Minas.

/ɔ/ e /o/

No que se refere ao timbre, o oral da sílaba pretônica, postônica ou final realizado na Baixada Cuiabana também não é diferente da pronúncia do português do Brasil em geral, que, como vimos em *e*, se realiza com mais frequência com timbre fechado. Fato que até certo ponto também confere com o que diz Teyssier (1997:82), referindo-se à região Centro-Sul, que o Brasil ignora a oposição do timbre aberto e fechado para a vogal *o* em sílaba pretônica. “Até certo ponto”, porque apesar de, nesse contexto, em comparação com o *o* fechado, termos registrado poucas ocorrências do seu oposto, o certo é que podemos afirmar, como fizemos tratando do *e* átono em contexto idêntico, que no português da Baixada Cuiabana o *o* da sílaba pretônica também pode ser realizado com timbre aberto como foi registrado nos seguintes vocábulos: [ĩbɔladu] *embolado* (4:65), [fɔrɔ̃ti] *forante* (6:21), [nã̃mɔrɔ̃nu] *namorando* (6:61), [mɔra] *morar* (7:42), [mɔrava] *morava* (7:42, 56) [vɔtas] *votasse* (8:42), [vɔɫtĩa] *voltinha* (10:27).

De muitas ocorrências eis alguns exemplos da realização do *o* oral com timbre fechado em sílaba pretônica no português da Baixada: [soɫteru] *solteiro* (1:19), [modelu] *modelo* (2:30), [sobrinõmi] *sobrenome* (3:30), [morado] *morador* (4:1),

[poɫtera] *porteira* (5:89), [fotografi:a] *fotografia* (6:7), [morava] *morava* (7:7), [novelu] *novelo* (8:16), [foɫma] *forma* (9:33), [soɫto] *soltou* (10:30).

Outra realização do *o* oral átono, em sílaba pretônica, encontrada no português cuiabano que não destoa do português brasileiro em geral, e também verificado no português padrão europeu, diz respeito à elevação do *o* fechado para *u*: [duɫmi] *dormir* (1:16), [bunita] *bonita* (2:39), [pulitika] *política* (3:94), [kuɫtumadu] *acostumado* (4:59), [kubεɫtu] *coberto* (5:10), [aɫguduĩ] *algodoim* (6:87), [kumesu] *começo* (7:91), [nuvilĩɲu] *novelinho* (8:19), [murẽniã] *moreninha* (9:39), [puɫke] *porque* (10:94).

Ressalte-se, contudo, que no falar cuiabano, este último fenômeno não ocorre com a mesma elevada frequência observada no falar carioca e no português padrão de Portugal.

Ainda tratando desta última alteração, é possível registrar casos raros de nasalação como observamos nos seguintes vocábulos: [vũse] *você* (6:82, 96) e [kũzĩɲa] *cozinhar* (9:59).

Das muitíssimas ocorrências do vocábulo *você* houve apenas essas duas com *u* nasalado no lugar de *o*. Paralelamente a essa realização coexistem formas com [o] e [u] sem a nasalação, com ou sem aférese de *v*: [voseɫ] (10:48), [ose] (4:144), [vuse] (4:124) [use] (2:1).

Em posição postônica ou final, e também em monossilábicos átonos, verificamos, no português da Baixada, as seguintes realizações do *o*:

i) conservação da vogal final elevada a *u*: [sedu] *cedo* (1:4), [dizunidu] *desunido* (2:19), [diveɹtimêtu] *divertimento* (3:10), [kriadu] *criado* (4:1), [kūpãnadu] *acompanhado* (5:1), [muadzêtu] *moagente* (6:1), [siɹvisu] *serviço* (7:4), [mãsebu] *mancebo* (8:4), [kūmigu] *comigo* (9:16), [separadu] *separado* (10:24), [du] *do* (9:10).

De uma maneira geral este fato não é diferente das variedades do português falado assim no Brasil, como em Portugal;

ii) supressão ou apócope do *o*: [kwãd] *quando* (1:94), [mɛtr] *metro* (2:48), [tros] *troço* (3:138), [kriãd] *criado* (4:1), [fuɹmad] *formado* (5:51), [trẽzitãn] *transitando* (6:13), [groseɹ] *grosseiro* (7:4), [gostoz] *gostoso* (8:109), [tud] *tudo* (10:4).

A coexistência desses fenômenos num mesmo falante e numa mesma palavra, como fica explicitado nas duas ocorrências de *criado*, depende muitas vezes também de fatores supra-segmentais. As condições para que um ou outro fenômeno aconteça são semelhantes às descritas acima, quando tratamos do *e* inicial e final. Ou seja: se se fala com descuido, com pressa, e sem que a palavra carregue acento expressivo, ocorre o fenômeno da supressão ou apócope do *o*; em condições adversas o *o* é elevado a *i*. Não encontramos, porém, em todo o *corpus* transcrito a realização do *o* átono final sem alteração do timbre como observamos no *e*.

Registramos ainda uma única ocorrência da realização de um *i* no lugar de *o* final em [muadzêti] *moagenti* por *moagente* (6:13). Trata-se de um fenômeno também observado por Cruz (1991:42) no falar de Odeleite e, segundo pontua a investigadora, está largamente representado noutros falares portugueses.

/u/

O *u* oral átono no falar cuiabano também não difere da pronúncia, em geral, do português do Brasil e, em parte, de Portugal, realizando-se com timbre fechado: [buraku] *buraco* (1:42), [unidu] *unido* (2:19) *unido*, [tudu] *tudo* (3:121) [riunidu] *reunido* (4:30), [kururu] *cururu* (5:1), [dureza] *dureza* (6:178), [furĩpu] *furinho* (7:21), [uɹdzĩ] *urgir* (8:121), [muje] *mulher* (9:13), [kura] *curral* (10:21).

A única alteração desse fonema pode ser observada no vocábulo *escutei*, em que o *u* pretônico passa a ser base de ditongo [uj]: [iʃkujtej] *escutei* por *escutei* (6:128, 131, 134). Este fato também foi registrado por Penha (1997:90) na linguagem rural do bairro de São Domingos, em Minas Gerais.

3.1.4. Vogais nasaladas átonas

Todas as vogais átonas nasaladas de uma maneira geral apresentam timbres idênticos às do português brasileiro e europeu, apresentando as seguintes realizações.

/ã/

Independente da posição se inicial, medial ou postônica não registramos nenhuma alteração do timbre do *a* nasalado: [mãɲã] *manhã* (1:4), [ãtigamêti] *antigamente* (2:170), [ãmigu] *amigo* (3:334), [trãsparêsa] *transparência* (4:91), [kãta] *cantar* (5:54), e assim por diante.

/ẽ/

Em sílaba pretônica, com a vogal em posição inicial ou medial, pode ocorrer elevação para *i* nasalado: [ĩtẽw] *então* (1:65), [ĩtra] *entrar* (4:83), [ĩbɔra] *embora* (6:137), [ĩkõtɾẽmu] *encontramos* (10:135), [sĩti] *sentir* (4:51), [sĩta] *sentar* (6:79).

Dois dentre os vocábulos acima, apresentam a realização do *e* nasalado sem alteração de timbre: [ẽtra] *entrar* (3:74), [ẽtẽw] *então* (10:62).

A coexistência dessas duas formas, também registrada por Vasconcelos (1901:100), dentre outros investigadores portugueses, deve sua realização, na Baixada, a fatores supra-segmentais. Pela análise do *corpus* transcrito, podemos observar que a elevação de [ẽ] para [ĩ] só não ocorre quando o vocábulo vem seguido de pausa, ou então a palavra está afetada de acento expressivo.

Quando em posição final, merece destaque a vogal *e* seguida por consoante nasal. Nesse caso, o ditongo nasal [ẽj], que deveria resultar desse segmento, perde a nasalidade e fica reduzindo a [i], como, via de regra, pode ser observado no português falado, ou popular, em todo o Brasil, bem como foi observado por Vasconcelos em Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes⁽⁷⁾, por Cruz em Odeleite⁽⁸⁾, por Lopes da Silva em Cabo Verde⁽⁹⁾ e, na região do Algarve, por Nunes⁽¹⁰⁾: [vaɹdzĩ] *vargem* (1:48), [koradzĩ] *coragem* (1:121), [õtĩ] *ontem* (2:173), [õmi] *homem* (3:103),

⁽⁷⁾ J. L. de Vasconcelos (1901), *Esquise*, pág. 101.

⁽⁸⁾ M. L. S. da Cruz (1991), *O falar de Odeleite*, pág. 50.

⁽⁹⁾ B. L. da Silva (1957), *Dialecto crioulo de Cabo Verde*, pág. 78.

⁽¹⁰⁾ J. J. Nunes (1902), *Revista Lusitana*, VII, págs. 35 e 44.

[tɛxaprẽjnadzɪ] *terraplanagem* (3:188), [viadzɪ] *viagem* (3:211), [viʃi] *virgem* (3:267), [bobadzɪ] *bobagem* (3:348), [rodadzɪ] *rodagem* (4:27), [muadzɪ] *moagem* (6:4), [viɹdzɪ] *virgem* (6:247), [parẽtadzɪ] *parentagem* (7:100), [trẽpulĩnadzɪ] *trampolinagem* (10:62).

No caso da preposição *em*, o ditongo nasal [ẽj] fica reduzindo a *i* nasalado: [ĩ] (1:115), dentre muitas ocorrências.

/ĩ/

Como observamos no *a* nasalado, independente da posição se inicial, medial ou postônica não registramos nenhuma alteração de timbre do *i* nasalado: [ĩpresjõnadu] *impressionado* (1:13), [nĩgẽj] *ninguém* (1:16), [lĩpeza] *limpeza* (3:167), [tremĩna] *terminar* (3:173), [mĩnĩnada] *meninada* (3:296), e assim por diante.

/õ/

Em sílaba pretônica, com a vogal em posição medial, é comum aparecer a forma do *o* nasalado, sem alteração de timbre, ao lado da forma elevada a *u*, também nasalado, em especial se estiver compondo sílaba com a consoante oclusiva velar surda /k/: [kõpretej] *completei* (1:10), [kũmigu] *comigo* (1:71), [kõprava] *comprava* (2:45), [kũpreto] *completou* (2:173), [kõpẽsa] *compensa* (3:226), [kũpadĩ] *compadre* (3:27), [kõpasu] *compasso* (7:30), [kũmẽrʃu] *comércio* (7:94), [kõpradu]

comprado (8:54), [kũmêdo] *encomendou* (8:89), [kõpra] *comprar* (9:53), [kũpẽno] *acompanhou* (9:44), [kõpro] *comprou* (10:369), [kũbinadu] *combinado* (10:71).

Nesse mesmo contexto, porém, pode haver também a realização do o desnasalado, como em [komadri] (6:111), ao lado de [kũmadi] *comadre* (6:172).

É, no entanto, a preposição *com* que nos oferece quatro realizações distintas dessa vogal. Temos, com baixa freqüência, o nasalado sem alteração de timbre: [kõ] (3:296); também com baixa freqüência é a realização do o elevado a u desnasalado: [ku] (6:184); com alta freqüência aparecem as realizações do o desnasalado: [ko] (1:37), (2:19), (3:80), (6:4), (7:80), (9:44) e (10:91); e do o elevado a u nasalado [kũ] (1:24), (2:21), (3:334), (4:24), (8:109), (9:79) e (10:13), dentre outras ocorrências.

/ũ/

A única forma dessa vogal documentada de maneira diferente, foi a percebida no vocábulo *umbiguinho*, pronunciado, [ĩbigĩ] (8:92), provavelmente por assimilação à vogal tônica. De resto, não registramos em todo o *corpus* transcrito outra forma diferente do timbre comum dessa vogal átona nasalada: [peɹgũtava] *perguntava* (2:80), [peɹgũte] *perguntei* (2:159), [piɹgũtej] *perguntei*, [siɹkũtẽsa] *circunstância* (4:115), [pregũto] *perguntou* (10:112), [dʒũtar] *juntaram* (10:141).

3.1.5. Ditongos decrescentes orais

[aj]

O ditongo *ai* de uma maneira geral é plenamente realizado no português falado na Baixada Cuiabana: [kajera] *caieira* (1:171), [kajpira] *caipira* (2:150), [saj] *sai* (3:57), [vaj] *vai* (4:42), [bajli] *baile* (5:1), [najpi] *naipe* (6:1), [paj] *pai* (6:41), [majɔ] *maior* (7:16), [saju] *saio* (9:44), [bajʒnu] *baiano* (10:237).

Esse ditongo reduz-se a *a* quando geralmente está seguido de consoante palatal africana /tʃ/ ou de fricativa /ʃ/, que absorvem a semivogal /j/, como em [maʃ] *mais* (1:75), [dimaʃ] *demais* (2:182), [baʃi] *baixo* (3:68), [batʃu] *baixo* (4:83), [katʃõw] *caixão* (5:10), [ikatʃ] *encaixa* (7:21), [batʃeru] *baixeiro* (8:97), [batʃia] *baixinha* (9:42), [batʃa] *baixa* (10:231).

A coexistência da forma ditongada [aj] e monotongada [a] nos vocábulos *mais* e *demais* ratifica a lei fonética imprimida à fricativa /ʃ/. Quando essa consoante está ausente registra-se a realização plena do ditongo: [majz] (1:100), (4:86), (7:45); [maj] (1:115), (2:100), (3:36), etc.; [majz] (4:132), (6:17), (10:231); [demaaj] (3:185), (8:62), (9:62), (10:7); [dimaaj] (10:10).

No entanto isso não impede que haja outras ocorrências esporádicas das formas de *mais*: [ma] (6:221, 233), [maz] (1:45), (4:132), (6:215), (7:13), [majʃ] (8:83).

A assimilação do elemento semivocálico do ditongo decrescente *ai*, no contexto fonético em destaque, não é exclusividade da variante cuiabana. Pelo contrário, esse fenômeno que já fora registrado por Amaral (1955:50), em *O Dialeto Caipira*, é comum no português falado assim no Brasil, como no português europeu. Segundo Vasconcelos (1901:122), em Portugal, esse fenômeno é intensamente registrado na região sul do País, mas também encontrado, com freqüência, em outras regiões.

Em verdade trata-se de um fato que pode ser observado nas variantes portuguesas, seja no continente europeu, seja no arquipélago dos Açores⁽¹¹⁾ e na ilha de Cabo Verde⁽¹²⁾.

O que se observa, no entanto é que, nesse mesmo ditongo, não tão freqüentemente, pode ocorrer a supressão da semivogal /j/ sem que, necessariamente, esteja vinculada ao ambiente fonético descrito, como nos exemplos cedidos pelo professor Dr. Saramago⁽¹³⁾, via Internet: [pa] por [paj] *pai*, em: *meu pa*; [va] por [vaj] *vai*, em: *ele não va*; e [desvarada] por [desvajrada] *desvairada*, em: *ela é desvarada*.

Esse tipo de realização também foi encontrada na variante portuguesa falada na Baixada. Ao lado de [vaj] *vai*, registramos uma ocorrência com a forma [va], em: *se não tiver não va não acerta* (4:80), e em: *va descarçoçar* (8:112); e outra com [ba], em: *e assim ba indo* (4:135).

⁽¹¹⁾ M. L. B. e Maia (1965), *O falar da Ilha Terceira - Açores*, pág. 65.

⁽¹²⁾ B. L. da Silva (1957), *Dialecto crioulo de Cabo Verde*, págs. 62, 67 e 108.

⁽¹³⁾ Em J. Saramago (1992), *Le parler de l'île de Corvo - Açores*, não há menção desse fenômeno.

Fora do contexto fonético que envolve a palatal, a monotongação de *ai* ainda ocorreu em [baru] *bairro* (10:269).

A realização do ditongo *ai* como *ei*, registrado tanto por Penha (1997:113) quanto por Amaral (1955:50), também foi observada no português cuiabano na única ocorrência do vocábulo *raiva* [xɛjva] (3:83).

Cintra (1995) registra esse fenômeno em *Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*⁽¹⁴⁾, em especial quando trata do ditongo *ei*, que de acordo com Maia (1986:537) é resultado da evolução de *ai*. Diz Cintra (1995:42) que em toda zona do norte e do centro de Portugal, em que *ei* se mantém, é mais freqüente encontrá-lo realizado na forma que apresenta em Lisboa e em grande parte do norte português, ou seja: [aj], ou pelo menos nas formas [ɛj], com *e* aberto ou [ej], com *e* médio. Com *e* fechado a freqüência é bem mínima e é próprio do falar das classes cultas do sul português, como no das classes cultas brasileiras, em que é “o resultado da restauração do ditongo com base na própria ortografia e não em qualquer pronúncia viva”. E ressalta que essas realizações (*ai*, *éi* e *ei*) estão tão próximas que em Portugal é possível encontrá-las, freqüentemente, convivendo na mesma localidade ou aparecerem em localidades vizinhas.

⁽¹⁴⁾ Comunicação apresentada no “Primeiro Simpósio de Filologia Românica (1958)” e publicada nos anais do congresso em 1970, págs. 115 a 134. Depois foi republicada em 1995 (2.ª edição) de *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, págs. 35 a 54.

[aw]

O ditongo *au* de uma maneira geral também é plenamente realizado no português falado na Baixada Cuiabana: [awla] *aula* (1:1), [paw] *pau* (7:7), [kaw] *causa* (4:21), [kaws] *causa* (10:167).

Registramos apenas um caso de redução desse ditongo para *a* numa terceira realização do vocábulo *causa* [ka] (3:319). A princípio essa monotongação encontra explicação em fatores supra-segmentais. Ao que parece, a supressão da semivogal /w/ não está vinculada ao ambiente fonético em que o vocábulo está inserido: [pu ka di dīperu] *por causa de dinheiro*.

Em posição átona, o ditongo *au* pode realizar-se com a forma [ow]: [owmēt̃n] *aumentando* (7:94), [owmêto] *aumentou* (8:36), [owmêtaɖu] *aumentado* (8:39), [powzĩnu] *pauzinho* (8:80).

Cintra (1995:43), tratando do ditongo *ou*, que também de acordo com Maia (1986:548) é resultado da evolução de *au*, registra a convivência das formas *ou* e *au* nos falares portugueses.

[ej]

O ditongo *ei* no português falado na Baixada Cuiabana, de uma maneira geral, apresenta-se mais monotongado em *e* do que plenamente realizado, seja em posição tônica, seja em átona. Principalmente quando está seguido de /ʃ/, /tʃ/, e /r/: [dizeseʃ] *dezesesseis* (1:7), [seʃ] *seis* (1:10), [deʃaru] *deixaram* (1:74), (10:264),

[deʃav] *deixava* (2:51), [deʃa] *deixa* (3:77); [detʃa] *deixa* (3:135), [detʃava] *deixava* (7:109), [petʃi] *peixe* (8:89); [soɫteru] *solteiro* (1:19), [fexera] *ferreira* (2:7), [toɾeru] *toureiro* (2:59), [mũteru] *monteiro* (3:144), [kũpãneru] *companheiro* (4:51), [poɫtera] *porteira* (5:74), [grasera] *graceira* (6:4), [kadera] *cadeira* (7:13), [primeru] *primeiro* (8:33), [ĩteraɫ] *inteirar* (8:112), [baɫberu] *barbeiro* (10:89).

A coexistência da forma ditongada [ej] e monotongada [e] em vocábulos como *dezesseis* e *seis* reafirma a lei fonética imprimida à consoante /ʃ/. Quando essa consoante está ausente registra-se a realização plena do ditongo: [dizesejz] (1:36), [sejz] (10:269).

A assimilação da semivogal do ditongo decrescente *ei*, no ambiente fonético em destaque, como dissemos ao trata do ditongo *ai*, não é exclusividade da variante cuiabana. Esse fenômeno, que também já fora registrado por Amaral (1955:50), é comum no português falado assim no Brasil, como no português europeu. Conforme nos relata Cruz (1991:55), a monotongação de *ei* é uma das características fonéticas dos falares meridionais portugueses já assinalada por Vasconcelos (1901) e, no sul e grande parte do centro de Portugal, pelo professor Cintra (1995:41). A própria autora registra o fenômeno em Odeleite.

Comparando os exemplos dados pela investigadora portuguesa, na abonação do fato, constatamos que há uma distinção entre os dois falares no que se refere ao ambiente fonético propício para a dita monotongação. Em Odeleite a monotongação de *ei* ocorre invariavelmente antes de qualquer consoante. Já na Baixada Cuiabana,

em todas as ocorrências, o ditongo não se altera antes da consoante /t/: [dejto] *deitou* (1:16), [direjtu] *direito* (2:129), [prifejt] *prefeito* (3:57), [prefejtura] *prefeitura* (3:223), [dzejtu] *jeito* (6:36), [fejtu] *feito* (7:65), [lejti] *leite* (8:103), [dzejtadu] *ajeitado* (10:91), [asejtu] *aceito* (10:360).

Também não houve alteração desse ditongo nas duas únicas ocorrências do vocábulo *conceição* [kõsejsãw] (10:243, 258), em que aparece antes de /s/.

Quando *ei* vem antes de vogal, que pode sofrer apócope, o mais comum é ocorrer a realização da forma ditongada: [meju] *meio* (2:4), [5:74], [mej] *meio* (2:48), (7:10), [ʃej] *cheio* (2:39), [veju] *veio* (2:132), (7:10), (10:16), [vej] *veio* (3:97), (10:159), [fejtu] *feio* (10:10), [fej] *feio* (3:237), (10:19), [rodejtu] *rodeio* (4:153), [paseju] *passeio* (10:51), [viadzeja] *viajeia* (3:185), [aʎeja] *alheia* (6:149).

Nessas condições ainda é possível registrar formas monotongadas de *ei*: [mea] *meia* (1:24), (9:24), podendo a vogal ser apocopada: [me] *meia* (1:4), *meio* (10:100).

A flutuação entre as formas ditongadas e monotongadas de *ei* antes de vogal também são apontadas por Cruz (1991:56), no falar de Odeleite, bem como em outros falares portugueses, inclusive em Cabo Verde⁽¹⁵⁾. Entretanto, como no falar de Odeleite, na Baixada Cuiabana a tendência, como dissemos, é para a realização plena do ditongo junto de vogal. A conservação do ditongo nesse contexto fonético,

⁽¹⁵⁾ B. L. da Silva (1957), *Dialecto crioulo de Cabo Verde*, págs. 73 e 110.

fazendo coro à colega portuguesa, está diretamente relacionada com a tendência para desfazer o hiato.

Em posição final também há coexistência das formas ditongadas e monotongadas de *ei*: [kõprej] *comprei* (1:10), [fike] *fiquei* (1:13), [peɹgũte] *perguntei* (2:159), [piɹgũtej] *perguntei* (2:161), [se] *sei* (3:13), [sej] *sei* (3:22), [iʃkujtej] *escutei* (6:128), [fale] *falei* (6:172), (9:53), (10:7), [kriej] *criei* (7:97), [operej] *operei* (9:59), [demorej] (10:4).

As condições que determinam a realização ou não do ditongo em posição final estão relacionadas mais a fatores supra-segmentais, como a pausa, do que a fatores da fonética sintática, como a presença de vogal ou consoante no início do vocábulo que vem depois do dito ditongo.

Por fim, ainda merece destaque as duas ocorrências do vocábulo *queimar*. De um mesmo falante ouvimos [kɛɾima] (6:247), em que ocorre o acréscimo da consoante /r/, desfazendo o ditongo, e [kɛɹma] (6:253), em que a epêntese da consoante provoca a monotongação em virtude de o elemento semivocálico assimilar-se à consoante retroflexa /ɹ/.

[ew]

De uma maneira geral, em virtude do número de realizações registradas em todo o *corpus* transcrito, salvo algumas poucas alterações, percebemos que há uma forte tendência para que o ditongo [ew], fechado, sempre seja realizado no português falado na Baixada Cuiabana: [ew] *eu* (1:1), (8:71), (9:1), [moxew] *morreu* (1:16), [dewʃ]

deus (1:121), (3:4), [muzew] *museu* (2:27), [kresew] *cresceu* (3:62), [mew] *meu* (4:27), (8:19), [sew] *seu* (5:45), [peɹdew] *perdeu* (6:146), [mewʃ] *meus* (7:100), [desew] *desceu* (9:30), [dew] *deu* (10:7).

Embora com uma única ocorrência o ditongo [ɛw], com *e* aberto, também não apresentou nenhuma modificação na sua forma: [povarew] *povaréu* (10:100).

As alterações do ditongo [ew], com *e* fechado, se resumem em três dos vocábulos acima: o pronome *eu*, além da forma [ew], apresenta-se também como [eo] (8:1), [iw] (6:76), (7:1), (8:13), (9:36), e monotongado [e] (10:196); o pronome *meu* apresenta-se, ao lado de [mew], com a forma [miw] (8:33); e o substantivo *deus*, que além da forma acima [dewʃ], pode ocorrer monotongado, sem ou com a supressão da consoante final [deʃ] (3:223) e [de] (4:48).

Como dissemos no ditongo *ei*, as condições que também determinam as alterações do ditongo *eu* estão relacionadas mais a fatores supra-segmentais do que a fatores estritamente da fonética.

[oj]

O ditongo *oi*, no português falado na Baixada Cuiabana, apresenta-se fluando entre a forma ditongada e a reduzida, sem que as condições para que ocorra uma forma ou outra estejam bem claras.

Ao mesmo tempo em que se registra a monotongação em virtude de a semivogal assimilar-se à consoante pré-palatal /ʃ/, como em [doʃ] *dois* (1:57),

(8:33), (9:36) e [dipoʃ] (2:100), [depoʃ] *depois* (7:33), o mesmo fenômeno se repete diante de outras consoantes, como nas ocorrências de [dos] *dois* (3:229), (10:185) e [koza] *coisa* (5:7), (6:49), (7:74). Dos mesmos falantes ainda pode-se ouvir, ao lado de [koza], a forma em que o ditongo se conserva [kojza] (5:30), (6:236), (7:253).

Em relação ao vocábulo *dois*, além das duas formas monotongadas já mencionadas, registramos ainda mais duas ocorrências, em cujas formas a consoante final está subtraída. Uma com a realização do ditongo [doj] (1:91), e a outra com o ditongo reduzido a o [do] (8:7). Essa mesma oscilação se repete no verbo *foi*: [foj] (1:13), e [fo] (3:164), (10:366)

Em relação a *depois*, além das formas também já mencionadas, registramos outras ocorrências, sem ou com subtração da consoante final, em que o ditongo está plenamente realizado: [dipojs] (2:7), [depoj] (3:19), [dipoj] (4:124). Em contexto fonético semelhante, registramos uma única ocorrência ditongada de [pojz] *pois* (4:16).

Como dissemos ao tratar do ditongo *ei*, acima, em todas as ocorrências de *oi* antes da consoante /t/ não registramos nenhuma alteração do ditongo: [nojti] *noite* (1:16), [ojtēt] *oitentá* (2:1), [ojtu] *oito* (8:16), [ojtava] *oitava* (9:21).

Em outras duas ocorrências de vocábulos que apresentam o ditongo *oi*, numa não houve alteração [boj] *boi* (2:74), já em [diʃkuɹvara] *descoivarar* (6:253), além de a vogal base /o/ elevar-se a /u/, a epêntese da retroflexa /ɹ/ provoca a

monotongação, uma vez que o elemento semivocálico assimilou-se à consoante acrescentada.

[ow]

Como disse Amaral (1976:50), tratando desse ditongo, a alternância entre *ou* e *oi* que existe, em alguns casos, em Portugal e na variante culta brasileira, e que não foi encontrada no dialeto caipira, também não foi encontrada, na Baixada Cuiabana, em nenhuma das ocorrências registradas no *corpus* transcrito. Na verdade não registramos sequer uma única conservação do ditongo *ou*. Independente de qualquer contexto fonético sempre ocorre a monotongação. Dentre tantas realizações, eis alguns exemplos: [troʃi] *trouxe* (1:112), [torada] *tourada* (2:42), [xopa] *roupa* (3:77), [otra] *outra* (4:95), [koru] *couro* (5:10), [poku] *pouco* (6:16), [frakaso] *fracassou* (7:89), [fiko] *ficou* (8:45), [otu] *outro* (9:50), [sobi] *soube* (10:48).

As alterações notadas residem apenas no timbre da vogal resultante da redução do ditongo, ora /o/ ora /u/. Ao lado da forma [troʃi], citada acima, coexiste [trusi] *trouxe* (1:118); ao lado de [pukĩɲu] *pouquinho* (10:252), encontramos no mesmo falante, na seqüência, [pokĩɲu] (10:255).

[iw] e [uj]

O ditongo *iu*, em suas dez ocorrências, não apresentou nenhuma alteração: [viw] *viu* (1:16), [3:357], (6:70), (7:10), (8:10), (10:336), [saiw] *saiu* (4:71), (6:134), [abriw] *abriu* (10:27), [garãtiw] *garantiu* (10:80).

Já o ditongo *ui*, com apenas quatro ocorrências, apresentou um caso de monotongação com a realização de [fu] por [fuj] *fui* (1:1). Nas outras três realizações o ditongo apresentou-se pleno: [fuj] *fui* (1:106), 2:115), (9:36).

3.1.6. Ditongos decrescentes nasais

[ãj]

Em todas as ocorrências o ditongo *ãe*, no português cuiabano, não há alteração de sua forma, como podemos constatar nos vocábulos *mãe* e *mamãe*, respectivamente: [mãj] (4:19), (9:11), (10:246), e [mãmãj] (6:47), (9:82), (10:194).

[ãw]

O ditongo *ão* nos substantivos e advérbios, e *am* nos verbos (terceira pessoa do plural), apresenta-se no falar cuiabano, pelo menos, com seis formas distintas indicadas a seguir por ordem decrescente de ocorrência:

i) redução do ditongo a [ũ], nasalado, sendo o advérbio *não* o vocábulo responsável pela maioria das ocorrências: [nũ] *não* (1:89), [2:21), (3:10), (4:42),

(5:21), (6:10), (7:10), (8:24), (9:1), (10:83), [iʃtudarũ] *estudaram* (2:30), [vierũ] *vieram* (2:197), [laɹgarũ] *largaram* (9:42);

ii) conservação do ditongo [ãw]: [ĩtãw] *então* (1:65), [lãpiãw] *lampião* (1:97), [pregasãw] *pregação* (2:36), [gravasãw] *gravação* (4:150), [diveɹãw] *diversão* (5:13) [kũbĩnasãw] *combinação* (6:67), [dividisãw] *dividição* (7:103), [novelãw] *novelão* (8:7) [kĩturãw] *quenturão* (9:94), [morãw] *mourão* (10:21);

iii) redução do ditongo a [õ]: [ʃegavõ] *chegavam* (2:65), [ĩtõ] *então* (2:132), [kriasõ] *criação* (2:167), [fazesõ] *fazeção* (3:167), [kiriõ] *queriam* (4:36), [gravasõ] *gravação* (4:48), [riuniõ] *reunião* (6:4), [tʃapadõ] *chapadão* (7:56), [dʒõ] *joão* (8:73), [brigõ] *brigam* (9:79), [mõ] *mão* (10:354);

iv) conservação do ditongo, mas realizado como [õw]: [valětõw] *valentão* (2:94), [iʃtõw] *estão* (3:363), [violõw] *violão* (4:106), [katʃõw] *caixão* (5:10), [tʃõw] *chão* (7:51), [xodõw] *rodão* (7:65), [gudõw] *algodão* (8:109), [valětõw] *valentão* (2:94), [fogõw] *fogão* (9:62), [ĩtõw] *então* (10:159);

v) redução do ditongo a [ã] pela perda do elemento semivocálico: [falã] *falam* (2:21), [sebaʃtiã] *sebastião* (3:27), [trabaɹã] *trabalham* (4:68), [ĩtã] *então* (5:27), [nã] *não* (5:57) [falã] *falam* (2:21), [gravasã] *gravação* (6:33), [tavã] *(es)tavam* (6:61), [tã] *(es)tão* (6:125), [kaɹtã] *cartão* (9:53);

vi) redução do ditongo a [u], oral, sendo os verbais, no tempo passado, na terceira pessoa do plural, responsáveis por todas as ocorrências: [notaru] *notaram* (1:62), [deʃaru] *deixaram* (1:74), [laɹgaru] *largaram* (9:56), [brigaru] *brigaram* (9:79), [lɛvaru] *levaram* (10:284).

Com exceção do advérbio *não*, que se realiza reduzido a [nũ] quando se encontra em posição átona, próximo a verbo, as condições para que haja a convivência da maior parte das seis formas acima do ditongo [ɜw], a princípio, não estão relacionadas a contextos fonéticos, nem a fatores supra-segmentais.

Independente de qualquer condição, um mesmo vocábulo, pronunciado por um mesmo falante, pode apresentar-se até com quatro formas distintas, como é o caso do advérbio *não*: [nũ] (5:21), [nɜw] (5:48), [nõ] (6:117), e [nɜ̃] (5:57); e com três formas, como é o caso da forma verbal *são*: [sɜw] (2:97), [sõ] (2:129) e [sõw] (2:185); com duas formas distintas, dentre outros, temos o advérbio *então*: [ĩtɜw] [2:19), (4:16), (5:1), (6:24), (10:10), [ĩtõ] (2:132), (4:103), [ĩtɜ̃] (5:27), (6:239), e [ĩtõw] (10:159); os substantivos *gravação*: [gravasɜw] (6:30) e [gravasɜ̃] *gravação* (6:33), [fogõw] e, na seqüência, [fogɜw] *fogão* (9:62), [rasõ] (10:369) e [razɜw] *ração* (10:383); e as formas verbais *largaram* e *tinham*: a primeira apresenta-se, ora nasalado [laɹgarũ] (9:42), ora desnasalado, ou oral [laɹgaru] (9:50), a segunda apresenta-se com o ditongo conservado [tĩpɜw] e, na frase seguinte, com o ditongo reduzido [tĩõ] (10:51).

A flutuação dessas formas, dentre outras, também são encontradas em vários falares portugueses, inclusive em Odeleite, como registra Cruz (1991:68).

Particularizando a terminação verbal, a que corresponde graficamente *-am*, é interessante perceber que tanto no falar dessa aldeia do sul português, quanto no falar cuiabano e, acredito, em muitos falares do território brasileiro, a forma mais freqüente que a representa é [õ]. No *corpus* que analisamos a freqüência de redução do ditongo [ɛw] a [õ], em média, é de quarenta por cento das ocorrências.

[õj]

O ditongo *õe*, quando pluralizado, tem tendência de apresentar-se reduzido a [õ]: [miʎõ] (1:103), e [miʎõ] *milhões* (1:112). No entanto, em noventa por cento das ocorrências do vocábulo verbal *põe* o ditongo não sofre nenhuma alteração: [põj] (7:24), (8:4), (10:380); nos dez por cento restantes o ditongo volta a apresentar-se de acordo com sua tendência geral, reduzido a [õ]: [põ] (8:13).

[ũj]

O ditongo *ũi* que, em todo o *corpus* transcrito, só se apresenta no vocábulo *muito(a)*, fica flutuando entre a realização plena [mũjtu] (1:74) e a forma reduzida pela perda do elemento semivocálico [mũtu] (4:27). Esta última forma também está registrada Penha (1997:208), no falar rural de São Domingos, em Minas Gerais.

3.1.7. Ditongos crescentes orais

[ja]

O ditongo *ia*, no português falado na Baixada Cuiabana, principalmente em posição final, apresenta-se oscilando entre a forma ditongada: [iʃtorja] *história* (1:68), [fɛmilja] *família* (2:10), [pulisja] *polícia* (2:182) [adzɛsjã] *agência* (3:205), [diarja] *diária* (3:284), [pasiẽ:sja] *paciência* (6:230), [delisja] (8:106), *delícia*, [lidja] *lidia* (10:258), e a reduzida: [rezidẽsa] *residência* (4:10), [dẽsẽdẽsa] *descendência* (4:15), [trẽsparẽsa] *transparência* (4:91), [siɰkũtẽsa] *circunstância* (4:115), [pasẽʃa] *paciência* (6:49).

Em uma das ocorrências do vocábulo *polícia* o ditongo foi reduzido a *i* em vez de monotongar-se em *a*, como é mais comum: [pulisi] (3:304).

A oscilação entre as formas ditongadas e reduzidas, que pode ser observada em outras regiões brasileiras, também é um fenômeno notado no falar de Odeleite por Cruz (1991:63). A colega portuguesa ainda nos informa que a redução desse ditongo está presente em vários falares portugueses.

Em posição medial, nas poucas ocorrências registradas, não há alteração do ditongo: [kujabõna] *cuiabana* (2:24), [kujaba] *cuiabá* (2:33), (3:62), (10:369).

[wa]

De uma maneira geral, em virtude do número de realizações registradas em todo o *corpus* transcrito, salvo uma única alteração, percebemos que há uma forte

tendência para que o ditongo *ua* sempre seja realizado no português da Baixada Cuiabana: [agwa] *água* (1:48), [kwaɹkɛ] *qualquer* (2:103), (7:1), [kwatu] *quatro* (3:127), [kwazi] *quase* (4:112), [kwaɹta] *quarta* (8:115), [takwarĩa] *taquarinha* (8:121), [igwaɹ] *igual* (9:10), [ɛgwa] *égua* (10:316).

A única alteração desse ditongo ocorre no vocábulo *qualquer*, no qual apresenta-se reduzido [kaɹkɛ] (8:100), em virtude de o elemento semivocálico assimilar-se à retroflexa /ɹ/.

[je]

Em todo o *corpus* transcrito, nas duas ocorrências do único vocábulo que traz esse ditongo, *ie* está reduzido a *i*: [sɛɹi] *série* (9:21) (10:316), como, aliás, é comum no português popular do Brasil.

[ju]

O ditongo *io*, no português cuiabano, a contar pela frequência das ocorrências, também apresenta uma tendência a monotongar-se, principalmente quando átono e em posição final: [simiteɹu] *cemitério* (1:24), [sɛɹu] *sério* (1:30), [peraru] *operário* (3:69), [negosu] *negócio* (3:202), (10:68), [salaru] *salário* (3:226), [munisipu] *município* (4:16), [kumeɹɹu] *comércio* (7:94), [negoɹu] *negócio* (7:103), (10:319), [kolɛdzu] *colégio* (9:24), [sitɹu] *sítio* (10:278).

Essa redução do ditongo, pela perda do elemento semivocálico, repete o que se observa de um modo geral no português popular em todo o Brasil e também em variantes do português europeu, como registra Cruz (1991:65).

Ao lado da forma monotongada coexiste forma em que o ditongo não se altera. Esse fenômeno é possível acontecer até mesmo em um mesmo vocábulo pronunciado pelo mesmo falante, como no caso de [munisipju] (4:4) e [munisipu] *município* (4:16). Outros exemplos da coexistência dessa duas formas num mesmo vocábulo temos em [sitju] (2:150), (7:7) e [sitʃu] *sítio* (10:278). Outras realizações plenas do ditongo ocorrem nestes nomes próprios: [ãtõnju] *antônio* (4:1), [nɛlju] *nélio* (9:68) e [nazarju] *nazário* (10:243), e no pronome [varjuʃ] *vários* (10:290).

Outro fenômeno que envolve esse ditongo, e que também está registrado por Cruz (1991:65), diz respeito ao desaparecimento total do grupo vocálico. No *corpus* transcrito esse fato ocorre uma vez no vocábulo *município* [munisip] (4:13), e três em *negócio* [negɔʃ] (3:188), (7:91), (10:156).

É neste último vocábulo que temos uma outra alteração inédita. Trata-se da supressão da sílaba átona *-cio*, conjugada ao deslocamento da semivogal para a sílaba tônica, formando com esta um ditongo decrescente: [negɔj] *negócio* (3:185).

O que chamamos de alteração inédita é o fato de a sílaba átona ser apocopada, porque a atração do elemento semivocálico para a sílaba tônica, sem que ocorra a subtração da sílaba átona final, e que já fora apontada por Vasconcelos (1901:88), é também registrada por Cruz (1991:65) no falar de Odeleite.

3.1.8. Ditongos crescentes nasais

Todos os ditongos crescentes nasais registrados no *corpus* transcrito, [wẽ], [wẽ] e [jõ], foram plenamente realizados, sem registro de qualquer espécie de alteração: [kwẽtu] *quanto* (1:80), [kwẽdu] *quando* (1:80), [sĩkwẽta] *cinquenta* (3:278), [agwẽta] *agüenta* (7:16), [presjõno] *impressionou* (1:13), [ĩpresjõnadu] *impressionado* (1:13), [silisjõnadu] *seleccionado* (2:106).

3.2. Consonantismo

As consoantes de uma maneira geral não apresentam um grande número de disparidades em relação ao português falado em outras regiões lusófonas.

3.2.1. Oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ e sonoras /b/, /d/, /g/.

Das consoantes oclusivas (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/) apenas a bilabial sonora /b/ apresenta alterações em sua pronúncia: em alguns vocábulos é possível registrar a alternância de /b/ com a fricativa labiodental também sonora /v/, por exemplo, como ocorre em [lavared] *lavareda* por *labareda* (1:77); e no vocábulo *também* ao lado de ocorrências em que não se registra nenhuma modificação dessa consoante [tãbẽj] (2:167), que via de regra é a forma mais freqüente, pode ocorrer

casos em que o *b* por dissimilação sofre síncope [tãmẽ] (6:178, 221), (7:1), (9:13), montongado, e [tãmẽj] (7:1, 115), ditongado.

Ambos os fenômenos não são exclusividade do falar cuiabano. Eles podem ser registrados tanto em outras regiões brasileiras, quanto em falares do além-mar. A alternância de *b* para *v*, bem como a síncope do *b* no vocábulo *também* são da mesma forma fatos observados no falar de Odeleite por Cruz (1991:73), que ainda dá notícia que a troca de *b* por *v*, com caráter não sistemático, é registrada em muitos falares portugueses.

Quanto às alveolares /t/ e /d/, em posição intervocálica, diferentemente de outras regiões brasileiras que tendem para uma realização fricativa ou africada, principalmente quando estão compondo sílaba com *e* ou *i*, apresentam-se no falar cuiabano com articulação predominantemente oclusiva. Dentre outros exemplos: [seti] *sete* (1:7), [parẽti] *parente* (2:16), [mũjtu] *muito* (3:13), [frẽti] *frente* (4:80), [dia] *dia* (1:7), [divĩnu] *divino* (2:68), [veɹdadi] *verdade* (3:103), [bibidisi] *bebedice* (4:153).

Essas realizações só não conseguiu uma freqüência de cem por cento das ocorrências por conta do registro de [sitʃu] *sítio* (10:278).

Quanto às consoantes velares /k/ e /g/, não registramos em todo o *corpus* transcrito nenhuma particularidade que possa ferir a pronúncia normal de cada uma dessas consoantes. Dentre outros exemplos temos: [kururu] *cururu* (5:4), [puke] *porque* (6:18), [iʃkapava] *escapava* (7:59), [gãza] *ganzá* (5:4), [kũmigu] *comigo* (6:52), [kãgoti] *cangote* (7:83).

3.2.2. Nasais /m/, /n/, /ɲ/.

Das consoantes nasais (/m/, /n/ e /ɲ/) apresentam alterações relevantes a bilabial /m/ e a palatal /ɲ/.

A primeira, como é comum no português falado, freqüentemente deixa de ser realizada em vocábulos como *uma*, *alguma* e *numa*, restando da consoante apenas a nasalação da vogal /u/, dentre muitas ocorrências: [ũa] *uma* (1:39), (2:138), (3:51), (4:56), [aɹgũa] *alguma* (2:1), (3:71), (9:16), [nũa] *numa* (2:159), (3:167), (4:83), (10:10).

Com esse mesmo comportamento Penha (1997:183-187) registra essa consoante na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas Gerais.

A segunda, também como é comum no português falado, pode apresentar-se despalatalizada ou iotizada como vemos no vocábulo *minha(s)*, com *i* oral [mia] *mia* por *minha* (2:197), (7:68), dentre outras ocorrências, ou com *i* nasalado [mĩa] *mĩa* por *minha* (3:261, 316, 357), (4:16, 19), (6:47, 49, 55). Além desse vocábulo registramos outros em que o fenômeno se repete: [iʃtorĩa] *historinha* (1:39), [tĩa] *tinha* (2:39), [sĩo] *senhor* (3:97), [sĩoɹ] *senhora* (4:4), [xedõdĩ] *redondinho* (7:27), [padĩu] *padrinho* (8:36), [igwazĩ] *igualzinho* (9:13), [fɛʃtĩa] *festinha* (10:150)

A essa forma alterada coexiste a inalterada, como podemos ver em: [tĩɲa] *tinha* (1:45), [mĩɲa] *minha* (2:10), [igwazĩɲ] *igualzinho* (4:129), [sĩɲo] *senhor* (10:1), [sĩɲora] *senhora* (10:1).

Quanto à alveolar /n/ em todo o *corpus* analisado houve apenas um caso esporádico, em que essa consoante, em posição intervocálica, deixa de ser pronunciada. Pelo menos é o que consta em [fiĩ] *fininho* (8:10).

3.2.3. Fricativas surdas /f/, /s/ e sonoras /v/, /z/.

Das consoantes fricativas labiodentais surda /f/ e sonora /v/, e alveolares surda /s/ e sonora /z/, apenas essas duas últimas apresentam-se com alterações.

Trata-se da mudança do ponto de articulação, em que de alveolares [s] e [z] passam a pré-palatal [ʃ], principalmente quando encontram-se em final absoluto de vocábulo: [doʃ] *dois* (1:59), [maʃ] *mas* (2:16), [eliʃ] *eles* (3:48), [treʃ] *três* (4:7), [uʃ] *os* (6:18), [kʒtuʃ] *quantos* (8:24); [veʃ] *vez* (1:42), [diʃ] *diz* (2:4), [faʃ] *faz* (3:278), [deʃ] *dez* (10:45), etc.

A alteração [s] > [ʃ] ainda pode ocorrer em outros contextos, como em sílaba travada, no interior do vocábulo: [meʃtri] *mestre* (1:65), [feʃtaʃ] *festas* (2:39),

[diʃkūfiw] *desconfio* (3:24), [diʃt̃t̃i] *distantinho* (4:13), [afaʃta] *afastar* (6:16), [raʃga] *rasga* (8:45).

Fora desses dois contextos fonéticos também é possível registrar a mesma alteração, como em posição intervocálica: [naʃid] *nascido* (4:13), [padeʃẽnu] *padecendo* (6:47), [piʃiz] *preciso* (9:16), [paʃja] *passar* (9:82), [moʃu] *moço* (10:179); em início de sílaba: [ʃiõ] *senhor* e [ʃa] *sua* (5:36), [ʃεɹtu] *certo* (5:39); ou ainda quando está antecedido de uma retroflexa: [divεɹʃw] *diversão* (5:13), [kūvεɹʃnu] *conversando* (6:61).

Ainda registramos um único caso em que fricativa surda /s/ passa a retroflexa: [meɹma] *merma* por *mesma* (5:42).

Isso, no entanto, não quer dizer que não haja o fonema /s/ e /z/ no quadro das consoantes do falar cuiabano. Ao lado das formas acima coexistem, às vezes em um mesmo falante, as realizações: [dos] *dois* (10:185), [fεsta] *festa* (6:58), [mosu] *moço* (10:13), [sεɹtu] *certo* (10:7), [divεɹsõ] *diversão* (4:141); [vez] *vez* (1:71), etc.

A “pronúncia chiente de s e z implosivos” (posição final de sílaba), resultando, respectivamente, [ʃ] e [ʒ], segundo Teyssier (1997:54), é normal no português europeu. Há duas diferenças em relação à pronúncia cuiabana. A primeira está no contexto: enquanto no português europeu a surda [ʃ] só ocorre em final absoluto ou diante de uma consoante surda, no falar cuiabano, como vimos pelos exemplos, a chiente s pode ocorrer nesse contexto europeu, bem como em posição intervocálica

[moʃu] *moço* (10:179), em início de sílaba [ʃiõ] *senhor*, e também diante de consoante sonora [raʃga] *rasga* (8:45), e depois de retroflexa [kũvɛ.ɻʃẽnu] *conversando* [6:61]; A segunda está na chiante z: enquanto no português europeu a chiante z resulta a sonora [z], no falar cuiabano o resultado continua sendo a surda [ʒ], como provam os exemplos já citados: [veʃ] *vez* (1:42), [diʃ] *diz* (2:4), etc. Registramos a fricativa pré-palatal sonora [ʒ] apenas em uma das realizações do vocábulo *várzea*: [vaʒa] (3:65), mas em contexto diferente do descrito por Teyssier (1997:54) para o português europeu. Em outras duas realizações desse vocábulo temos no lugar da fricativa [ʒ] a africada [dʒ]: [vadʒa] (7: 46, 57). Em mais outras duas ocorrências, o mesmo vocábulo está pronunciando normalmente com [z]: [vazja] (2:138) e (3:68), sendo esta segunda ocorrência realizada pelo mesmo falante, na seqüência de [vaʒa] (3:65).

Quanto às consoantes fricativas /f/ e /v/, não registramos em todo o *corpus* transcrito nenhuma particularidade que possa alterar a pronúncia normal de cada uma dessas consoantes. Dentre outros exemplos temos: [frẽti] *frente* (2:56), [fɛʃta] *feira* (3:4), [filiʃ] *feliz* (4:21); [livramẽtu] *livramento* (4:10), [viõla] *viola* (5:13), [fikav] *ficava* (6:16), etc.

3.2.4. Fricativas /ʃ/ e /ʒ/, e africadas /tʃ/ e /dʒ/.

As consoantes fricativas pré-palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/, no falar cuiabano, comumente são pronunciadas, respectivamente, como africadas surda /tʃ/ e sonora /dʒ/⁽¹⁶⁾: [tʃega] *chegar* (1:7), (2:194), [tʃa] *chá* (3:1), [batʃu] *baixo* (4:83), [kotʃu] *cocho* (5:4), [mitʃirikeru] *mexeriqueiro* (6:117), [putʃa] *puxa* (7:10), [petʃi] *peixe* (8:89), [detʃava] *deixava* (9:85), [tʃuvarada] *chuvarada* (10:13); [lõdʒi] *longe* (1:24), [dʒêti] *gente* (2:188), [dʒa] *já* (3:19), [rodadʒi] *rodagem* (4:27), [adʒuda] *ajuda* (5:48), [odʒi] *hoje* (6:108), [ĩdʒějnu] *engenho* (7:7), [dʒũtu] *junto* (8:7), [dʒõ] *joão* (9:73), [trɔ̃pulĩnadʒi] *trampolinagem* (10:62).

As realizações africadas ([tʃ], [dʒ]) no lugar das fricativas ([ʃ], [ʒ]) são mais frequentes na fala dos menos estudados, independente até da faixa etária: na conversa sobre festa de santo, um garoto de quatorze anos, atropelando a entrevista que estava sendo feita com o pai, disse: “vem e [dʒ]ente da [tʃ]ácara, de Cuiabá, até do Rio de [dʒ]aneiro”.

Já aqueles que possuem maior grau de formação escolar, mantêm contato com variantes lingüísticas díspares da cuiabana e, principalmente, com menos de 40 anos de idade, em média, somente recorrem a tais fonemas em contextos bem

⁽¹⁶⁾ Sobre o tema existe um criterioso trabalho da professora doutora Maria Luíza Canavarros Palma, intitulado *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*, publicado pela Imprensa Universitária – UFMT, em 1984, em que a autora se propõe a dar ênfase “no sentido de que mudanças lingüísticas podem estar condicionadas, diretamente, a influência de fatores sociais, ou ainda, de que comportamentos lingüísticos podem refletir mudanças nos padrões de comportamentos sociais” (pág. 28), fazendo estreita a correlação dessas duas estruturas – lingüísticas e sociais.

específicos, envolvendo familiares, amigos, colegas ou em manifestações culturais. Um exemplo foi o que ocorreu durante um almoço entre amigos e colegas de trabalho e de profissão (no total havia sete comensais, dentre eles (nós) três cuiabanos com curso superior, sendo dois deles doutores e professores universitários). A conversa girava em torno do trabalho e, de vez em vez, da peixada que estávamos degustando. Foi num desses de vez em vez que um dos professores, relaxou e, de propósito, exclamou: “que *petchada* saboroso”. Foi o suficiente para que os demais cuiabanos e quase-cuiabanos entrassem no clima chapa-e-cruzense.

No entanto, há quem, a todo custo, policiando-se ao extremo, tente dissimular esses traços. Foi o que ocorreu na entrevista com a informante número 2. Por estigmatizar a variante local, a entrevistada não concorda em dizer que os cuiabanos “de primeira” utilizem /tʃ/ e /dʒ/. Quando, em determinado momento, foi mencionado que ela não deixa tão transparentes os traços característicos do falar cuiabano, expressando certo orgulho, disse:

“(...) pois é todo mundo diz assim mesmo que eu não pareço ser cuiabana mas eu sou cuiabana, mas os cuiabanos mesmo, porque você sabe que o cuiabano que é de primeira... vou dizer assim que é discurso muitos tempo... falam direito. Agora os que não fala são muita gente que vinha assim, porque veio muita gente toda parte aqui pra Cuiabá. Então ficou por exemplo Livramento, papa banana né. Ali que eles falam... a gente conhece logo que é papa banana... bem carregado! Pessoal de Livramento, Várzea Grande mesmo já tem uma porção de coisinha esquisita... Depois vem vindo os outros que são até os caipira que vem lá do sítio de toda parte, porque eu me lembro de minha turma, a turma de Ieda era turma de gente que todos falavam direitinho, não tinha nada de, de ‘tchá’, de ‘tchu’, né (...)” (2:122 a 157).

E assim foi. Depois de vinte minutos de gravação a entrevistada esqueceu-se do gravador e deixou escapar “uma porção de coisinha esquisita”. Dela ouvimos: “a de hoje então já completou de ontem de ho[dʒ]e” (2:171 a 174) e “devia ter um certo estudo pra [tʃ]egar ser polícia...” (2:192 a 195).

O fato de as africadas serem tão comuns em toda a Baixada Cuiabana, não quer dizer que as fricativas tenham sido totalmente apagadas do paradigma das consoantes cuiabanas. Registramos na fala até de um mesmo informante a coexistência das duas formas, num mesmo vocábulo, como, por exemplo: *chegar* [ʃega] (1:4) ao lado de [tʃega] (1:7), *deixa* [deʃa] (3:77) ao lado de [detʃa] (3:135), e *gente* [ʒêti] (2:132) ao lado de [dʒêti] (2:188). Dos exemplos acima, com africada, encontramos em todo o *corpus* transcrito as seguintes formas com fricativa: [baʃi] *baixo* (3:68), [puʃa] *puxar* (3:109), [deʃa] *deixa* (10:45), [ʃuvia] *chuvia* (2:16); [lõʒi] *longe* (2:16), [ʒa] *já* (10:48), e [õʒi] *hoje* (1:97).

3.2.5. Laterais /l/, /ʎ/.

No dialeto cuiabano a consoante lateral alveolar /l/ só não apresentou nenhum tipo de alteração em posição inicial e em posição interior intervocálica: [ladu] *lado* e [eli] *ele* (1:36), [lêbru] *lembro* (2:1) e [fãmilja] *família* (2:10), [livramêtu] *livramento* (3:36) e [pãnɛla] *panela* (3:1), etc.

Nos grupos consonatais -BL-, -CL-, -GL-, -PL-, em todo o *corpus* transcrito, em todas as ocorrências da aveolar ocorre o fenômeno de rotacismo: [asẽbrɛja] *assembléia* por *assembléia* (2:46), [krario] *crareou* por *clareou* (1:80), [krubi] *crube* por *clube* (2:100), (3:69), [ĩkruziv] *incrusive* por *inclusive* (3:115), [grɛba] *greba* por *gleba* (3:342), [kõpretej] *compretei* por *completei* (1:10), [kũpreto] *compretou* por *completou* (2:173), [tɛxaprẽjnazi] *terraprangem* por *terraplanagem* (3:188), [dupra] *dupra* por *dupla* (3:360), (5:51), [sĩpri] *simpres* por *simples* (6:224, 233), [kũprikasẽ] *compricação* por *complicação* (6:239), [prẽta] *pranta* por *planta* (6:250), (8:109), [prẽto] *prantou* por *plantou* (10:199), etc.

No fim de sílaba travada, no interior ou final de vocábulo, a tendência é pela realização da retroflexa /ɺ/: [igwaɺ] *igual* (1:48), [soɺtẽmu] *soltemos* (1:59), [aɺgũa] *alguma* (2:1), [sinaɺ] *senal* (2:91), [maɺ] *mal* (3:42), [taɺ] *tal* (3:89), [pĩsipaɺmẽti] *principalmente* (3:135), [fiɺma] *filmar* (4:42), (6:7), [fiɺmamẽtu] *filmamento* (6:18), [aɺguduĩ] *algodoim* (6:70), [pesoaɺ] *peessoal* (7:39), [soɺtav] *soltava* (7:48), [aɺmosu] *almoço* (10:301), [aɺtur] *altura* (10:316), [puɺdĩu] *poldrinho* (10:334), [saɺvado] *salvador* (10:336), etc.

Nesse mesmo contexto o mais comum, no português brasileiro, é ocorrer a vocalização da aveolar /l/, como esporadicamente registramos no falar cuiabano: [kuxaw] *curral* (6:212) e [manuaw] *manual* (7:36).

Ainda registramos, nesse contexto, a supressão da aveolar: [pesua] *peçoal* (3:80), [afredu] *alfredo* (3:124), [igwa] *igual* (4:103), [igwaziŋ] *igualzinho* (4:129), [pesoa] *peçoal* (4:135), [kuxa] *curral* (6:219), [fasi] *fácil* (7:39), (8:83), [difisi] *difícil* (10:307), [ɛnima] *animal* (10:334), [putrĩ] *poldrinho* (10:336).

A alteração que a consoante lateral palatal /ʎ/ apresenta no português falado na Baixada não é diferente da observada no português popular do Brasil em geral, com tendência à iotização ou despalatalização [ʎ] > [j] ou [i]: [ojẽnu] *olhando* (1:83), [trbaja] *trabalhar* (3:74), (9:44), [maravia] *maravilha* (4:156), [vεj] *velho* (6:58), (8:45), [trabajava] *trabalhava* (7:4), [muje] *mulher* (9:56), [mojadu] *molhado* (10:33).

Muitas, porém, são as ocorrências em que a lateral /ʎ/ não sofre alteração: [xikuʎia] *recolhia* (2:89), [trabaʎu] *trabalho* (3:167), [maraviʎa] *maravilha* (4:150), [fiʎu] *filho* (6:140) [miʎu] *milho* (8:106), [moʎadu] *molhado* (10:16).

3.2.6. Consoantes representadas por <r> e <rr>

Neste item vamos incluir todas as consoantes que são representadas pelos grafema <r> e <rr>, ou seja, a vibrante (múltipla) alveolar /r/, a *tap* (vibrante simples) alveolar /r/, a fricativa velar /x/ e a retroflexa /ɻ/.

O grafema <r> em posição intervocálica ou seguindo consoante na mesma sílaba tem como tendência ser pronunciado como *tap*, ou vibrante simples: [ɔra] *hora* (1:4), [setẽbru] *setembro* (1:7), [ɛra] *era* (2:13), [katedraw] *catedral* (2:27), [fɔra] *fora* (3:48), [sẽpri] *sempre* (3:51), [brĩkadera] *brincadeira* (4:62), [siriri] *siriri* (5:1) [frẽti] *frente*, etc.

No entanto pode ocorrer síncope desse fonema principalmente quando o par consoante mais <r> encontra-se em sílaba átona, como registramos em [ota] *outra* (1:42) e [otu] *outro* (5:24), [kũpadi] *compadre* (6:117), dentre outras ocorrências.

Quando temos <r> em início de vocábulo, ou <rr> em posição intervocálica a tendência geral no falar cuiabano é para a realização da vibrante (múltipla): [rapaziada] *rapaziada* (1:89), [rẽmu] *ramo* (4:19), [riuniõ] *reunião* (6:4), [rɔsa] *roça* (6:244), [redi] *rede* (8:19), [raʃga] *rasgar* (8:45), [rapaʃ] *rapaz* (10:97), [kore] *correr* (4:54), [gitara] *guitarra* (5:7), [erada] *errada* (5:33), [karɔsa] *carroça* (7:51), [buru] *burro* (7:48), [kura] *curral* (10:30), etc.

Em qualquer um dos ambientes destacados acima pode ocorrer também a realização da fricativa velar. As formas [r] e [x] podem coexistir até mesmo em um mesmo falante e mesmo vocábulo. Dentre outras ocorrências: [xapaziada] *rapaziada* (1:19), [xɔsa] *roça* (6:215), [kuxa] *curral* (6:219), [kaxɔsa] *carroça* (7:45), [buxu] *burro* (7:45), [xedõna] *redona* (8:21), [xajga] *rasgar* (8:45), etc.

Quando temos <r> em final de sílaba, no meio de vocábulo, a tendência é para a realização da retroflexa: [laɹgej] *larguei* (1:39), [poɹʃãw] *porção* (2:141), [peɹtu] *perto* (3:22), [kuɹva] *curva* (4:39), [poɹtu] *porto* (5:71), [diskuɹtina] *descortinar* (6:255), [kaɹpitarĩa] *carpintaria* (7:7), [puɹke] *porque* (10:10), etc.

Há, no entanto, casos em que ocorre síncope dessa consoante: [puke] *porque* (2:4), (4:65), (6:21) [diʃkutina] *descortinar* (6:253).

Quando temos <r> em final de vocábulo, a tendência é para a supressão da consoante: [faze] *fazer* (1:33), [kaza] *casar* (2:7), [kize] *quiser* (3:112), [paze] *prazer* (4:33), [muɹe] *mulher* (5:19), [grava] *gravar* (6:18), [mue] *moer* (7:7), etc.

A frequência desse fenômeno não chegar a atingir os cem por cento das ocorrências. Dependendo da velocidade com que se fala, surge nesse contexto a retroflexa: [lugaɹ] *lugar* (2:51), [toriadoɹ] *touriador* (2:54), [sĩnoɹ] *senhor* (10:1), [ikõtɹaɹ] *encontrar* (10:4).

Em sílaba travada, no interior de vocábulo, ainda é possível registrar, esporadicamente, a vocalização da vibrante: [siwvisu] *serviço* (3:170, 173, 237).

3.3. Fenômenos gerais

Dos fenômenos gerais interessa destacar algumas ocorrências mais relevantes, como o acréscimo de fonema no início de vocábulo, ou prótese: [alēbru] *alembro* por *lembro* (3:39); [alēbra] *alembra* por *lembrar* (10:307); o acréscimo de fonema do

final de vocábulo, ou paragoge: [vezi] *veze* por *vez* (6:250), [mezi] *mese* por *mês* (10:275, 278); a supressão de fonema no início de vocábulo, ou aférese: [rãkãnu] *rancando* por *arrancando* (1:51), [xaʃtẽmu] *rastemos* por *arrastemos* (1:68), [sẽdẽmu] *cendemos* por *acendemos* (1:71), [miɹdi] *milde* por *humilde* (3:153), [travesa] *travessar* por *atravessar* (3:127); a supressão de fonema no interior de vocábulo, ou síncope: [tẽtiãnu] *tenteano* por *tenteando* (1:86), e demais ocorrências do gerúndio, [mẽma] *mesma* por *mesma* (5:51); a supressão de fonema(s) no final de vocábulo, ou apócope: [agoɹ] *agor* por *agora* (1:86), e demais ocorrências de subtração das vogais átonas finais; a transposição de fonemas, ou metátese: [tremĩna] *treminar* por *terminar* (3:173), (5:48); além dos fenômenos já destacados acima, que envolve a transmutação de fonemas, como monotongação: [sɛru] *séro* por *sério* (1:39), [feʃteru] *festero* por *festeiro* (2:56), [xopa] *ropa* por *roupa* (3:77), [mũtu] *munto* por *muito* (4:27), [koza] *cosa* por *coisa* (5:7), [pãperu] *pampero* por *pampeiro* (6:24), [fiko] *ficô* por *ficou* (7:39), [depoʃ] *depôs* por *depois* (8:80), [batʃia] *baxinha* por *baixinha* (9:42), [tabulerĩpu] *tabulerinho* por *tabuleirinho* (10:185), dentre muitos outros exemplos.

Capítulo 4

ESTADO DE LÍNGUA NA ÉPOCA DAS BANDEIRAS, SÉCULO XVIII

Neste capítulo temos como objetivo fazer lição de documentos manuscritos da época das bandeiras, com a finalidade de constituir o *corpus* que servirá como base para o estudo lingüístico do próximo capítulo; o que nos permitirá fazer uma descrição do estado de língua da época. Pelo menos no que se refere ao sistema fonológico do português setecentista espelhado em textos da natureza desses documentos durante o século XVIII, no Brasil.

Por ser um estudo de caráter filológico que, como bem lembra Megale (1998:11), se caracteriza pelo “ir às fontes” e que, de acordo com sua prática tradicional, prioriza a visão periférica, compreendendo a observação de um texto só depois de atestada a intimidade com o contexto ou fenômenos da história externa ou social que constituíram suas condições de produção – em se tratando da lição de textos setecentistas – vale lembrar que, segundo Marquilhas (1991:9-10), no quadro histórico português do século XVIII podemos traçar uma linha divisória na década de cinqüenta.

Na primeira metade do século, no reinado de D. João V, fase do Estado absolutista, pode-se assistir, sobretudo até o ano de um mil setecentos e quarenta, à gravitação em torno do paternalismo real de uma classe intelectual, quase exclusivamente integrada por membros da alta nobreza e do clero, que aceitava entusiasticamente da parte do rei um mecenato generoso, expresso na contínua atribuição de mercês, e em prontas licenças de impressão à custa dos cofres da

Coroa. Fato que intimamente está relacionado com o súbito e contínuo alimento de riqueza fornecido pelas minas brasileiras de ouro e diamante.

Passando para a segunda metade do século, a partir do ano de um mil setecentos e cinqüenta e cinco, com a crescente imposição da figura do marquês de Pombal, chega-se a fase final do processo do Estado absolutista, período em que se impõe uma vontade legislativa motivada pela generalização dos benefícios da instrução a um grupo social mais vasto, da livre circulação de bens e do enriquecimento em geral. Nesse momento assiste-se ao progressivo triunfo cultural do “espírito das luzes”. A ele se podem considerar ligadas, principalmente, as atitudes de reforma da instrução e da indústria tomadas pelo marquês e continuadas pelos ministros de D. Maria I.

No entanto, o reconhecimento da conversão da norma regional do centro atlântico do reino em norma de prestígio ficou a dever-se ao séquito intelectual de D. João V. Aliás essa tendência acompanhou o fortalecimento do regime absolutista desde o seu começo, mas só no século dezoito a existência de uma variante padrão para o português passa a ser proclamada e fortalecida⁽¹⁾. Essa proclamação eufórica da norma padrão para o registro oral logo passou para o nível do escrito, até então sem sistema ortográfico bem definido.

Naquele século, de acordo com Cuesta e Luz (1971:335-339), houve mais ainda um agravamento da já instalada polêmica entre as chamadas ortografias fonética e etimológica, findando com a vitória desta última, então defendida principalmente

⁽¹⁾ Verney (1746:14) e Carmelo (1767: fl.2*5v.), apud Marquilhas (1991:11), respectivamente, dão os contornos da variante culta, reconhecendo-lhe inegável força normativa:- “[...] digo que os Portuguezes devem pronunciar, como pronunciam os omens de melhor doutrina, da - Provincia da Estremadura;” - “Muitos curiosos deste Reino desejam proferir o Accento próprio das Vogaes [...] mas nam podem aprender ouvindo, porque nam podem sahir de suas Patrias para vir á Corte.”

por João de Moraes Madureira Feyjó na sua *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza* (1734).

Na história da ortografia portuguesa, o período etimológico, ou pseudo-etimológico, que foi uma tentativa de adaptação da ortografia grega e latina, iniciado no século XVI, no Renascimento – e que se prolongou até os princípios do nosso século XX, quando se inicia uma busca de simplificação do sistema ortográfico, em 1904, quando Gonçalves Viana publica “Ortografia Nacional” – se caracteriza por uma tendência para afastar a escrita da pronúncia para fazê-la retroceder até à sua origem. Essa tendência veio, então, na contra mão do que desejava os escrivães nos primeiros tempos da língua do chamado, sem grande precisão, período fonético, do século XIII ao século XVI, que corresponde à época do português arcaico, em que se pretendia escrever pautando-se pela pronúncia, representando foneticamente os sons das novas palavras. No entanto, como muitos desses sons não eram encontrados em latim, foi necessário adotar antigas grafias ou inventar outras que naturalmente variavam de acordo com o critério de cada um. É partindo disso que se pode explicar a ausência de unidade ortográfica do português do período arcaico.

A suposta vitória da ortografia etimológica não significa que a partir da obra de Feyjó (1734) se instalou a unidade gráfica da língua portuguesa. Desde o início deste século, mais precisamente de 1907, no Brasil, com iniciativa da Academia Brasileira de Letras, e 1911, em Portugal, com iniciativa do Governo que nomeou uma comissão de filólogo, dentre eles Gonçalves Viana, que se vem fazendo reformas ortográficas com a intenção de se conseguir uma unificação do sistema, seja isoladamente, seja tentando implantar acordos entre os dois países.

É evidente que a cada uma dessas reformas, o sistema ortográfico da língua portuguesa, assim em Portugal, como no Brasil, se aperfeiçoa, sem, entretanto, impedir que haja alguma, mesmo que pequena, discrepância, tanto que até bem pouco ainda se falava em outra reforma, como o “Acordo de Ortografia Simplificada entre Brasil e Portugal (1991) para a Lusofonia”, que teve Antônio Houaiss como principal negociador pelo lado brasileiro.

Hoje, isso nos permite inferir que a ausência de uma norma unificada de fato para a escrita fez com que, principalmente no século XVIII, se apresentasse uma grafia variável, oscilante, emergindo ainda traços da modalidade oral, resquícios da fase da ortografia fonética, própria do período arcaico, em que os textos, segundo Maia (1986:302), revelavam freqüentes situações de polivalência e de poligrafia.

Embora essa constatação deponha a favor do nosso propósito – de pela análise do sistema grafemático, ou de textos da modalidade escrita do século XVIII, chegarmos à descrição do sistema fonológico da língua portuguesa da época, pretendendo com isso, como fez Maia (1986), averiguar a relação entre esses dois sistemas ou, na medida do possível, constatar o grau de correspondência entre as unidades das formas escrita e falada no período eleito para esse estudo – faremos no próximo capítulo outras considerações sobre as dificuldades e cuidados que se deve tomar na realização dessa análise.

4.1. Documentos escolhidos

Para a edição das dezenove transcrições utilizamos quatorze manuscritos datados entre os anos de 1733 a 1756, sendo cinco deles constituídos de duas vias.

O que nos levou a optar por alguns desses documentos com mais de uma via foi o fato de eles oferecerem elementos mais consistentes para análise pretendida, e ainda porque as duas vias são coincidentes em data, localização e escrivão.

O fato de se tratar de duas vias escritas em seqüência, pelo mesmo punho, nos ajuda a desfazer certas dúvidas. Por exemplo, se a ocorrência de algum fato interessante, como a utilização de algum recurso grafemático, que destoe da atual realidade lingüística, ou mesmo de outros escrivães contemporâneos, é resultado de descuido ou indecisão de quem escreve, porque, nesse caso, o tal fato não se repete na outra via, ou se é um aspecto próprio do estado de língua da época, no caso de o mesmo fato ser constatado na outra via, e em outros documentos do período.

É claro que podemos chegar a essas deduções partindo de documentos com apenas uma via. Afinal, como já dissemos antes, no século XVIII ainda não havia uma norma de fato para a escrita. Pela observação dos documentos manuscritos, editados abaixo, podemos sem muito esforço perceber alguns exemplos de poligrafia que denotam o estado de dúvida em que se encontravam os escrivães daquele século. Conseqüentemente isso nos ajuda a inferir quando algum traço, apesar de encontrar-se na escrita, na verdade é um traço de oralidade que o escrivão sem perceber, em estado dúbio, deixou escapar.

Se com documentos de via única é possível realizar essa investigação, imagine com documentos de duas vias. A análise destes, sem preterição daqueles, certamente nos possibilita chegar a essas e outras constatações com mais segurança e rapidez.

Na seqüência elaboramos uma tabela contendo as informações mais relevantes dos documentos transcritos e editados. Na quarta coluna, local, "V.R.S.B.J.Cbá"

quer dizer “Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá”, e “V.B.S.Trindade” quer dizer “Vila Bela da Santíssima Trindade”. Na última coluna, localização de manuscrito, “A.P.MT”, “doc.div.” e “cad.” significam, respectivamente, “Arquivo Público de Mato Grosso”, “documentos diversos” e “caderno”.

transcrição	manuscrito	via	local	data	localização do manuscrito
1	I	única	Pça de Santos	07/03/1733	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.25
2	II	única	V.R.S.B.J.Cbá	11/04/1734	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.29
3	III	I	V.R.S.B.J.Cbá	18/07/1737	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.36
4	III	II	V.R.S.B.J.Cbá	18/07/1737	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.36
5	IV	única	Rio Cuiabá	01/09/1737	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.38
6	V	I	V.R.S.B.J.Cbá	04/09/1738	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.42
7	V	II	V.R.S.B.J.Cbá	04/09/1738	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.42
8	VI	I	V.R.S.B.J.Cbá	24/07/1739	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.48
9	VI	II	V.R.S.B.J.Cbá	24/07/1739	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.48
10	VII	I	V.R.S.B.J.Cbá	08/09/1739	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.49
11	VII	II	V.R.S.B.J.Cbá	08/09/1739	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.49
12	VIII	única	Cuiabá	30/09/1744	A.P.MT; lata: doc.div.; cad.64
13	IX	única	Cuiabá	27/03/1750	A.P.MT; lata: I; caderno: 01
14	X	I	Lisboa	05/08/1750	A.P.MT; lata: I; caderno: 02
15	X	II	Lisboa	05/08/1750	A.P.MT; lata: I; caderno: 02
16	XI	única	V.B.S.Trindade	21/05/1755	A.P.MT; lata: I; caderno: 49
17	XII	única	Cuiabá	20/07/1755	A.P.MT; lata: I; caderno: 52
18	XIII	única	Cuiabá	21/02/1756	A.P.MT; lata: I; caderno: 30
19	XIV	única	V.R.S.B.J.Cbá	22/02/1756	A.P.MT; lata: I; caderno: 65

4.2. Normas de transcrição e edição

A transcrição de textos antigos exige cuidados especiais, principalmente quando eles se destinam a estudos de caráter lingüístico filológico que, para o que se propõe, também procede a uma análise dos grafemas nas suas relações com a pronúncia e com a estrutura fonológica da língua do período em questão, a época das bandeiras, século XVIII, como veremos mais adiante, no capítulo 5. Para isso, é necessário um refinado tratamento dos textos e de certos aspectos que, para estudos de outra natureza, poderiam estar em segundo plano. É opinião de Maia (1986:19) que somente uma transcrição extremamente fidedigna e cuidadosa pode deixar transparente todos os traços fonológicos possíveis de serem vistos nos originais manuscritos. Dessa forma, o êxito do trabalho como a solidez dos resultados certamente estão condicionados pela qualidade da edição de textos que está na base desse estudo lingüístico de caráter filológico. Em verdade, é a natureza dos textos e sobretudo a finalidade da edição que, de certa forma, determinam os métodos e normas de transcrição. É necessário salientar, porém, que, em linhas gerais, constituíram um excelente ponto de partida, na elaboração das normas de transcrição de manuscrito, adotadas neste trabalho, as regras de transcrição indicadas por Maia (1986:21-33), que, por sua vez, baseou-se em manuais de paleografia ou propostas por autores ou instituições científicas. Aqui também nos utilizamos das normas eleitas para o projeto “Para a História do Português Brasileiro”, apresentadas e discutidas durante o segundo seminário, realizado em Campos do Jordão, São Paulo, em 1998. Decidimos, então, pela transcrição chamada conservadora ou semidiplomática, que implica nos seguintes critérios.

(1) As abreviaturas, alfabéticas ou não, são desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas nas abreviaturas pelo escriba ou copista, obedecendo aos seguintes critérios: a) respeito, sempre que possível, à grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas de quem escreveu, como no caso da ocorrência *munto*, que leva a abreviatura *m.^{to}* a ser transcrita *munto*; e b) no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção é pela forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências *Deos* e *Deus*, que levam a abreviatura: *D.^S* a ser transcrita *Deus*.

(2) As fronteiras de palavras que vêm escritas juntas não são estabelecidas, nem se introduz hífen simples (-) ou duplo (=), apóstrofo ou qualquer outro sinal gráfico onde não há. Exemplos: *eporeste motivo*; *ElRey*; *chamarsse*; *ocastigallo*; *tendoselhe*; *aobedecerlhes*; *dadittavilla*; *doMattogrosso*. Paralelamente, é mantida a grafia dos manuscritos quando, ao contrário, uma palavra é grafada separadamente. Isso freqüentemente ocorre com os elementos constitutivos de determinadas palavras. Exemplos: *Cuya bâ*; *de fficultozo*; *sô mente*; *intro dução*; *intro- duzir*, *re fferido*; *taõ bem* ou *tam bem*.

(3) A pontuação original é rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intercalar, deixado pelo escriba ou copista, é marcado [espaço]. Exemplo: *Como setemintentado, virã | Cavallaria em abundancia [espaço] | [espaço] Aquinta foi Sobre ir quanta armada Contra ogentio | Payaguã*.

(4) A acentuação original é rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: *paraaconservação*, *emayor gloria*; *fazer ounaõ Comercio*; *bem necessarios*; *naõ hã dez Capazes de Semontar*, *hê muito arriscado*.

(5) O emprego de maiúsculas e minúsculas também é rigorosamente respeitado, como se apresenta no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não é considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

(6) Os eventuais erros do escriba ou copista são mantidos, porém, remetidos para nota de rodapé, onde se deixa registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplos: nota 1. *fallecidade* por *facellidade*.

(7) Os diferentes registros de uma mesma palavra observados em outra via do manuscrito, quando há, e quando se achar necessário, também são remetidos para nota de rodapé. Esse item não consta nas normas de transcrição do projeto “Para a História do Português Brasileiro”, provavelmente porque não se pensou na possibilidade de se analisar documentos com tal formato.

(8) As inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas margens superior, laterais ou inferior entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: *Capitania*<eletrados>*pornesta haver falar delles*.

(9) As supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original são tachadas. Exemplo: *todos ~~ninguem~~ dos presentes assignarom; sahiram ~~sahiram~~ aspressas para oadro*. No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimir, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: *fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção opaço*.

(10) As intervenções de terceiros no documento original, aparecem no final do documento informando-se a localização.

(11) As intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem

margem a dúvida, como no caso em que uma parte da palavra esteja ilegível, por deterioração do documento, e a outra parte estiver legível e, portanto, for possível reconstituir, sem probabilidade de erro, as letras que faltam. Essas intervenções devem vir entre colchetes. Exemplo: *etambem deque ne[lla secon]cervem para sempre osditos petrechos.*

(12) As letras ou as palavras não legíveis por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível]. No caso de leituras duvidosas, de uma ou mais palavras, ou mesmo de uma sentença, são assinaladas, na seqüência, pelo sinal de interrogação entre parênteses.

(13) Os trechos de maior extensão não legíveis por deterioração recebem a indicação [corroídas + ou – 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, é registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.

(14) A divisão das linhas do documento original é preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fólio recebe a marcação com o respectivo número na seqüência de duas barras verticais: ||1v. ||2r. ||2v. ||3r.

(15) As linhas, na edição, são numeradas continuamente de cinco em cinco, a partir da quinta, à margem direita da mancha, ou à esquerda do leitor.

(16) As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina são sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Manoel Caetano Lopes deLavre; sinal público: [Manoel Caetano Lopes deLavre].

[17] No início da transcrição de cada documento, inserimos o número da transcrição e, numa tabela de cinco linhas, damos algumas informações a respeito do documento manuscrito. A saber: primeira linha: número do manuscrito e indicação do número da via em algarismos romanos, obedecendo a ordem cronológica dos manuscritos; segunda linha: resumo do assunto tratado no documento manuscrito; terceira linha: indicação do local onde o manuscrito foi datado e, quando necessário, algumas observações a respeito da escolha do dito documento; quarta linha: indicação da data do manuscrito; quinta e última linha: indicações da localização do documento manuscrito, incluindo o nome do arquivo, nome e/ou número da lata, ano, e número do caderno.

(18) No fim da transcrição de alguns documentos estão inseridas partes facsimiladas (fotografadas) do manuscrito, e no de outros, o manuscrito por inteiro.

4.3. Corpus da língua escrita

Transcrição, n.º 1

MANUSCRITO I, VIA ÚNICA	
Assunto:	Relatório Parcial sobre as diligências feitas na Provedoria da Fazenda Real com relação aos dízimos das Minas de Cuiabá e outras irregularidades.
Local:	Praça de Santos. (Obs.: apesar de esse manuscrito não ser datado em Cuiabá, sua escolha para compor o <i>corpus</i> da língua escrita se justifica por tratar-se de um documento assinado pelo mesmo punho que endossa outros documentos datados em Cuiabá; o que serve para demonstrar que a variante portuguesa que chegou em terras cuiabanas era a mesma de outras regiões brasileiras).
Data:	07 de Março de 1733.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1733; caderno, n.º 25.

[espaço] Senhor [espaço] | Copea [espaço] | PorOrdem que levou Provedor daFazenda Real destaCap=|pitania para as Minas do Cuyabão Ouvidor geral Jozé deBurgos Villas | Lobos arrecadou nas ditas Minas deAntonio Correa deOliveira 30238 *outavas* de | ouro pertencentes aosdizimos, osquais havia cobrado do anno de1729, ede=|vendo remetellas no anno seguinte, onaõ fez, efallecendo odito Antonio Correa, fo=|raõ osseos beñs aosdefuntos, eazentes, eodito Ouvidor devendo remeter oque pertencia | aos dizimos comseparaçaõ aestaProvedoria, oconfundio comoutro ouro do=|dito defunto, que remeteo em huma parcella desete mil etantas outavas,

que vi=|eraõ namonçaõ doanno passado, escrevendo ao Provedor dos auzentes
 10 destaCo=|marca oOuvidor Gregorio Dias daSylva, avizandolhe oconservasse áordem
 | da meza daConsciencia edespoiz defundido naCaza dafundição deSão | Paulo,
 seentregou aos Thezoureyro dos auzentes, sem sefazerSeparação do que | pertencia
 aos dizimos, cauzando esta dezordem aconfusão comque veyo doCuya=|bã;
 eentrando nesta averiguação por declaração quefez o Escrivaõ dos auzentes, | que
 15 veyo namesma monçaõ do Cuyabã; soube que odito ouro se havia remetido, | eassim
 tambem o havia avizado odito Ouvidor Burgos; Escrevy ao Provedor dos=|auzentes
 momandasse entregar para fazer varios pagamentos, que estaõ re=|tardados
 pelaFazenda Real destaCapitania naõ cobrira as despezas del|la, me remeteo as
 Copeas, que com esta remeto aVossa Magestade, dizendo naõ tinha | jurisdição
 20 para encontrar aordem deoutro Provedor; nem mandar entregar aquele | ouro sem
 ordem da meza daConciencia, deque dey conta ao Conde deSarze|das General
 destaCapitania, que dirã aVossa Magestade oquetem passado neste[lugar | Eporque
 naõ só sefaz preciso queVossa Magestade mande entregar odito ouro nesta |
 Provedoria, naõ otendo já feito, mas passar as ordeñs necessarias para os
 25 Provedores | dos alzentes destaCapitania senaõ intrometerem com arrecadação
 daReal | Fazenda deVossa Magestade, confundindo-o com ados auzentes,
 equerendo quea | Só seexecutem as ordeñs da meza daConciencia, ordenando
 taõbem aos=|Ouvidores geraës dêem cumprimento, aosprecatorios, que lhemadarem
 os=|Provedores daFazenda Real para aboa arrecadação, eadministração daFazenda
 30 Real, | porque como osProvedores assistem nestaPraça, eosditos Ministros andaõ |
 emcorreyções, lhefica facil nas suas Commarcas ofazerlhe asdelligencias |
 que seofferecerem. AVossa Magestade mandará oque mais for do Seo Real Serviço
 ||lv. Deus Guarde aReal Pessoa deVossa Magestade Santos 7 deMarço de | 1733.
 Oprovedor daFazenda Real daPraça deSantos Anto=|nio Francisco [espaço]
 35 ManoelCaetanoLopes deLavre

Transcrição, n.º 2

MANUSCRITO II, VIA ÚNICA	
Assunto:	Relatório do Senado da Câmara da Vila Real do Senhor Bom Jesus, ao Rei D. João V, narrando o estado da tropa após ter chegado da guerra contra os índios "Payaguases" e seus confederados "Guacurus".
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	11 de Abril de 1734.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1734; caderno, n.º 29.

[espaço] Senhor [espaço] [Cop]ea [espaço] Comandada pello Tenente de Mestre de Campo General desta Cap|pitania Manoel Rodriguez de Carvalho, chegou em dezanove de Fevereiro do Prezente anno | a Tropa vinda depovoado, preparada comasmunições de guerra, armas polvora e balla, pes|sas de Artilharia que por ordem

5 de Vossa Magestade foraõ conduzidas para instrumento vigoroso de|Castigo das ferozes barbaridades com que os Gentios Payaguazes, e seus confederados ca|valleyros e Guaycurus tem infestado o caminho destas Minas, assaltando ahuns | com perdas devidas e fazendas, e a outros intimidandoos com grave detrimento e perda | da Real Fazenda de Vossa Magestade secando por este motivo a continuação do

10 Comercio, cu|jo temor não cessa pella rezaõ de experimentar esta mesma tropa taõ guarnecida desol|dados, armas e petrechos precizos não sô para a defença, mas sim para o castigo, porque tendo | hum assalto ou emboscada do inimigo, nella perderaõ o segundo Cabo Gabriel Antunes | Maciel, e com elle seos filhos e comitiva, e perecendo nomesmo estragolamento may pessoas, que | humas perderaõ as vidas, e outras

15 asliberdades junto comasfazendas, donde tiveraõ taõ|bem deminuição algumas
 cargas daspatrulhas mellitares que gratuita mente reconduziraõ | osmoradores
 destaCappitania, cuja perda Vossa Magestade seja Vossa Magestade servido mandar
 selhe leve emconta | naProvedoria daFazenda Real, attendendo ao attenuado emque
 vivem, achandosse neste | primeyro conflicto deste prezente anno quazi todaagente
 20 incapâz depegar em armas, oprimi|das dedoenças, efaltas demantimentos:
 Recolhidas queforaõ assim fêz prezenteeste | Senado odito Comandante Manoel
 Rodriguez deCarvalho para effeito deseaquarte|larem onumero de 180 soldados,
 comapençaõ dos patronos assutentarem ásua custa, fican|do apiedade dos ditos
 patronos curarlhe assuas enfermidades que no caminho adquiriaõ | poiz lhefaltava o
 25 soldo, emais viveres, eacomodada destasorte agente deguerra, pedio | logo odito
 Comandante caza para recolher ospetrechos emunições com capacidade idonea |
 para asua segurançanaõ muito distante desta Villa para operigo futuro que pode
 suc|ceder dealgum incendio, eque esta caza sepodia fazer com despeza daReal terça
 de|Vossa Magestade, e vendosse queosOfficiaes passados não serviaõ neste senado
 30 tinhaõ pedido | aVossa Magestade afaculdade defazerem com ouro dadita terça
 huma cadea dequemuito secare[ce] | nestaVilla, em attenção doque recorremos ao
 Corregedor destaComarca Jozê de|Burgos Villa Lobos pedindolhe oseu parecer,
 paraocazo prezente, emsolução doqual | não foy respondido, oque Vossa Magestade
 sera servido ver na copea incluza, avista doqual | Vossa Magestade sejaservido
 35 havelo assim porbem mandado nos seja levado em conta ades|peza quefizemos
 comaditafactura daCaza, ecomaqual mandamos reedificar ede[ilegível] | ficamos
 pagando alugue aosmezes emque se Recolheram osditos petrechos, emqua[nto] || 1v.
 Emquanto senaõ fâz adeque aVossa Magestade damos conta, etambem deque ne[lla
 secon]||cervem para sempre osditos petrechos, pello muito que delles carecemos
 40 para nossa deffen|ça. Villa Real do Senhor Bom Jezu em Camera aos 11 deAbril
 de1734 an[ilegível] | Bertolomeu [ilegível] deSiqueyra, Manoel dosSantos Coimbra,
 Luiz Rodriguez Villar, | Bernardo deAndrade eCunha, Antonio dePinho eAzevedo.
 [espaco] | [espaco] ManoelCaetano Lopes deLavre

Transcrição, n.º 3

MANUSCRITO III, VIA I	
Assunto:	Relatório sobre as juntas realizadas na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, tratando, dentre outros assuntos, da inconveniência de se concederem licenças para levantar novos engenhos de aguardente e de se manter comércio de cavalos com os índios da região.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	18 de Julho de 1737.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1737; caderno, n.º 36.

[espaço] Senhõr [espaço] | Copea [espaço] | Aprimeira junta que se fez foi Sobre a Conservação, ou demolição | dos engenhos em que se fabricaraõ as agoas ardentes; nella se assen= | tou que se conservassem, os que actualmente permanecem, e que no novo des= | cubrimento do Matto grosso senaõ plantasse Cana, nem fabricasse en= | geinho algum de novo; Sem embargo do que tenho noticia que ja des= | tas Minas foraõ alguns instrumentos para se fabricar hum engenho | no ditto descubrimento que se conservem os que estaõ feitos nestas Minas | parece justo, para naõ perder de todo os donos delles; de se fabricarem | de novo, e principalmente em descubertos he divertir do exercicio de mine= | rar vinte, ou trinta escravos que em cada hum se occupaõ, e buscar me= | yo para se perderem muitos homens com bebidas, como aqui se exprimem= | ta; e será justissimo que Vossa Magestade prohiba Compennas graves que senaõ | façaõ para ofuturo Similhantes engenhos, e assim

opraticou oGeneral des=|taCapitania Antonio daSylva Caldeyra na creação
 dasMinnas dos Goyazes | por aexperiencia ter mostrado oprejuizo que cauzaõ
 15 osditos engenheiros, | enaprezente occasiaõ informo aVossa Magestade em carta
 Separada sobre huã Licen=|ça que oGeneral actual oConde deSarzedas Concedeo
 aThomê de=Gouvea para Levantar engenheiro no ditto descubrimento [espaço] |
 [espaço] ASegunda foi Sobre fazer ounaõ Comercio Comogentio | Cavalleyro para
 Semeterem Cavallos nestas Minas; bem necessarios | Saõ porque naõ hã dez
 20 Capazes de Semontar nelles porvelhos, mas | este Comercio dogentio hẽ muito
 arriscado, einconstante; eabrindosse | Caminho destas Minnas para asdosGoyazes,
 Como setemintentado, virã | Cavallaria em abundancia [espaço] | [espaço] Aquinta
 foi Sobre ir quanta armada Contra ogentio | Payaguã por ter investido aultima tropa
 que em Abril doanno pas=|sado chegou aestas Minas; eSeassentou que
 25 osmoradores desta ||lv. terra naõ podiaõ hir áditta guerra Refundidos
 Comempenhos pro=|cedidos, amayor parte dastres armadas, que ásua Custa haviaõ
 feito | contra oditto gentio, eandarem occupados Com oserviço deButu=|ta, ehaver
 pouca gente porter partido grande numero della para onovo | descubrimento do
 Matto grosso Concluindo que devia abriresse oditto | Caminho dosGoyazes. [espaço] |
 30 [espaço] Pella Copea do auto summario que Remeto Severificaõ | ostempos mais
 opportunos para apartida dasmonçoës; edevirem; | eirem fora delles, Resultaõ
 asRuinas que Setem experimentado nes=|ta terrivel viagem; aque oGovernador
 actual naõ tem attendido deixan=|do partir astropas em todo otempo; ehe
 justissimo que VossaMagestade | faça nesta materia huã especial advertencia,
 35 ordenando queas=|monçoës geraes partaõ nos tempos declarados noditto
 Summario, equẽ | fora dellas Senaõ conceda Licença apessoa alguã para Seguir
 viagem; | excepto havendo cazo urgente, que precize fazer algum avizo impor=|tante
 aõServiço de VossaMagestade; noqual Semandarã Somente huãCanoa | Com gente
 necessaria para avarar porterra nos Saltos, eCachoeyras; | eaõtransgressores
 40 sedevem impor pennas graves. Villa Real | do Senhor Bom Jezus do Cuyabã de
 Julho 18 de 1737 [espaço] | [espaço] ManoelCaetanoLopes deLavre

Transcrição, n.º 4

MANUSCRITO III, VIA II	
Assunto:	Relatório sobre as juntas realizadas na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, tratando, dentre outros assuntos, da inconveniência de se concederem licenças para levantar novos engenhos de aguardente e de se manter comércio de cavalos com os índios da região.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	18 de Julho de 1737.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1737; caderno, n.º 36.

[espaço] Senhõr [espaço] | Copea [espaço] | Aprimeira junta que Se fez foi Sobre a Conservação, oudemo=|Lição dos engenhos, em que Sefabricaraõ asagoas ardentes de=|Canna; nella Seassentou que Se Conservassem, osqueactual=|mente permanecem, eque no novo descobrimento doMatto grosso se=|naõ plantasse

5 Canna, nem fabricasse engenho algum denovo; | Sem embargamento doque tenho noticia queja destas Minas foraõ alguns | instrumentoz para Sefabricar hum engenho noditto descobrimento; queSeConservem osque estaõ feitos nestas Minnas parecejusto, | para naõ perder detodo os donos delles; deSefabricarem denovo, | eprincipalmente em descubertos hê divertir doexercicio deminerar vin=|te, Outrinta

10 escravos que em cada hum Seoccuppaõ, ebuscar | meyo para Seperderem muitos homens combebidas, como aqui Seex=|primenta; eSerã justissimo que VossaMagestade prohiba Compennas gra=|ves que Senaõ façaõ para ofuturo

Similhantes engenhos, e assim | Opraticou o General desta Capitania Antonio
 da Sylva Caldeyra na creação | das Minnas dos Goyazes por a experiencia ter
 15 mostrado o prejuizo; | que cauzaõ os ditos engenhos, e na presente occasiaõ informo
 a Vossa Magestade | em carta Separada sobre huã Licença que o General actu= | al
 O Conde de Sarzedas Concedeo a Thomê de Gouvea para | Levantar engenho no ditto
 descobrimento [espaço] | [espaço] A Segunda foi Sobre fazer, ou naõ Comercio
 Como= | gentio Cavalleyro para Semeterem Cavallos nestas Minnas; bem
 20 ne= | cessarios Saõ porque naõ hã dez Capazes de Semontar nelles por= | velhos, mas
 este Comercio do gentio hem uito arriscado, e inconstan= | te, e abrindosse Caminho
 destas Minnas para as dos Goyazes, Como setem= | | v. intentado, virã Cavallaria em
 abundancia [espaço] | [espaço] Aquinta foi Sobre ir quanta armada Contra o gentio
 Paya= | guã por ter investido a ultima tropa que em Abril do anno passado | chegou
 25 a estas Minnas; e assentou que os moradores desta terra | naõ podiaõ ir a ditta guerra
 Refundidos Com empenhos procedidos | a mayor parte das tres armadas, que
 a sua Custa haviaõ feito contra o= | ditto gentio, e andarem occupados Com o serviço
 de Botuta, e haver pouca | gente por ter partido grande numero della para o novo
 descobrimento do Mat= | to grosso Concluindo que devia abriresse o ditto Caminho
 30 dos Goyazes. [espaço] | [espaço] Pella Copea do auto sumario, que Remetto
 Severificaõ os tem= | pos mais opportunos para a partida das monçoës; e devirem;
 e irem fora del= | les, Resultaõ as Ruinas que Setem experimentado nesta terrivel
 via= | gem; e que o Governador actual naõ tem attendido deixando partir as tropas |
 em todo o tempo; e he justissimo que Vossa Magestade faça nesta materia | huã
 35 especial advertencia, ordenando que as monçoës geraes partaõ | nos tempos
 declarados no ditto Sumario, e que fora dellas Senaõ Conceda Li= | cença a pessoa
 alguã para Seguir viagem; excepto havendo cazo urgente, | que precise fazer algum
 aviso importante ao Serviço de Vossa Magestade; | no qual Semandarã Somente
 huma Canoa Com gente necessaria para | avarar por terra nos Saltos, e Cachoeyras;
 40 e aõ transgressores sede= | Vem impor pennas graves. Villa Real do Senhor Bom
 Jesus do Cuyabã | 18 de Julho de 1737. Manoel Caetano Lopes de Lavre

Transcrição, n.º 5

MANUSCRITO IV, VIA ÚNICA	
Assunto:	Relatório do Ouvidor da Comarca do Cuiabá, João Gonçalves Pereira, sobre a viagem de Antônio Pinho de Azevedo às minas de Goiás, para onde partira com o objetivo de abrir caminho das minas cuiabanas para as goianas.
Local:	Rio Cuiabá.
Data:	01 de Setembro de 1737.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1737; caderno, n.º 38.

[espaço] Senhor [espaço] | Copea [espaço] | Indo comsinco dias deviaçẽ desteRio Cuyabã para onouo | descubrimento doMato grosso aondevou aexecuçãõ donouo sistemã dacapitaçãõ | meveyo anoticia deter chegado avilla o Capitaõ Antonio dePinho de|Azevedo devolta dasMinas doz Goyasês paraondetinhapartido em Junho
5 | doanno passado comoinprego deabrir caminho destas paraaquellas oquemuito | sedificultava porser certãõ povoado denumarozo gentio, ecomo seconseguio | Esta impreza, comaida, evolta doSobredito, edeSeus Camaradaz dou | AVossa Magestade estacontã paraficar nacertezã deReferido, enadeque EsteCampo | ha deservir degrandevitalidade aFazendadeVossa Magestade aextençãõ | dosditosdomminios
10 efoy degrandegosto paratodosos moradores destaz | edaquellas Minaz; epollo mesmo Caminho meconstavieraõ 400 | etanctos Cauallos deque hauia grande necessidade nestaterrapara | Comellez Secontinuar onouodescobrimento doMatto grosso [espaço]

| Constate que nos descursos da Referida viagem prezeonou o dito Capitão Antonio
 de Pinho de Azevedo e seus camaradas bastante gente | berrero, e que por justificação
 15 que fizeraõ nos goyazes dizer o ditto | gentio guerreiro e confederado Cayapo
 Se julgaraõ captiuos todos | que prissonaraõ e comifeito vi hubando
 do Conde de Sargedas | Governador desta Capitania em que se declarã o ditto gentio |
 Captiuo mas os fundamentos delles são taõ siuis; como hê | falsas toda equalquer
 justificação que fizessem de Ser o ditto gentio | Berrero, ou outro qualquer Confederado
 20 com o Cayapo, ena | Ditta cometiuaõ foraõ varios paulistas que todo o Seu empenho |
 heprezonar e Captiuar gentio, e jurariaõ Como interecados | E attendendo
 a que tudo isto foy huamachinada falcidade | etaõ perjudicial Como tirar
 a liberdade natural que se deu a Estes Indios e aqui nestes Sertões não ha gentio |
 quem mereca captiueiro mais que o Pa<ya>uã e Cayapo que por | tal está declarada
 25 hu a outranação conforme as ordenz | de Vossa Magestade Rezolui atalhar pello
 modo [ilegível] | prestifero e antigo Costume do Captiueiro do gentio | mandando
 fazer hu idital que modese o ditto || lv. Dando porque Com a publicação delle se parã
 este Captiueiro | no mayoraço, e comeste o ditto idital em que todas as pessoas |
 que prissonaraõ o ditto gentio se siruaõ delle; Enaõ possaõ | vender, trocar, alhear,
 30 nem escambar atroco de ouro | nem de outra couza que valha Sem que primeyro
 preceda | Expressa Rezolução de Vossa Magestade a quem dou esta conta indo |
 De viagem obrigadeyro do grande Escarpulo e Encargo de contenten|ção que concidero
 em se fazer este gentio Captiuo e Sobre | A mesma materia de já conta a Vossa
 Magestade pella Sacra|taria de Estado para Rezoluer Se estes Indios de uempagar |
 35 Capitação; e tambem pello Concelho Ultramarino coma Copia das juntas que se fizeraõ
 Sobre a guerra do gentio Cayapô e Payapô e Payaguã Vossa Magestade
 mandarão que parecer mais | justo Rio Cuyaba de Setembro o Primeyro de 1737 =
 O Ouvidor | da Comarca do Cuyabã Joaõ Gonçalves Pereyra =

Transcrição, n.º 6

MANUSCRITO V, VIA I	
Assunto:	Relatório do Intendente e Provedor da Fazenda Real, Manoel Rodrigues Torres, da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Dentre outros assuntos, aconselha que a saída das monções do Cuiabá seja feita no mês junho, por ser uma época de estiagem.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	04 de Setembro de 1738.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1738; caderno, n.º 42.

[espaço] Senhor [espaço] | Copea [espaço] | Sendomuito preciso para acegurança daFazenda deVossaMagestade eboa arra|cadação dellaqueasCanoas quedestas minas Saem para povoado vaõ em frota unidas | etendosse assentado que para estafrota he amehor monção headomes de Junho | Eesteservemque aIntendencia 5 estãdezembaraçada damatricula para poder | fazer az copeas, contas, eRemessaz necessarias, eoz Officiaes della expeditos para | averiguarem seazpessoas que nadittaFrota haõ de partir saõ ou naõ devedorez | aFazenda Real pella Provedoria ondetambenservem para que naõ vaõ para os povoados epartez | onde senaõ ache noticia delles sem que primeiro paguem oque deverem ou Ce|gurarem aFazenda 10 deVossaMagestade epor achar Registadas ordens dosGOvernadorez | destaCappitania nozLivros daProvedoria para que oProvedor faça partir noditto mes

deJunho | Enaõ em outro afrotta *que* destas minas houver deSahir em cadahum
 anno | por ser oditto tempo Livre deagoas eprincipios de cheias ou Vazantes deque
 Re|zultaõ pestez emayores Riscos deEmbarçaõens, enaõ Secahir no dogentio |
 15 Payaguã com tanta facellidade porjanestetempo haver pantanal florente ese |
 Escapar doz Cavalleiros *que* ainda naõ tem az Campanhas taõcecas
que possaLivre|mentepaçar para dstricto em *que* costuma napassagem maltratar az
 Canoas | *que* por elle navegaõ: mandei porhum edital deque Remeto aCopea para
que noditto | mês partissem com aRegularidade nelledeclarada, ecomo quer queEsta
 20 Rezolu|çaõ foce contraas conveniencias do Ouvidor geral destaComarca *que* queria
 fazer mayor | Remessa para povoado, eaindaEsperavaOuro para ella de matto
 grosso minaz | muy distantes convocou aCamara e Povo, eme mandou com
 humaCarta|do Juis Ordinario Certidaõ do *que* nessa juntasetinha assentado *que* era
 mandarme pör outro Edital comosepersuade daCopeaque Remeto; Enaõ
 25 conten|tecom isso publicamente dis aoPovo amim menaõ tocçaõ monçoens
 nem|importa otempo dapartida deCanoas eSõ pertence cobrar Dizimos *que* nunca
 vira oz Dizimeiroz do mundo meteremse napartida das frottas | eque no Cazo
 deEuSer Provedor como os mais dos Portos doBrazil cegue|ria às Ordens *que*
 Lativesse para odesporto daz Frottas de navios enaõ deCanoas *que* naõhefrotta, nem
 30 couza alguma. = Na mesmaforma comooditto Ouvidor geral, | Camara ePovo
 Seajustaraõ anaõ concentir *que* aOrdenança suprisse naIn|tendencia afalta
 desoldados pagos ecom trinta assignadoz os mais Revoltozos | me mandaraõ
 humapetiçaõ porque meameaçavaõ pella palavra alias | *que* despejariaõ aterra,
 eomesmo Ouvidor os incitava aque naõ tomassem esseEncar|go *que*
 35 seVossaMagestade queria quem lheguardasse oseuOuro *que* lhepagasse: disto

Rezulta || 1v. humatotal dezobediencia dos Povos que com effeito não quizeraõ partir
 por|lhezazer agosto em Junho, nem tambem vir acistir na Intendencia para |
 Evitaroz temultoz eConfuzaõ, eguardar oOuro que nem porEstar noz|cofrez estaLivre
 de algum insulto mandado fazer por negroz ou Carijoz | que nuncasahem culpados
 40 Em devaçaz por denoute mûy nãoSerem conhe|cidos por mais Escuros que pardoz.
 = Dou aVossaMagestade Estacontapara queSeSir|va Remedear Esta dezordem que
 meparece SoSepoderãEvitar com mandar | para EstaComarca humaEsquadra
 deSoldadoz que sirvaõ para as delligenciasda|Intendencia eProvedoria edentro
 nellaOujunto della tenhaõ oSeuquartel | para que não SucedaViolentamente
 45 Roubarem oz Cofres, epara que Sepossaõ com el|lezfazer asprizoens, epenhoras
 necessarias para cegurança dafazenda Real, co|mo Sepractica nas mais minas,
 como tambem mepareceuser preciso mandar | VossaMagestade declarar aoz
 Ouvidores, eCamaraz Senaõ intrometaõ noque lhenãõ | pertence
 porSeusRegimentos para que Reconheçaõ queosCargos de Intendente | Eprovedor
 50 daFazenda deVossaMagestade não Saõ taõbaxoz comoquerem persuadir ao|Povo
 para que este falte ao Respeito de quem oz Occupa queContinuadamente
 an|daõpondo pesquins Entreos quaes mederaõ noticia dequeEmhum me|chamavaõ
 Intendente ImpertinenteCobrador doz Dizimoz. = Dou | aVossaMagestade conta
 deque oThezoureiro que tinha Servido daIntendencia com oOuvidor | geral chegou
 55 aEstaVilla em Julho quandojaSeEstavaCobrando aCapitaçaõ | emAgosto
 comoThezoureiro daFazenda Real que tambeideixeiServir naIntenden|cia naforma
 das Ordens deVossaMagestade equis Eu oLançasseforadaditta cobrança |
 porhumProvimento antigo que mostrava do tempoEm que tinhaServido deichan|do
 ficar Emseupoder outentaeouto Outavas deOuro que mais cobrou

60 doque | lhe pertencia dos Salários que Levou de Thezoureiro e Ensayador não o Sendo,
 enão | havendo delles necessidade nem nas mais minas seuzadelles porque
 oz Thezoureiros | todos Conhecem o Ouro Sehe Limpo ou falso, enessa duvida
 onaõ Recebem | da parte Sem que Seja preciso fazer se com ellez essa despeza por
 esse titulo | tem se posto à Sombra do Ouvidor para que ninguem Se atreva aprendelo
 65 para | o obrigar a Restituição do ditto Ouro que mais em Sy tem, emedizem
 elle | tem dado ao Ouvidor da Comarca para o Restituir porem ate o presente onaõ
 tem | feito, ehe preciso Vossa Magestade declarar o procedimento que
 devem ter os Intendentes | novos com os Velhos no caso de acharem que ellez ou Seus
 Officiaes fizeraõ | algum descaminho não mostrando a despeza que fizeraõ do Ouro
 70 que pediraõ | a Provedoria. = Remeto a Copea de humapetiçam e despacho do ditto
 Ouvidor porque | Semostrar que ainda Em os fins de Junho depois de Eu Estar
 aqui desde Março | estava despachando peticoens porque mandava que as partes
 pagassem de dês mezes || 2r. que tinhaõ Escravos nas minas Sodous de Capitação
 não mostrando bi | lhete de la algum sopor persuadir os homens a que Eu <lhe> não faço
 75 favor algum | e que elle me pode mandar a mim e de muitos despachos e Cottas que
 tem posto noz | bilhetes não Remeto as copeas por não amontuar papeis. = Recorro
 a | Vossa Magestade para que de providencia necessaria para que Senaõ possa
 impedir acri | ação desta Intendencia e Provedoria que mal posso fundalla como devo
 negan | dome jurisdiação para isso o Povo e Justiças da terra, Em tudo Vossa Magestade
 80 manda | ra o que for mais do Seu Real agrado Villa Real do Senhor Bom Jezus do Cuyaba
 4 de Setembro de 1738 = Do Intendente e Provedor da Fazenda Real Manoel Rodriguez
 Torrez | [espaço] Manoel Caetano Lopes de Lavre

Transcrição, n.º 7

MANUSCRITO V, VIA II	
Assunto:	Relatório do Intendente e Provedor da Fazenda Real, Manoel Rodrigues Torres, da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Dentre outros assuntos, aconselha que a saída das monções do Cuiabá seja feita no mês junho, por ser uma época de estiagem.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	04 de Setembro de 1738.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1738; caderno, n.º 42.

[espaço] Senhor [espaço] | Copea [espaço] | Sendo muito precizo para
 acegurança da Fazenda de Vossa Magestade e boa arraca | dação della que as Canoas
 quedestas minas Sahem para povoado vão em frota uni | das etendosse assentado que
 para esta frota he a melhor monção headomez de | Junho e estes servem que
 5 a Intendencia está desembaraçada de matri | cula para poder fazer as Copeas, contas,
 e Remessas necessarias, e as Officiaes della | Expeditoz para averiguarem se as pessoas
 que na dita Frota haõ de partir | saõ ou não devedores a Fazenda Real pella Provedoria
 onde tambem ser | vem para que não vão para os povoados e partez onde se não ache
 noticia dellez | sem que primeiro paguem o que deverem ou Cegurarem a Fazenda
 10 de Vossa Magestade | E por achar Registadas ordens do Governadorez
 desta Cappitania no Livroz da Provedoria para que | o Provedor faça partir no dito mes

de Junho enão em outro as afrottas *que* destas | minas houver desahir em cada hum
 anno por ser oditto tempo Livre de agoas | e principioz de cheias ouvazantes de *que*
 Resultaõ pestes emayores Riscos de | Embarçaõens, enão Secahir no do gentio
 15 Payaguã com tanta facillidade | por janeste tempo não haver pantanal florente,
 e se Escapar doz Cavalleiros | *que* ainda não tem as Campanhas taõ cecas
que possa Livrementemente passar para des | tricto em *que* costuma na passagem maltratar
 az Canoas *que* por elle nave | gaõ: mandei pôr hum edital de *que* Remeto a Copea para
que no ditto mês partissem | com a Regularidade nelle declarada, e como *quer que*
 20 esta Rezoluçaõ foce contra | az Conveniencias do Ouvidor geral desta Comarca *que*
queria fazer mayor Remessa para po | voadado, e ainda Esperava Ouro para ella de matto
 grosso minaz muy distanz | convocou a Camara e Povo, e me mandou com
 huma Cartado Juis Ordinario | Certidaõ do *que* nella junta setinha assentado, *que*
 eram andarme por ou | tro edital como se persuade da Copea *que* Remeto; Enão
 25 contentem com isso | publicamente dis ao Povo amim me não tocçaõ monçoẽs, nem
 importa | o tempo da partida de Canoas, e sã pertence cobrar Dizimos *que* nunca | vira
 oz Dizimeiros do mundo meterem se na partida daz Frottas e *que* | no Cazo de Euser
 Provedor como oz mais doz Portos do Brazil ceguiria as or | dens *que* Lativesse para
 o desporto daz frottas de navios, enão de Canoas *que* enão | he frottanem couza alguma. =
 30 Na mesma forma Com o ditto Ouvidor | geral, Camara e Povo Se ajustaraõ anaõ
 concentir *que* a Ordenança Supris | sena Intendencia a faltades soldadoz pagoz e com
 trinta assignadoz os | mais Revoltozos me mandaraõ humapetiçam porque
 me ameaçavaõ pellapa | lavra aliã *que* despejariaõ a terra, e mesmo Ouvidor os
 incitava a *que* tomas | sem esse Encargo *que* se Vossa Magestade *queria quem*
 35 lhe guardasse o seu Ouro *que* lhe | | 1v. pagasse: disto Resulta hum total de z obediencia

dos Povos que com | effeito não quizerão partir por lhefazer o agosto em Junho, nem
 tambem | vir acistir na Intendencia para Evitar os tumultos e Confusão, eguardar | o
 Ouro que nem por estar no cofre esta livre de algum insulto manda | do fazer por
 negros ou Carijos que nunca sahem culpados em devações por denoutemuy não
 40 Serem conhecidos por mais Escuros que pardos. = Dou | a Vossa Magestade
 esta Contapara que se Sirva Remedear esta ordem que me pa | rece São Sepoderã
 evitar com mandar para esta Comarca huma Esquadra de Soldadoz | que Sirvaõ para
 as delligencias da Intendencia e Provedoria e dentro nella ou junto | della tenhaõ
 o seu quartel para que não Suceda Violentamente Roubarem | os Cofres e para que
 45 Sepossaõ com elle fazer as prizoões e penhoras necessariãz | para cegurança
 da Fazenda Real como se practica nas mais minas, como | tambem me pareceu Ser
 preciso mandar Vossa Magestade declarar aos Ouvidores e Camaraz Senãõ
 intrometaõ no que lhe não pertence por seus Regimentos para que Reconheçaõ que
 os Cargos de Intendente, e Provedor da Fazenda de Vossa Magestade não | Saõ
 50 taõ bachos como querem persuadir ao Povo para que Este falte ao Respeito de | quem
 os occupa; que Continuadamente andaõ pondo pesquins entre os quaes mede | raõ
 noticia de que em hum me chamavaõ Intendente, impertinente Co | brador doz Dizimos.
 = Dou a Vossa Magestade conta de que o Thezoureiro que tinha Ser | vido da Intendencia
 como Ouvidor geral chegou a esta Villa em Julho quando ja se estava cobran | do
 55 a Capitação em Agosto como Thezoureiro da Fazenda Real que tambem deichei Servir
 na | Intendencia na forma das Ordens de Vossa Magestade, equi Eu
 o Lancasseforadaditta | cobrança por hum Provimento antigo que mostrava do
 tempo em que tinha servido | deichando ficar em seu poder outenta e outo Outavas
 de Ouro que mais cobrou | do que lhe pertencia doz Sallarios que Levou de Thezoureiro

60 eEnsayador não Sendo | Enão havendo delles *necessidade*, nem nas mais Minas
 seuzadelles por|que ozThezoueiros todoz conhecem oOuro SeheLimpooufalso,
 enessadu|vida onaõRecebem daspartes Sem queSejaprecizo fazerse com elles essa
 dez|peza por essetitulo, temseposto âSombra do Ouvidor para que ninguem
 Seatre|va aprendelo para oobrigar a Restituição do ditto Ouro que mais emSy tem,
 65 E|me dizem elle otem dado aoOuvidor daComarca para o Restituhir, porem ate
 o|presente onaõ temfeito, ehe preciso VossaMagesdade declarar oprocedimento que |
 devem ter oz Intendentes novos com oz Velhos nocazo deacharem queellez | ouSeus
 Officiais fizeraõ algum descaminhos não mostrando adespeza que | fizeraõ do Ouro
 que pediraõ aProvedoria. = Remeto aCopea dehu|mapetiçaõ edespacho do ditto
 70 Ouvidor porque Semostraque aindaEm ozfins deJu|nho depois deEuEstar aqui
 desdeMarço estava despachando petiçoẽs, | porque mandava que az partez
 pagassem dedês mezes que tinhaõ os Escravoz ||2r. nas minas So dous
 deCapitaçaõ<naõ>mostrando bilhetedellaalgum so|por persuadir oz homens aque
 Eulhefaçofavor algum equelle mepode | mandar amim edemuitos despachos
 75 eCottas que tem posto nozbilhetes não Re|meto az copeas por não amontuar papeis.
 = Recorro aVossaMagesdade para | que de aProvidencia necessaria para queSenaõ
 possa impedir acreaçãõ des|ta Intendencia eProvedoria que malpossofundallacomo
 devo negandome | jurisdicaõ para isso oPovo eJustiças da terra
 EmtudoVossaMagesdade mandara | oquefor mais doSeu Real agrado VillaReal
 80 doSenhor Bom Jezus do Cuyabã 4 de|Setembro de1738 = Do Intendente eProvedor
 daFazendaReal ManoelRodriguez | Torrez [espaço] ManoelCaetano Lopes deLavre

Transcrição, n.º 8

MANUSCRITO VI, VIA I	
Assunto:	Carta do Provedor e Intendente da Fazenda Real, Manoel Rodrigues Torres, pedindo a Sua Majestade, o Rei D. João V, dentre outras medidas, decreto autorizando a prisão para os devedores da Fazenda Real.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	24 de Julho de 1739.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1739; caderno, n.º 48.

[espaço] Senhor [espaço] | Cópia [espaço] | Como nestas Minas não haja bens de Rais Ehamuitos homens que todo o seu Cabedal | tem Reduzido ouro, devendo algum a Fazenda Real, etendo noticia os que rem executar se auzentão, E não deixaõ Couza que valha aquantia que devem, para o que hê preciso | Logo as suspeitos defuga mandalos prender para ser inteiramente paga a fazenda | Rial do que lھےlles devem. [espaço] | E por que a Provedoria não tem mais Meirinho, que o da Intendencia onde he preciso | za a sua assistencia a mayor parte do anno, poder Suçeder Se preciso mandar | fazer adita dilligencia pelo Alcaide dada, ou pelo Meirinho da Ouvidoria, e como | os ditos officiais por insinuassão do Ouvidor actual Joaõ Rodriguez França não façaõ adelligencia como se segredo necessário Se não executa o meu mandado: como suçedeo | emhua prizaõ que mandei fazer pelo Meirinho da Ouvidoria

aFrancisco Lopes, culpado emhua devassa de Sublevassãõ Contra
 oestabalecimento daIntendencia, de=|que dei Conta aVossaMagestade namonçaõ
 passada, oqual Meirinho foi mostrar omeu | mandado aodito Ouvidor, Eestelhedisse
 15 não fizesse adíta delligencia; porque eunaõ tinha | jurisdicaõ para tirar Semelhantes
 devassas, nempara mandar prender alguem, emenos | pellos seos Officiais, enaõ
 Satisfeito Comsehaver Comtampouca atençaõ portemer eu | mandasse pello
 Meirinho da Intendencia fazer adíta diligencia Emoutra ocaziam, | avizou oculpado,
 eoRecolheo EmsuapropriaCaza dizendo publicamente que Seu qui=|zesse ofosse
 20 buscar aella deque Resultou opoco Cazo que Sefas dos Officiais daFazenda | Real
 queSeatrevem adizer osmoradores destas Minas, queSealgum lheforlafazer
 de=|ligncia lhemande quebrar aCabeça; porque não conhecessem justiça maisque
 ado oOuvidor | pello Lizongiarem; deque dou aVossaMagestade Conta para que de
 aprovidencia neçeccaria para que | ospovos destas minas Reconhessaõ ajurisdicaõ
 25 do Intendente eProvedor daFazenda | Real, eque oOuvidor da Camara anaõ
 perturbe, emande que os Seus Officiais cumpraõ | asordens que para servico ebem
 daaRecadaçaõ daFazenda Real lhefossem emcarregadas | comosegredo que ocazo
 pedir conforme adireito, epara queVossaMagestade Secirva declarar no=|cazo que
 oOfficial que não forda Fazenda Real; mas porque della lhefor cometti=|da
 30 delligencia desegredo onaõ guardar, aquem pertence oCastigalo para evictar
 asdes=|compusturas que cadahora estaõ havendo nestas Minas maquinadas pello
 dito Ou=|vidor emprejuizo da Real Fazenda deVossaMagestade que mandarã
 oquefor servido | Villa Real do Senhor Bom Jezus do Cuyabã 24 de Julho de 1739
 Do Provedor eIntendente da Fazenda | Real Manoel Roedriguez Torres. [espaço]
 35 ManoelCaetano Lopes deLavre

Transcrição, n.º 9

MANUSCRITO VI, VIA II	
Assunto:	Carta do Provedor e Intendente da Fazenda Real, Manoel Rodrigues Torres, pedindo a Sua Majestade, o Rei D. João V, dentre outras medidas, decreto autorizando a prisão para os devedores da Fazenda Real.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	24 de Julho de 1739.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1739; caderno, n.º 48.

[espaço] Senhor [espaço] | Cópia [espaço] | Como nestas Minas não haja bens de Ráis e há muitos homens que todo o seu Cabedal tem | Reduzido a ouro, devendo algum a Fazenda Real, etendo notícia os que querem executar seu = | zentão, não deixa Couza que valha a quantia que devem, para o que he preciso Logo as us | peitos de fuga mandallos prender para ser inteiramente paga a Fazenda Real do que he = | elles devem.

[espaço] | E porque a Provedoria não tem mais Meirinho, que o da Intendencia onde he precisa | a sua assistência a maior parte do anno, poder Suçeder Ser preciso mandar fazer adita | delligencia pelo Alcayde dada, ou pelo Meirinho da Ouvidoria, e como os ditos officiais por | insinuassão do Ouvidor actual João Rodriguez França não fação adelligencia como | segredo necessário Senão executa o meu mandado: como succedeo em huma | prizaõ que mandey fazer pelo Meirinho da Ouvidoria a Francisco Lopes,

culpado | em huma devassa de Sublevação Contra o estabelecimento da Intendencia,
 | de que dei Conta a Vossa Magestade namonção passada, o qual Meirinho foi
 mostrarem= | eu mandado a dito Ouvidor, e estelhedisse não fizesse adita diligencia;
 15 porque e não | tinha jurisdicção para tirar Semelhantes devassas, nem para mandar
 prender alguém, | e menos pellos seos Officiais; e não Satisfeito Com se haver
 Com pouca atenção | portem eu mandasse pello Meirinho da Intendencia fazer
 adita diligencia Em | outra ocaziam, avizou o culpado, e o Recolheo Em sua propria
 Caza dizendo | publicamente que se eu quizesse o fosse buscar a ella de que Resultou
 20 o poco Cazo que se fas dos Officiais da fazenda Real que se atrevem adizer
 os moradores desta Minas, | que se algum lhe for la fazer diligencia lhe mande quebrar
 a Cabessa; porque não co= | nhecessem justiça mais que ad o Ouvidor pello
 Lizongiarem; de que doua Vossa Magestade | Conta para que de providencia
 neçecaria para que os povos destas Minas Reconheçaõ | a jurisdicção do Intendente
 25 e Provedor da Fazenda Real, e que o Ouvidor da Camara | não perturbe, e mande que
 os Seus Officiais cumpram as ordens que para serviço ebem | da Recadação
 da fazenda Real lhe fossem em carregadas como segredo que o cazo | pedir conforme
 adireito, e para que Vossa Magestade se sirva declarar no cazo que o Official que | não
 for da fazenda Real; mas porque della lhe for comettida diligencia de segredo
 30 guardar, a quem pertence o Castigallo para evitar as descompusturas que cada ora
 estão ha= | vendo nestas Minas maquinadas pello dito Ouvidor em prejuizo da Real
 fazenda | de Vossa Magestade que mandará o que for servido Villa Real do Senhor Bom
 Jesus do Cuyabã 24 de | Julho de 1739 Do Provedor e Intendente da Fazenda Rial =
 Manoel Rodriguez Torres. | [espaço] Manoel Caetano Lopes de Lavre

Transcrição, n.º 10

MANUSCRITO VII, VIA I	
Assunto:	Carta do Ouvidor da Comarca de Cuiabá, João Gonçalves Pereira, a Sua Majestade, representando o Superintendente das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Telles, que pede, dentre outras informações, sobre a possibilidade de se fazer trato com os índios "Guaicurus".
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	08 de Setembro de 1739.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1739; caderno, n.º 49.

[espaço] Senhor [espaço] | Cópia [espaço] | Represento a Vossa Magestade que Agostinho Pacheco Telles Superintendente das Minas dos | Guayãs merecomendou por Carta, tomasse informação, elhenoticiasse, Sepella | parte da Vaccaria Sepoderia introduzir algum Socorro de Cavallos na Colonia, | por lhe no
5 ticiarem, não Seria difficultozo. [espaço] | [espaço] Pello autto Summario, que a Vossa Magestade remeto naprezente o Ccaziaõ Sobre | aa Veriguação, que fis das distancias, que podia haver destas minas, epovoações deseu | districto às das Indias de Hespanha, Consta a altura, em que fica adita Vaccaria, na qual nem nesta Comarca
10 hã Cavallos para Similhante Socorro; e São mente o gentio | Aycurû, que reside nas margens do Rio Paraguay grande, tem abundancia de Cavallos; | ehuã Bandeira, que destas minas Sedespidio Contra o gentio Payaguã no anno de | 1731, fes alojamento nas terras, em que reside o dito Gentio Aycurû, e Com elle teve | trato,

eConduzio embalças e Canoas, alguñs Cavallos, que odito gentio lhe offer-|tou, mas
no prezente tempo não hã trato algum Com elle. Emeparece Ser muito | Conveniente
15 havello, eSolecitallo por todo oCaminho, não Sô mente para intro-|duzir abundancia
deCavallos nestas minas atroco de fazendas, mas taobem para | por meyo dodito
gentio Seobservarem os movimentos, eanimos dos Hespanhoes, que | residem nas
povoações do Rio Paraguay grande; etambem Serve otrato Com | odito Gentio, para
pello tempo adiante Sepoder fundar alguã povoação naquelle | districto; Cazo que
20 pareça Conveniente para Com mais brevidade, efacellidade a | Com meter
aspovoações de Hespanha, eSenhorear as margens do Rio Paraguay grande | ehê
muito util aComunicação Com odito gentio, para Com mais facilidade Se|poder
extinguir oresto do Payaguã, Sobre asinSolencias do qual dou aVossa|Magestade
Conta naprezente oCcaziaõ [espaço] | [espaço] Aintro ducção de Cavallos na Colonia
25 hê muito defficultoza, tanto | pellos não haver Como por Ser grande adistancia,
eathê ô prezente Setemfeito in|acçessivel aos nossos Sertanistas odivaõ do Sertaõ,
que medeya entre ava|caria, eaColonia; emeparece queCom mayor facilidade
Sepoderaõ Con|duzir das Comarcas de Pernaguã, eSão Paulo. [espaço] | [espaço]
30 Bem estimara eu ter talento para poder informar aVossaMagestade das
pro|videncias necessarias, Contra oque justamente Sepode recear dos Hespanhoës
Con|tra os quaes São precisas todas as Cautellas, queSepuderem ex|coad|gitar
por | que não havendo rezistencia neste País, não hã mais reCurso que ||lv.oda
misiricordia de Deos. [espaço] | [espaço] Esta mesma Conta dou aVossaMagestade
pella Secretaria de Estado, ereme|to aCopea della aoGovernador, eCappitam Geral
35 desta Cappitania, ea Gomes Freyre de | Andrada Governador, eCappitam Geral das
do Rio deJaneyro, e Minas geraës, para infor|marem aVossaMagestade Sobre o Re
fferido, parecendolhe. Villa Real doSenhor Bom Je-|zus do Cuyabã de Setembro 8
de1739 = Oouvidor da Comarca do Cuyabã = | Joaõ Goncalves Pereyra. [espaço]
ManoelCaetano Lopes deLavre

Transcrição, n.º 11

MANUSCRITO VII, VIA II	
Assunto:	Carta do Ouvidor da Comarca de Cuiabá, João Gonçalves Pereira, a Sua Majestade, representando o Superintendente das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Telles, que pede, dentre outras informações, sobre a possibilidade de se fazer trato com os índios "Guaicurus".
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	08 de Setembro de 1739.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1739; caderno, n.º 49.

[espaço] Senhor [espaço] | Cópia [espaço] | Represento a Vossa Magestade que Agostinho Pacheco Telles Superintendente das | Minas dos Guayãs me Recomen dou por Carta, tomasse informação, elhen | teciasse, Sepella parte da Vaccaria Sepoderia introduzir algum So Corro de | Cavallos na Collonia, por lhe no teciaem, naõ Seria de

5 ffi Cultozo. [espaço] | [espaço] Pello autto Summario que a Vossa Magestade Remeto naprezente o Ccazião | Sobre aa Veriguação que fis das distancias, que podia haver destas minas, ep | voações de seu destricto as das Indias de Hespanha, Consta a altura, em | que fica adita Vaccaria, na qual, nem nesta Comarca hã Cavallos para | Semelhante Socorro; e São mente o Gentio Aycurû, que Rezide nas margens | do Rio

10 Paraguay grande, tem abundancia de Cavallos; e huã bandeira, que | destas minas Sedespedio Contra o gentio Payaguã no annode 1731, fes | alojamento nas terras, em que Rezide odito Gentio Aycurû, e Com elle teve trato | e Conduzio em barças e

Canoas, alguñs Cavallos queodito Gentio lheoffer|tou, mas no prezente tempo não
 hã trato algum Com elle, emeparesse | Ser muito Conveniente havello, eSollicitallo
 15 por todo oCaminho, não Sô | mente para intro- duzir abundancia deCavallos nestas
 minas atroco defa|zendas, mas taõbem para por meyo dodito Gentio Seobservarem
 osmovi-|mentos, eanimo dos Hespanhoes, que Rezidem nas povoações do Rio
 Paragu|ay grande; etambem Serve otrato Com odito Gentio para pello tempo adiante
 | Sepoder fundar alguã povoaçãonaquelle destricto; Cazo que pareça | Conveniente
 20 para Com mais brevidade, efacelidade a Como ter aspovoa|ções de Hespanha,
 eSenhoriar as margens do Rio Paraguay grande ehê | muito util aComunicação Com
 odito gentio para Com mais facellidade Sepo|der extinguir o Resto do Payaguã Sobre
 asinSolencias do qual dou a|VossaMagestade Conta naprezente oCcazião [espaço] |
 [espaço] Aintro dução deCavallos na Collonia hê muito deficulzoza, tanto | pellos não
 25 haver, Como por Ser grande adistancia, eathê oprezente Setem feito | enacçessivel
 aos nossos Certanistas odivão do Certaõ, quemedeya aVaca|ria, eaCollonia;
 emeparece queCom mayor fallecidade⁽²⁾ SepoderaõCon|duzir das Comarcas de
 Pernaguã, eSaõPaullo. [espaço] ||lv. Bem estimara eu ter tallento para poder
 informar aVossaMagestadedaspro|videncias necessarias, Contra oque justa mente
 30 Sepode Recear dos Hespanhoës, | Contra os quaes Saõ precisas todas as Cautellas
 queSepuderem excoadgitar | por que não havendo Rezistencea neste Pais, não hã
 mais Recurço queoda | misericordia deDeos. [espaço] | [espaço] Esta mesma Conta
 dou aVossaMagestade pella Secretaria de Estado, | eRemeto a Copea della ao
 Governador eCappitam Geral desta Cappitania, ea Gomes Freyre | de Andrada
 35 Governador, eCappitam Geral das do Rio deJaneyro, e minas geraës para |
 informarem aVossaMagestade Sobre o Re fferido paressendolhe. Villa Real
 do|Senhor Bom Jezus do Cuya bâ deSetembro 8 de1739, = Oouvidor da Comarca |
 doCuyabã = JoaõGoncalves Pereyra. [espaço] ManoelCaetanoLopes deLavre

⁽²⁾ *fallecidade por facellidade.*

Transcrição, n.º 12

MANUSCRITO VIII, VIA ÚNICA	
Assunto:	Carta de Manoel Antunes Nogueira, a Sua Majestade, solicitando que não seja destruído o engenho de aguardente erigido no Arraial de Mato Grosso, atual município de Vila Bela da Santíssima Trindade; alega, dentre outros motivos, que o local é importante por ser a barreira para a povoação espanhola.
Local:	Cuiabá.
Data:	30 de Setembro de 1744.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: documentos diversos; ano: 1744; caderno, n.º 64.

[espaço] Senhõr [espaço] Copea [espaço] Foy Vossa Magestade servido pella provizam
copiada no documento junto a isto ordenar a meu anteceçor, | quenocazo de Haver
Thomé de Gouvêa Sã e Queiroga, erigido hum Engenho de agoardente | no Arrayal do
matto grosso, o mandasse logo demulir, e quenaõ consentisse se lavantassem | alguns
5 denovo. Em cuja execuçaõ passou precatorio incluzo para Sõ demulirem al|guns
quesetinhaõ construhido; ao qual vieraõ oz Senhores dellez comenctarios, que correm
| de pagamento; e como Sumatoda me parece digna de attençaõ da Real piedade de
Vossa Magestade | principalmente por estar aquella povoação distantedesta Villa mais
de Cem Legoz | dominada de hum clima pestifero, onde continuamente ha grandes
10 epidemias, e onde | a tempo em hum mesmo ora faz muitas, e diversas Revoluçoens

defrio, e calor, e qualquer | Das couzas contanta intenção; que por cauzado frio
 muitagetetemperecido nocam|po, oquetudo, e outras muitas couzas Se ponderaõ
 nos ditos Embargos; oque mais Se faz attendivel, heosestaraquellapovoação Servindo
 debarreyra âz de|Castella, pois cortina comas Missoens de Sam Rafael, easqueestãõ
 15 Situadas nas | Margens doVaporê Cabeceyras do Graõ Parã,
 porcujomotivosefazprecizahua|Estabilidade aqualsefaz masfirmecomosEngenhoz,
 porseremestes osunicos | bens deRaíz que hanestas Minas, eacresce oestar
 aquelleArrayal emhuã | total decadencia pellafaltadeouro, enocazo quehajaalgum
 distantedezcuberto | hemuy provavel dezertarem os seusmoradores,
 20 eperdesseaquellataõ importantes | Colonia, eapoderaremsedellaosCastellanos
 pellavezinhaça emqueSeachaõ | Nanova missaõ deSantaRoza, eportodos
 estesmotivoz ponho estes auttos na|prezença deVossaMagestade, quesupposto
 eudevia conhecer dosEmbargos conforme aorde-|nação doReyno comopara
 VossaMagestade passaraditaProvizam precedeo informação, naõ |
 25 Tinhalugar[ilegível]repiãõ; esô aClemenciadeVossaMagestade queaquelles moradores
 | imploraõ. Porquetudo VossaMagestade ordenarã oquefor doSeuRealServiço |
 Cuyaba deSetembro 30de1744 = O Ouvidor ManoelAntunez Nugueyra | [espaço]
 [ilegível]

Transcrição, n.º 13

MANUSCRITO IX, VIA ÚNICA	
Assunto:	Capítulo de uma carta de Marco Antônio de Azevedo Coutinho a Dom Antônio Rollim de Moura.
Local:	Cuiabá.
Data:	27 de Março de 1750.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1750; caderno, n.º 01.

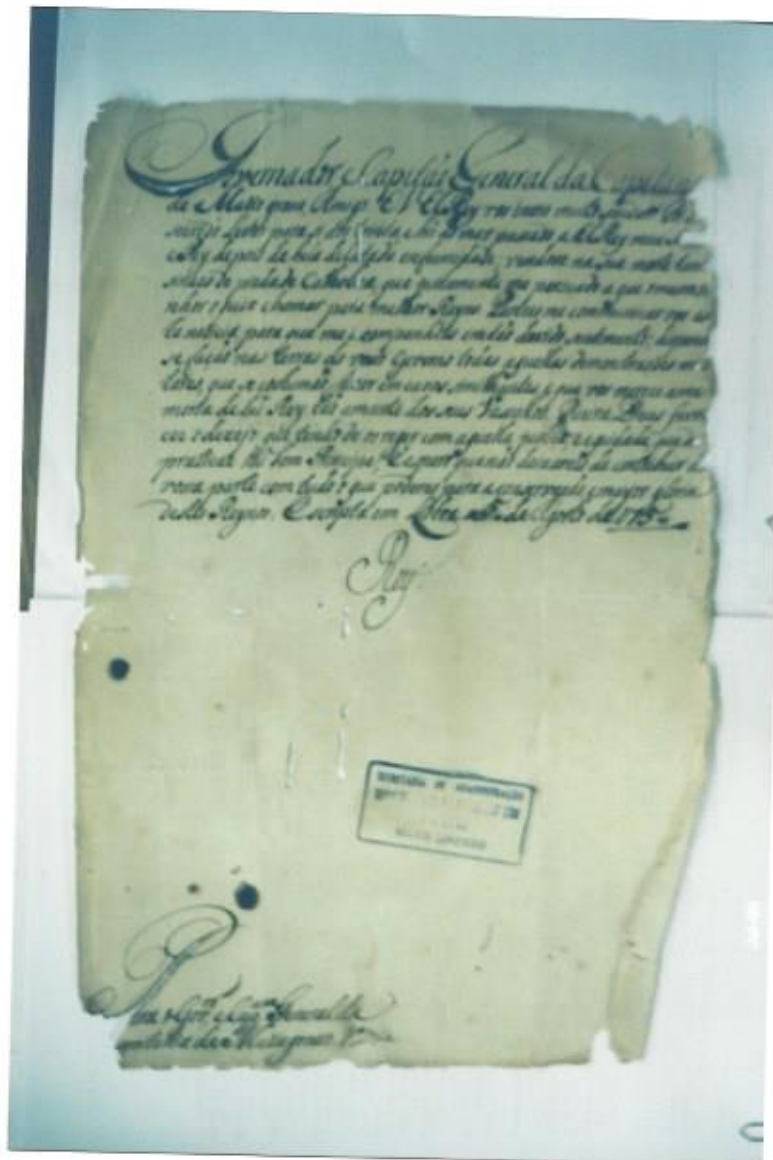
[espaço] Numero 6. [espaço] | Copea dehum Capitulo da Carta do [espaço] | Secretario de Estado Marco Antonio de Azevedo [espaço] | Coutinho escripta ao Excelentissimo General Dom [espaço] | Antonio Rollim de Moura em 27 de [espaço] | MarSo de 1750 [espaço] | A Gomez Freire de Andrade se ordenou, pela Frota do Rio- | de Janeiro, procurasse persuadir os Contractadores dos Diamantes | a separarem algũa parte dos seis centos escravos, que lhes são | concedidos, para irem extrair Diamantes na Mina que se | descobrio nas Cabeceiras do Paraguay; equando o duvidassem, | lhes declarasse que não seriaõ despois admittidos aqueixarse de | qualquer expediente, com que Sua Magestade franqueasse aquella pa- | ragem, para
10 a extracção do ouro; visto não ser justo que | por não quererem elles aproveitar aquellas Minas, para os Di- | amantes, se privassem os pobres Mineiros do Cuyabá, e | Matto Grosso da utilidade do ouro, que n'ella descobriraõ, á custa da sua fadiga. —
[espaço] | [espaço] Está conforme. [espaço] | [espaço] Diogo Jozé Pereira

Transcrição, n.º 14

MANUSCRITO X, VIA I	
Assunto:	1ª via da carta de D. José I ao Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso, comunicando a morte de D. João V.
Local:	Lisboa. (Obs.: apesar de esse manuscrito também não ser datado em Cuiabá, sua escolha para compor o <i>corpus</i> de língua escrita se justifica simplesmente para que sirva de elemento de comparação entre o português escrito na corte e na colônia; o que serve para demonstrar que a variante portuguesa que chegou em terras cuiabanas era a mesma de outras regiões brasileiras – Cf. transcrição, n.º 1 – e também da Corte).
Data:	05 de Agosto de 1750.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1750; caderno, n.º 02.

Governador, eCapitaõ General daCapitania | de Matto grosso, Amigo. EuElRey vos
 invio muito saudar. Foi [Deos] | servido Levar parasi aos trinta, ehũ do Mez passado
 aElRey meuSenhor, | ePay, depois dehuã dilatada enfermidade; vendose
 nasuamorte tantos | sinaes de piedade Catholica, que justamente me persuado aque
 5 omesmo Se=|nhor o quiz chamar para melhor Reyno. Pareço-me communicar-vos
 es=|ta noticia, para que me acompanheis emtaõ devido sentimento; dispondo |
 sefação nas terras do vosso Governo todas aquellas demonstrações mili=|tares, que

se costumaõ fazer em cazos semelhantes, eque vos mereceame= | moria dehũ Rey taõ
 amante dos seus Vassallos. QueiraDeus favore= | cer o dezejo que tenho de os reger
 10 com aquella justiça, eequidade, quedeve | praticar hũ bom Principe; Eespero quenaõ
 deixareis de contribuir da | vossaparte com tudo o que poderes para aconservaõ,
 emayor gloria | destes Reynos. Escripta em Lisboa a5 deAgosto de1750. | [espaço]
 Rey❖ [espaço] | Para oGovernador, eCapitam General da [espaço] | Capitania
 deMattogrosso. 1ªVia



Transcrição, n.º 15

MANUSCRITO X, VIA II	
Assunto:	2ª via da carta de D. José I ao Governador e Capitam General da Capitania de Mato Grosso, comunicando a morte de D. João V.
Local:	Lisboa. (Obs.: apesar de esse manuscrito também não ser datado em Cuiabá, sua escolha para compor o <i>corpus</i> de lingua escrita se justifica simplesmente para que sirva de elemento de comparação entre o português escrito na corte e da colônia; o que serve para demonstrar que a variante portuguesa que chegou em terras cuiabanas era a mesma de outras regiões brasileiras – Cf. transcrição, n.º 1 – e também da Corte).
Data:	05 de Agosto de 1750.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1750; caderno, n.º 02.

Governador, eCapitaõ General daCapitania do Matto grosso, | Amigo. Eu ElRey vos
 invio muito saudar. Foi Deos Servido Le=|var parasi aos trinta, ehum do Mez
 passado aElRey meuSenhor, | ePay depois de huã dilatada enfermidade, vendose
 nasuamorte | tantos sinaes depiedade Catholica, quejustamente mepersuado, aqueo
 5 mesmo Senhor o quiz chamar para melhor Reino. Pareço | mecomunicarvos esta
 noticia para que meacompanheis emtaõ de=|vido Sentimento, dispondo sefação nas
 terras do vosso Governo todas | aquellas demonstraçoẽs militares, quesecostumaõ

fazer em Cazos | Similhantes, equevos merecea memoria de humRey taõ amante |
 dos seus Vassallos. QueiraDeos favorecer o dezejo, quetenho deos Re=|ger com
 10 aquellajustiça, eequidade, quedever praticar hum bom Prin=|cepe; Eespero quenaõ
 deixareis de contribuir davossaparte com | tudo o quepoderes paraaconservaçãõ,
 emayor gloria destes Rei=|nos. Escrita em Lisboa a5 deAgosto de1750 – [espaço] |
 [espaço] Rey❖ [espaço] | ParaoGovernador, eCapitam General daCapitania do
 [espaço] | Mattogrosso – 2ªVia



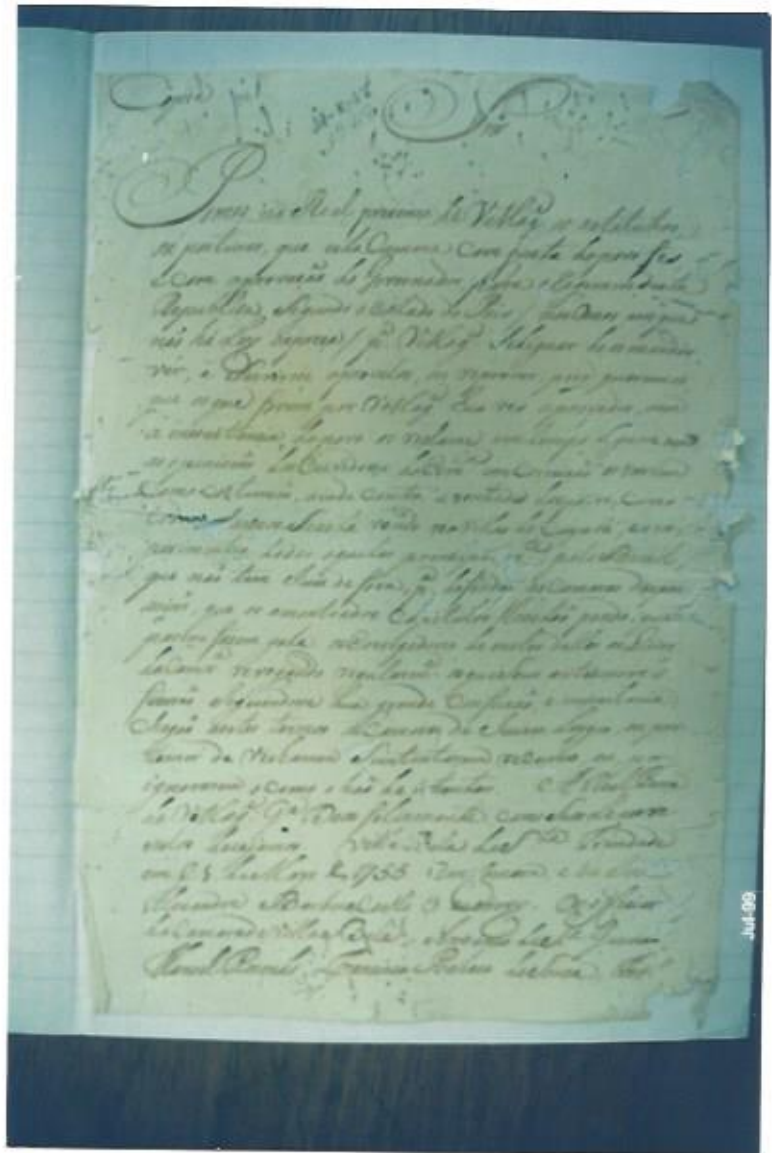
Obs.: Facsimile correspondente às linhas 7 a 21 da transcrição, n.º 2. Conferir formas, como **rezaõ** (linha 4 da foto).

Transcrição, n.º 16

MANUSCRITO XI, VIA ÚNICA	
Assunto:	Carta dos Oficiais da Câmara, escrita por José Alexandre Barbosa Coelho, comunicando a Sua Majestade, o Rei, sobre o estatuto da Câmara de Vila Bela.
Local:	Vila Bela da Santíssima Trindade.
Data:	21 de Maio de 1755.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1755; caderno, n.º 49.

Copia [espaço] | Senhor [espaço] | Pomos na Real presença de Vossa Magestade os estatutos, | ou posturas, que esta Camara Conjunta do povo fez, | e Com aprovação do Governador, para o Regimento desta | Republica Segundo o Estado do Pais / nos Casos, em que | não há Ley expressa / para Vossa Magestade Sedignar de os mandar | ver, e Servirse aprovalos, ou reprovar, porque queremos, | que os que forem por Vossa Magestade hua ves aprovados, nem | a inconstancia do povo os reclame em tempo algum nem, | as opinioens dos Ouvidores da Comarca em Correição os variem, | Como Costumaõ, ainda Contra a vontade do povo, Como | todos [ilegível] annos se está vendo na Villa do Cuyabã, eo ex-|perimentaõ todas
 5
 10
 aquelas principalmente, pelo Brazil, | que não tem Juiz defora, para defender as Camaras das pen-|ssoiãs, que os amontoados Capitulos lhe estão pondo, que-
 | parece fazem gala os Corregedores de encher delles os Livros | da Camara

revogando regularmente osqueSeus antecessores | fizeraõ Seguindosse hua grande
 Confuzaõ, e miscilania, | Chegaõ aestes termos asCamaras de JuizesLeygos, ou por-
 15 |temor de Vechamen Seintentarem reCurso, ou, por-|ignorarem o Como o haõ de
 intentar. A Real Pessoa | de VossaMagestade: Guarde Deosfelizmente, como Seos
 Leaesva-|ssalos dezejamos. VillaBela daSancta Trindade | em 21 deMayo de 1755.
 EmCamara, e Eu Jozê | Alexandre BarbozaCoelho o escrevy. Osoffeciaes |
 daCamaradeVillaBela = Antonio daSylvaGusmaõ | ManoelRozendo,
 20 FranciscoPacheco deSouza, Antonio ||lv. Antonio Correia Ordonho = Joaõ
 deMouraColoço | [espaço] [ilegível]

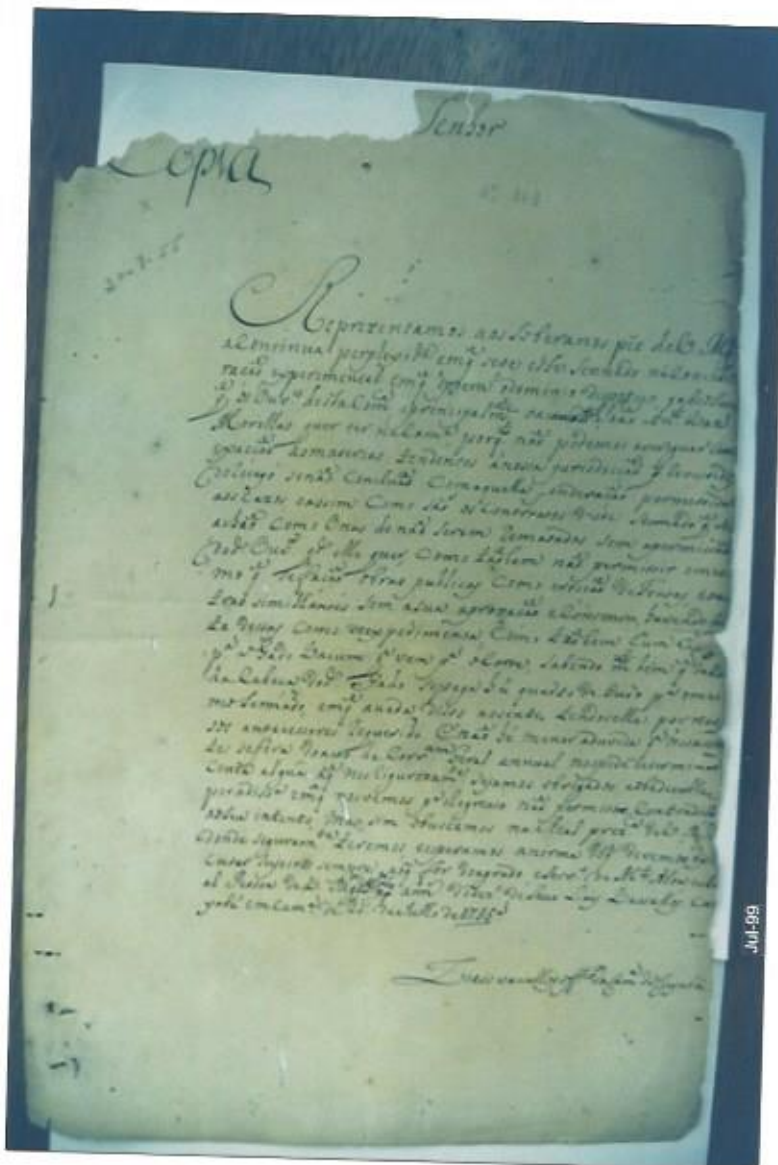


Transcrição, n.º 17

MANUSCRITO XII, VIA ÚNICA	
Assunto:	Carta dos oficiais da Câmara de Cuiabá a Sua Majestade, o Rei, reclamando das atitudes dos ouvidores da Comarca.
Local:	Cuiabá.
Data:	20 de Julho de 1755.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1755; caderno, n.º 52.

[espaço] Senhor [espaço] | Cópia [espaço] | Representamos aos Soberanos pês
 deVossa Magestade | aContinua perplexidade emque seve este Sennado naConcide-
 |ração experimental emque opoem o dominio dispotico, eabsoluto | que os Ouvidores
 destaComarca, eprincipalmente oactual oBacharel Joaõ Antonio Vaz | Morilhas quer
 5 ter naCamara, porquanto não podemos averiguar com-|exacção asmaterias
 tendentes anossa jurisdicção que Revestidos | doReceyo senão Concluaõ comaquella
 ponderação permittida | aos Cazos, eassim Como são os Contractos deste Sennado
 que se-|achaõ Como Onus denão serem Rematados sem apermisaõ | dodito
 Ouvidor quando elle quer, Como taõbem não permittir ome-|mo que sefação obras
 10 publicas Como erecção deFontes, eou-|tras semelhantes sem asua aprovaõ
 eConsensu, havendo fal-|ta destas Como seexperimenta, Como taõbem
 hum[ilegível] | para oGado Vacuum que vem para oCorte, sabendo muito bem que
 deCa-|daCabeça dodito gado sepaga hũ quarto deOuro para ome-|moSennado,

emque anada disto assente tendoselhe pornos- | sos antecessores Requerido. Enaõ hê
 15 menor aduvida que nosassis- | te sefora doacto daCorreiaçã Geral annual nospode
 determinar | Couza alguã aque nos Rigurozamente sejamos obrigados
 aobedecerlhes; | poradistancia emque nosvemos para oRegresso naõ
 permittiraContradiçaõ | aoseu intento; mas sim obuscamos naReal presenca
 deVossa Magestade | donde seguramente teremos, eesperamos anorma doque
 20 devemos exe- | cutar sujeitos sempre aoque for doagrado, eserviço daMuito Alta eRe-
 | al Pessoa deVossa Magestade que Deos oguarde pelos annos dodezejo deseus Liais
 Vassallos. Cu- | yabã emCamara de 20 deJulho de1755 annos [espaço] | [espaço]
 [Liais vassallos officiaes daCamara doCuyabã]



Transcrição, n.º 18

MANUSCRITO XIII, VIA ÚNICA	
Assunto:	Carta dos oficiais da Câmara de Cuiabá solicitando a Sua Majestade, o Rei Dom João VI, que se faça cumprir o Real Decreto que executa o afastamento do então ouvidor da Comarca, o Bacharel João Antônio Vaz Morilhas, e ordenar a que logo dessem posse do mesmo cargo de ouvidor geral da Comarca, e seus anexos, ao intendente da Real Capitação, o Bacharel Francisco Xavier dos Guimarães Britto Costa.
Local:	Cuiabá.
Data:	21 de Fevereiro de 1756.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1756; caderno, n.º 30.

Aos Soberanos pês da Vossa Muito Alta e Real Pessoa de Vossa Magestade nos apresentamos Comafeliz Sorte deo Cuparmos nopre-|zente anno o empregos de officiaes da Camara desta Villa Real do-|Senhor Bom JEzus do Cuyabá, motivada esta fellicidade no-|objecto da expozição que Reverentes fazemos a Vossa Magestade

5 do que nos fi-|Cou Recomendado por nossos antecessores que proximamente | a Cabaraõ, e por este motivo de finalizarem o tempo de Seus | empregos expozessemos/ Como expomos/ na Real prezença | de Vossa Magestade a execuçam que deraõ no Real Decreto de 22 de Ma-|yo de 753. = por donde Houve Vossa Magestade por a Cabado o tem-|po de Ouvidor desta Comarca ao Bacharel Joaõ Antonio Vas Morilhas, |

10 de *que* Haviaõ Requerido os mesmos nossos antecessores a execuçam | delle ao
 Excelentissimo General desta Capitania Dom Antonio Rollim de- | Moura
 por fallecimento do Dezembargador Fernando Camara de Castro, cuja, | Suspenção,
 execuçam lhenãõ quis mandar intimar sem primeiro | buscar os meyos que fossem
 mais Legitimamente a Ce[ilegivel]os | Comaduro, e prudencial officio
 15 Com precedencia de Con- | sultar o Vice-Rey do Estado o Excelentissimo Conde
 dos Arcos, eo Excelentissimo | Conde de Sam Miguel General de Goyazes, e todos os
 Ministros da- | quella Capitania <eletrados> por nesta haver falar delles, e de todos os so-
 | bredits provocou a Junta O mesmo Vice Rey do Estado | sobre a materia subjecta,
 em que por Convirem uniforme- | mente se devia mandar executar o Real Decreto
 20 de Vossa Magestade | e intimarse ao dito Bacharel Joãõ Antonio Vas Morilhas que
 Havia | a Cabado o seu Lugar, e entrar no emprego de Ouvidor o Ministro | quem
 pertencesse em execuçam das Ordens de Vossa Magestade E assim | o determinou
 o dito Excelentissimo General desta Capitania a nossos antece- | ssores, que
 a executassem, e intimassem ao dito Bacharel a suspen- | çãõ, e abstenção do Cargo
 25 de Ouvidor desta Comarca e obser- | vança tudo do dito Real Decreto de 22 de Mayo
 de 1753; e vi- ||lv Evitando por esta execuçam a os moradores destas Minnas |
 das oppressões, e exames em que se achavaõ, e experimen- | tavaõ Com a administração
 da Justiça daquelle Bacharel | Ordenando aque Logo dessem posse do mesmo Cargo
 de Ou- | vidor Geral da Comarca, e seus anexos ao Intendente da Real Capita- | çãõ
 30 o Bacharel Francisco Xavier dos Guimaraens Britto Costa a quem na- | forma das
 Ordens de Vossa Magestade lhetocava, visto haver feito | demissão do dito Lugar O
 Juis de fora de Villa Bella | o Bacharel Theotonio da Sylva Gusmaõ, fundada esta
 nas jus- | tas, e notorias Razoões de sua molestia, actual Serviço | de Vossa Magestade
 na dita Villa Bella e distancia grande daquelle | a esta Villa E com officio
 35 Sendo Suspenso o dito Bacharel do Car- | go de Ouvidor, se impossou o dito Bacharel

Francisco Xavier dosGuimaraes Bri-|tto Costa pornossos antecessores nodito
 emprego deOuvidor | Geral daComarca, eProvedor dosAbitantês eosanexos aodito
 Cargo de-|Ouvidor, entrando aexercer tudo Comagrado do Povo pela | notoria
 Limpeza demaões, afaallidade, Letras, ejustiça que | Comtoda aigualdade destribue
 40 aos moradores destaComarca | emqueSeacha. [espaço] | [espaço] Tanto pela acção
 Suspenssiva da Jurisdicção daque-|lle Ministro, Como daposse, eexercicio doactual
 gratifica-|mos aVossa Magestade beneficio taõ efficâz que nosdistribuihu odito |
 Excelentissimo General destaCapitania, emofficio doReal Decreto deVossa |
 Magestade aque dis Respeito, oqual Contanta Vigilancia Cui-|da, eodesvella empor
 45 esta Capitania emsocego ComoCui-|dado, edisvello aque Vivaõ osSeus habitantes
 izemptos deo-|pressoês, evexames paraConcervação damesmaCapitania, |
 enCaminhado os ComoSeu exemplo aoServiço deDeos | edeVossa Magestade Eassim
 nos ematenção dofacto deto-|da esta expozição emnome deste Povo, eComaCabeça
 || 2r Cabeça desta Republica aofferecemos Rendida | naReal presença
 50 deVossaMagestade, pela graça que emdistancia | taõ perLongada Recebemos,
 querendo que vivamos emsoce-|go, Como agora aexperança omostra, Livres já dehũ
 taõ | aspero, ambiciozo, eSevero Ministro, suavizado por Inspira-|ção Divina;
 poroutro taõ dezenteressado, Urbano, e-|deRecta iguadade nojulgar. [espaço] |
 [espaço] A Soberana eReal Pessoa deVossa Magestade Guarde Deos |
 55 porosdillatados Secculos denosso dezejo para dezoprimir os-|Seus Vassallos
 dosvexames que emdistancias taõ Remotas | aContece experimentarem. Cuyabã
 emCamara de21. | deFevereiro de1756.= Bejaõ ospês deVossa Magestade= Seus |
 obedientes Vassallos officiaes daCamara doCuyabã= Lou-|renço daSylva Tavares=
 Vicente RebelloLeite= Joaõ | deGodoy daSylva= Benedicto deAmaral Coutinho
 60 daSylva

Transcrição, n.º 19

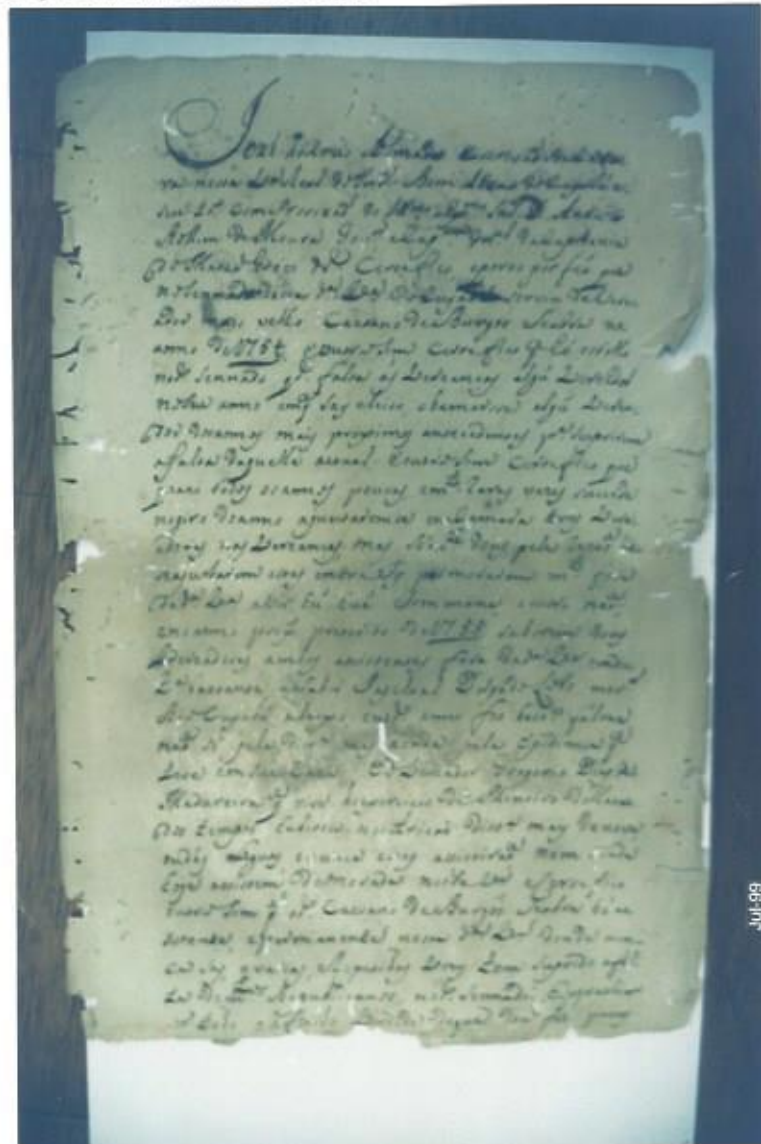
MANUSCRITO XIV, VIA ÚNICA	
Assunto:	Certidão do escrivão da Câmara de Cuiabá, José da Cruz Almada, relatando que é uma prática comum os vereadores do ano passado servirem no Senado na falta dos atuais.
Local:	Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.
Data:	22 de Fevereiro de 1756.
Localização:	Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso; lata: I; ano: 1756; caderno, n.º 65.

Jozê daCrus Almada Escrivão daCame-|ra nesta VillaReal doSenhor Bom JEzus doCuyabá e-|seu tezoureiro comProvizaõ do Illustrissimo eExcelentissimo Senhor Dom Antonio | Rollim deMoura Governador, eCapitam General daCapitania | doMattoGroço donde Certifico, eporto por feê que | noSennado desta dita Villa

5 doCuyabá serviu deVere-|ador mais velho Caetano deBurgos Seabra no-|anno de1754. EoutroSim Certifico que hê estillo | nodito sennado quando falta as Vereanças algũ Vereador | noseu anno emque say eleito, chamarsse algũ Vere-|dor dosannos mais proximos antecedentes para suprirem | afalta daquelle actual; EoutroSim Certifico que | quazi todos osannos poucas, emuito Raras vezes succede

10 | nogiro doanno ajuntaremse emCamera tres Vere-|adores nas Vereanças; mas sô mente dous, pela Razaõ de-|seajustarem estes entreSy pormorarem muito fora | dadita Villa avir hũ huã Sommana, eoutro naõ;| enoanno proximo preterito de1755.

sahirem dous | Vereadores ambos assistentes fora dadita Villa emdis-|tancia
bastante, aSaber Paschoal DelgadoLobo morador | RioCuyabã abaixo, enodito anno
15 fes bastantes faltaz | não sô pela distancia, mas ainda pela Epidimia que | teve
emsuaCaza: EO Vereador Gregorio Dias de-|Madureira que vive doexercicio
deMineiro dillata-|dos tempos Eabitou nosAricâz distancia mais denove, | oudês
Leguas, enunca estes assistiraõ, nem ainda | hoje assistem demorada nestaVilla,
eCertifico | outroSim que odito Caetano deBurgos Seabra hê as-|sistente,
20 epermanente nesta dita Villa donde nun-|ca say, evarias, eRepetidas Vezes tem
suprido afal-|ta demuitos Republicanos nodito sennado. Eporassim | ser todo
oRefferido Verdade deque deu feê, passey ||lv oprezente nesta VillaReal doSenhor
Bom | Jezus doCuyabã pormim feita, eaSignada aos-|22 deFevereiro de1756 annos
[espaço] | [espaço] Jozê daCrus Almada



66-111

Capítulo 5

DESCRIÇÃO DE TRAÇOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA NA ÉPOCA DAS BANDEIRAS, SÉCULO XVIII

A análise do sistema fonológico do português do século XVIII, no tempo das bandeiras, tem como base os documentos transcritos e editados no capítulo anterior. Valemo-nos também de dados já estudados por historiadores e gramáticos da língua portuguesa. Não nos detemos, porém, apenas no período setecentistas; recorreremos também a outras fases da história do português, desde o latim e galego-português, passando pelo português arcaico, até nossos dias, porque, para dizer com Mattos e Silva (1991:48), o estudo de um fato lingüístico, com tal panorama teórico, nos permite inferir algumas afirmativas e outras suposições sobre qualquer sistema estudado da língua portuguesa de qualquer que seja o período.

A intenção aqui é levantar o quadro dos grafemas de referência vocálica e consonântica, com a finalidade de detectar, na escrita, possíveis traços de oralidade, ou do português falado na época em questão.

No século XVIII, como dissemos no capítulo anterior, agrava-se ainda mais a polêmica ortográfica, terminando com a suposta vitória da ortografia etimológica sobre a fonética. O que não significa dizer que se instalou uma unidade gráfica da língua portuguesa e que a ausência de uma norma de fato unificada para a escrita fez com que, principalmente naquele século, se apresentasse uma grafia variável, emergindo ainda traços da modalidade oral,

resquícios da fase tida como derrotada. Podemos observar nos textos editados, no entanto, que na verdade não houve nenhuma vitória esmagadora do chamado período etimológico ou pseudo-etimológico sobre o fonético. A prova disso é a enorme distância que há entre os preceitos dos gramáticos e ortógrafos daquela época, em particular Bacellar (1783), e os ditos manuscritos coevos, como iremos explicitar mais à frente.

Fica justificada dessa forma a utilização de documentos notariais manuscritos do século XVIII para dar conta do nosso propósito que é pela análise do sistema grafemático chegarmos à descrição do sistema fonológico da língua portuguesa setecentista e, mais ainda, reconhecer o grau de correspondência entre as unidades das formas escrita e falada no período em evidência. A esse favor, acrescentamos ainda que o primeiro mandamento das regras de ortografia na gramática de Bacellar (1783:119), cerca de trinta anos depois dos documentos aqui transcritos, era que devemos escrever como pronunciamos.

Apesar desse preceito normativo, de um gramático do século XVIII, temos em mente a dificuldade que é dar cabo a uma tarefa tão complexa, como a proposta neste capítulo.

Nessa direção, Maia (1986:301) justifica essa dificuldade, ressaltando que os sistemas de escrita são, a maior parte das vezes, insuficientes e imperfeitos na sua maneira de representar a língua falada, em virtude da conhecida inadequação entre os sistemas grafemático e fonológico, uma vez que “a escrita não representa os sons concretos da fala, mas sons-tipos e, a partir daí, os fonemas.” Mais adiante, à página 303, citando Gossen (1968:15-

16), adverte ainda que é oportuno ter em mente que a língua escrita, em especial de documentos notariais, como é no nosso caso, somente de certo modo e em certo grau representa a língua do escriba ou do copista e o falar local ou regional, porque quem escrevia ou copiava “obedecia a tradições gráficas que se encontravam em todo o caso acima da realidade fonética local e, por vezes, mesmo regional.” Mesmo assim, reconhece que algumas ou mesmo muitas formas da língua falada escaparam na transcrição de documentos dessa natureza. Contudo, chama a atenção que nem todas as partes de um mesmo documento podem, de maneira igual, refletir a língua falada do período, porque, como hoje, quem escreve usa fórmulas tradicionais que vêm passando de geração em geração, e que muitas vezes se copia literal e diretamente de formulários já estabelecidos. Dessa maneira, numa investigação lingüística que tem como base documentos desse naipe, e que tem o objetivo, como o nosso, de estudar o sistema fônico a partir das relações entre grafemas e fonemas, é preciso estar atento para se não conceder o mesmo valor às ditas fórmulas feitas e às outras partes dos documentos que, por dedução, mais espontaneamente saíram da mão do escriba ou copista.

Embora os sistemas grafemático e fonológico sejam, como não é novidade, bem diferentes entre si, autônomos e independentes, é reconhecido que trata-se de dois sistemas em que o primeiro é reflexo do segundo⁽¹⁾.

Isso posto e considerando ainda o fato de que, na época dos documentos notariais aqui analisados não havia um sistema ortográfico mais definido,

⁽¹⁾ A esse respeito já havia dito Saussure: “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro.” Cf. F. Saussure (1991:34), *Curso de lingüística geral*. 16ª edição, Editora Cultrix.

comum a todos, não é raro encontrar nos ditos manuscritos exemplos que de certa forma abonam o que falamos acima sobre traços de língua falada na escrita, como no registro de *poco* (8:20)⁽²⁾ por *pouco*, ou na constatação de registros dispares de um mesmo item lexical, saídos do punho de um mesmo escriba ou copista, em um mesmo documento: ora *Real* (8:3) e *descobrimento* (4:4), ora *Rial* (8:5) e *descubrimento* (5:2).

Se essa oscilação no sistema grafemático nos deixa em dúvida sobre o que era a tal língua da corte, a norma padrão, que, no dizer de Argote (1725:299), os “meninos bem criados” deviam aprender, por outro lado esses manuscritos nos fornecem elementos nos quais podemos nos guiar para descrever o estado de língua da época, discernindo, na medida do possível, variante de prestígio e de não prestígio, baseando-nos, principalmente, nas ocorrências gráficas, ou nas relações entre grafemas e fonemas, e também em fatos do léxico e da sintaxe, que se repetem em um ou mais de um documento. Algumas dessas ocorrências hoje são consideradas, na norma da escrita, não padrão, como no caso do uso do grafema <y> em ditongos decrescentes, como em *Alcayde* (9:8) e *mandey* (9:11) por *Alcaide* e *mandei*, ou ainda na grafia de *caza* (8:19) e *prezente* (10:6), com z, dentre outras ocorrências.

Ainda no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, na interpretação de textos antigos – retomando o que dissemos no primeiro parágrafo sobre a postura de se ir além do que nos oferecem os textos

⁽²⁾ Os números colocados entre parênteses logo após os exemplos indicam, respectivamente, a numeração da transcrição e da linha onde cada um deles pode ser encontrado e conferido no *corpus* da língua escrita transcrito no capítulo 4.

analisados, para a análise do sistema fonológico do português do século XVIII, no tempo das bandeiras – segundo Maia (1986:304-305), o conhecimento do estado fonológico atual pode ser de grande ajuda, mas na verdade o que importa é observar como se davam essas relações levando em conta os fonemas da época em questão. Além disso, é aconselhável recorrer aos gramáticos de antes, do então período dos documentos analisados, de um pouco mais tarde, e também de hoje, porque as suas observações constituem “um útil marco de referência no processo evolutivo da língua”. Ainda que não tenhamos utilizado o recurso, registramos que age bem ainda o pesquisador que recorre aos textos poéticos coetâneos, porque as suas formas, em rima, trazem algumas informações bem seguras sobre as realizações fônicas da língua no período em que o texto foi escrito. Nesse sentido Mattos e Silva (1991:48) reafirma que a rima e a métrica sugerem interpretações a respeito do sistema vocálico, como elisões, ditongos, hiatos, e também sobre o timbre.

5.1. Inventário dos grafemas e diacríticos

Nos textos estudados, os grafemas que representam os fonemas vocálicos são seis: <a>, <e>, <i, y>, <o> e <u>. Os grafemas <i> e <y> são equivalentes, embora o emprego de <y> seja de baixa frequência, ocorrendo apenas nestas três palavras, dentre outras ocorrências: *Sylva* (3:13), *sy* (6:65) e *escrevy* (16:18). Como se vê, não se trata de grafema com valor assilábico, porque nessa condição a ocorrência de <y> é mais frequente.

Todos os grafemas de referência vocálica, exceto <y>, pelo menos nos textos estudados, são empregados com ou sem sinais diacríticos.

Alguns desses grafemas entram também na constituição de ditongos, assumindo valor de assilábicos, como <e,i>, <i,y> e <o,u>, em que cada um desses pares de grafemas se equivalem.

A equivalência também ocorre entre os diacríticos. Observamos que, à época dos manuscritos analisados, o agudo <´> e o circunflexo <^> podem assumir o valor fonológico com que atualmente empregariamos apenas o agudo para marcarmos a tonicidade ou o timbre das vogais. Dentre outras ocorrências temos: ora *Cuyabâ* (1:2), *jâ* (5:33), *mandarâ* (3:38), *Jozê* (2:32) e *sô* (2:11), ora *Cuyabá* (19:5), *já* (1:24), *mandará* (1:32), *Jozé* (13:13) e *só* (1:23). Aliás, via de regra, nesse estágio da escrita fica explícito que a principal preocupação não era assinalar graficamente a tonicidade ou o timbre das vogais, como fazemos hoje. Dentre muitos exemplos: *agoas* (3:2) por *águas*, *necessarios* (3:19) por *necessários*, *camara* (6:22) por *câmara*; quando algum acento é empregado, o que parece mais provável é que, pelo menos em alguns casos, a preocupação era a de assinalar a quantidade da vogal.

É recorrendo a essa quantidade, lembrando o sistema vocálico latino, que Bacellar (1783:36-37) ajuda-nos a digerir o então emprego dos diacríticos, apresentando três acentos⁽³⁾, que indicam se a vogal é breve <´>, longa ou circunflexa <^> e longuíssima ou aguda <˘>.

⁽³⁾ "O accento (...) he hum'a especie de canto; pois algum'as vezes constão aquelles de articulação, tempo, aspiração, e paixão. Temos dobrada demóra nas longas que nas breves: a levantamento de vóz em hum'a, e decadencia em a mesma, ou na seguinte (...)."

Outro exemplo que abona o uso desses diacríticos com a função de indicar a quantidade das vogais ocorre em outra situação com o agudo que, nos documentos estudados, também foi empregado para indicar a existência de crase; fazendo o *á* dois sons, tornando-se assim longuíssimo: *hir áditta guerra* (3:25), *ásua Custa* (3:26) e *á custa dasuafadiga* (13:12). Ainda nessa mesma função, esse diacrítico continua se equivalendo ao circunflexo. Pelo menos, no caso dos dois primeiros exemplos, o mesmo escrivão, na outra via do documento, emprega o circunflexo numa situação em que há ocorrência de crase: *ir âditta guerra* (4:25) e *âsuaCusta* (4:27). O emprego do diacrítico para a vogal breve, <`>, não foi encontrado em nenhum dos documentos analisados.

Em se tratando do uso de sinais diacríticos de uma maneira geral os manuscritos setecentistas não se diferenciam tanto de textos ainda mais antigos. Em documentos do século XIII, por exemplo, em pleno período fonético da ortografia portuguesa, conforme constatação de Huber (1933:43), “o uso de sinais ortográficos (como acentos, tiles, traços de união, apóstrofes)” era “bem variado e inconsequente”. Um exemplo dessa suposta falta de critério no emprego desses sinais diz respeito ao acento agudo, que muitas vezes é usado ao lado do til para representar vogais nasais, mas também se encontra em vogais não nasais. Voltaremos ao assunto mais adiante.

Os grafemas que representam os fonemas consonânticos, nos textos analisados, entre os simples e complexos, são os seguintes: , <c>, <ç>, <cc>, <cç>, <ch>, <d>, <f>, <ff>, <g>, <gn>, <h>, <j>, <l>, <lh>, <ll>, <m>, <mm>, <n>, <nh>, <nn>, <p>; <pp>, <q>, <r>, <rr>, <s>, <ss>, <t>, <th>, <tt>,

<u,v>, <x> e <z>. Os grafemas <u> e <v> são equivalentes; <u> com relação a <v> registra baixa frequência, ocorrendo apenas em um dos documentos analisados, dentre outras ocorrências: *nouo* (5:2) por *novo*, *Cauillos* e *hauia* (5:11) por *Cavalos* e *havia*, e *captiuos* (5:16) por *cativos*.

Entre todos os grafemas consonânticos, apenas *m* e *n* são assinalados por sinal diacrítico, mais especificamente pelo til: *beñs* (1:6), dentre outras ocorrências, e *alguñ* (8:3), (9:2).

Como veremos, a ortografia empregada pelos escrivães dos documentos editados não está totalmente de acordo com o que queria Bacellar (1783), gramático do século XVIII, contemporâneo dos textos.

Voltando dois séculos para comparar o sistema ortográfico ditado pelos gramáticos portugueses do século XVI, que tratam do assunto – Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Duarte Nunes Leão (1576) –, certamente vamos concluir, como fez Louro (s.d.:20-28), que possuíamos pelo menos três ortografias distintas.

Para ilustrar essa distinção, sem entrar em detalhes sobre o valor fônico de cada uma dos grafemas, e parafraseando Estanco Louro, vamos expor apenas as divergências no que se refere ao inventário dos grafemas proposto por cada um desses autores.

Para Oliveira, capítulo décimo, há trinta e duas vozes ou sons e trinta e duas letras ou figuras, sem contar o til e o <h>. Para arranjar todos esses grafemas ele desdobra <a>, <c>, <e>, <o>, <r> e <s> e conta como figura <ch>,

<lh> e <nh>. Barros (p. 370)⁽⁴⁾, por sua vez, conta o til e o <h>, mas não desdobra o <s> e acha, por isso, trinta e três vozes e trinta e três letras (e não trinta e quatro, como informa Louro, p. 20). São elas: <á>, <a>, , <c>, <ç>, <d>, <é>, <e>, <f>, <g>, <h>, <j>, <i>, <y>, <l>, <m>, <n>, <ó>, <o>, <p>, <q>, <R>, <r>, <s>, <t>, <V>, <u>, <x>, <z>, <->, <ch>, <lh>, <nh>. Para Leão, entretanto, as letras são vinte e duas; as vozes, porém, são mais e são representadas em figura por combinações das ditas letras.

Mesmo reconhecendo que os três estão longe das modernas classificações científicas, e mesmo dentro do seu empirismo que já vinha dos gramáticos latinos, Louro (p. 21) considera, no entanto, que já estavam esboçadas algumas distinções, e, levando em conta o critério das classificações, considera ainda Fernão de Oliveira como o mais lógico e rigoroso dos três.

Voltando mais ainda, entrando no dito período do português arcaico, para ampliar a comparação, vamos recorrer ao inventário dos grafemas utilizados em textos da Galiza e de Portugal desde o século XIII ao século XVI, levantado por Maia (1986:305-308).

Tanto nos documentos da Galiza como nos de Portugal os grafemas que representam fonemas vocálicos são os seguintes: <a>, <e>, <i, y, j, h>, <o> e <u>. Nos textos galegos ainda aparece o grafema <v> equivalendo-se a <u>. São equivalentes também o grupo <i, y, j, h>.

Os grafemas levantados em todos os documentos galegos e portugueses que representam fonemas consonânticos apresentam-se com formas simples e

⁽⁴⁾ Trata-se da edição faccimidada por Buescu, 1971 (Lisboa).

complexas. Os simples são , <c>, <ç>, <ç>, <d>, <f>, <i>, <y>, <j>, <k>, <l>, <m>, <n>, <ñ>, <p>, <q>, <r>, <s>, <r>, <t>, <u>, <v>, <x>, <z> e <σ>; e os complexos são <bb>, <ci>, <çi>, <cti>, <cz>, <çy>, <ti>, <ch>, <çh>, <ff>, <gi>, <gh>, <yy>, <yi>, , <lj>, <lli>, <llj>, <ly>, <ll>, <lh>, <mm>, <nn>, <nj>, <ni>, <ñi>, <gn>, <gnh>, <nh>, <pp>, <ph>, <rr>, <rr>, <rç>, <sr>, <th>, <tch>, <ti>, <tt>, <uu> e <zi>.

Comparando o inventário dos grafemas dos textos do século XVIII com os que ditam os ortógrafos do século XVI, e com o do português arcaico, levantado por Clarinda Maia, é possível perceber que o inventário dos grafemas utilizados nos textos setecentistas está mais próximo do do português entre os séculos XIII e XVI, do que propriamente com os dos levantados pelos gramáticos seiscentistas, e distante mais ainda do inventário proposto por Bernardo de Lima e Melo Bacellar, gramático coevo dos manuscritos analisados, como veremos na seqüência.

A partir desse parágrafo trataremos do objetivo principal deste capítulo, que é o de descrever o sistema fonológico do português do século XVIII, no tempo das bandeiras, tendo como base os documentos notariais manuscritos eleitos para tanto. Unindo as informação de historiadores e gramáticos, em particular, dos contemporâneos aos textos, com o conhecimento da atual realidade lingüística da região estudada, pretendemos aqui, pela interpretação dos grafemas encontrados nos ditos documentos manuscritos, enumerados acima, determinar o valor fônico e fonológico de cada um desses grafemas.

5.2. Estudo dos grafemas de referência vocálica

Para que possamos ter uma visão mais lata do emprego desses grafemas na língua portuguesa da época dos textos de um modo geral, e não apenas na região estudada, utilizamos exemplos de todos os documentos, dos datados em Santos (transcrição 1), passando pelos datados na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, ou Cuiabá, (transcrições 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18 e 19) e em Vila Bela da Santíssima Trindade (transcrição 16), até os datados em Lisboa (transcrição 14 e 15).

Como dissemos acima, os grafemas que representam os fonemas vocálicos, nos textos estudados, são seis: <a>, <e>, <i, y>, <o> e <u>, com <i> e <y> se equivalendo. Até certo ponto esse inventário está de acordo com a gramática de Bacellar (1783). O que diferencia é o grafema <w>, que o gramático (p. 21) registra como equivalente de <u>.

O registro do timbre das vogais não é matéria discutida pelo gramático. Diferentemente do que fez Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), dividindo as letras vogais em grandes (abertas) e pequenas (fechadas), na determinação do valor fonológico de cada um desses grafemas de referência vocálica, pelo que se pode deduzir, Bacellar (1783:19-21) sempre toma como base a realização do timbre fechado. Senão, vejamos: “O som do *A* tem a sua formação, quando se abre a bocca, e se respira forte; o do *E*, fazendo menos hiato, e respiração, que no *a*; o som do *I vogal*, ou *Y inicial* com menos hiato, e muito maior aperto da respiração do que no *e*; o do *O*, quando se arcuão os beiços, e bocca respirando; o som do *U vogal*, ou *w* frangendo os beiços.”

Os grafemas que representam as vogais orais, independentemente da posição prosódica, como ficou constatado no inventário, geralmente se apresentam com as mesmas formas do português atual, e, por consequência, com aproximadamente o mesmo valor fônico que lhes damos hoje. O que encontramos de diferente está exposto na seção “Traços distintos no sistema vocálico”, mais adiante.

Mesmo em posição tônica os grafemas de referência vocálica, sejam orais ou nasais, não estão carregados de nenhum sinal diacrítico que denuncie sua condição prosódica: *necessarias* (1:24), *summario* (3:36), *agoas* (4:2), *conveniencias* (6:20), *diligencia* (9:18), *secculos* (18:55), *viveres* (2:25), *matricula* (7:5), *indias* (11:7), *principe* (14:10), *capitulos* (16:11), *precatorios* (1:28), *propria* (8:19), *colonia* (10:4), *catholica* (15:6), *dispotico* (17:3), *proximos* (19:8), *escarpulo* (5:32), *unicos* (12:17), *republicas* (18:49), dentre outros.

Os acentos (circunflexo e agudo), quando aparecem, estão assinalando ou vocábulos monossílabos, ou oxítonos: *Cuyabã* (1:2), (5:38), *Jozé* (1:2), *Jozê* (2:32), (16:18), *só* (1:27), *sô* (2:11), (6 e 7:26), *serã* (3 e 4:11), *hã* (3:19), *hê* (3:20), (8 e 9:4), *estã* (6 e 7:5), *mês* (6 e 7:19) *dês* (=>dez) (6: 73), (7:72), *aliãs* (7:33), *poderã* (6:42), (7:41), *mandarã* (8 e 9:32), *aycurû* (10:9), *païs* (10:32), *ordenarã* (12:26), *está* (13:13), *pêz* (17:1), *pês* (18:1 e 57), *jã* (18:51), *feê* (=>fê) (19:4 e 22)⁽⁵⁾, dentre outros vários exemplos.

Por vezes, no entanto, podemos encontrar alguns desses vocábulos não carregados de acento algum, como *ja* (3:5), (4:6), *he* (4:21), (6 e 7:4, 67), (8 e

⁽⁵⁾ A grafia de *feê*, com vogais germinadas, sem considerar o acento, encontra explicação na Gramática do Português Antigo de Huber (1933:44): “esta grafia só às vezes serve para indicar a pronúncia aberta”.

9:7), (12:13), *Cuyaba* (5:37), (6:80), (12:26), *mes* (6 e 7:4), *la* (6:29), (7:28), (8 e 9:21), *aliaz* (6:33), *esta* (6 e 7:38), *ate* (6:66), *so* (6:73 e 75), *de por dê* (6:77), (8 e 9: 23), *mandara* (6:80), *pais* (11:31), *ha* (12:9, 17), *ve* (17:2), *tres* (19:19).

Pelo fato de encontrarmos vocábulos com vogais átonas acentuadas, como *contâ* por *conta* e *certezâ* por *certeza* (5:8), *declarâ* por *declara* (5:17), *comitiuâ* por *comitiva* (5:20), e *abitantês* por *habitantes* (18:37), é que podemos de fato concluir que a tendência dos escribas da época era a de não assinalar graficamente a vogal tônica.

Como dissemos acima, pela análise dos textos, fica explícito que a principal preocupação dos escribas não era a de marcar com algum sinal gráfico a tonicidade ou o timbre das vogais, como é do nosso costume. Tudo indica que quando aparece algum sinal, o mais provável é que a preocupação daqueles escrivães seja a de chamar a atenção para outra particularidade, além do timbre vocálico, como a nasalidade e a quantidade da vogal. Porém, conforme registra Huber (1933:43), em manuscritos arcaicos, o acento agudo também pode ser empregado com a finalidade de indicar a sílaba tônica, como fazemos hoje, no entanto, partindo dos exemplos dados: “*preguntarán* ao lado de *preguntáran*”, chega-se a conclusão, que é a do próprio Huber, que o uso do acento sobre a sílaba tônica, no caso dessas duas formas verbais, serve “para distinguir o futuro do mais-que-perfeito”, assumindo assim função de unidade mínima significativa, ou de morfema alternativo, diríamos alternativo prosódico, que consiste em diferenciar a posição do acento tônico para indicar o contraste, no caso, entre as distintas noções de tempo dessas duas formas verbais homônimas.

Os grafemas que representam as vogais nasais ou nasaladas, nos textos analisados, estão ou com o til sobreposto, como em *prizoês* (7:45) e *petiçoês* (7:71), ou com vogal seguida de consoante nasal, como em *monçoens* (6:25), *prizoens* (6:45), *pertiçoens* (6:72) e *embarçaçoens* (6 e 7:14).

Em poucos documentos, e com baixa frequência, é possível registrar um fato semelhante ao observado por Maia (1986:306) em documentos galegos. Trata-se da ocorrência de vogal assinalada por til, mais consoante nasal pertencente à mesma sílaba. O que evidencia um processo que representa uma contaminação dos dois processos anteriores, como temos em *monçoẽns* (7:25). Esse processo também pode ocorrer com o til assinalando, em vez da vogal, a consoante nasal: *beñs* (1:6) *ordeñs* (1:24:27), *sertoeñz* (5:23), *opinioeñs* (16:7), *penssoiñs* (16:11), e *alguñ* (9:2).

Quanto ao uso do til, em particular, os escrivães do século XVIII, pelo menos os dos documentos estudados, pelo visto, não seguiram os preceitos gramaticais de Bacellar (1783:122). Este diz que quando entre as finais *-ãa* e *-ão* parecer que soa um *m* ou *n*, escreve-se um til sobre o primeiro *a*. Estas são sua palavras: “todos os que attendem a armonía, (...) pronunção hoje irman’a (irmãa), Joan’o (João); e não (como antigamente) Irmaã, irmaam, irmaan: Joaõ, Joaom”. Uma nota nesta última forma diz que assim o imprimia os estrangeiros, por não terem til nas suas imprensas, e acharem em alguns dos escrivães portugueses o *o* final, carregado do til. Dentre esses escrivães podemos incluir os escribas ou copistas dos documentos editados.

Nesse contexto, aliás, encontramos apenas duas ocorrências do emprego do til que servem de exemplos para o queria o gramático. A primeira, é o caso do vocábulo *demonstrações* (14:7), registrado na carta do Rei D. João VI. Na segunda via do documento, porém, o mesmo vocábulo está grafado com o til sobre a vogal seguinte: *demonstraoēs* (15:7). A segunda, observamos em *algũa* (13:6), todavia, nas demais ocorrências, o mesmo vocábulo está grafado, conforme parece ser a regra, com o til sobre o *a*: *algũa* (3:36), (4:37), (10 e 11:19) e (17:16), ou sem o til, mas com o *m* grafado entre as vogais, como fazemos hoje: *alguma(s)* (2:15), (6:30) e (7:29).

O emprego desse diacrítico sobre a segunda vogal, ou a falta de todo e qualquer sinal de nasalização, é atribuído por Huber (1933:45) à distração ou “desleixos” do escriba ou copista dos textos antigos.

No caso dos textos analisados, pela alta freqüência do emprego do til sobre a segunda vogal, tudo indica que é da distração ou “desleixos” dos escrivães dos textos antigos analisados por Joseph Huber que resulta a regra geral empregada pelos autores do século XVIII.

Dentre os muitos exemplos dos textos, eis alguns: *fundição* (1:11), *forão* (2:5), *estaõ* (3:7), *huã* (4:34), *algũa* (4:37), *justificação* (5:14), *saõ* e *naõ* (6:7), *senão* (7:8), *jurisdição* (8:15), *monção* (9:13), *povoações* (10:21), *informação* (11:3), *missão* (12:21), *extracção* (13:10), *capitão* (14:1), *demonstrações* (15:7), *haõ* (16:15), *ereção* (17:10), *opressões* (18:46), *escrivão* (19:1).

Quanto à falta de sinal de nasalização sobre grafemas vocálicos, nasais por excelência, pela baixa freqüência registrada, damos fé ao que Huber

(idem) chama de “desleixos do escriba”. O fato apenas foi registrado em sete das trinta e quatro ocorrências do vocábulo *uma*. Exemplos: *hua* (5: 22, 25), (8:11, 12), (12:16) e (16:6, 13). As demais ocorrências estão ou com o til sobre a segunda vogal, ou com o *m* intervocálico. Dentre os exemplos: *huã* (3:16) e *huma* (1:8).

Ainda sobre o emprego do til além dos casos já mencionados, como a ocorrência desse diacrítico assinalando vogal já nasalada pela presença das consoantes *m* ou *n* pertencentes à mesma sílaba, e ainda o til assinalando, em vez da vogal, a consoante nasal, chama a atenção a colocação desse sinal sobre vogais não nasaladas, como em vocábulos do tipo *Senhōr* (3:1), *geraēs* (1:28) (10:36), (11:35), *hespanhoēs* (10 e 11:30), e na combinação da preposição com o artigo *aō* (3:37, 39), (4:37, 40).

O que se pode inferir, no caso de *senhōr*, é que se trata de uma contaminação do til indicador de abreviatura: *Snōr* para *Senhōr*. No caso de *geraēs*, que convive com *geraes* (3 e 4:35), sem o til, por hipótese, pode ser que a presença desse diacrítico esteja denunciando a abreviatura da forma *generaes*. No caso de *hespanhoēs*, a única explicação cabível seria recorrer ao fenômeno da analogia a uma das formas pluralizadas do ditongo nasal *ão* = *oēs*. Por analogia a esse mesmo ditongo nasal, no singular, pode-se explicar a grafia da combinação *aō* no lugar de *ao*.

5.3. Traços distintos do sistema vocálico

Dentre as ocorrências dos grafemas de referência vocálica, em posição átona, comparado ao português padrão moderno, notamos estas alterações:

a > e (e onde seria a): *rezaõ* (2:10) e *pesquins* (6:52), (7:51).

Mas, registramos duas ocorrências da forma *razaõ* (18:33), (19:11).

e > a (a onde seria e): *dezanove* (2:3), *lavantassem* (5:4), *numarozo* (5:6), *sacrataria* (5:34), *arracadação* (6 e 7:2) e *estabalecimento* (8:13), (9:12).

Porém, registramos as formas *levantar* (3 e 4:17), *secretaria* (10:34) e *arecadação* (1:25), (8:27), (9:26) ao lado de *arrecadação* (1:29).

e > i (i onde seria e): *quazi* (2:19), (19:9), *similhante(s)* (3:12), (4:13), (10:9), (14 e 15:8), (17:10), *ifeito* (5:16), *idital* (5:27, 28), *rial* (8 e 9:5), *despidio* (10:11), *mistricordia* (10:33), *senhoriar* (11:21), *invio* (14 e 15:2), *miscilania* (16:14), *dispotico* (17:3), *liais* (17:21, 23) e *epidimia* (19:15).

Todavia, registramos a coexistência das formas *semelhante(s)* (8 e 9:15), (11:9), *edital* (7 e 6:18), *real* (8 e 9:20), *despedio* (10:11), *misericordia* (11:32), *senhorear* (10:21) e *leaes* (16:17).

e > o (o onde seria e): *pollo* (5:10) e *sommana* (19:12).

Contudo, registramos várias ocorrências da forma *pello* (5: 25, 35), (8 e 9:17), dentre outras.

i > a (a onde seria i): *afaballidade* (18:39).

i > e (e onde seria i): *delligencia(s)* (1:31), (6 e 7: 43), (8 e 9:10), (8:15), (9:8, 14), *deligencia* (8:22), (9:21), *deminuição* (2:15), *mellitares* (2:16), *creação* (3:13), (4:14), (7:77), *prezeonou* (5:13), *prezionar* (5:21), *cometiuã* (5:20),

facellidade (6:15), *cegueria* (6:28), *remedear* (6 e 7:41), *facelidade* (9:20), *facellidade* (10:20), (11:22), *solecita* (10:15), *sollecita* (11:14), *defficultozo(a)* (10:25), (11:4/5), *deficultoza* (11:24), *noteciasse* (11:3), *noteciarem* (11:4), *destricto* (11:7 e 19), *enacçessivel* (11:25), *eregido* (12:3), *epedemiaz* (12:10), *vezinhança* (12:21), *franqueasse* (13:9), *princepe* (15:10), *offeciaes* (16:18), *permettida* (17:7), *destribue* (18:39) e *dezentenressado* (18:53).

No entanto, registramos a coexistência de formas, como *dilligencia* (8 e 9:18), *diligencia* (8:8), *militares* (14 e 15:7), *criação* (6:78), *prisseeonaraõ* (5:16, 29), *comitiva* (2:13), *facillidade* (7:15), *facilidade* (10:22), *ceguiria* (7:28), *noticiasse* (10:3), *noticiarem* (10:4/5), *difficultozo* (10:5), *districto* (10: 7, 19), *inacçessivel* (10:26), *principe* (14:10), *officiaes* (2:29), (6:6, 69), (7:6), (17:23), *officiais* (7:68), (8 e 9:9) e *permittir* (17:9, 18).

o > u (u onde seria o): *descubrimto* (3:4, 7, 17), (4:7, 18, 29), (5:2), *descuberto(s)* (3 e 4:9), (12:19), *custume* (5:26), *rezulução* (5:31), *demulir* (12:4), *rigurozamente* (17:16).

Entretanto, registramos as ocorrências das formas *descobrimto* (4:4), (5:12), *descobrio* (13:7) e *descobriraõ* (13:12).

u > e (e onde seria u): *temultoz* (6:38), (7:37).

u > o (o onde seria u): *estrangolamento* (2:14), *expozessemos* (18:6).

Quanto à grafia dos ditongos orais e nasais, tendo como contraponto o português padrão atual, notamos as alterações que se seguem.

ai > ae (e assilábico onde seria i): *officiaes* (2:29), (6:6, 69), (7:6), (17:23), *offeciaes* (16:18), *geraes* (3 e 4:35), *quaes* (6:52), (7:51), (10 e 11:30), *sinaes* (14 e 15:4), *leaes* (16:17).

Mas, registramos as formas *officialis* (7:68), (8 e 9:9) e *liais* (17:21, 23).

eu > eo (o assilábico onde seria *u*): *seo(s)* (1:6, 32), (2:13), (8, 9 e 16:16), *remeteo* (1:8, 18), *concedeo* (3:16), (4:17), *sucedeo* (8:11), (9:10), *recoltheo* (8:19), (9:18), *Deos* (10:33), (11:32), (15: 2, 9), (16:16), (17:21), (18:47), *precedeo* (12:24), *pareçeo* (14 e 15:5).

Desees vocábulos, porém, registramos estas formas coexistentes: *seus* (2:6), (17:21), (18:29) e *Deus* (14:9).

ia > ea (e assilábico onde seria *i*): *copea* (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12 e 13:1), (10:34), (11:33), *rezistencea* (11:31).

Registramos, todavia, *copia* (8, 9, 10, 11, 16, 17:1) e *rezistencia* (10:32).

iu > io (o assilábico onde seria *u*): *confundio* (1:7), *pedio* (2:25), *consequio* (5:6), *despidio* (10:11), *despedio* (11:11), *conduzio* (10:13), (11:12), *descobrio* (13:7).

oi > oe (e assilábico onde seria *i*): *hespanhoes* (10 e 11:17).

oi > ou (u assilábico onde seria *i*): *outavas* (1:8), (6:59), (7:58), *couza(s)* (5 e 6:30), (7:29), (8:4), (9:3), (12:11, 12), (17:16), *noute* (6:40), (7:39), *outenta* (6:59), (7:58), *outo* (6:59), (7:58), *dous* (6 e 7:73), (19:11, 13).

ua > oa (o assilábico onde seria *u*): *agoas* (6 e 7:13), *agoardente* (12:3), *legoas* (12:9).

Este último vocábulo também foi registrado com a forma *leguas* (19:18).

ui > ue (e assilábico onde seria *i*): *destribue* (18:39).

ão > am: *capitam* ou *cappitam* (5:13), (10 e 11:34, 35), (14 e 15:13), (19:3), *petiçam* (6:70), (7:32), *ocaziam* (8 e 9:18), *provizam* (12:1 e 24), *correiçam* (17:15), *execuçam* (18:7, 10, 13, 22, 26).

Todos esses vocábulos também estão grafados com a forma que, pela elevada freqüência com que aparece nos manuscritos editados, tende ser a mais comum: *capitaõ* (5:3), (14 e 15:1), *petiçaõ* (6:33), (7:69), *ocaziaõ* (10:24), (11:23), *provizaõ* (19:2), *correiaõ* (16:8), *execucaõ* (5:2), (12:5).

A coexistência dessas duas formas ainda pode ser conferida na grafia do vocábulo *também*: *taõbem* (11:16), (17:9, 11), *tambem* (10 e 11:18), e *taobem* (10:16), sem o til.

Dessas ocorrências podemos deduzir que o mais provável é que o grupo *am* deva ser realizado como ditongo, como hoje fazemos principalmente em verbos na terceira pessoa do plural, com terminação idêntica. Assim, apesar de a escrita apresentar as formas *capitam*, *petiçam*, *ocaziam*, *provizam*, *correçam* e *execuçam*, induzindo-nos a pronunciar o grupo *am* como vogal nasalada [ã], a variação no registro de *também* e no dos próprios vocábulos acima, ora *am*, ora *aõ*, desfaz qualquer dúvida a esse respeito, levando-nos a concluir que a pronúncia certamente era a de um ditongo decrescente nasal [ãw].

É ainda com base nos registros do vocábulo *também* que podemos deduzir que a pronúncia do grupo *em*, final, era, como é do nosso costume, ditongada. Senão, vejamos a ocorrência da forma *tambeï* (6:56), em que o escriba ou copista deixa transparente o traço da oralidade, enquanto na outra cópia do mesmo documento a forma volta a ser estritamente ortográfica: *tambem* (7:55).

iõ > eõ (e assilábico onde seria ï): *prezeonou* (5:13), *prisseonaraõ* (5:16, 29).

Foi, entretanto, registrado a forma *prezionar* (5:21).

5.4. Estudo dos grafemas de referência consonântica

Como já apresentamos, os grafemas que representam os fonemas consonânticos, nos textos analisados, são trinta e cinco, podendo ser simples , <c>, <ç>, <d>, <f>, <g>, <h>, <j>, <l>, <m>, <n>, <p>, <q>, <r>, <s>, <t>, <u,v>, <x> e <z>, com os grafemas <u> e <v> se equivalendo, e complexos <cc>, <cç>, <ch>, <ff>, <gn>, <lh>, <ll>, <mm>, <nh>, <nn>, <pp>, <rr>, <ss>, <th> e <tt>.

Eliminando boa parte dos grafemas dobrados, ou complexos, e a equivalência entre <u> e <v>, até certo ponto esse inventário está de acordo com a gramática de Bacellar (1783), mas no todo, como já nos referimos, está muito mais próximo do inventário levantado por Clarinda Maia examinando textos arcaicos (do século XIII ao século XVI).

Os grafemas que representam as consoantes, como fica constatado no inventário, com exceção dos complexos <cc>, <ff>, <gn>, <ll>, <nn>, <pp>, <th> e <tt>, apresentam-se com as mesmas formas do português atual, e, por consequência, com o mesmo valor fônico que lhes damos hoje.

Para apresentarmos o valor fônico de cada um desses grafemas consonânticos nos textos estudados, seguindo os passos de Maia (1986:427-501), os agrupamos de acordo com os diferentes tipos de fonemas que podem representar.

5.4.1. Oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ e sonoras /b/, /d/, /g/

A consoante oclusiva bilabial surda /p/ pode aparecer representada pelo grafema simples <p>, que é o mais freqüente, ou pelo complexo <pp>. Este último grafema só ocorre no interior de vocábulos: *cappitania* (1:2), (2:17), (6 e 7:11), (10:35), (11:34), *occuppaõ* (4:10), *opportunos* (3 e 4:31), *cappitam* (10 e 11:34, 35), *supposto* (12:22), e *aproveitar* (13:10). O primeiro grafema, todavia, pode aparecer tanto no início quanto no interior de vocábulos: *provedor* (1:1), *separação* (1:7), dentre muitas ocorrências. Pela coexistência das formas *capitania* (1:18, 22, 25), (3 e 4:13), *occupaõ* (3:10), *capitam* (5, 14 e 15:13), dentre outras, com um único <p>, podemos deduzir que o emprego do grafema complexo <pp> é de certa maneira aleatório, variando de escrivão para escrivão, ou como podemos perceber, a variação pode existir até num mesmo punho, como no caso de *occupaõ* (3:10) ao lado de *occuppaõ* (4:10) registrados em vias diferentes de um mesmo manuscrito. Sobre o assunto, diz Bacellar (1783:177) que, soando *p*, escreve-se <p> e não <pp>

A consoante oclusiva bilabial sonora /b/ sempre aparece transcrita pelo grafema simples : *lobos* (1:3), *balla* (2:4), etc. A esperada confusão entre os grafemas e <v> na representação dessa consoante não teve lugar nos textos analisados. Em relação à ortografia de Bacellar (1783:124) não há divergência. O gramático desaprova o uso de <v> no lugar de .

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode aparecer representada pelo grafema simples <t>, que é o mais freqüente, ou pelo complexo <th>, com freqüência baixíssima. O emprego de <th> é resultado da ortografia

etimológica, ou pseudo-etimológica, que na época estava em pleno vigor. É do século XVIII, como se sabe, Feyjó, principal defensor da ortografia etimológica, autor de *Ortographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza* (1734). Nos textos, o <th> foi encontrado em *Thomé* (3 e 4:17), (12:3), *catholica* (14 e 15:4), *Theotonio* (18:32) e em nove das dez ocorrências de *thezoueyro* (1:12), (6:54, 56, 60, 62), (7:53, 55, 59, 61); a uma que restou está grafada apenas com <t> *tezoueyro* (19:2). Esses dois grafemas também coexistem em *athê* (10:26), 11:25) e *ate* (6:66), (7:65). Sobre o <th> diz Maia (1986:428) que nos textos analisados por ela esse grafema não só ocorre em palavras de origem grega, como é o caso dos nossos *thezoueyro* e *catholica*, mas também com outra proveniência, como o nosso *athê*, do árabe *hattā* > *ata/ate* (séc. XIII) > *ataa/atee* (séc. XIV) etc. (Cf. Cunha, 1989:79), onde não há razões etimológicas que justifiquem a grafia de <h>. Como deduz Clarinda Maia, é possível que, de fato, se trate de uma incorreta colocação desse grafema “nas formas em que inicialmente ele surgia com clara função anti-hiática” e com a perda desse valor, passaria a colocar-se depois de <t>. Sobre o assunto, diz Bacellar (1783:184) que, soando *t*, escreve-se <t> e não <th> ou ainda <tt>.

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/, assim como /b/, não nos reservou nenhuma surpresa. Sempre aparece representada pelo grafema simples <d>: *ditas* (1:3), *cobrado* (1:4), etc. Com relação à grafia dessa consoante, não há disparidade entre o que prega Bacellar (1783:149) e o que está registrado nos documentos estudados.

A consoante oclusiva velar surda /k/ aparece representada de variadas formas: <q> *quais* (1:4), *adquirião* (2:24), *qualquer* (5:18); <c> seguido de outra consoante, como em *escrevendo* (1:9), *incluza* (2:34), *declarã* (5:17), ou das vogais /a/ *cappitania* (1:2), *caminho* (2:17), *Cayapo* (5:24), /o/ *copea* (1:1), *Coimbra* (2:41), *troco* (5:30), e /u/ *Cuyabã* (1:2), *cujo* (2:10), *escurpulo* (5:32); e ainda na forma do dígrafo <qu> quando seguida das vogais /e/ *que* (1:9), *qualquer* (5:18); e /i/ *adquirião* (2:24), *aqui* (5:23), dentre muitas abonações. Ainda registramos duas ocorrências do grafema <ch> com valor da oclusiva velar surda /k/: *machinada* (5:22), *Paschoal* (19:14). As demais ocorrências de <ch> estão representando a africada /tʃ/ ou a fricativa /ʃ/, como é do costume atual. O emprego de <ch> com valor de /k/ é próprio da então “vigente” ortografia etimológica, mas, como vemos, a maioria dos escrivães dos documentos analisados preferiram usá-lo com valor da fricativa, empregando para /k/ os outros grafemas mencionados. Até mesmo em outras ocorrências do vocábulo *machinada*, que etimologicamente justifica sua grafia por ter sua origem no grego dórico *machǎna* (máquina), aparece duas vezes grafado *maquinada* (8 e 9:31). Mais uma vez levantamos outra divergência entre os textos estudados e a ortografia ditada por Bacellar (1783:132). Este diz que quando em qualquer vocábulo parecer que soa um k “escreva-se *ca, che, chí, co, cu*, e não *cha, cho*; ou *qua, que, qui, quo, quu*”.

A consoante oclusiva sonora /g/ aparece transcrita ou pelo grafema simples <g>, quando seguido por outra consoante, como em *grave* (2:8), ou pelas vogais /a/ *pagamentos* (1:17), /o/ *castigo* (2:5) e /u/ *payaguazes* (2:6);

ou então na forma do dígrafo <gu>, quando seguido por /e/ *guerra* (2:25), *cegueria* (6:28), e /i/ *seguinte* (1:5), *ceguiria* (7:28). Aqui também não registramos nenhuma divergência com a ortografia de Bacellar (1783:157).

5.4.2. Nasais /m/, /n/, /ɲ/

A consoante nasal bilabial /m/ pode aparecer representada pelo grafema simples <m>, ou pelo complexo <mm>. Em início de vocábulo sempre ocorre o simples: *monção* (1:15), *motivo* (2:9), e assim por diante. Quando em posição intervocálica, a consoante /m/ pode está transcrita ou pelo grafema simples *dizimos* (1:13), *detrimento* (2:8), etc, ou pelo complexo *commarcas* (1:31), *commercio* (2:10), *summario* (3:30, 36), (10 e 11:5), *domminios* (5:9), *communicar* (14:5), *sommana* (19:12), ou ainda sofrer síncope *huã* (3:16, 34, 38 e 4:16, 34), *alguã* (3:36), (4:37), etc. O emprego do grafema simples de longe é o mais freqüente. As formas com <mm> parecem ser de uso aleatório; tanto que dos exemplos acima apenas *sommana* não coexiste com sua outra forma simplificada. Todas as demais foram registradas também com o grafema <m> *comarca* (2:32), (5:38) e outras mais de quinze ocorrências espalhadas pelos documentos, *comercio* (3: 18, 20), (4: 18, 31), *dominio* (17:3), *sumario* (4: 30, 36), *comunicar* (15:5). Como podemos constatar, estes dois últimos vocábulos foram escritos pelos punhos que também grafaram suas respectivas formas com letras dobradas na outra via do documento. Sobre o emprego do grafema <m> é opinião de Bacellar (1783:171-172) que quando

antes do “*B, P, e M*” parecer que soa um *m* ou *n* deve-se sempre escrever <*m*>. Daí sua explicação para a existência de <*mm*> dobrados.

A consoante nasal alveolar /*n*/ pode ser representada pelo grafema simples <*n*>, ou pelo complexo <*nn*>, e ainda por <*gn*>. Em posição inicial sempre ocorre <*n*>: *numero* (3 e 4:28), *navios* (6 e 7:29), etc.; em posição intervocálica a consoante /*n*/ pode aparecer transcrita com qualquer um dos três grafemas. O <*n*> é a forma mais freqüente: *minas* (1:2, 3), (2:7), (3 e 4:6), *canoa* (3:38), (4:39), *senado* (2:21, 29), dentre tantos outros exemplos; esses três vocábulos também aparecem grafados pelo mesmo escrivão com <*nn*>: *minnas* (3 e 4:14), *cannoa* (4:3 e 5), *sennado* (17:2, 7), (19:4). Esse grafema, conforme Maia (1986:485), comumente aparece em palavras que representam étimos latinos com -*NN*-, -*GN*-. Por aí explicam-se as ocorrências dos vocábulos *anno* (1:4), (3 e 4:24), *annual* (17:15) e *pennas* (3 e 4:12)⁽⁶⁾ que, dentre os exemplos retirados dos textos estudados, são os únicos que não convivem com as formas grafadas com <*n*> simples. O grafema <*gn*> com valor fônico de /*n*/ é registrado apenas nas duas únicas ocorrências de *assignadoz* (6 e 7:32). Sobre a evolução desse grupo -*GN*-, lembra Maia (1986:635) que em formas de caráter semi-culto encontra-se o resultado <*n*>, e que “é provável que a conservação de *gn* que se verifica nalgumas formas seja apenas gráfica”⁽⁷⁾. Soando *n*, diz Bacellar (1783:174) que o correto é escrever o <*n*> simples e não o complexo, ou dobrados <*nn*>, exceto quando o grupo -*GN*- aparece, porque nesse caso escreve-se <*gn*>, como fez o autor dos

⁽⁶⁾ Não propriamente de *poena* (castigo), mas de *penna* (pluma).

⁽⁷⁾ Conforme Nunes (1945:128), Williams (1961:94), Huber (1933:125), e outros, na evolução mais freqüente do grupo -*GN*-, seguindo sua tendência geral, o *g* reduz-se a *i* e este ou se funde com a nasal *n*, palatalizando-a (*nh*), ou mantém-se, sem nela atuar.

textos onde registramos *assignadoz* (6 e 7:32). Embora não haja nenhuma menção sobre a pronúncia desse grupo nas leis ortográficas do gramático, a sua preocupação em assinalar <gn> nos faz deduzir que se trata de um grupo pronunciável e não de uma forma apenas gráfica. A nossa suspeita pode ser confirmada nos exemplos dados, como “diagnostico”, “expugnar” e “fidedigno”, dentre uma série de palavras que ainda hoje conservam o <g> não só na grafia, mas também na pronúncia.

A consoante nasal palatal /ɲ/, nos textos estudados sempre está representada pelo dígrafo <nh>: *tinha* (1:19), *senhor* (2:40), *caminho* (3:29), dentre outros exemplos espalhados pelos textos. O emprego de <nh> para representar o fonema /ɲ/, largamente posto em prática pelos escrivães dos textos analisados, encontra eco na ortografia de Bacellar (1783:175). Diz ele que soando “N liquidado sempre se lhe ajunta <h>”, que resulta <nh>.

5.4.3. Vibrantes /r/, /r/

Tendo como base o sistema consonântico galego-português antigo (cf. Maia, 1986:502), passando pelo quadro das consoantes do português descrito na gramática setecentista de Bacellar (1783:178), e chegando ao sistema atual, podemos dizer que a oposição fonológica entre a vibrante simples ou *tap* /r/ e a múltipla /r/, em posição intervocálica, fica evidente se considerarmos o emprego do grafema simples <r> e o do complexo <rr> para representar, respectivamente, /r/ e /r/. Nos textos estudados o fenômeno é

bem produtivo. Os únicos casos em que o *tap* /r/ está representado por <rr> são as duas ocorrências do vocábulo *borrora* (5:14, 19); e o único caso em que o múltiplo /r/ está grafado com o simples <r> pode ser verificado em uma das ocorrências do vocábulo *arecadação* (1:25), nas duas outras ocorrências no mesmo documento, o escriba usa o composto <rr>: *arrecadou* (1:3) e *arrecadação* (1:29). Em outras duas ocorrências desse vocábulo o escrivão emprega o grafema maiúsculo <R> que, de acordo com Maia (1986:26), deve ser interpretado com valor do múltiplo /r/: *aRecadação* (8:27), (9:26).

Em posição inicial o mais comum é o emprego do grafema maiúsculo <R>, certamente, para denotar o valor fônico da vibrante múltipla: *Recolhidas* (2:21), *Recolheram* (2:37), *Refundidos* (3:25), (4:26), *Remet(t)jo* (3 e 4:30), (6 e 7:24), *Rezultaõ* (3:31), (4:32), *Ruínas* (3 e 4:32), *Reff(erido* (5:8), (19:22) *Rezoui* (5:25), *Remessaz* (6:5), (7:6), *Reconhessaõ* (8 e 9:24), *Reprezento* (10 e 11:1), *Revoluçoens* (12:10), *Reger* (15:9); é ainda importante lembrar que não há outros motivos, como o fato de ser nomes próprios e/ou de palavras no início de frases, que justifiquem o emprego da letra maiúscula, que não seja distinguir o valor fônico da vibrante inicial. O uso do grafema simples <r>, no entanto, também não deixa de aparecer, mas com menor freqüência: *remeter* (1:6), *recolher* (2:26), *reger* (14:9), dentre outras ocorrências.

A posição interior, não intervocálica, do fonema vibrante em que o grafema simples <r> prevalece são as seguintes: seguindo consoante na mesma sílaba: *provedor* (1:1), *preparada* (2:3), *grosso* (5:2), etc.; final de sílaba: *pertencentes* (1:4), *ordem* (2:4), *partido* (5:4), etc.; final de vocábulo:

fazer (1:17), *mandar* (2:17), *servir* (5:8), etc.; na posição em que está precedido por sílaba travada não foi encontrado nenhum exemplo.

5.4.4. Fricativas surdas /f/, /s/ e sonoras /v/, /z/

A fricativa lábio-dental surda /f/ está freqüentemente representada pelo grafema simples <f>, tanto em posição inicial: *fazer* (1:12), *ferozes* (2:6), *fabricar* (3 e 4:6), *fundamentoz* (5:18), quanto em posição interior, seja intervocálica ou não: *defunto* (1:8), *confederados* (2:6), *conflito* (2:19), *dificultava* (5:6), *cofrez* (6 e 7:38), *defender* (16:10). Já a representação desse fonema pelo grafema complexo <ff> só ocorre no interior do vocábulo em posição intervocálica: *offerecerem* (1:32), *deffença* (2:11, 40), *effeito* (2:22), (6 e 7:36), *Officiais* (8 e 9:9), *difficultozo* (10 e 11:5), *efficâz* (18:42), *Refferido* (19:22), etc. Dois dentre esses exemplos também aparecem grafados com <f>: *dificultava* (5:6), *Referido* (5:8), *Referida* (5:13).

A fricativa lábio-dental sonora /v/ está representada pelo grafema <v>, que é mais freqüente, ou, de maneira esporádica, pelo seu equivalente <u> encontrado apenas em um dos textos: *nouo* (5:2, 12), *cauallos*, *hauia* (5:11), *captiuo(s)* (5:16, 18, 33), *siuis* (5:18), *captiuar* (5:21), *captiueyro* (5:24, 26, 28), *Rezolui* (5:25), *Rezoluer*, *deuem* (5:34). Nos demais documentos alguns destes vocábulos estão grafados com <v>: *novo* (3 e 4:4), (12:5), *cavallos* (3 e 4:19), (10 e 11:4), *havia* (1:4), (18:21), *deuem* (3 e 4:40), (6:68), (7:67). Não há registros dos vocábulos *siuis*, *captiuar*, e derivados, *Rezolui* e *Rezoluer* nos outros textos.

A anunciada confusão dos grafemas <u> e <v> com o grafema , observada por Maia (1986:474) nos textos galegos e portugueses, não teve lugar nos manuscritos que analisamos. Pelo menos nesse particular os autores dos textos se aproximam do que diz Bacellar (1783:24)⁽⁸⁾, que, mesmo reconhecendo a proximidade sonora entre /b/ e /v/, deixa claro que sempre deve-se escrever um . A lua de mel desses escribas com o gramático, no entanto, pára por aí. No que diz respeito ao uso dos grafemas <f> e <ff>, descritos acima, temos mais uma das muitas diferenças percebidas entre ambos; Bacellar (1783:152) é simpatizante apenas do uso do grafema simples <f>, enquanto nos textos analisados, como vimos, há coexistência das duas formas que representam a fricativa lábio-dental surda.

Sobre a histórica variação gráfica das fricativas alveolares surda /s/ e sonora /z/, o que registramos nos manuscritos que transcrevemos está muito próximo do que foi observado por Marquilhas (1991:87-89) em *Norma Gráfica Setecentista*⁽⁹⁾, onde analisa obras de Rafael Bluteau (1638-1734), Manuel dos Santos (1672-1740), Manuel da Rocha (1676-1744) e Tomás Caetano de Bem (1718-1797). São quatro autores que viveram, escreveram e publicaram em Portugal durante o século XVIII.

Na representação da fricativa alveolar surda /s/, registramos as seguintes variações grafemáticas.

⁽⁸⁾ "Quando em qualquer vocabulo parecer que soa hum B, ou V; escreva-se B; e não V".

⁽⁹⁾ Rita Marquilhas lembra que essa variação pertence, primeiramente, ao campo da variação etimológica. Para tanto, recorre ao que a comissão da reforma ortográfica de 1911 havia prescrito: "ce, ci, ç, ou z final de vocábulos correspondem a ci, ti, latinos, ou a ss arábicos; e s, ss a s ou ss latinos; e, por outra parte, que z corresponda a z, ou ce ou ci, ti, latinos, ou a zz arábicos; s entre vogais, ou final, a s latino".

Em posição inicial pode ocorrer <s> ou <c> seguido de *e* ou *i*. São muitos os exemplos, como *segurança* (2:27) ao lado de *cegurança* (7:2), *sinco* (5:1), *sertanistas* e *sertão* (10:26) ao lado de *certanistas* e *certão* (5:6), (11:26), *certezã* (5:8), *cegueria* (6:28) ao lado de *seguinto* (16:13), *cirva* (8 e 9:28) ao lado de *sirva* (6 e 7:41), dentre outros exemplos.

Em posição interior, intervocálica ou não, pode aparecer <s>, <ss>, <c> seguido de *e* ou *i*, <ç> seguido de qualquer vogal, <cc>, <cç>, e <x>. Dentre as várias abonações temos *recurso* (10:32) ao lado de *recurço* (11:33) e *recursso* (16:15), *suçedeo* (8:11) ao lado de *sucedeo* (9:10) e *succede* (19:9), *serviço* (1:32) ao lado de *servico* (8 e 9:26), *devaças* (6:40) ao lado de *devassa* (8 e 9:12), *cabeça* (8:22) ao lado de *cabessa* (9:22), *necessarias* (6:45) ao lado de *neçeccaria* (8 e 9:24), *Reconheção* (6:49) ao lado de *Reconhessaõ* (8 e 9:24), *assistem* (1:30) ao lado de *acistir* (6 e 7:37), *introducção* (10:24) e *jurisdicção* (17:6) ao lado de *introdução* (11:24) e *jurisdição* (8 e 9:24), *vendose* (14 e 15:3) ao lado de *seguintosse* (16:13), *extinguir* (10:23), *extracção* (13:10). Acreditamos que o <c>, em *servico* (8 e 9:26), *extençaõ* (5:9), *interecados* (5:21), e *mereca* (5:24), não está cedilhado por descuido do escriba ou copista.

Em final de vocábulos, pela proximidade que há entre /s/ e /z/, ainda registramos a coexistência dos grafemas <s> e <z> empregados às vezes pelo mesmo autor, na grafia de um mesmo vocábulo: *fez* (1:5), (2:21) e *fes* (10 e 11:11), *poiz* (2:24) e *pois* (12:14), *Ruinas* (3:32) e *Ruinaz* (4:32), *ordenz* (5:25) e *ordens* (6:10), *mês* (6:4) e *mez* (7:4), dentre outros exemplos.

A consoante fricativa alveolar sonora /z/ somente apresenta variação grafemática quando está em posição intervocálica, aparecendo grafada por

<z>, que é a forma mais freqüente, ou por <s>. Eis alguns exemplos: *prezente* (2:21) convivendo com *presença* (16:1), *Rezultaõ* (3:31), (4:32), convivendo com *Resultou* (8:20), (9:19), *riside* e *reside* (10:9,12), convivendo com *Rezide* (11:9,12); ainda registramos a forma <ss> representando a fricativa /z/: *prissinaraõ* (5:16), convivendo com *prezionou* (5:13) e *prezionar* (5:21). As demais ocorrências desse fonema nesse contexto sempre está grafado com <z>. Ainda em posição interior essa consoante pode está representada por <x>: *executar* (8 e 9:3), *execução* (12:5), *exacção* (17:5), *exemplo* (18:45), etc. Sobre a confusão da grafia do /z/ intervocálico, diz Bacellar (1783:180) que quando parecer que soa um z, o grafema utilizado deverá ser <s> e não <z>. Daí, como podemos ver, temos outra divergência entre o gramático e os escrivães dos textos estudados.

5.4.5. Fricativas /ʃ/ e /z/, e africadas /tʃ/ e /dʒ/

De acordo com Maia (1986:468), o sistema fonológico galego-português possuía as fricativas pré-palatais surda /ʃ/ e sonora /z/ bem como as africadas palatais surda /tʃ/ e sonora /dʒ/; Rezam os manuais de história da língua portuguesa que, com o tempo, as africadas foram dando lugar às fricativas, sendo que a mudança /dʒ/ > /z/ deve ter ocorrido desde cedo: no século XIII o fonema africado sonoro já se realizava quer por variantes africadas, quer fricativas; a mudança /tʃ/ > /ʃ/, por sua vez, tem gerado muita discussão (Prista, 1994), não apenas no que se refere à datação da

referida mudança (próxima nota de rodapé), como também no que se refere à geografia e caracterização social da inovação.

Os grafemas que representam cada uma dessas consoantes nos textos analisados por Clarinda Maia são os seguintes: invariavelmente, a africada surda /tʃ/ aparece grafada com <ch> e a fricativa surda /ʃ/ com <x>; a africada ou fricativa sonora (/dʒ/ ou /ʒ/) estão indistintamente grafadas com *gi*, *yy*, *yi*, *gh*, *i*, *j*, *y* e *g*.

Levando em conta o estudo sobre a mudança /tʃ/ > /ʃ/ feito por Prista (1994:184)⁽¹⁰⁾, pelo fato de alguns autores acreditarem que a mudança ocorreu no século XVIII, podemos até considerar que o grafema <ch> que aparece nos textos setecentistas, pelo menos nos vocábulos, cuja etimologia remete aos grupos PL- CL- ou FL- latinos, represente o fonema africado surdo /tʃ/, como nestes vocábulos: *chegou* (2:2), (3 e 4:24), (6 e 7:54), *chegado* (5:3), *chegaõ* (16:14) – do latim “plicare”, *achando* (2:19), *achar* (6 e 7:10), *acharem* (6:68), (7:67), *achaõ* (12:21), (17:8), *achavaõ* (18:27), *acha* (18:40) – do latim “afflare”, *chamavaõ* (6 e 7:52), *chamar* (14 e 15:5), (19:7) – do latim “clamare”, *cheias* (6 e 7:13) – do latim “plenas”, *encher* (16:12) – do latim “implere”.

⁽¹⁰⁾ Com relação à datação da mudança, segundo Luís Prista, é possível considerar dois grupos de autores: os que defendem que desde muito cedo duas zonas estão definidas, uma de oposição /tʃ/:/ʃ/ e outra de simplificação em /ʃ/ – “para Harri Meier, logo que o português desceu do norte, para Silva Neto, também, mas com a reserva de Lisboa, para Huber, talvez ainda no português antigo, para Paiva Boléo e Adelina Angélica Pinto, pelo menos no séc. XV; o dos autores que, cingindo-se à norma culta (de Lisboa), referem o século XVIII – aqui o *continuum* começaria em Nóbiling (depois do XVI), seguiria com Teyssier (a partir do XVII), J. Prado Coelho (confusão no XVIII), Luís Cintra, Manuela Barros, Williams e Cornu (durante o XVIII), Révah, primeiro terço do XVIII, Thomas Hart (“until well into the eighteenth-century”), Ivo Castro (meados do XVIII, mais recente do que a monotongação de *ou*)”.

Para representar a fricativa surda /ʃ/ temos, nos textos analisados, o grafema <x> convivendo com o grafema <ch>: *petrechos* (2:11, 26), *cacheoyras* (3 e 4:39), *queixar* (13:8), *deichei* (7:55) ao lado de *deixei* (6:51), *bachos* (7:50) ao lado de *baxoz* (6:50), *vechame* (16:15) ao lado de *vexames* (18:27), etc. Aqui podemos ter uma pequena amostra da “confusão” estabelecida no século XVIII entre a africada /tʃ/ e a fricativa /ʃ/, espelhada na variação gráfica, conforme atesta J. Prado Coelho (cf. nota de rodapé acima).

Para representar a africada ou fricativa sonora (/dʒ/ ou /ʒ/) os autores dos textos setecentistas empregam os mesmos grafemas que hoje utilizamos para a fricativa pré-palatal sonora /ʒ/, ou seja, o <j>: *já* (1:24), *Jezus* (3:40), *Joaõ* (5:38), *Junho* (6:4), e o <g> seguido de *e*: *geral* (1:2), *auge* (5:28), *Magestade* (12:1), ou *i*: *Registadas* (6 e 7:10), *lizongiarem* (8 e 9 :23), etc. Como se vê, identificar pela grafia se a realização é da africada /dʒ/ ou da fricativa /ʒ/ nos manuscritos do século XVIII é tarefa praticamente impossível de se fazer. Aliás, na análise dos documentos galegos e portugueses, Maia (1986:470) também não atribui a nenhum dos grafemas (*gi*, *yy*, *yi*, *gh*, *i*, *j*, *y* e *g*) qual ou quais representam a consoante africada /dʒ/ ou a fricativa /ʒ/.

A propósito, o assunto africada, seja surda ou sonora, não está mencionado na gramática de Bacellar (1783), nem é investigado por Marquilhas (1991) nas obras de R. Bluteau, M. dos Santos, M. da Rocha e T. Caetano de Bem, em *Norma Gráfica Setecentista*.

5.4.6. Laterais /l/, /ʎ/

A representação gráfica da consoante lateral alveolar /l/, nos manuscritos transcritos, pode ser feita, como queria Bacellar (1783:168), pelo grafema simples <l>, que é a forma mais freqüente; ou pelo complexo <ll>, que ocorre apenas em posição intervocálica: *villas* (1:3), (16:9), *mellitares* (2:16), *nella* (3:3), *delles* (4:8), *aquella(s)* (5:5), (12:8), (13:9), *facellidade* (6:15), *sallarios* (7:59), *delligencia* (8:10), *pello(s)* (9:16), (11:5), *cavallos* (10:16), *vassallos* (14 e 15:9), (17:22), *fellicidade* (18:4), *estillo* (19:6). Quatro desses exemplos convivem com a forma de <l> simples: *diligencia* (8 e 9:18), *pelo* (9:8), *facilidade* (10:22), *militares* (15:7) e *aquelas* (16:10). Isso deixa claro que a escolha feita pelos escribas por um desses grafemas era aleatória.

Nos textos analisados encontramos apenas um exemplo de rotacismo (/l/ > /r/): *balças* (10:13) ao lado de *barças* (11:12). Esses vocábulos foram encontrados em vias diferentes de um mesmo documento escrito por um mesmo punho.

A confusão na grafia do assilábico /w/ nos vocábulos *auzentes* (1:6, 26) ao lado de *alzentes* (1:25) nos revela a existência do fenômeno de vocalização da consoante lateral alveolar /l/ em /w/ já no português setecentista. Hoje, como sabemos, trata-se de um fato muito comum do português brasileiro na realização de /l/ em final de sílaba travada no interior ou fim de vocábulo.

A consoante lateral palatal /ʎ/ aparece nos textos setecentistas transcrita pelo grafema complexo <lh>: *artilharia* (2:4), *similhantes* (3:12),

(17:10), *velho(s)* (4:20), (19:5), *atalhar* (5:25), etc. Esse fonema ainda aparece, nos textos analisados, esporadicamente grafado com <ll>, como no caso de *castellanos* (12:20).

5.4.7. O emprego do grafema <h>

Nos documentos editados, o grafema simples <h> aparece representado no início dos vocábulos, de acordo com a origem latina: *homens* (3:10), *haver* (4:28). Por analogia a vocábulos de origem latina, o <h> acaba sendo grafado em posição inicial de vocábulos que, segundo seu étimo, não possui tal grafema: *huma* (1:8), *huns* (2:7), *hum* (3:6), etc. Há, no entanto, ocorrências de vocábulos, que mesmo tendo <h> em sua origem, estão grafados sem esse grafema, como observamos em *abitantês* (18:37). O <h> também é utilizado nos textos para indicar vocábulos monossilábicos tônicos: *he* (3:9), *hê* (4:9), *há* (5:8), *hã* (10:9), *hir* (3:25) que convive com *ir* – sem <h> – (4:25). No interior dos vocábulos é muito comum esse grafema aparecer entre duas vogais em hiato: *prohiba* (3:11), *sahir* (6 e 7:12), *cahir* (6 e 7:14), *Restituhir* (6 e 7:39), *construhido* (12:6), *distribuhiu* (18:42), etc.

5.5. Estudo dos fenômenos gerais

Dentre os fenômenos gerais presentes nos textos, destacamos aqueles que deixam mais evidentes traços de oralidade na escrita, como: prótese: *avarar* (3 e 4:39) por *varar*, epêntese: *despoiz* (1:11), e (13:8) por *depois*;

afêrese: *prezionou* (5:13), *prissionaraõ* (5:16, 29), e *prezionar* (5:21) por, respectivamente, *aprisionou*, *aprisionaram* e *aprisionar*; síncope: *cadea* (2:31) por *cadeia*, *exprimenta* (3 e 4:11) por *experimenta*, e *exprimentado* (3 e 4:32) por *experimentado*; apócope: *alugue* (2:37) por *aluguer*, e *Jezu* (2:40) por *Jesus*; ditongação: *engeinho(s)* (3 e 4:2, 5, 15, 17), e (12:3, 16) por *engenho*; monotongação: *baxoz* (6:50), e *bachos* (7:50) por *baixos*, e *poco* (8 e 9:20) por *pouco*; e metátese: *escarpulo* (5:32) por *escrúpulo*.

Capítulo 6

CONFRONTO DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é o de cruzar informações dos capítulos 3 e 5 que tratam, respectivamente, da descrição do sistema fonológico do português atualmente falado na Baixada Cuiabana através da análise do *corpus* da língua falada editado no capítulo 2; e da descrição do sistema fonológico do português setecentista através da análise dos grafemas utilizados nos dezenove documentos notariais editados no capítulo 4, bem como de dados já estudados e lapidados por historiadores e gramáticos da língua portuguesa de todas as fases da história do português, do português arcaico até nossos dias.

A finalidade aqui é levantar, no aspecto fonológico da variante portuguesa falada pelos cuiabanos, possíveis traços pertencentes a uma ou mais fases do português, em especial da língua portuguesa do século XVIII, na época das bandeiras, que ainda sobrevivem na oralidade de alguns habitantes nativos da região em estudo.

Para tanto vamos adotar a estratégia utilizada por Penha (1997) em *Português rural de Minas numa visão tridimensional*. No nosso caso, especificamente, vamos mesclar visão tridimensional e visão bidimensional, uma vez que o cotejo está centrado na *língua falada atualmente na Baixada Cuiabana* (LFBC), de um lado, e do outro, na *língua escrita na época da bandeiras, século XVIII* (LEB), e/ou na *literatura de história da língua* (LitHL), englobando gramáticas, manuais, livros,

teses e ensaios, que de certa forma descrevem a língua portuguesa ou uma de suas características, em uma ou mais fases históricas.

6.1. Traços do sistema vocálico

6.1.1. Vogais orais tônicas

[a] > [a:] alongamento da vogal tônica

LFBC:

A tendência ao alongamento da vogal tônica que, na verdade, é um recurso estilístico, em que a palavra está afetada de um valor expressivo, dentre muitos exemplos, foi percebido em [a:kri] *acre* (3:188), [kũpãnera:da] *companheirada* [4:59] e (7:54), [ĩbɔla:du] *embolado* (4:65), [tʃɛga:du] *chegado* (5:21), [da:] *dá* (10:10), [na:da] *nada* (10:10), [tʃuvara:da] *chubarada* (10:13), [moʎa:du] *molhado* (10:16), [ĩtra:] *entrar*, (10:16).

LEEB:

Via de regra, nesse estágio da escrita (século XVIII) fica explícito que a principal preocupação não era assinalar graficamente a tonicidade ou o timbre das vogais, como fazemos hoje. Dentre muitos exemplos: *agoas* (3:2) por *águas*, *necessarios* (3:19) por *necessários*, *camara* (6:22) por *câmara*; quando algum acento é empregado, o que parece mais provável é que, pelo menos em alguns casos, a preocupação era a de assinalar a quantidade da vogal. Um exemplo que abona o uso dos diacríticos com a função de indicar a quantidade das vogais, nos documentos estudados, ocorre em um dos empregos do agudo indicando a existência de crase,

fazendo o *á* dois sons, tornando-se longuíssimo: *hir áditta guerra* (3:25), *ásua Custa* (3:26) e *á custa dasuafadiga* (13:12). Com essa mesma função, esse diacrítico equivale-se ao circunflexo. Pelo menos, no caso dos dois primeiros exemplos, o mesmo escrivão, na outra via do documento, emprega o circunflexo para marcar a ocorrência de crase: *ir âditta guerra* (4:25) e *âsuaCusta* (4:27).

LitHL:

Lembrando o sistema vocálico latino, Bacellar (1783:36-37) recorre à quantidade vocálica para explicar o emprego dos diacríticos em sua gramática setecentista, para isso apresenta os três acentos que indicam se a vogal é breve <`>, longa ou circunflexa <^> e longuíssima ou aguda <´>.

[a] > [ɛ] elevação de *a* para *é*

LFBC:

Essa alteração foi registrada no verbo *ralar*: [rɛlu] *rélo* por *ralo* (9:4).

LEEB:

Nos documentos analisados essa elevação foi notada apenas com o *a* em posição pretônica: *rezaõ* (2:10), que convive com a forma *razaõ* (18:33), (19:11), e *pesquins* (6:52), (7:51).

LitHL:

Esse mesmo fato também foi registrado por Penha (1997:36), como traço de língua antiga, tratando das vogais pretônicas, na linguagem rural do bairro de São Domingos no município sul-mineiro de Elói Mendes, dando como exemplo, dentre outros vocábulos, *relar* por *ralar*, *relé* por *ralé* e *rezão* por *razão*.

[e] realização de e fechado tônico antes consoante palatal

LFBC:

A realização de [e] antes de consoante palatal está registrado no *corpus* da língua falada na Baixada nestes exemplos: [dizeɕ] *dezesesseis* (1:7, 10), [meɕ] *mês* (3:229), [feɕ] *fez* (9:39).

LitHL:

A realização dessa vogal no contexto em questão é considerado exemplo certo de conservação de traço antigo no português do Brasil por Cunha (1986:204). Para tanto dá exemplos de vocábulos como [feɕu] *fecha*, [seɕa] *seja*, e [ispeɕu] *espelho*, acrescentando que na região lisboeta essa vogal evoluiu no século XIX para [ã].

[e] > [ɛ] alteração de e para é

LFBC:

Registramos essa mudança de timbre, de fechado para aberto, nos vocábulos [mɛtɕu] *mexo* (7:13) e [bɛbu] *bebo* (9:1). Trata-se de um fenômeno que contradiz o que é de praxe na teoria fonética, no que diz respeito ao processo metafônico: nesses dois vocábulos temos o [u] final, que, teoricamente, deveria, mas não impediu a elevação de timbre de e.

LitHL:

As atuais variedades dialetais na região portuguesa de Entre-Douro-e-Minho, e grande parte das variedades modernas do galego, que ainda revelam muitas formas com e aberto, tal qual observamos no Falar Cuiabano, são consideradas por Maia

(1986:342) como resultado da conservação de antigas formas nas quais a metafonia não atuou.

[ɛ] > [i] elevação de é para í

LFBC:

A alteração de timbre da vogal tônica em [sigi] *sigue* por *segue* (4:55) pode ser explicada pela ação metafônica exercida por [i] final.

LitHL:

Dentre os exemplos de traço de língua antiga, registrados por Penha (1997:93-95) na linguagem de São Domingos, em Minas Gerais, encontram-se, além de [sigi] *sigue* por *segue*, [dispidi] *despide* por *despede* e [xipiti] *repite* por *repete*.

6.1.2. Vogais nasaladas tônicas

[ã] > [a:] alongamento e desnasalação da vogal

LFBC:

Como dissemos no capítulo 3, mesmo em vogal seguida de consoante nasal, um grande número de falantes tende ao alongamento e à manutenção do timbre aberto da vogal, neutralizando sua eventual nasalidade. Trata-se também de um recurso estilístico, em que a palavra está afetada de um valor expressivo, como podemos conferir em: [ka:mera] *câmera* (3:138), [kãta:nu] *cantando* (4:71), [diferêsia:nu] *diferenciando* (7:74), [la:ma] *lama* (10:16), [la:mîna] *lâmina* (10:91).

LitHL:

Conforme testemunha Maia (1986:316-317), na atual variedade de Entre-Douro-e-Minho existe apenas *a* aberto, mesmo seguido de consoante nasal. Informa também que a região de Entre-Douro-e-Minho não só aparece bem individualizada entre as demais variedades regionais, como é habitualmente caracterizada pelo seu conservadorismo e feição arcaizante.

[ê] > [ĩ] elevação de *e* para *i* nasalados

LFBC:

Essa elevação de timbre pode ser abonada em [sĩti] *sinte* por *sente* (4:27) e [dimĩti] *desminte* por *desmente* (4:106). Aqui também a mudança de timbre pode ser explicada em virtude da ação metafônica exercida por [i] final.

LitHL:

Esse mesmo fenômeno também está registrado por Penha (1997:96-97), como permanência de traço de língua antiga, na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas, onde foi ouvido [mĩti] *minte* por *mente* e [sĩti] *sinte* por *sente*.

[ê] > [êj] ditongação

LFBC:

Como é observado no português em geral, o *e* em posição final seguido de consoante nasal torna-se ditongo nasal decrescente com o surgimento do assilábico [j]: [nĩgêj] *ninguém* (1:16), [tãbêj] *também* (2:167), (7:1), [nêj] *nem*

(3:1), [têj] *tem* (4:19), (5:1), (10:109) [bêj] *bem* (6:27), [vêj] *vem* (8:56), (9:13).

Fora desse contexto fonético ainda registramos o surgimento do ditongo [êj] na sílaba tônica do vocábulo *engenho* [êdzêjɲu] (7:7, 19, 80, 86), em que a ditongação de *e* nasalado pode ser explicada por assimilação à palatal /ɲ/ nasal contígua.

LEEB:

Ê com base nos registros do vocábulo *também* nos manuscritos setecentistas que podemos deduzir que a pronúncia do grupo *em*, final, já era, como é do nosso costume, ditongada. A prova está na ocorrência da forma *tambei* (6:56), em que o escrivão deixa transparente o traço da oralidade, enquanto na outra cópia do mesmo documento a forma volta a ser estritamente ortográfica: *tambem* (7:55). Quanto à ditongação de *e* nasalado tônico em posição interior, temos pelo menos, dez ocorrências do vocábulo *engeinho(s)* nos documentos notariais do século XVIII transcritos: (3 e 4:2, 5, 15, 17), (12:3, 16).

[õ] > [ũ] elevação de *o* para *u* nasalados

LFBC:

Notamos essa alteração nos seguintes vocábulos: [fũ] *fomos* (1:65), [fũm] *fomos* (1:71), [mũta] *monta* (3:54), [kũm] *como* (3:287), (4:106), (6:39), (8:71) (10:1), [kũmu] *como* (2:42), (3:319), (4:68), (5:95), (6:33).

LitHL:

Alteração semelhante foi registrada por Penha (1997:104 e 107), como característica de língua antiga, no falar de São Domingos, Minas, quando abona o fato com os vocábulos *consume* por *consome* e *sume* por *some*.

6.1.3. Vogais orais átonas

[e] > [i] elevação de e para i

LFBC:

Um fato do português da Baixada, que não destoa do português brasileiro em geral, e também verificado no português padrão europeu, diz respeito à elevação do e fechado para i com a sílaba em posição pretônica: [siɫvisu] *serviço* (1:106), [silisjõnadu] *selecionado* (2:106), [sigĩti] *seguinte* (3:42), [siarẽsu] *cearense* (4:19), [trimĩna] *terminar* (5:48), [mirisimẽtu] *merecimento* (6:146), [baɫdiava] *baldeava* (7:48), [nuvilĩpu] *novelinho* (8:19), [dizeseɫ] *dezesesseis* (9:82), [kabiludãw] *cabeludão* (10:91).

Em posição postônica, ou final, e também em monossilábicos átonos, verificamos, no português da Baixada, o mesmo fenômeno, que aliás é bem comum no Português em geral: [dozi] *doze* (1:1), [nõmi] *nome* (2:7), [dʒẽti] *gente* (3:10), [amãpsɛsi] *amanhece* (4:135), [deferẽti] *diferente* (5:24), [fɔrẽti] *forante* (6:21), [tʃarɛti] *charrete* (7:77), [idadi] *idade* (8:33), [eɫmãdadi] *irmandade* (9:73), [sobɪ] *soube* (10:48), [ki] *que* (6:1), [di] *de* (8:71).

LEEB:

Muitos são os exemplos desse fato nos manuscritos setecentistas: *similhante(s)* (3:12), (4:13), (10:9), (14 e 15:8), (17:10), *ifeito* (5:16), *idital* (5:27, 28), *rial* (8 e 9:5), *despidio* (10:11), *misiricordia* (10:33), *senhoriar* (11:21), *invio* (14 e 15:2), *miscilania* (16:14), *dispotico* (17:3), *liais* (17:21, 23) e *epidimia* (19:15).

LitHL:

Penha (1997:55-56) também registra essa alteração no falar rural de São Domingos, sul de Minas, e também a considera com permanência de traço de língua antiga. Para tanto aponta a ocorrência do fenômeno, dentre outros, em Augusto Magne, *Boosco deleitoso*, p. 269: “[...] e os beveres *dilicados* e as vestiduras fremosas e os deleitamentos da tua carne?”.

Sobre a alternância da pretônica *e/i*, seja oral ou nasalado, diz Cunha (1986:204) que a língua dos séculos XVI e XVII já conhecia a coexistência de formas como [meninu]/[mininu] *menino* e [êtrar]/[ĩtrar] *entrar*. Este fato também está registrado em Silva Neto (1963:172) e em Teyssier (1997:61). Cunha (1986:205) ainda diz que a realização [i] do *e* gráfico postônico, ou final, como em [tardĩ], segundo os testemunhos de Caetano de Lima (1734) e Verney (1754), era ainda pronúncia vigente em Portugal na primeira metade do século XVIII, mesmo período dos manuscritos que aqui analisamos.

A respeito de [e] postônico, ou final, referindo-se ao português de Portugal, Silva Neto (1960a:38) levanta a hipótese de que este *e* antes de ter atingido o “timbre neutro [ɔ]” teria passado pela pronúncia mais antiga [ĩ], que ainda é muito conservada aqui no Brasil.

[e] > [u] alteração de e para u

LFBC:

Registramos no português cuiabano a realização de [u] no lugar de [e] em todas as seis ocorrências do vocábulo *semana*: [sumãna] (3:92, 179, 232, 255, 264, 290).

LEEB:

Nos manuscritos do século XVIII podemos constatar essa mesma alteração em: *pollo* (5:10) e *sommana* (19:12).

LitHL:

O fato está registrado por Penha (1997:56-58) na linguagem rural de São Domingos, Minas Gerais, como exemplo fácil de ser encontrado em vários textos antigos, como as *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, obra organizada por Serafim Leite (1956-8, 3v, p. 295).

[e] > [ĩ] elevação de e oral para i nasalado

LFBC:

Essa alteração é mais comum acontecer em posição inicial, principalmente se a vogal oral estiver seguida pela fricativa /z/, como em [ĩzisti] *existe* (7:86) e [ĩzẽpu] *exemplo* (3:65), (4:24), (6:21).

LitHL:

O vocábulo *exemplo* [ĩzẽpru] também abona o dito fenômeno no trabalho de Penha (1997:23-24) registrado assim no falar rural de São Domingos, Sul de Minas, como no textos de língua antiga.

Como nos referimos acima, tratando do *e* oral, sobre a alternância da pretônica *e/i*, seja nasal ou oral, diz Cunha (1986:204) que a língua dos séculos XVI e XVII já conhecia as formas [ētrar]/[ītrar] *entrar* e [meninu]/[mininu] *menino*. Este fato, como dissemos, também está registrado em Silva Neto (1963:172) e em Teyssier (1997:61).

[i] > [e] alteração de *i* para *e*

LFBC:

O fenômeno está registrado em sílaba pretônica com *i* inicial: [e.ɫm̃w] *ermão* por *irmão* (2:112), (9:76), [e.ɫm̃õ] (3:24), [e.ɫm̃] *ermã* por *irmã* (2:109), (6:52), [e.ɫm̃dadi] *ermandade* por *irmandade* (9:73); e ainda com *i* medial: [devɛ.ɫʃw] *deversão* por *diversão* (5:16), [deferēt.i] *deferente* por *diferente* (5:21 e 24).

LEEB:

Nos manuscritos do século XVIII fica evidente que essa alteração é bastante freqüente: *delligencia(s)* (1:31), (6 e 7: 43), (8 e 9:10), (8:15), (9:8, 14), *deligencia* (8:22), (9:21), *deminuição* (2:15), *mellitares* (2:16), *creação* (3:13), (4:14), (7:77), *prezeonou* (5:13), *prezionar* (5:21), *cometiuã* (5:20), *facellidade* (6:15), *cegueria* (6:28), *remedear* (6 e 7:41), *facelidade* (9:20), *facellidade* (10:20), (11:22), *solecita* (10:15), *sollecita* (11:14), *defficultozo(a)* (10:25), (11:4/5), *deficuloza* (11:24), *noteciasse* (11:3), *noteciarem* (11:4), *destricto* (11:7 e 19), *enacçessivel* (11:25), *eregido* (12:3), *epedemiaz* (12:10), *vezinhança* (12:21), *franqueasse* (13:9), *princepe* (15:10), *offeciaes* (16:18), *permettida* (17:7), *destribue* (18:39) e *dezenteressado* (18:53).

LitHL:

Penha (1997:61-67) também registra o fato no falar rural do bairro de São Domingos, sul de Minas, e em mais de vinte escritores dos séculos XVI e XVII; Cruz (1991:28) também considera o fenômeno como traço de pronúncia antiga.

[o] > [u] elevação de o para u

LFBC:

Esse fenômeno registrado em sílaba pretônica no português falado na Baixada Cuiabana não destoa do português brasileiro em geral, nem do português padrão europeu: [du.ɫmi] *dormir* (1:16), [bunita] *bonita* (2:39), [pulitika] *política* (3:94), [kuʃtumadu] *acostumado* (4:59), [kubɛ.ɫtu] *coberto* (5:10), [aɫguduɪ] *algodoim* (6:87), [kumesu] *começo* (7:91), [nuvilipu] *novelinho* (8:19), [murênia] *moreninha* (9:39), [pu.ɫke] *porque* (10:94).

LEEB:

Nos documentos setecentistas registramos essa elevação nos seguintes vocábulos, dentre outros: *descubrimto* (3:4, 7, 17), (4:7, 18, 29), (5:2), *descuberto(s)* (3 e 4:9), (12:19), *custume* (5:26), *rezulução* (5:31), *demulir* (12:4), *rigurozamente* (17:16).

LitHL:

Essa alteração, que está registrada no falar rural de São Domingos, também é considerada por Penha (1997:81-83) como traço de língua antiga por ser encontrado, dentre outras obras, em *Boosco deleitoso*, Augusto Magne (1950:220):

“Mas por tal que nom fosse despreçador de todos os doões que lhe el-rei dava, tomou o ólio e mandou fazer grande **fugueira** ()”.

Sobre a alternância da pretônica *o/u*, também diz Cunha (1986:204) que a língua dos séculos XVI e XVII já conhecia: [kostumi]/[kustumi] *costume*, como também registram Silva Neto (1963:171-175) e Teyssier (1997:61).

[u] > [uj] ditongação

LFBC:

Embora com baixa frequência essa alteração ocorre apenas no verbo *escutar*. [iʃkujtej] *escuítai* por *escutei* (6:128, 131, 134).

LitHL:

Esse fato também é apontado por Penha (1997:90) como permanência de resquício de língua antiga no falar rural do bairro de São Domingos, Minas Gerais. Para tanto recorre, dentre outros autores, até mesmo a Camões (*Os Lusíadas*, III, 3): “Promptos estavam todos **escuitando** ()”.

6.1.4. Vogais nasaladas átonas

[ũ] > [ĩ] alteração de *u* para *i* nasalados

LFBC:

A única forma de *u* nasalado documentada de maneira distinta encontramos no vocábulo *umbiginho*, pronunciado, [ĩbigĩ] (8:92).

LitHL:

É também no trabalho de Penha (1997:33-35) onde buscamos a prova que essa alteração também pode ser encontrada em textos antigos, como, por exemplo, neste trecho extraído de *Comédia Eufrosina* (J. F. Vaconcelos, 1918:5): “E os lares que chamais os fradinhos que antes nos andam induziram fazese o delfico orago no **imbigo** da Terra”.

6.1.5. Ditongos decrescentes orais e nasais

[aj] > [a] monotongação

LFBC:

A redução de *ai* a *a* é mais freqüente quando o ditongo está seguido de consoante palatal africada /tʃ/ ou de fricativa /ʃ/, que absorvem a semivogal /j/, como em [maʃ] *mais* (1:75), [dimaʃ] *demais* (2:182), [baʃi] *baixo* (3:68), [batʃu] *baixo* (4:83), [katʃõw] *caixão* (5:10), [ĩkatʃ] *encaixa* (7:21), [batʃeru] *baixeiro* (8:97), [batʃĩa] *baixinha* (9:42), [batʃa] *baixa* (10:231); fora desse contexto fonético, que envolve a palatal, a monotongação de *ai* ainda ocorre em [baru] *bairro* (10:269).

LEEB:

Nos manuscritos setecentistas registramos a monotongação de *ai* seguido de palatal nestes vocábulos: *baxoz* (6:50), *bachos* (7:50).

LitHL:

Sobre a monotongação de uma maneira geral, diz Cunha (1986:210-211) que tem dúvida em considerá-la como inovação e não conservação no português

brasileiro, como querem alguns, em especial os que defendem a tese da crioulização e posterior descrioulização no português do Brasil. Os exemplos levantados nos textos setecentistas e mais as grafias de *baxa* e *pexe* levantados por Cunha (*idem*) em *Os Lusíadas*, mostram a ancianidade do fenômeno.

[aj] > [ɛj] alteração de *ai* para *éi*

LFBC:

Essa alteração ocorreu apenas em *raiva* [xɛjva] (3:83).

LitHL:

A realização do ditongo *ai* como *ei*, registrado por Amaral (1955:50) no falar caipira paulista, também é tido por Penha (1997:113-116) como traço de língua antiga, encontrado também em *Boosco deleitoso* A. Magne (1950:153): “Verdade é o que este nobre doutor Dom **Reimondo** ()”.

[aw] > [o] redução de *au* para *o*

LFBC:

Essa alteração está registrada apenas quando *au* encontra-se em posição átona, como nos seguintes vocábulos: [omêtãn] *aumentando* (7:94), [omêto] *aumentou* (8:36), [omêtadu] *aumentado* (8:39).

LitHL:

Esse fato foi encontrado por Penha (1970:24) em autores antigos, como o português Gil Vicente: *odiança* por *audiência*.

[ej] > [e] monotongação

LFBC:

O ditongo *ei* no português falado na Baixada Cuiabana, de uma maneira geral, apresenta-se reduzido: [dizeseʃ] *dezesseis* (1:7), [seʃ] *seis* (1:10), [deʃaru] *deixaram* (1:74), (10:264), [deʃav] *deixava* (2:51), [deʃa] *deixa* (3:77); [detʃa] *deixa* (3:135), [detʃava] *deixava* (7:109), [petʃi] *peixe* (8:89); [soʎteru] *solteiro* (1:19), [fexera] *ferreira* (2:7), [toreru] *toureiro* (2:59), [müteru] *monteiro* (3:144), [küpɓneru] *companheiro* (4:51), [poʎtera] *porteira* (5:74), [grasera] *graceira* (6:4), [kadera] *cadeira* (7:13), [primeru] *primeiro* (8:33), [ĩteraʎ] *inteirar* (8:112), [baʎberu] *barbeiro* (10:89).

LitHL:

A redução desse ditongo, conforme Maia (1986:539), deve ser dos fins do século XV ou do século XVI, provavelmente por influência do castelhano. No entanto bem antes disso formas com redução do ditongo podem ser observadas já em documentos do século XIII, “mais exactamente, 1290: *enerro* ‘Janeiro’, *erederos*, *primero*.”

[ěj] > [i] desnasalação e redução de *ẽi* para *i*

LFBC:

Em posição final a vogal *e* seguida por consoante nasal, ao invés de realizar-se como ditongo nasal [ěj], perde a nasalidade e fica reduzindo a [i], como, via de

regra, pode ser observado no português falado, ou popular, em todo o Brasil, bem como foi observado por Vasconcelos em Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes⁽¹⁾, por Cruz em Odeleite⁽²⁾, por Lopes da Silva em Cabo Verde⁽³⁾ e, na região do Algarve, por Nunes⁽⁴⁾: [vaɫdʒi] *vargem* (1:48), [koradʒi] *coragem* (1:121), [õti] *ontem* (2:173), [õmi] *homem* (3:103), [texaprẽjnadzɨ] *terraplanagem* (3:188), [viadzɨ] *viagem* (3:211), [viʃɨ] *virgem* (3:267), [bobadzɨ] *bobagem* (3:348), [rodadzɨ] *rodagem* (4:27), [muadzɨ] *moagem* (6:4), [viɫdʒi] *virgem* (6:247), [parẽtadzɨ] *parentagem* (7:100), [trẽpulĩnadʒi] *trampolinagem* (10:62).

LitHL:

Penha (1997:54) também ver essa alteração como traço de língua antiga presente no falar rural de São Domingos, Minas. É da mesma opinião Cunha (1986:211) que vê a desnasalação em [õmi] *home* por *homem*, e [virʒi], na variante cuiabana [viɫdʒi] *virge* por *virgem*, como conservação de formas que se usava na língua arcaica literária.

[ow] > [o] monotongação

LFBC:

Independente de qualquer contexto fonético sempre ocorre a monotongação de *ou*: [troʃi] *trouxe* (1:112), [torada] *tourada* (2:42), [xopa] *roupa* (3:77), [otra] *outra*

⁽¹⁾ J. L. de Vasconcelos (1901), *Esquisse*, pág. 101.

⁽²⁾ M. L. S. da Cruz (1991), *O falar de Odeleite*, pág. 50.

⁽³⁾ B. L. da Silva (1957), *Dialecto crioulo de Cabo Verde*, pág. 78.

⁽⁴⁾ J. J. Nunes (1902), *Revista Lusitana*, VII, págs. 35 e 44.

(4:95), [koru] *couro* (5:10), [poku] *pouco* (6:16), [frakaso] *fracassou* (7:89), [fiko] *ficou* (8:45), [otu] *outro* (9:50), [sobi] *soube* (10:48).

LEEB:

Nos documentos do século XVIII registramos: *poco* por *pouco* (8 e 9:20).

LitHL:

A redução desse ditongo registrada em documentos dos séculos XV e XVI, e ainda em textos de fins do século XIII ou princípios do século XIV, também é considerada por Maia (1986:552) como resultado de influência castelhana.

Quanto à monotongação de *ou* diz Cunha (1986:211) que é geral não só na língua comum do Brasil, mas também, desde o século XVII, no português europeu, o que está de acordo com o que registra Cintra (1995:35-54), em *Estudos de dialectologia portuguesa*, ao tratar do estudo sincrônico e diacrônico desse ditongo.

[ãw] conservação do ditongo e monotongação em õ

LFBC:

Dos decrescentes nasais merece destaque o ditongo [ãw], grafado *ão* nos substantivos e advérbios, e *am* nos verbos (terceira pessoa do plural). Como vimos no capítulo 3, esse ditongo apresenta-se no falar cuiabano com seis formas distintas ([ãw], [õw], [õ], [ã], [ũ] e [u]):

a) conservação do ditongo [ãw]: [ĩtãw] *então* (1:65), [lãpiãw] *lampião* (1:97), [pregasãw] *pregação* (2:36), [gravasãw] *gravação* (4:150), [diveɹãw] *diversão* (5:13)

[kūbīnas̃w] *combinação* (6:67), [dividis̃w] *dividição* (7:103), [novel̃w] *novelão* (8:7) [kītur̃w] *quenturão* (9:94), [mor̃w] *mourão* (10:21);

b) conservação do ditongo, mas realizado como [ōw]: [valētōw] *valentão* (2:94), [iʃtōw] *estão* (3:363), [violōw] *violão* (4:106), [katʃōw] *caixão* (5:10), [tʃōw] *chão* (7:51), [xodōw] *rodão* (7:65), [gudōw] *algodão* (8:109), [valētōw] *valentão* (2:94), [fogōw] *fogão* (9:62), [ītōw] *então* (10:159);

c) redução do ditongo a [ō]: [ʃegavō] *chegavam* (2:65), [ītō] *então* (2:132), [kriasō] *criação* (2:167), [fazesō] *fazeção* (3:167), [kiriō] *queriam* (4:36), [gravasō] *gravação* (4:48), [riuniō] *reunião* (6:4), [tʃapadō] *chapadão* (7:56), [dʒō] *joão* (8:73), [brigō] *brigam* (9:79), [mō] *mão* (10:354);

d) redução do ditongo a [ã], pela perda do elemento semivocálico: [falã] *falam* (2:21), [sebaʃtiã] *sebastião* (3:27), [trabaʎã] *trabalham* (4:68), [ītã] *então* (5:27), [nã] *não* (5:57) [falã] *falam* (2:21), [gravasã] *gravação* (6:33), [tavã] *(es)tavam* (6:61), [tã] *(es)tão* (6:125), [kaʃtã] *cartão* (9:53);

e) redução do ditongo a [ũ]: [nũ] *não* (1:89), (2:21), (3:10), (4:42), (5:21), (6:10), (7:10), (8:24), (9:1), (10:83), [iʃtudarũ] *estudaram* (2:30), [vierũ] *vieram* (2:197), [laʃgarũ] *largaram* (9:42);

f) redução do ditongo a [u]: [notaru] *notaram* (1:62), [deʃaru] *deixaram* (1:74), [laʃgaru] *largaram* (9:56), [brigaru] *brigaram* (9:79), [levaru] *levaram* (10:284).

LEEB:

Nos documentos notariais do século XVIII registramos apenas ocorrências da forma *-am* ao lado de *-ão*: *capitam/cappitam* (5:13), (10 e 11:34, 35), (14 e 15:13), (19:3), e *capitaõ* (5:3), (14 e 15:1); *petiçam* (6:70), (7:32), e *petiçaõ* (6:33), (7:69); *ocaziam* (8 e 9:18), e *ocaziaõ* (10:24), (11:23); *provizam* (12:1 e 24), e *provizaõ* (19:2); *correçam* (17:15), e *correiaõ* (16:8); *execuçam* (18:7, 10, 13, 22, 26), e *execuçaõ* (5:2), (12:5).

Da coexistência das formas *-am* e *-ão*., podemos deduzir que o mais provável é que o grupo *am*, no século XVIII, já era realizado como fazemos hoje. Assim, apesar de a escrita apresentar as formas *capitam*, *petiçam*, *ocaziam*, *provizam*, *correçam* e *execuçam*, induzindo-nos a pronunciar o grupo *-am* como vogal nasalada [ã], a variação no registro de *também*: *taõbem* (11:16) e *tambem* (10 e 11:18) e nos próprios vocábulos que servem de exemplo, ora *am*, ora *aõ*, desfaz qualquer dúvida a esse respeito, levando-nos a concluir que a pronúncia certamente era a de um ditongo decrescente nasal [ãw].

LitHL:

Conforme os manuais de história da língua, das terminações latinas *-anu*, *-ane* e *-one* resultaram o ditongo nasal decrescente português /ãw/ e suas formas no plural, respectivamente, neste processo: i) Queda do *n* intervocálico e nasalização da vogal precedente: *-anu*>*-ão* (*manu*>*mão*), plural: *-anus*>*-ãos*; ii) queda do *n* intervocálico, nasalização da vogal precedente e queda do *e* final: *-ane*>*-ã*, que se neutralizou em *-ão* (*pane*>*pã*>*pão*), plural: *-anes*>*-ães*; *-one*>*-om/-on/-õ*, que

também se neutralizou em *-ão* (*notione>noçon>noção*), plural: *-ones>-ões*, sendo as formas antigas *-ons/-ôs* (*noços>noções*).

Huber (1933: 64), ao tratar do assunto, faz nota considerando que “já no CG. - *Cancioneiro Geral* - (1516) - talvez já em finais do século XV - as três terminações latinas *-anu -ane -one* se encontram reduzidas a *-am = -ão*”. Como exemplo, Huber destaca algumas rimas do texto citado: “a) *-anu* com *-one*: *vilaão: coraçam* (I, 396); b) *-anu* com *ane*: *mão: Joham*; (II, 356); c) *-one* com *ane*: *tençam: pam* (III, 583)”.

Maia (1981:73-95), no artigo *Geografia dialectal e história do português*, publicado na *Biblos*, volume n.º 57, examinando os resultados da terminação latina *-ana*, constata que “inserida na área minhota de *-ão* encontra-se uma área menor e um pouco difusa de *-ō* e *-ōu* que abrange algumas povoações da zona compreendida entre o Lima e o Douro: aí, a forma feminina da língua padrão *irmã* corresponde *irmō* e *irmōu*”. Após refutar o argumento que as referidas formas do feminino poderiam ser explicadas a partir da influência analógica das correspondentes formas masculinas, a Maia parece mais provável a explicação que “na zona de Entre-Douro-e-Minho, a antiga terminação *-om* (<-ONE), mais tarde evoluída em *-ōu* sobretudo a partir do Baixo-Minho e do Baixo-Douro-Litoral, propagou-se por analogia às terminações *-ã* (<-ANE) e *-ão* (<-ANU)”, lembrando que essa assimilação já se verificava na linguagem da região no século XIV. Já nas variedades do Centro e Sul do País, sobre as quais veio a constituir-se a língua padrão portuguesa, foi a terminação *-ão* (<-ANU) que analogicamente se propagou às terminações *-ã* (<-ANE) e *-ō* (<-ONE), acabando por substituí-las⁽⁵⁾.

⁽⁵⁾ Sobre as razões que facilitaram essa analogia, Maia recomenda Gunnar Tilander, Porque *-am, -om* se tronaram *-ão* em português. em: Revista de Portugal. Série A – Língua Portuguesa, vol. XXIV, 1959, págs. 131-136.

Para abonar a realização do ditongo nasal decrescente /ãw/, à moda do falar cuiabano, no singular [õ] e, por extensão, no plural [õs/õs], não é necessário despendar tanto esforço, colocando na bateia um sem número de textos antigos para, no fim, garimpar um número inexpressivo de exemplos abonadores. Eis alguns: *A Demanda do Santo Graal* BNV, Ms. 2594: *razom* e *entom* (1r) e a variante *entam* (29r), *coraçom* (44r), *nom* (150r), *Cancioneiro da ajuda*, edição Carolina Michaëlis de Vasconcelos: *perdon* (I, 109), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, cod. 10991: *nõ* (40, pág. 38), *perdon* (102, pág. 62), *razõ* (120, pág. 70), *coraçõ* (789, pág. 368), *Crônicas dos sete primeiros reis de Portugal*, edição Carlos da Silva Tarouca: *emtam*, *nom* (cap. XXXII), *Textos arcaicos*, de José Leite de Vasconcelos: *payxom*, *deuaçom*, *entom* (XVII: 69).

No caso dos verbos, também ocorre a oscilação [õw] e [õ], além da forma oral [o], bastante recorrente no *corpus* transcrito. Esta forma oral não foi encontrada nos textos antigos analisados, donde se infere que tal forma é uma variação desnasalada de [õ]. Cuesta e Luz (1971:220), ao tratarem de traços arcaicos do português do Brasil, levantam os plebeísmos *andaro* por *andaram*, *fizero* por *fizeram*, *quisero* por *quiseram*, como sendo senão o produto da evolução de formas arcaicas, dizendo que enquanto a metrópole adotava as terminações em *-am*, [ãw], a colônia conservou as antigas em *-om*, [õ]⁽⁶⁾, que logo se desnasalaram.

A opinião de Cunha (1986:211) vai nesse mesmo caminho, dizendo que formas populares do pretérito perfeito do indicativo, como *fizero*, dentre outras, é evidente caso de desnasalação da forma *fizerõ*, pertencentes à norma culta da língua arcaica.

⁽⁶⁾ Em *Estruturas trecentistas*, Mattos e Silva (1989:334-335), trata da variação na representação gráfica da terceira pessoa do plural, ora -rõ, ora -rã.

Para percebermos a produtividade dessa forma no período arcaico português, basta recorrermos a obras como: *A Demanda do Santo Graal* BNV, Ms. 2594: *sairom* (25v), *meterom* (45r), *decerom* (75v), *forom* (180r), *Cancioneiro da ajuda*, edição Carolina Michaëlis de Vasconcelos: *poderon*, *souberon*, *viron* (I, pág. 55), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, cod. 10991: *disserõ* (136, pág. 70), *son* (377, pág.198), *Crônicas dos sete primeiros reis de Portugal*, edição Carlos da Silva Tarouca: *derom*, *forom* (cap. XVII), *acordauom*, *souberom*, *entrarom* (cap. XXXII), e *Textos arcaicos*, de José Leite de Vasconcelos: *entregarom*, *matarom*, *vierom* (XVIII, págs. 69-70), dentre outras tantas.

6.2. Traços do sistema consonântico

/b/

LFBC:

Em alguns vocábulos, é possível ocorrer a alternância dessa consonante com a fricativa labiodental também sonora /v/: [lavared] *lavareda* por *labareda* (1:77).

LitHL:

Essa alternância não é nova na história da língua portuguesa, Penha (1970:34), por exemplo nos fornece alguns exemplos desse fenômeno em textos arcaicos e clássicos, como *gengiba* por *gengiva*, *bíborá*, *bívora* e *bébera* por *víbora*.

/m/

LFBC:

No Falar Cuiabano, assim como no português falado em geral, essa consoante freqüentemente deixa de ser realizada em vocábulos como *uma*, *alguma* e *numa*,

restando da consoante apenas a nasalação da vogal precedente. Dentre muitas ocorrências: [ũa] *uma* (1:39), (2:138), (3:51), (4:56), [aɹgũa] *alguma* (2:1), (3:71), (9:16), [nũa] *numa* (2:159), (3:167), (4:83), (10:10).

LEEB:

Nos documentos do século XVIII há registro das formas sincopada de *uma* e *alguma*: *huã* (3:16, 34, 38 e 4:16, 34), *alguã* (3:36), (4:37), etc.

LitHL:

Com esse mesmo comportamento Penha (1997:183-187) registra essa consoante na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas Gerais, imprimindo-lhe caráter antigo, por ser um recurso bastante utilizado em textos antigos, como por exemplo em *Os Lusíadas* de Luís de Camões, V.64: “Palavra sua **algũa** lhe alcançarão ()”; e no *Teatro de Gil Vicente*, editado por Antônio José Saraiva, pág. 289: “Eu quero **ũa** pucarinha pequenina para mel”.

As pronúncias populares e regionais de **ũa** e **algũa** eram, conforme Cunha (1986:206), as da própria língua culta nos séculos XVI e XVIII, documentadas por exemplo nas obras de Camões e Gregório de Matos.

/ɲ/

LFBC:

Também como é comum no português falado, essa consoante freqüentemente apresenta-se despalatalizada ou iotizada: [mia] *mia* por *minha* (2:197), (7:68), dentre outras ocorrências, ou com *i* nasalado [mĩa] *mĩa* por *minha* (3:261, 316, 357), (4:16, 19), (6:47, 49, 55), [iʃtorĩa] *historinha* (1:39), [tĩa] *tinha* (2:39), [sĩo] *senhor*

(3:97), [sĩõɫ] *senhora* (4:4), [xedõdĩ] *redondinho* (7:27), [padĩu] *padrinho* (8:36), [igwazĩ] *igualzinho* (9:13), [fɛʃtĩa] *festinha* (10:150)

LitHL:

Maia (1986:493-494) registra as formas *y* ou *i* (*extraya*, *estraya*, “estranha” e *xuio*, “Junho” nos documentos portugueses e galegos do século XIII.

/tʃ/ e /dʒ/

LFBC:

Como vimos no capítulo 3, as consoantes fricativas pré-palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/, no Falar Cuiabano, com freqüência são pronunciadas, respectivamente, como africadas surda /tʃ/ e sonora /dʒ/: [tʃega] *chegar* (1:7), (2:194), [tʃa] *chá* (3:1), [batʃu] *baixo* (4:83), [kotʃu] *cocho* (5:4), [mitʃirikeru] *mexeriqueiro* (6:117), [putʃa] *puxa* (7:10), [petʃi] *peixe* (8:89), [detʃava] *deixava* (9:85), [tʃuvarada] *chugarada* (10:13); [lõdʒi] *longe* (1:24), [dʒêti] *gente* (2:188), [dʒa] *já* (3:19), [rodadʒi] *rodagem* (4:27), [adʒuda] *ajuda* (5:48), [odʒi] *hoje* (6:108), [ĩdʒêjnu] *engenho* (7:7), [dʒũtu] *junto* (8:7), [dʒõ] *joão* (9:73), [trẽpulĩnadʒi] *trampolinagem* (10:62), dentre outras ocorrências.

LEEB:

Levando em conta o estudo sobre a mudança /tʃ/ > /ʃ/ feito por Prista (1994:184), pelo fato de alguns autores acreditarem que a mudança ocorreu no século XVIII, podemos até considerar que o grafema <ch> que aparece nos textos

setecentistas, pelo menos nos vocábulos, cuja etimologia remete aos grupos PL- CL- ou FL- latinos, represente o fonema africado surdo /tʃ/, como nestes vocábulos: *chegou* (2:2), (3 e 4:24), (6 e 7:54), *chegado* (5:3), *chegaõ* (16:14) – do latim “plicare”, *achando* (2:19), *achar* (6 e 7:10), *acharem* (6:68), (7:67), *achaõ* (12:21), (17:8), *achavaõ* (18:27), *acha* (18:40) – do latim “afflare”, *chamavaõ* (6 e 7:52), *chamar* (14 e 15:5), (19:7) – do latim “clamare”, *cheias* (6 e 7:13) – do latim “plenas”, *encher* (16:12) – do latim “implere”.

Para representar a africana ou fricativa sonora (/dʒ/ ou /ʒ/) os autores dos textos setecentistas empregam os mesmos grafemas que utilizamos hoje para a fricativa pré-palatal sonora /ʒ/, ou seja, o <j>: *já* (1:24), *Jezus* (3:40), *Joaõ* (5:38), *Junho* (6:4), e o <g> seguido de *e*: *geral* (1:2), *auge* (5:28), *Magestade* (12:1), ou *i*: *Registadas* (6 e 7:10), *lizongiarem* (8 e 9 :23), etc. Como vimos, identificar pela grafia se a realização é da africana /dʒ/ ou da fricativa /ʒ/ nos manuscritos do século XVIII é tarefa praticamente impossível de se fazer.

LitHL:

Conforme Maia (1986:468), o sistema fonológico galego-português possuía as fricativas pré-palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/ bem como as africadas palatais surda /tʃ/ e sonora /dʒ/; De acordo com manuais de história da língua portuguesa, com o tempo, as africadas foram dando lugar às fricativas, sendo que a mudança /dʒ/ > /ʒ/ deve ter ocorrido desde cedo: no século XIII o fonema africado sonoro já se realizava quer por variantes africadas, quer fricativas; a mudança /tʃ/ > /ʃ/.

Os grafemas que representam cada uma dessas consoantes nos textos analisados por Clarinda Maia são os seguintes: invariavelmente, a africada surda /tʃ/ aparece grafada com <ch> e a fricativa surda /ʃ/ com <x>; a africada ou fricativa sonora (/dʒ/ ou /ʒ/) estão indistintamente grafadas com *gi*, *yy*, *yi*, *gh*, *i*, *j*, *y* e *g*.

Sobre o /tʃ/, doravante *tch*, consideremos ainda o que já havia dito Huber (1933:99-100), em sua gramática do português antigo. Ele reconhece que o /ʃ/, doravante *ch*, provavelmente tinha o valor de um *tch*, que, pelo menos numa parte de Portugal, se transformou em *ch*, talvez ainda na época do português antigo. Reconhece também que no norte de Portugal ainda na década de 30 se pronunciava o *ch* como o espanhol e italiano, *tch*, enquanto no sul, a partir do Mondego e ao norte deste rio, ao longo da costa litoral, quase por toda a parte até Viana, o *ch* soa aproximadamente como o francês, *ch*. Huber ainda cita Oscar Nobiling, *Neuere Sprachen*, XI, 130, que supõe que a mudança *tch*>*ch* só se deu depois do século XVI, argumentando que “nalgumas partes do interior do Brasil” se pronunciava *tch* e que a língua dos colonizadores portugueses na segunda metade do século XVI constitui a base do português brasileiro.

Silva Neto (1960b:67-90) trata do *tch*, ao lado do /dʒ/, doravante *dj*, quando o coloca em evidência como um traço da pronúncia caipira. Ele começa com uma relação cronológica dos estudiosos que documentaram *tch* no falar caipira de São Paulo: Júlio Ribeiro (1881), Eduardo Carlos Pereira (1919) e Amadeu Amaral (1920) que interpretaram essa realização como uma conservação da antiga africada portuguesa. Depois do histórico, o autor apresenta a área abrangida pelo *tch*: São

Paulo, Mato Grosso e litoral do Paraná, verificando que “a base humana que cobre essa vasta zona, de colonização devida às bandeiras paulistas, é constituída de *caipiras*, isto é, básica e ordinariamente (sic) descendentes de mamelucos, mestiços de homem branco e mulher índia”. Na caracterização do caipira, ele ressalta que a sua cultura, quer na parte material, quer na espiritual mostra numerosos traços de procedência indígena e que as comunidades caipiras, no interior do país, constituem o desenvolvimento e a sobrevivência dos antigos aldeamentos indígenas e antigos povoados de mamelucos e mestiços de toda a sorte. O antropólogo Darcy Ribeiro também denomina “caipira” essa mesma base humana, os naturais da área geográfica em questão.

O objetivo de Silva Neto, porém, é interrogar se, indubitavelmente, estará mesmo correta a relação entre o *tch* do Norte de Portugal e o presumido *tch* regional brasileiro e se “poderá realmente dizer-se que tal fonema foi trazido pelos colonizadores no século XVI”. A interrogação está embasada em informações, contidas nos trabalhos de Saint-Hilaire, Batista Caetano, Plínio Airoso, Curt Nimuendajū e outros, de que, tanto o *tch* quanto o *dj*, correntes na boca dos caipiras da destacada área geográfica, também são fonemas encontrados na chamada *língua geral*: a língua dos índios tupi-guaranis e outros (como os caingangues) que, ao lado do português, foi falada por um longo período (que caracteriza o período de bilingüidade), sendo substituída pela língua dos colonizadores (mais especificamente pelo falar caipira) por volta de 1768. Daí, centrando a discussão no *tch*, Silva Neto asserdoa que, considerando a base humana, a área geográfica e o fato de esse fonema não aparecer em nenhuma outra região do Brasil, não se pode afirmar seguramente que o *tch* seja uma permanência

da africada portuguesa e que seja possível que esse fonema, do falar caipira paulista, “constitua o resultado e a continuação de uma pronúncia de alogotas”; hipótese que, a princípio, se pode aplicar ao *tch* cuiabano em virtude do processo histórico da região. É o próprio Silva Neto que estabelece a afinidade do *tch* caipira paulista com o do Mato Grosso. Para isso recorre a exemplos extraídos de Roquete Pinto (s.d.), *Rondônia*, pág. 90, de Karl von den Steinen (s.d.), *Brasil Central*, pág. 142 e do professor Mansur Guérios (1956), *Letras*, pág. 196. O primeiro ouviu “*cotcho*”. O segundo registrou frase do tipo “eu atso (sic) bom” por “eu acho bom”. O terceiro informa que se pode verificar a realização de *tch* e *dj* em Cuiabá, capital do Estado e nas seguintes cidades: Corumbá (MS), Poconé, Cáceres, Rosário d’Oeste, Diamantino, Santo Antônio do Leverger, Nossa Senhora do Livramento e Barão do Melgaço.

Em se tratando de traços antigos, hipoteticamente, presentes na fala de hoje, é força concordar com as palavras de Silva Neto (1960b:88), tratando das africadas, que “seria fácil e cômodo” considerar que o *tch* caipira, também presente em outras variantes e dialetos portugueses, ou qualquer que seja o fato lingüístico, levantado como permanência de um português antigo reduzida ao emprego regional, necessariamente, o seja. É preciso – como pretende o projeto Filologia Bandeirante – antes de qualquer afirmação absoluta, buscar uma explicação particular e histórica na destacada área geográfica, rigorosamente mapeada, o que implica percorrer, dentre outros caminhos antigos, a rota bandeirante e monçoeira e, respectivamente, buscar também explicação na base humana que habitou e habita o território destacado, o que implica um estudo demográfico.

Neste particular, estar-se de acordo com “movimento de reativação⁽⁷⁾ da lingüística histórica”, surgido nos anos oitenta, que se apresentou como novidade por pretender uma atuação interdisciplinar. Esta atuação é defendida por Hymes (1993:431-453), que, comentando ensaios cujo foco principal é a história social da linguagem, se coloca na condição de lingüista trabalhando em antropologia e espera que a interdisciplinaridade seja uma preocupação efetiva em qualquer estudo das ciências humanas. Diz ele que

“Várias disciplinas podem fornecer estudos sobre a vida contemporânea e culturas diferentes. A História também é uma fonte de casos, e muito necessária. As situações que ela pode abordar são valiosas por si só e como perspectiva. Lingüistas, antropólogos, sociólogos e outros podem fazer suposições que não são verdadeiras e se espantar com muitos fatos que não são novos sem a contribuição que a história social pode dar.”

E ratifica sua posição pró-interdisciplinaridade dizendo que se tivesse que escrever sobre a história social da linguagem, em qualquer tempo, faria o que sempre fez: incitar antropólogos, sociólogos e folcloristas a ficar atentos aos detalhes lingüísticos e, por outro lado, incitar lingüistas a reconhecer a base e os ingredientes sociais em seus trabalhos.

Ora, se o homem expressa suas idéias, as idéias da comunidade a que pertence e as idéias de seu tempo através da língua, da qual se utiliza a todo momento de acordo com a tradição que foi transmitida a cada ser humano, todo falante é usuário e agente modificador de sua língua, contribuindo para a sua constante

⁽⁷⁾ “Reativação” porque, ao contrário do século XIX, os estudos lingüísticos do século XX até os anos oitenta tinha como foco principal de interesse a teoria e descrição, enquanto a comparação e história encontravam-se em segundo plano. (Cosieru 1980:3-4).

alteração, mudança e/ou transformação, porque nela imprime marcas geradas pelas situações novas com que se depara no seu dia a dia. Então, a cultura de um povo se projeta, se escancara na língua que esse mesmo povo utiliza. E não só a cultura como também a história social pode ser investigada através das realizações lingüísticas desse povo. Câmara JR. (1975:268-269) lembra que a língua é uma parte da cultura que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente. É através da cultura que a língua opera e é por intermédio da língua que a cultura subsiste. Portanto, a língua só existiria para englobar a cultura, comunicá-la, transmiti-la. Brandão (1991:6) acrescenta ainda que “para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda”.

Infere-se, daí, que a recíproca não só é verdadeira como também necessária. Para o igual real conhecimento da língua de uma comunidade, não basta centrar a pesquisa na história interna dessa língua. É preciso observar a história, os costumes, o *habitat*, enfim a história social e cultural da comunidade que a usa. Quer dizer: não se deve ignorar nem a história externa, nem a interna da língua, e nesta última, não esquecer de considerar o estado sincrônico e diacrônico, porque todo falante nativo quando usa uma língua percebe os arcaísmos, os neologismos e os estrangeirismos. Isso ficou evidente na pesquisa de campo quando um dos entrevistados reconhece, dentre o léxico empregado por ele, o termo que não é usado freqüentemente: “hoje em dia ninguém diz ‘rapagote’”. Reconhece o(s) termo(s) substituto(s): “é rapaz, garoto, rapazinho”. E reconhece aquele que “veio de fora, acho, um tal de ‘boi’ (*boy*). Como ‘rapagote’ virou ‘boi’, Seo Manoel?”

Diz ainda Brandão (*idem*) que é porque um indivíduo pode ser identificado sócio e culturalmente pela entonação, pronúncia, escolha lexical, ou pelos traços morfológicos e sintáticos que lhe são peculiares, que os argumentos dos estudiosos simpáticos ao enfoque dado às pesquisas lingüísticas de cunho social, voltadas para o falante, são mais reafirmados.

O importante em tudo isso é que não se fomentem discussões de caráter unilateral sob o risco de polarizar uma questão (o estudo lingüístico) que, nesta posição, continuará imprimindo, conforme Hymes (1993:431) “a sensação de que, apesar da difusão de uma ‘revolução da Lingüística’ atual, no mundo intelectual, todos falam sobre a linguagem, mas não se chega a lugar algum”.

Embora tenhamos de concordar com Silva Neto no que diz respeito à conservação de traços de uma língua antiga na atual, pelo menos em Mato Grosso, na área delimitada para a pesquisa, que é a Baixada, os traços destacados /tʃ/ e /dʒ/, segundo a já referida literatura, são pertencentes a uma ou mais fases da língua portuguesa e permanecem vivos até hoje na expressão oral de muitos cuiabanos, provavelmente porque encontrou por aqui um terreno fértil adubado principalmente pelas línguas indígenas, em particular o bororo, que possuem tais fonemas.

A diferença é que o *tch* mato-grossense relaciona-se, na escrita, assim com o dígrafo *ch*, como com a letra *x*, grafias de etimologias diferentes. Em Portugal, nas áreas em que se registra a conservação da antiga africada, a relação se dá apenas com o dígrafo *ch*, resultado dos segmentos latinos -CL-, -FL- e -PL-, que palatalizados deram origem, no português arcaico, à africada palatal surda /tʃ/,

respectivamente, *clave>chave: tchave, flamma>chama: tchama, pluvia>chuva: tchuva.*

Esse fato a princípio pode até reforçar a hipótese de que o *tch* de Mato Grosso não seja uma simples conservação da africada arcaica, como se dá em Portugal, mas sim, como quer Silva Neto, uma reinterpretação do fonema na pronúncia de aloglotas, ou indígenas em cujas línguas de origem exista também uma africada palatal surda.

Entretanto, fazendo uma análise simplória dos fatos por analogia, como explicar a presença de outros traços, comprovadamente do português antigo e também observados nos manuscritos do século XVIII, já citados, como a corriqueira ocorrência do rotacismo *l>r*; a elevação de vogais *a>e*, e *o>u*; e a monotongação *ei>e*, *ou>o*, e *ão>ô*? Se esses fatos são fenômenos de uma fase antiga da língua portuguesa, por que não considerá-los como tal? Como foram trazidos do Português Europeu para o Brasileiro, e se conservaram por aqui, é questão que pode ser resolvida na história social da língua, e também através dos já citados documentos manuscritos dos séculos XIII ao XVIII.

Comungam com essa tese Celso Cunha e Ferreira Netto.

A realização da africada /tʃ/ do *ch* gráfico, em regiões mal delimitadas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, neste último agora já bem delimitada – a Baixada Cuiabana –, é vista por Cunha (1986:205) como uma pronúncia que já era a mais geral no século XVI. Diz ainda que mesmo não havendo acordo entre os linguistas quanto às causas da existência dessa africada em áreas brasileiras, prefere ver nela um arcaísmo pelas razões que apontam Révah (1958) em “L'évolution de la la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours” (*Anais do Primeiro*

Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, págs. 391-392, 395-398); e (1959) em “Comment et jusq’a quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des palers portugais des XVI^e – XVII^e siècles?” (*Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, págs. 304-306): i) pertencer ela ao sistema fonológico do português quinhentista; ii) estar documentada hoje em áreas altamente conservadores de Portugal e do Brasil; e iii) não ser um dos fonemas fundamentais do tupi antigo. Informa ainda que também para Révah (idem) a realização da africada paralela /dʒ/ representa “um notável arcaísmo” com vitalidade restrita a certas regiões do Portugal quinhentista.

Mesmo considerando *tch* e *dj* segmentos bastante comuns tanto nas línguas Jê quanto nas Tupi-Guarani, e apesar de que todas essas línguas tenham tido grande contato com o português, para Ferreira Netto⁽⁸⁾ a hipótese de Silva Neto não deixa de ser especulativa e polêmica. Literalmente, diz ele que

“Se essa é uma influência ou não das línguas indígenas, parece-me ser pura especulação de Silva Neto, bem como de outros. O fato é que no português arcaico isso também acontecia, bem como acontece no castelhano e em vários dialetos do Português Europeu atual. Eu opto por uma influência, ou melhor, um arcaísmo no Português do Brasil. Para que a gente possa definir isso direito, seria preciso fazer uma análise distribucional do fenômeno. Minha teoria, baseada em alguns autores gerativistas, é que a influência fonológica no caso de superposição de línguas ocorre enquanto processos e não enquanto segmentos. É o caso da palavra portuguesa “pizza”, que a gente fala “pitsa”. A gente fala esse grupinho “ts” só nessa palavra, isto é, não é um fato fonológico produtivo na língua: aí sim é um empréstimo de fonema, que

⁽⁸⁾ Waldemar Ferreira Netto é professor da USP, e pesquisador de língua indígena, a quem muito agradeço pelas informações aqui explicitadas, passadas durante o exame de qualificação, e, depois, via e-mail.

teve de vir junto da palavra como um todo (no sentido do signo saussureano). Outro caso muito diferente é o da vibrante retroflexa, pois esse é produtivo, logo não se tomou emprestado um segmento, mas um processo de retroflexão. Esse processo, entretanto, não é comum nas línguas Tupi-Guarani, logo não poderia ser tomado a nenhuma delas como propôs Amadeu Amaral para o Português Caipira. É entretanto, comum às línguas Jê (nenhuma das quais foi considerada como Língua Geral no Brasil). Ai a gente tem um nó para resolver, provavelmente contra a Língua Geral, mas a favor das línguas Jê na influência do Português Caipira.”

É obvio que a freqüência de ocorrências desses traços no Falar Cuiabano varia de acordo com o tipo de falante. Quanto ao emprego dessas africadas a variação pode ser assim resumida: i) há falantes que, naturalmente, independente de contextos – lingüístico e/ou extralingüístico, se comunicam deixando à amostra estes e outros traços característicos da variante regional; ii) há os que rejeitam o *tch* e o *dj* e por conseqüência a variante cuiabana, tentando, a todo custo, escondê-la, principalmente em situações menos informais; e iii) há aqueles que no seu cotidiano, naturalmente, não usam esses traços fonológicos, nem tão pouco outros caracteres próprios da variante chapa e cruz, mas deles se utilizam em situações “cuiabanas”, ambientadas com alguma paisagem típica da região. Tomemos como exemplo o descrito almoço (capítulo 3), cujo prato principal era peixe, uma das iguarias da culinária cuiabana.

/1/

LFBC:

O fenômeno do rotacismo pode ser observado em todas as ocorrências dos grupos consonatais -BL-: [asēbrɛja] *assembléia* por *assembléia* (2:46), -CL-:

[krario] *crareou* por *clareou* (1:80), [krubi] *crube* por *clube* (2:100), (3:69), [ikruziv] *incrusive* por *inclusive* (3:115), -GL-: [grɛba] *greba* por *gleba* (3:342), e -PL-: [kõpretej] *compretei* por *completei* (1:10), [kũpreto] *compretou* por *completou* (2:173), [texaprẽjnaži] *terraprangem* por *terraplanagem* (3:188), [dupra] *dupra* por *dupla* (3:360), (5:51), [sĩpri] *simpres* por *simples* (6:224, 233), [kũprikasẽ] *compricação* por *complicação* (6:239), [prẽta] *pranta* por *planta* (6:250), (8:109), [prẽto] *prantou* por *plantou* (10:199), etc.

LEEB:

Nos textos do século XVIII analisados encontramos apenas um exemplo de rotacismo (/l/ > /r/): *balças* (10:13) ao lado de *barças* (11:12). Esses vocábulos foram encontrados em vias diferentes de um mesmo documento escrito por um mesmo punho.

LitHL:

A passagem de *L* a *R* no grupo formado por consoante + *L* é destacada por Huber (1933:143) em sua gramática do português antigo. Da mesma forma Penha (1970:33), em sua tese, confere que esse é um fenômeno do português antigo que se repete em falares interioranos no Brasil. Embora esse fato seja registrado por Vasconcelos em *Esquisse* (1901), que o identifica explicitamente como traço de variantes regionais do português brasileiro, em especial do português caipira descrito por Amaral (1976:52), Cunha (1986:211) lembra que o rotacismo *L* > *R* representa uma tendência românica muito difundida, tendo sido mesmo uma

evolução normal dos grupos de L do latim para o português, tais como as formas arcaicas *craro*, de *claru*, e *fror* ou *frol*, de *flore*.

/r/

LFBC:

A tendência geral no falar cuiabano é para a realização da vibrante múltipla, principalmente em posição inicial: [rapaziada] *rapaziada* (1:89), [rãmu] *ramo* (4:19), [riuniõ] *reunião* (6:4), [rõsa] *roça* (6:244), [redi] *rede* (8:19), [raʃga] *rasgar* (8:45), [rapaʃ] *rapaz* (10:97), [kore] *correr* (4:54), [gitara] *guitarra* (5:7), [erada] *errada* (5:33), [karõsa] *carroça* (7:51), [buru] *burro* (7:48), [kura] *curral* (10:30), etc.

LEEB:

Nos documentos do século XVIII o grafema mais utilizado, em posição inicial, é o <R> maiúsculo, provavelmente para representar o valor fônico da vibrante múltipla: *Recolhidas* (2:21), *Recolheram* (2:37), *Refundidos* (3:25), (4:26), *Remet(t)o* (3 e 4:30), (6 e 7:24), *Rezultaõ* (3:31), (4:32), *Ruinas* (3 e 4:32), *Reff(erido)* (5:8), (19:22) *Rezoui* (5:25), *Remessaz* (6:5), (7:6), *Reconhessaõ* (8 e 9:24), *Reprezento* (10 e 11:1), *Revoluçoens* (12:10), *Reger* (15:9).

LitHL:

Ao tratar do *R* em sua gramática do português antigo, Huber (1933:144-145) diz que no português arcaico provavelmente o som do *r* era apical (com várias vibrações da ponta da língua) fortemente rolado, quer dizer, a frequência maior era a da realização da vibrante múltipla, uma vez que nos manuscritos desse período, e até no século XVI, é comum aparecer mesmo em posição inicial os grafemas <rr> e

<R>, usados para representar a vibrante múltipla, em vez do <r> simples. O mesmo fato também é produtivo nos documentos analisados por Maia (1986:500-501)

6.3. Conclusão

Aqui vale retomar o texto de Cunha (1986:200) que trata da *Conservação e inovação no português do Brasil*. Partindo da tese a respeito da unidade e arcaicidade do português brasileiro de Silva Neto (1963), em *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, e retomando fatos que têm sido considerados como prova de seu caráter conservador e anticlássico apresentados por Melo (1946), em *A língua do Brasil*, o autor procura mostrar que, “se o mito da unidade tem sido desmentido pela publicação de atlas lingüísticos, o mito da arcaicidade parece mais resistente”.

Temos consciência de que o português de Cuiabá não é um retrato falado da variante portuguesa que por aqui chegou no início século XVIII ou, muito menos ainda, de qualquer outro estágio da língua, como o arcaico. Todavia, pelo que temos colhido até então em pesquisas de campo no Projeto Filologia Bandeirante e pelos resultados apresentados neste capítulo, a resistência do ‘mito’ da conservação de traços antigos, de fato, se confirma. Pelo menos em se tratando dos traços aqui levantados.

Levando em conta a situação lingüística no Brasil, conforme Cunha (1986:202-204), o português, precariamente, começou a ser difundido no Brasil em 1532, com a instituição de capitânicas hereditárias, e que desde a chegada dos portugueses no século XVI avançando pelos séculos XVII e XVIII é certo que vieram indivíduos das

distintas regiões de Portugal, que naturalmente falavam a língua do seu tempo, com matizes mais conservadores ou mais inovadores conforme as áreas de procedência. De um modo geral é passado como verdade que o norte português é conservador e se contrapõe a um sul inovador. A norma sulista, que representava um modelo seletivo, tinha maior poder de expansão, não precisando, portanto, de ser a do maior número de falantes nele radicados para se impor no Brasil.

Repisando esta afirmação, Cunha (1986:202) diz ainda que “não apenas a língua culta, mas também a língua comum dos brasileiros, funda-se nessa neológica norma sulista dos séculos XVI e XVII”, facilmente demonstrável assim na fonologia como na morfologia e na sintaxe, e que as divergências encontradas entre aquela e a atual norma brasileira são devidas a posteriores evoluções, tanto paralelas quanto distintas, em virtude, principalmente, do contato com outras línguas, como as dos índios e as trazidas pelos africanos.

O importante é termos presente que no decorrer desses séculos as condições socioculturais no Brasil foram mais propícias à conservação do que a renovação. Isto, no dizer de Cunha (*idem*), é “de uma evidência que dispensa maior comprovação”, porque tendo vivido mais de trezentos anos sem contato duradouro com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, e com pouquíssimas escolas, o Brasil foi alcançando nesse vasto período algumas das etapas que conseqüentemente levam os povos aos “estados lingüísticos paralisantes”. É claro que está se considerando aqui a variante brasileira produto da convivência do português europeu com as línguas indígenas e africanas.

No caso da Baixada Cuiabana que, como dissemos no primeiro capítulo, foi descoberta de fato no ciclo da mineração – mais propriamente no início do século

XVIII, quando várias entradas foram organizadas, partindo mormente de São Paulo –, as condições socioculturais não eram diferentes das descritas acima. Depois do ciclo do ouro os muitos vilarejos que iam surgindo pelos caminhos dos chamados bandeirantes entraram em vertiginosa decadência – fato facilmente constatado ainda hoje em cidades, vilas e comunidades garimpeiras de Mato Grosso – e de certa forma insolados de outros centros, o que implica a carência de contatos com outras culturas, permaneceram com seus costumes, manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente, com a variante lingüística próxima da daquele tempo. Esse estado, chamado por Cunha (1986:203), de “imobilismo cultural”, que é ainda muito sensível em regiões do interior brasileiro contribuiu para encontrarmos ainda hoje, no Falar Cuiabano, pelos menos alguns traços do aspecto fonológico pertencentes a estágios antigos da língua portuguesa – do arcaico ao século XVIII –, quase todos comuns também no português popular falado no Brasil.

Para a melhor visualização, resumimos em duas tabelas – a) sistema vocálico e b) sistema consonântico – os traços considerados como conservação no português falado da Baixada Cuiabana levantados neste capítulo.

Levando em conta os textos setecentistas e as informações contidas na literatura de história da língua portuguesa consultada, o confronto dos dados mostra que os traços observados no Falar Cuiabano que também são encontrados em outras fases do português são os que seguem:

a) Sistema vocálico

VOGAIS TÔNICAS	VOGAIS ÁTONAS	DITONGOS
[a] > [a:] alongamento da vogal	[e] > [i] elevação de <i>e</i> para <i>i</i>	[aj] > [a] monotongação
[a] > [ɛ] elevação de <i>a</i> para <i>é</i>	[e] > [u] alteração de <i>e</i> para <i>u</i>	[aj] > [ɛj] alteração de <i>ai</i> para <i>éi</i>
[e] realização de <i>e</i> fechado antes consoante palatal	[e] > [ĩ] elevação de <i>e</i> oral para <i>i</i> nasalado	[aw] > [o] redução de <i>au</i> para <i>o</i>
[e] > [ɛ] alteração de <i>e</i> para <i>é</i>	[i] > [e] alteração de <i>i</i> para <i>e</i>	[ej] > [e] monotongação
[ɛ] > [ĩ] elevação de <i>é</i> para <i>i</i>	[o] > [u] elevação de <i>o</i> para <i>u</i>	[ẽj] > [i] desnasalação e redução de <i>êi</i> para <i>i</i>
[õ] > [a:] alongamento e desnasalação da vogal	[u] > [uj] ditongação	[ow] > [o] monotongação
[ẽ] > [ĩ] elevação de <i>e</i> para <i>i</i> nasalados	[ũ] > [ĩ] alteração de <i>u</i> para <i>i</i> nasalados	[ãw] conservação do ditongo e monotongação em <i>õ</i>
[ẽ] > [ẽj] ditongação		
[õ] > [ũ] elevação de <i>o</i> para <i>u</i> nasalados		

a) Sistema consonântico

CONSOANTES	FENÔMENO
/b/	alternância <i>b/v</i>
/m/	síncope de <i>m</i> em formas como <i>ũa</i> , <i>algũa</i> e <i>nũa</i>
/ɲ/	despalatalização ou iotização
/ʃ/	africatização /tʃ/
/ʒ/	africatização /dʒ/
/l/	rotacismo <i>L > R</i>
/r/	realização de vibrante múltipla em posição inicial

O presente trabalho teve a preocupação de apresentar a descrição de traços do aspecto fonológico da variante portuguesa falada na Baixada Cuiabana acompanhada de estudos para identificação, análise e tabulação de traços pertencentes a um ou mais estágio do português, em especial da língua portuguesa do século XVIII, na época das bandeiras, cuja descrição teve como base documentos notariais manuscritos do período em questão.

Certo de termos cumprido nosso objetivo encerramos por aqui dizendo que por ser este o primeiro trabalho – tese de doutoramento – fruto do Projeto Filologia Bandeirante, provavelmente haverá nele pontos que não encontram eco na opinião de pesquisadores e estudiosos da língua portuguesa, o que é muito salutar.

Por isso, cabe esclarecer que nem de longe tivemos a pretensão de encerrar com este trabalho a discussão sobre o caráter conservador contraponto ao

inovador do português brasileiro. O que esperamos são críticas e sugestões para a melhor lapidação deste resultado que, para mim, custou muito estudo, dedicação e perseverança.

Por fim: como dissemos na introdução, embora todos nós saibamos que não é de hoje que estudos sobre a evolução histórica do português vêm apontando traços antigos no português corrente no Brasil, lembremo-nos das palavras do filósofo Alfred Whitehead (apud Burke, 1995:13) quando observa que “todas as coisas que são importantes já foram ditas antes por alguém que não as descobriu”. Quer dizer: existe uma enorme diferença entre a consciência imprecisa a respeito de um problema, tirando daí conclusões apressadas e impressionistas, e a sua pesquisa sistemática. Pelo menos é esta pesquisa sistematizada que o Projeto Filologia Bandeirante vem perseguindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Demanda do Santo Graal*, Ms. 2594, BNV, fólhos 1r - 199v.
- ABREU, J. Capistrano (1967): *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Briguiet.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (1994): *Atlas lingüístico do Paraná*, Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- AMARAL, Amadeu (1976): *O dialeto caipira*, 3.^a edição, São Paulo: HUCITEC.
- ARGOTE, Dom Jerônimo Contador de (1725): *Regras da língua portugueza, espelho da lingua latina*, Lisboa Occidental: Officina da Musica.
- BACELLAR, Bernardo de Lima e Melo (1783): *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portuguesa*, Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira
- BARROS, João de (1540): *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução facsimilada, introdução e anotações de BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1971). Lisboa: Publicações da Universidade de Lisboa.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo (1991): *A geografia lingüística no Brasil*, S.Paulo: Ática.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1984): *Historiografia da língua portuguesa século XVI*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- BURKE, Peter (1995): *A arte da conversação*, São Paulo: Editora Unesp.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975a): *História e estrutura da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Padrão Editora.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975b): "Língua e cultura", em: *Diversos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1976): *História e estrutura da língua portuguesa*, 2.^a edição, Rio de Janeiro: Padrão Editora.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, Colocci; Brancuti, Cod. 10991. Reprodução facsimilada (1982). Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- CARVALHO, Nelly (1989): *Empréstimos lingüísticos*, São Paulo: Ática.
- CASTRO, Ivo (1991a): *Curso de história da língua portuguesa*, Lisboa: Univ. Aberta.
- CASTRO, Ivo (1991b): *Curso de história da língua portuguesa – leituras complementares*, Lisboa: Universidade Aberta
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1995): *Estudos de dialectologia portuguesa*, 2.^a edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça / AGUIAR, Maria Sueli / SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo / FERREIRA NETTO, Waldemar / MEGALE, Heitor (1997): “Filologia bandeirante”, em: *Filologia e lingüística portuguesa*, n.º 1 (Fevereiro), págs. 79 a 94.
- COSERIU, Eugênio (1980): “Premissas históricas da lingüística moderna”, em: *Lições de lingüística geral*, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico s/a.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1962): *Gramática histórica*, 5.^a edição, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís (1999): *Fonética e fonologia do português*, SP: Contexto.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da (1991): *O falar de Odeleite*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.
- CUESTA, Pilar Vázquez / LUZ, Maria Albertina Mendes da (1971): *Gramática da língua portuguesa*, São Paulo: Martins Fontes.

- CUNHA, Antônio Geraldo da (1989): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2.^a edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, Celso Ferreira da (1986): “Conservação e inovação no português do Brasil”, em: *O Eixo e a Roda*, volume 5, Belo Horizonte: Fale, UFMG, págs. 199 a 230.
- CUNHA, Celso Ferreira da / CINTRA, Luís Filipe Lindley (1985): *Nova gramática do português contemporâneo*, 2.^a edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim (1995): *Do falar cuiabano*, Cuiabá: Gazeta.
- ELIA, Silvio (1963): *Ensaio de filologia*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Enciclopédia dos municípios brasileiros*, XXXV volume, Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- FARACO, Carlos Alberto (1991): *Linguística histórica*, São Paulo: Ática.
- FÁVERO, Leonor Lopes (1996): *As concepções linguísticas no século XVIII – a gramática portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp.
- FERREIRA, Carlota da Silveira (1988): “Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia – Bahia)”, em: *Diversidade do português do Brasil – estudos e Estudos e dialectologia rural e outros*, Salvador: UFBA.
- GRANDGENT, C. H. (1952): *Introducción al latín vulgar*, Madrid: Publicaciones de la Revista de Filología Española.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1986): *O extremo oeste*, São Paulo: Brasiliense.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1990): *Monções*, São Paulo: Brasiliense.
- HOUAISS, Antônio (1992): *O português no Brasil*, 3.^a edição, Rio de Janeiro: Revan.
- HUBER, Joseph (1933): *Gramática do português antigo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HYMES, Dell (1993): “Posfácio”, em: BURKE, Peter / PORTER, Roy (orgs.) (1993): *Linguagem, indivíduo e sociedade*, São Paulo: Editora Unesp, págs. 431 a 453.

- LEÃO, Duarte Nunes de (1576): *Ortografia e origem da língua portuguesa*.
Introdução, notas e leituras de BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1983).
Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- LOURO, Estanco (s.d.): *Gramáticos portugueses do século XVI*, Lisboa: Ressurgimento.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1981): “Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina -ana”, em: *Biblos*, Volume, n.º 57, págs. 73 a 95.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986): *História do galego-português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian © Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
- MAIA, M. Lúcia Borba e (1965): *O falar da Ilha Terceira – Açores*, Lisboa: Dissertação de licenciatura em Filologia Românica.
- MARQUILHAS, Rita (1991): *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*, Lisboa: INIC – CLUL.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1984): *Estruturas trecentistas – elementos para uma gramática do Português Arcaico*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991): *O português arcaico. Fonologia*, São Paulo: Contexto.
- MAURER JR, Theodoro Henrique (1959): *Gramática do latim vulgar*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MEGALE, Heitor (1998): “Pesquisa filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa”, em: *Estudos Lingüísticos XXVII*, São José do Rio Preto: UNESP – IBILCE, págs. 3 a 28.
- MEIER, Harri (1948): *Ensaio de filologia românica*, Lisboa: Edições da Revista de Portugal.

- MELO, Gladstone Chaves de (1971): *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- NUNES, José Joaquim (1902): “Dialectos algarvios”, em: *Revista Lusitana*, n.º VII, págs. 33 a 55.
- NUNES, José Joaquim (1943): *Crestomatia arcaica*, 3.ª edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- NUNES, José Joaquim (1945): *Compêndio de gramática histórica portuguesa – fonética e morfologia*, 3.ª edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- OLIVEIRA, Alzira (1980): *A linguagem dos pescadores de Mato Grosso*, Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado – PUC / RJ.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536): *A Gramática de linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas de BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1975). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- PALMA, Maria Luíza Canavarros (1984): *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*, Cuiabá: UFMT – Imprensa Universitária.
- PENHA, João Alves Pereira (1970): *A arcaicidade da língua popular brasileira*, Franca: Tese de Doutorado – FFLCH.
- PENHA, João Alves Pereira (1971): *Traços arcaicos do português popular do Brasil*, Franca: Editora Iguatemi.
- PENHA, João Alves Pereira (1997): *Português rural de Minas numa visão tridimensional: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos*, Franca: Unesp.
- PIEL, Joseph-Maria (1989): *Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.

- PINTO, Rolando Morel (1988): *História da língua portuguesa IV – Século XVIII*, São Paulo: Ática.
- PRISTA, Luís (1994): “Tentativa de cenário para t̃s >š̃”, em: *Variação lingüística no espaço, no tempo e na sociedade – Actas do encontro regional da Associação Associação Portuguesa de Lingüística*, Lisboa: Edições Colibri, págs. 183-226.
- RIBEIRO, Darcy (1995): *O povo brasileiro; a formação e sentido do Brasil*, 2.^a edição, São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Darcy (1996): *Os índios e a civilização; a integração das populações indígenas no Brasil moderno*, 7.^a edição, São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, A. D. (1993): “Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas”, em: *D.E.L.T.A.* 9 (1), págs. 83 a 103.
- SAID ALI, Manuel (1931): *Grammatica historica da lingua portugueza*, 5.^a edição, São Paulo: Melhoramentos.
- SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (1999): “As vogais do português falado no Vale do Cuiabá”, em: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) (1999): *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*, Londrina: Ed. UEL, págs. 109 a 124.
- SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (1998): “Realização do fonema /š̃/ no português falado na Baixada Cuiabana (MT)”, em: *Estudos Lingüísticos XXVII*, São José do Rio Preto: UNESP – IBILCE, págs. 813 a 818.
- SARAMAGO, João (1992): *Le parler de l’île de Corvo – Açores*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa; Université Stendhal-Grenoble III – Centre de dialectologie.
- SAUSSURE, Ferdinand (1991): *Curso de lingüística geral*, 16.^a edição, SP: Cultrix.

- SILVA, Antônio de Moraes (1813): *Epítome da grammatica portugueza*, Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha.
- SILVA, Baltasar Lopes da (1957): *Dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Imprensa Nacional
- SILVA, Giselle Machiline de Oliveira e / Scherre, Maria Marta Pereira (orgs.) (1996): *Padrões sociolingüísticos*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- SILVA NETO, Serafim da (1952): *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- SILVA NETO, Serafim da (1957): *História do latim vulgar*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SILVA NETO, Serafim da (1960a): *A língua portuguesa no Brasil*, Lisboa.
- SILVA NETO, Serafim da (1960b): *Língua, cultura e civilização*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SILVA NETO, Serafim da (1963): *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.^a edição, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira / COSTA, Lourença Alves da / CARVALHO, Cathia Maria Coelho (1990): *O processo histórico de Mato Grosso*, Cuiabá: Guaicurus.
- SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando (1971): *Textos quinhentistas*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- TAGLIAVINI, Carlo (1973): *Orígenes de las lenguas neolatinas – introducción a la filología romance*, México: Fondo de Cultura Económica
- TARALLO, Fernando (org.) (1989): *Fotografias sociolingüísticas*, Campinas: Martins Pontes.

- TARALLO, Fernando (1993): "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias", em: Roberts, Ian / Kato, Mary Aizawa (orgs.) (1993): *Português brasileiro – uma viagem diacrônica*, Campinas: Unicamp.
- TARALLO, Fernando (1994): *Tempos lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa*, São Paulo: Ática.
- TAROUCA, Carlos da Silva (ed.) (1952): *Crônicas dos sete primeiros reis de Portugal*, Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- TEYSSIER, Paul (1997): *História da língua portuguesa*, 7.^a edição, Lisboa: Sá da Costa.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1913?): *Lições de filologia portuguesa*, Lisboa: Dinalivro.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1990): *Cancioneiro da ajuda – reimpressão da edição de Halle (1904)*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de (1901): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris: Aillaud e C.ie.
- VASCONCELOS, José Leite de (1955): *Filologia barranquenha – apontamentos para o seu estudo*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, José Leite de (1922): *Textos arcaicos*, 5.^a edição, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- VIANA, A. R. Gonçalves (1973): *Estudos de fonética portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- WILLIAMS, Edwin B. (1961): *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.